

**DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA**

**A *REVISTA ALVORADA* (1970 – 2017):representações do feminino  
segundo a Igreja Presbiteriana Independente.**

**ASSIS**

**2018**

**DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA**

**A *REVISTA ALVORADA* (1970 – 2017):representações do feminino  
segundo a Igreja Presbiteriana Independente.**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador(a): Ricardo Gião Bortollotti

**ASSIS**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. - Assis – Unesp

O48r

Oliveira, Daniela Emilena Santiago Dias de

A Revista Alvorada (1970 – 2017) : representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente/  
Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira. Assis, 2018  
238 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr. Ricardo Gião Bortolotti

1. Mulheres. 2. Igrejas presbiterianas. 3. História.  
4. Periódicos. I. Título

CDD 301.412



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A REVISTA ALVORADA (1970-2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente

**AUTORA: DANIELA EMILENA SANTIAGO DIAS DE OLIVEIRA**  
**ORIENTADOR: RICARDO GIÃO BORTOLOTTI**

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em HISTÓRIA, área: HISTÓRIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. RICARDO GIÃO BORTOLOTTI  
Depto. de História / UNESP/ASSIS

  
Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA  
Depto. de História / UNESP/ASSIS

  
Profa. Dra. EDMÉIA APARECIDA RIBEIRO  
UEL / LONDRINA

Assis, 29 de agosto de 2018

## AGRADECIMENTOS

Meus filhos: Gabriel e Malu, motivações, inspirações e suporte para o início e conclusão desse estudo. Por vocês, que já possuem perspectivas de vida diferente do discurso socialmente instituído, e que são, o meu melhor “produto” só tenho a agradecer. Gabriel meu filho, em especial à você agradeço pela leitura compartilhada, pelas discussões nas noites, pelas críticas. Malu querida, pelos rabiscos em minhas anotações, por esconder os livros, por pedir para que eu parasse de estudar, agradeço por suas expressões diferenciadas de afeto.

Caio, meu marido, meu companheiro, sempre “pegando no meu pé”. Obrigado por sempre compartilhar os momentos. Dividir o cotidiano, me oferecer todo suporte quanto necessário para dar andamento nessa produção. Agradeço ainda mais por demonstrar, nessa rotina como as relações conjugais podem ser diferentes, sem violência de qualquer natureza.

Comadre querida, que, quando trabalhávamos juntas sempre me estimulou em estudar, em continuar minha caminhada acadêmica. Daniela Pellini, você sempre valorizou o estudo e soube nos aproveitar naquilo que tínhamos de melhor. Obrigado.

Minha secretária Marcilena, não tenho palavras para agradecer a todo seu apoio, sempre. Além de torcer por mim, sempre fez tudo quando possível para me auxiliar. Desde os cuidados com as crianças, com a minha casa, até se preocupar com a minha alimentação, coisas que você só fez porque realmente gosta e se preocupa comigo e com minha família. Obrigado.

Agradeço ainda aos meus amigos da Unesp: Esther Castellano, Matheus Barcelos, Jefferson Balbino, Edinaldo Lima que, facilitaram minha aproximação à História, e que são amigos que levarei sempre para a vida. Esther que, além disso, me explicava dos “memes” da internet, que tornou-se uma amiga de toda a família, apesar do pagode. Matheus pela oração, pelos filmes de terror. Edinaldo por ser o único tio que minha filha gosta. Luiz Karat, meu amigo de orientação, muitas trocas por mensagens, muita ansiedade compartilhada, e muita ajuda. Agradeço a você por sempre estar presente. Thiago Sampaio que chegou quase no final e que também foi muito importante, e ainda é. Obrigado amigo. Não tem como descrever como todos vocês foram e são importantes para mim, e como colaboraram com a minha produção acadêmica e com minha formação enquanto ser humano.

Aos professores: Tania Regina de Luca pela leitura do trabalho e pela imensa contribuição, por toda gentileza, sempre, comigo e com minha produção; Edimeia Aparecida Ribeiro por toda colaboração em ler o trabalho, avaliá-lo; Milton Carlos da Costa pelas críticas e considerações, afinal, sem elas eu não teria conseguido olhar minha produção sob um novo prisma. E ao professor e orientador Ricardo Gião Bortolotti, sem o qual nada disso seria possível. Ricardo, além de seu conhecimento, de sua leitura crítica, sua educação, tornam você uma pessoa diferente, agradável. Tenho que sinalizar o quanto você tornou esse processo mais fácil, mais tranquilo. Obrigado professor.

Aos trabalhadores da Pós-Graduação em História, especialmente ao Jose Lino Alves, que sempre tenta nos dar o suporte necessário para nossas atividades acadêmicas. Agradeço ainda à Prefeitura Municipal de Quatá e a Universidade Paulista por estimular a realização desse estudo. Na Unip agradeço especialmente as minhas coordenadoras Amarilis Tudela, Flavia Danieli de Souza Barbosa e Andreia Garcia que são as melhores “chefes” que alguém poderia ter. E, sobretudo a maior referência que tive de aprendizado, ética e orientação na Unip e na vida: Professora Ghislaine Moreira. Mulher admirável, muito a frente de seu tempo e que sempre nos inspirou na sede do saber. Agradeço ainda a minha diretora e amiga Cristiane Tavares.

OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de. **A Revista Alvorada (1970 -2017): representações do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente**. 2018. 238 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

O presente estudo buscou compreender a representação do feminino conferida pela Igreja Presbiteriana Independente por meio da análise da *Revista Alvorada*, uma produção dessa denominação que foi criada no final dos anos 60 e que tinha inicialmente o objetivo de falar para a mulher presbiteriana independente. Com tal intento realizamos a leitura de 71,0% do material produzido totalizando 185 revistas analisadas. Nosso desejo era o de analisar todas as revistas, mas não conseguimos acessar a todos exemplares. Além da análise dos artigos que comportam a revista, também estudamos as capas, e, imagens a ela vinculadas, assim como propagandas, e demais informações que estavam vinculadas à revista. A leitura nos permitiu separar e analisar com maior cuidado os textos que estavam direcionados especificamente para a mulher, e, partindo disso, identificamos quais eram as representações do feminino ali difundidas. Para a análise dos dados obtidos recorreremos a noção de representação de Chartier e também aos conceitos de habitus e campo de Bourdieu, além de um rol amplo de pensadores que nos auxiliaram a compreender o protestantismo e sua organização no Brasil, e também nos respaldamos em vários outros autores para entender o desenvolvimento da imprensa no país, incluindo a imprensa feminina. Podemos constatar que a revista apresenta duas fases a saber: uma em que fala especificamente para a mulher e que perdura até meados dos anos 80 e outra em que fala para a família com especial destaque para o papel da mulher nesse processo e que tem início a partir de meados dos anos 90. Em ambos, a mulher retratada pela revista, e, por analogia a mulher que é também representada na Igreja Presbiteriana Independente é aquela que é preparada para o casamento heterossexual, para ter filhos, para ocupar-se do cotidiano necessário para a reprodução material da sua família. O trabalho feminino é apontado como algo que a mulher deve aceitar se as condições financeiras mostrarem essa necessidade ao passo que o estudo passa a ser estimulado nas produções dos anos 90 em diante. Na primeira fase a sexualidade feminina não é abordada, sequer é citada e emerge nas produções após 90 como uma sexualidade que deve ser sadia e necessária para a satisfação sexual do casal, além de ser o meio usado para garantir a reprodução da espécie. Ligada a noção de sexualidade vemos ainda que as questões de homoafetividade também não são abordadas na primeira fase da revista e passam a consolidar a discussão de alguns textos da segunda fase, porém, consideradas como um desvio da sexualidade originalmente pensada por Deus. O embasamento filosófico da revista também se altera entre as fases uma vez que na primeira fase temos a predominância à recorrência aos valores bíblicos e na segunda fase vemos uma tentativa de recorrer à pensadores contemporâneos desde que sirvam a uma interpretação religiosa. De certa forma vemos que a revista tenta se modernizar, buscando tornar-se aceita socialmente, porém, sem perder o embasamento religioso inicial.

Palavras-chave: Mulher; Representação; Igreja Presbiteriana Independente; Revista Alvorada.

OLIVEIRA, Daniela Emilena Santiago Dias de. **The *Alvorada Magazine* (1970 -2017): representations of the feminine according to the Independent Presbyterian Church**. 2018. 238 f. Dissertation (Masters in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

## ABSTRACT

The present study sought to understand the representation of the feminine conferred by the Independent Presbyterian Church through the analysis of the *Alvorada Magazine*, a production of this denomination that was created in the late 60's and which initially had the purpose of speaking to the independent Presbyterian woman. With such intent we carry out the reading of 71.0% of the material produced, totaling 185 magazines analyzed. Our desire was to analyze all the magazines, but we could not access all copies. Besides the analysis of the articles that comprise the magazine, we also studied the covers, and related images, as well as advertisements, and other information that were linked to the magazine. Reading allowed us to separate and analyze with greater care the texts that were specifically aimed at the woman, and, from that, we identified which were the representations of the feminine diffused there. For the analysis of the data obtained, we used Chartier's notion of representation and the concepts of habitus and field of Bourdieu. Besides a wide range of thinkers who helped us to understand Protestantism and its organization in Brazil, and we also endorse ourselves in several other authors to understand the development of the press in the country, including the women's press. We can see that the magazine presents two phases namely: one in which it speaks specifically to the woman and that lasts until the middle of the 80's. And another one in which it speaks to the family with special emphasis to the woman's role in that process, and that begins in the middle of the 90's. In both of them, the woman portrayed by the magazine and by analogy the woman who is also represented in the Independent Presbyterian Church is one who is prepared for heterosexual marriage, to have children, to take care of daily life affairs necessary for the material reproduction of the family. Female work is pointed out as something the woman must accept if financial conditions show its need whereas studying is only stimulated in productions from the 1990s onwards. In the first phase female sexuality is not addressed, it is not even mentioned and it emerges in the productions after the 90s as a sexuality that must be healthy and necessary for the sexual satisfaction of the couple, besides being the means used to guarantee the reproduction of the species. Linked to the notion of sexuality, we also see that homoaffectivity issues are not addressed in the first phase of the journal although it consolidates the discussion of some texts of the second phase and it is considered as a deviation from sexuality originally thought by God. The philosophical basis of the magazine also changes between the phases, since in the first phase, we have the predominance to the recurrence to the biblical values and in the second phase, we see an attempt to resort to contemporary thinkers as long as they serve a religious interpretation. In a way we see that the magazine tries to modernize itself, seeking to become socially accepted, but without losing the initial religious background.

**KEYWORDS:** Woman; Representation; Independent Presbyterian Church; *Alvorada Magazine*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagens das seções Cartas à Redação e De Tudo para Todos.....	p.112
Figura 2 – Sumários da <i>Revista da Mulher Presbiteriana Independente e Alvorada Feminina</i> .....	p.113-114
Figura 3 – Sumário da <i>Revista Alvorada</i> nos anos 90 e nos anos 2000.....	p.118-119
Figura 4 – Capas da Revista Vida e Caminho.....	p.122
Figura 5 – Sumário da Revista Vida e Caminho.....	p. 124-125
Figura 6 – Distribuição Gráfica sobre os principais temas das revistas.....	p.132
Figura 7 – Capa da Revista Alvorada.....	p.169
Figura 8 – Imagem que acompanha a matéria sobre sexualidade.....	p.186

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sistematização das revistas por tema, seção, quantidade de páginas e informações sobre os autores.....	p.129
Tabela 2 – Informações gerais da revista com dados do nome, editora, redatores, tiragem e preço.....	p.133

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p.11
<b>A Reforma Protestante, a Igreja Presbiteriana Independente e a Imprensa no Brasil</b> .....	p.23
A Reforma Protestante: Lutero, Calvino, surgimento dos protestantes e presbiterianos nos Estados Unidos.....	p.23
O surgimento e a consolidação da Igreja Presbiteriana Independente no Brasil e sua organização atual.....	p. 40
Os documentos oficiais da Igreja Presbiteriana Independente: o que nos dizem sobre a convivência marital e sobre a sexualidade.....	p.72
Mídias Impressas e a transmissão da fé evangélica no Brasil.....	p.75
<b>As Revistas Femininas e a Revista Alvorada</b> .....	p.81
As Revistas Femininas no Brasil no contexto dos anos 60.....	p.82
A Revista Alvorada: caracterizações iniciais.....	p.100
<b>A Representação do Feminino na Revista Alvorada</b> .....	p.135
Fase 1: Casada, Atuante na Igreja, Cuidadora do Lar, do Marido e dos Filhos, com pouco estudo e baixa inserção laboral.....	p. 136
Fase 2:Inserção laboral, Estudo e o fortalecimento do perfil casada, com filhos e atuante na Igreja.....	p. 164
A Revista Vida e Caminho.....	p. 188
Interpretações e apropriação: a representação do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.....	p. 208
<b>CONCLUSÃO</b> .....	p. 222
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	p. 226

## INTRODUÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em recenseamento realizado no ano de 2010<sup>1</sup>, constatou que tivemos no Brasil um crescimento dos grupos descritos como evangélicos. Nesse sentido, segundo a pesquisa realizada, o número de evangélicos equivalia a 15,4% em 2000 e em 2010 essa porcentagem subiu para 22,0% da população brasileira. Destes, 60,0% estão vinculados às religiões pentecostais, 18,5% pertencem ao chamado evangelismo de missão e 21,8% estão vinculados a religiões evangélicas não determinadas. O levantamento destaca que em 30 anos o número percentual de evangélicos cresceu de 6,6% em 1980 para 22,0% em 2010. Esses dados nos indicam que o grupo dos evangélicos, daqueles que estão vinculados à essas denominações têm crescido consideravelmente. O recenseamento destaca ainda que o número de católicos, apesar de hegemônicos, têm diminuído.

Tal fenômeno é analisado por Montes (2012), que destaca o crescimento do grupo de evangélicos e a diminuição dos católicos como um produto das formas de organização que foram sendo utilizadas pelas diversas denominações religiosas no Brasil nos últimos anos. A autora nos coloca que a partir de meados dos anos 60, os católicos passaram a orientar a prática religiosa para a área social. Nesse sentido, os ritos que conferiram a adesão das pessoas à fé católica como o culto aos santos, a frequência as procissões e outras expressões tão enraizadas no catolicismo passam a ser substituídas pela ação caritativa em prol dos mais pobres. A Igreja esperava com isso uma ampliação do número de fiéis, porém, a ação em questão resultou na perda de católicos para o protestantismo. Isso aconteceu porque o protestantismo fortaleceu seus cultos com orações, promessas de cura e uma prática ritualística que atraiu um grande público antes vinculado à Igreja Católica e também àqueles que não possuíam uma religião definida. No dizer de Montes (2012), as Igrejas Protestantes estimulam uma consciência, uma subjetividade assentada em uma religião que estimula as chamadas “práticas de devoção” (OP.CIT., p.19), já perdidas ou relegadas a um segundo plano pela fé católica.

Buscando ampliar o número de fiéis e também visando maior penetração na sociedade brasileira, a partir de 1970 as igrejas protestantes passam a recorrer a

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 05 de marc. de 2018.

mídia por meio da utilização dos meios de comunicação visando a evangelização. Dentre as mídias temos a televisão, o rádio, e mesmo as tendas de shows itinerantes que passam a ser amplamente usadas. A título de exemplo, vemos que Igrejas como a Universal do Reino de Deus foi uma das denominações que mais usou dessas mídias, e, coincidentemente, foi uma das que mais cresceu em número de crentes. Montes (2012) destaca ainda que data dos anos 80 o início de um projeto em que as igrejas protestantes buscam maior inserção na sociedade por meio da política resultando então na eleição de muitos líderes de igrejas neopentecostais para cargos políticos como deputados e senadores, fenômeno popularizado como a composição da “bancada evangélica”.

De certa forma, esse processo apenas denota uma das peculiaridades de neopentecostalismo que é a ampliação da utilização das mídias por meio das diversas denominações religiosas, porém, sem abrir mão de práticas tradicionais presentes nos cultos. Nesse ínterim, vemos que a Igreja Presbiteriana Independente utiliza dos impressos e também de colégios como o Mackenzie e o Americano como meios de profusão da fé. Os impressos que integravam a prática proselitista da Igreja desde sua chegada ao Brasil assumem novas configurações, surgindo então revistas, romances e livros. A mídia televisiva não foi um dos principais meios da Igreja no período, mas sim o impresso.

Um desses impressos criado em 1968 foi a *Revista Alvorada*. Inicialmente foi pensado pela liderança da igreja quanto a necessidade de ser elaborado e difundido um panfleto especialmente destinado para o público feminino. Posteriormente, definiu-se que o ideal seria uma revista voltada para a mulher presbiteriana independente. Desde então, a revista passou a ser editada, passando por muitas transformações ao longo dos anos e chegando ao ano de 2018 sob o nome “Vida e Caminho”, agora com textos voltados para a família de modo geral.

A *Revista Alvorada* despertou nosso interesse pelo fato de ser um período voltado à mulher, ou seja, por meio da leitura do mesmo torna-se possível identificar a perspectiva sobre a mulher propagada pela Igreja Presbiteriana Independente. Como temos conduzido nossos estudos para a questão feminina e para religião, o estudo em pauta mostrou-se como pródigo a medida que permitiria o entendimento de ambos aspectos, ou seja, qual o entendimento da religião em questão sobre a mulher.

Nossa escolha pela revista em questão se deu também pelo fato de ser essa uma das publicações mais antigas dessa Igreja, a qual continua sendo editada atualmente. Quando estudamos revistas femininas vemos que isso não é comum, uma vez que a natureza dessas produções, é de apresentarem pouco tempo de “vida”. Nos anos 60, período em que foi criada, as revistas femininas não extrapolavam um ano de edição. Nesse caso específico, a revista permaneceu sendo editada por mais de 49 anos, constituindo um importante meio para a construção de uma identidade da Igreja perante a sociedade, e, também, visando à disseminação de normas e condutas de comportamentos necessários para as mulheres presbiterianas e mulheres ligadas a outras denominações.

O desejo em estudar esse tipo de mídia adveio de reflexões sobre a questão da religiosidade, que, por sua vez, foi motivada pela prática profissional como Assistente Social junto à Prefeitura Municipal de Quatá, iniciada no ano de 2005 e onde atuamos atualmente.

Nesse contexto, estabelecemos contato com vários casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes, e, também de violência doméstica contra a mulher. Por conta da ação profissional, via de regra, tínhamos contato com agressores e observamos que em grande parte dos casos a agressão era justificada com base em argumentos bíblicos. Por exemplo: pais ou responsáveis, agressores de crianças e de adolescentes recorriam a versículos bíblicos como o texto do Antigo Testamento, em Provérbios 23, versículos 13 e 14, onde lemos: “Não retires a disciplina da criança; pois se a fustigares com a vara, nem por isso morrerá. Tu a fustigarás com a vara, e livrarás a sua alma do inferno”. E, muitas vezes, o argumento bíblico também fora usado para justificar a submissão da mulher em relação ao homem e mesmo a agressão do homem sob a mulher.

Não podemos, no entanto, responsabilizar toda agressão somente a vinculação das pessoas à determinadas denominações religiosas, porém, nesse caso observamos a relação entre a apropriação de determinados conceitos religiosos e a adoção de condutas agressivas. Essas situações concretas e cotidianas nos impulsionaram para o Mestrado em Psicologia, cursado na Unesp, campus Assis-SP no período de 2006 a 2008, porém, nessa circunstância, o foco da pesquisa acabou sendo orientado para a questão da violência doméstica junto a criança, sem relacioná-la ao fenômeno religioso. Atualmente, no Mestrado em História é que pudemos retomar o estudo pela questão da religião.

No entanto, a fim de avaliar se o tema era relevante, no âmbito da produção acadêmica, efetuamos uma pesquisa, a título de exemplo, junto à base de dados de universidades públicas, dentre as quais: UNESP, UNICAMP, USP, UFSC, UFRGS, UEL e PUC SP. Delimitamos essas universidades como uma amostra para a pesquisa a fim de analisar a originalidade do tema proposto. Utilizamos, como indicador na busca, os termos “Mulher e Religião”, “Igreja Presbiteriana” e “Revista Alvorada”.

Na UNESP, realizamos a consulta ao acervo disponibilizado na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações dessa universidade. Em relação ao indicador “Mulher e Religião”, foram encontrados 35 trabalhos, porém, somente dois deles discutiam a questão da vinculação entre a religião e a figura feminina. Destes, Braga (2016) destaca a concepção da Mulher para o Cristianismo primitivo, com abordagem da perspectiva de Paulo de Tarso e de Jesus de Nazaré. Temos ainda o trabalho de Silva (2017), que indica a perspectiva da Mulher também para o Cristianismo, mas considerando as religiosas do Santo Ofício. Portanto, as produções levantadas pela pesquisa ao Athena revelam que não há trabalhos que focalizem a questão da Mulher, na Igreja Presbiteriana Independente, e nenhum deles aborda a representação feminina na *Revista Alvorada*. Já a pesquisa à base de dados da Biblioteca UNESP, campus Assis, recorrendo ao termo “Igreja Presbiteriana”, nos trouxe 06 trabalhos. Destes, observamos que o texto de Carvalho (1985) estuda a constituição da Primeira Igreja Presbiteriana de Assis, enquanto os demais abordam outros aspectos da referida religião, a saber: Yoshioka (2001), em sua dissertação, examina os conceitos de Homem, Deus e Igreja, contidos na obra de Emanuel Sweedenborg; Souza (2013) enfoca os conceitos de ordem e lei observados por presbiterianos, no contexto do regime militar; Nicácio (2011) discute a presença feminina nos dispositivos de educação vinculados à Igreja Presbiteriana; Lima (2008) reflete sobre aspectos atinentes aos intelectuais vinculados a referida igreja; por fim, o texto de Watanabe (2011) analisa os livros de história do protestantismo brasileiro. No entanto, em nenhum deles a Mulher constituiu objeto de estudo e, tampouco, a *Revista Alvorada*. Com relação à pesquisa feita com o indicador *Revista Alvorada*, a base de dados da UNESP não indicou nenhum trabalho. Pesquisando o mesmo indicador no banco de teses da USP e na base de dados da Scielo, também não identificamos nenhum trabalho que focalizasse a referida revista e, tampouco, que estudasse o conceito de Mulher nela

difundido. Dessa forma, podemos inferir que não há trabalhos os quais discutem o tema de que nos ocupamos, o que reforça a avaliação de que a nossa proposta é relevante, do ponto de vista acadêmico.

A consulta junto a Universidade de Campinas (UNICAMP) foi realizada por meio do acesso ao sistema da Universidade disponível no site funcional<sup>2</sup> onde pesquisamos teses e dissertações<sup>3</sup>. Partindo dessa seleção são apresentados todos os trabalhos, de todos os programas de Mestrado e de Doutorado da Universidade, porém, pesquisamos de maneira mais profunda somente aqueles programas que pudessem apresentar relação com a natureza de nosso estudo, como por exemplo as produções da Faculdade de Educação, do Instituto de Estudos da Linguagem e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. No entanto, no ano de 2018 não houve nenhuma produção na área.

Considerando o indicativo do ano de 2017, a UNICAMP apresentou 23 trabalhos de Mestrado e 39 de Doutorado ligados à Faculdade de Educação, no entanto, em nenhum dos trabalhos havia menção à religião. Nesse mesmo ano também observamos que foram produzidos pelo Instituto de Estudos da Linguagem e que esse programa teve 19 trabalhos de Mestrado e 16 de Doutorado que estavam distribuídos nas linhas: Teoria e Crítica Literária, História e Historiografia Literária, Linguagem e Educação e Linguagem e Sociedade. Acessando o site funcional<sup>4</sup> do programa em questão, realizamos a pesquisa pela Biblioteca Digital na qual foram indicados 2889 registros, entretanto, em nenhum deles, considerando a leitura dos resumos dos trabalhos, haviam textos que discutissem nosso objeto de estudo.

Esses trabalhos apresentados referem-se a toda a produção desse programa e não apenas a do ano de 2017. Também pesquisamos a produção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que no referido ano produziu 67 trabalhos de Mestrado e 94 de Doutorado. A visita ao site<sup>5</sup> do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a base de dados utilizando os indicadores “Mulher e Religião”, “Igreja Presbiteriana” e “Revista Alvorada” nos apresentou toda a produção do programa de pós-graduação em questão que engloba os saberes nas áreas de Ambiente e

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www2.prgq.unicamp.br/prpg/?page\\_id=247](https://www2.prgq.unicamp.br/prpg/?page_id=247). Acesso em 05 de marc. de 2018.

<sup>3</sup> Excluimos da pesquisa os trabalhos produzidos pelos Programas de Pós-Graduação das Faculdades ligadas à Saúde (Odontologia) e ainda àqueles vinculados à Programas de Pós-Graduação de Física e Engenharias.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br> Acesso em 05 de marc. de 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pesquisa/bases> . Acesso em 05 de marc. de 2018.

Sociedade, Antropologia Social, Ciência Política, Ciências Sociais, Demografia, Filosofia, História, Relações Internacionais, Sociologia e o Mestrado Acadêmico para ensino de História. O indicador “Mulher e Religião” apresentou um total de 1050 trabalhos, e, com base na leitura dos resumos pudemos observar que em nenhum deles foi discutido a relação entre Mulher e a Igreja Presbiteriana Independente. Já o termo “Igreja Presbiteriana” apresentou apenas dois trabalhos, porém não apresentavam aspectos relacionados a essa denominação religiosa. E, por fim, a terminologia “Revista Alvorada” apresentou 224 produções, mas que em nenhuma delas discutia a revista que constitui nosso objeto de estudo. Toda essa produção estava orientada à discussão sobre outras revistas.

A consulta a base de dados da USP também considerou as produções no âmbito da Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado e foi realizada através do aporte ao site funcional dessa instituição que hospeda o Portal de Teses e Dissertações<sup>6</sup>, em pesquisa simples e, recorrendo uma vez mais aos indicadores “Mulher e Religião”, “Igreja Presbiteriana” e “Revista Alvorada”, foi possível inferir que não há produções acerca do tema que discutimos nesse trabalho.

O termo “Mulher e Religião” indicou 8.470 trabalhos e diante da elevada quantidade de textos realizamos apenas leitura dos trabalhos defendidos em 2016, 2017 e 2018, que também neste caso, nenhum dos trabalhos discutia a relação entre a mulher e a Igreja Presbiteriana Independente. O termo “Igreja Presbiteriana” apresentou 715 textos, destes ao menos 43,5% discutiam aspectos da Igreja Presbiteriana relacionada ao surgimento, às cismas, a consolidação das escolas no Brasil, porém, nenhum deles discutia a relação entre mulher, revista e a Igreja Presbiteriana Independente. E o termo “Revista Alvorada” apresentou um amplo rol de produções, num total de 1.020 trabalhos, dos quais nenhum discutia a Revista Alvorada, sendo que em sua grande totalidade abordavam outras revistas, mas não essa que nos propusemos a analisar.

A pesquisa também aconteceu junto a base de dados da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao realizar a pesquisa junto ao site funcional<sup>7</sup>, tivemos acesso a todos os Programas de Pós-Graduação da Universidade e excluímos da pesquisa as produções de programas voltados às áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias, Exatas e da Terra, Ciências da Saúde e

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.teses.usp.br/>. Acesso em 05 de marc. de 2018

<sup>7</sup> Disponível em: <http://ufsc.br/>. Acesso em 05 de marc. de 2018.

Multidisciplinar, uma vez que nenhum deles apresentava relação com nosso tema de estudo. Partindo disso, nosso estudo esteve orientado à produção dos programas de Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Ciências Sociais Aplicadas. O acesso ao banco de dados da produção dos referidos programas só é possível por meio do Repositório Institucional da UFSC<sup>8</sup>, onde adotando o filtro por assunto e inserindo para a pesquisa o indicador “Mulher e Religião” foram indicados três trabalhos dos quais dois deles abordaram a questão do trabalho da mulher dentro das igrejas e a ação proselitista desenvolvida nas igrejas de Lages. Já o indicador “Igreja Presbiteriana” não resultou nenhum trabalho e o termo “Revista Alvorada” também não apresentou resultado de trabalhos que discutiam essa temática.

A pesquisa a base de dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul também aconteceu por meio do acesso a informações disponibilizadas via site<sup>9</sup>. No site funcional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul são indicadas todas as produções vinculadas ao registro da instituição. Usando o termo: “Mulher e Religião” foram destacados 40 trabalhos, incluindo livros, teses e dissertações. Analisando a leitura dos resumos desses trabalhos observamos a indicação de trabalhos que discutiam a relação mulher e cristianismo, mulher nas religiões africanas, violência e mulher nas tradições cristãs, contudo, nenhum dos textos abordavam a questão da mulher na Igreja Presbiteriana Independente. Utilizando o termo: “Igreja Presbiteriana” foram destacados dois trabalhos relacionados ao termo “Presbiteriana”, mas um dos trabalhos discutia a questão da Arquitetura do Mackenzie e outro propunha uma reflexão sobre os 50 anos da Faculdade Mackenzie. Já o termo “Igreja” apresentou 1410 trabalhos, dentre livros, teses e dissertações, apesar disso, os textos discutiam aspectos relacionados à Igreja Católica, as igrejas evangélicas como a Universal do Reino de Deus, a relação entre Igreja e política, espiritismo, textos sobre a figura do anticristo, dentre outros aspectos afins, mas nenhum dos textos estava orientado a discutir aspectos relacionados à Igreja Presbiteriana Independente. O termo “Revista Alvorada”, por outro lado, apresentou 46 trabalhos que aparecem vinculados ao termo “Alvorada”, mas nesse caso, os trabalhos indicados estão ligados a situações vivenciadas no Município de Alvorada, Rio Grande do Sul e somente um trabalho discutia um impresso com o nome Alvorada, que trata-se de um jornal que não tem natureza

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/>. Acesso em 05 de marc. de 2018

<sup>9</sup> Disponível em: <https://sabi.ufrgs.br/F?RN=839694616>. Acesso em 05 de marc. de 2018.

confessional. Portanto, também nessa instituição não identificamos trabalhos vinculados à perspectiva da mulher defendida pela Igreja Presbiteriana Independente por meio da *Revista Alvorada*.

Junto a base de dados da Universidade Estadual de Londrina (UEL) também realizamos pesquisa à base de dados disponível no site<sup>10</sup>. Usando a pesquisa por meio da procura avançada do site da Universidade com o termo: “Mulher e Religião” observamos que foram destacados 07 trabalhos, os quais provêm dos Programas de Pós-Graduação em História Social, Comunicação, Ciências Sociais e Estudos da Linguagem. Os textos discutem a relação entre mídia e religião, apropriação de elementos afro-descentes pelas religiões neopentecostais, política e religião e a vinculação entre educação e religião, porém, em nenhum deles é abordada de fato, a relação mulher e religião. Já o termo: “Igreja Presbiteriana”, na procura avançada, apresentou 50 trabalhos dos quais nem todos estão orientados à discussão da religião, mas abordam também questões relacionadas as políticas sociais, a política e mesmo a música. No âmbito da produção que citava denominações religiosas, vimos que havia estudos sobre a Assembleia de Deus, sobre o Candomblé e vários estudos sobre denominações neopentecostais. Entretanto, nenhum dos estudos destacados aborda ou discute aspectos relacionados a Igreja Presbiteriana Independente. Já o termo “Revista Alvorada”, na procura avançada, indicou apenas um trabalho vinculado à Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social e que discute aspectos vinculados à Política de Assistência Social, ou seja, não possui qualquer relação com a *Revista Alvorada*.

E, por fim, também consultamos a base de dados<sup>11</sup> da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma vez que nessa unidade temos o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. No site, usando o indicador: “Mulher e Religião”, na pesquisa à Teses e Dissertações foram listados 1361 trabalhos. Considerando a leitura dos resumos dos trabalhos, vimos que há maior variedade de discussões e que buscam abordar o papel assumido pelas mulheres vinculadas a religiões de matrizes africanas, a igrejas neopentecostais (Assembléia de Deus, Congregação Cristã), a igreja católica e uma série de denominações afins. No entanto, não identificamos na pesquisa em questão trabalhos que discutissem o

---

<sup>10</sup> Disponível em:

[http://www.uel.br/portal/frmOpcao.php?opcao=http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses\\_dissertacoes.php](http://www.uel.br/portal/frmOpcao.php?opcao=http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses_dissertacoes.php). Acesso em 05 de marc. de 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br>. Acesso em 05 de marc. de 2018.

papel da mulher junto a Igreja Presbiteriana, tampouco junto a Igreja Presbiteriana Independente. Já o termo “Igreja Presbiteriana” indicou um total de 680 trabalhos, dos quais observamos que havia pesquisas sobre imprensa das igrejas evangélicas, sobre violência contra a mulher presente nas denominações protestantes, sobre a questão da homoafetividade nas igrejas, sobre os hinos e um rol amplo de produções, mas que em nenhum deles discutia o impresso da Igreja Presbiteriana Independente. E finalmente o termo: “Revista Alvorada”, apresentou um total de 1004 trabalhos que discutiam sobre uma série de mídias, dentre as quais revistas confessionais, revistas feministas, revistas em geral, além de também haver trabalhos que analisam programas de televisão, jornais, etc. Entretanto, nenhum dos trabalhos abordava a *Revista Alvorada*.

De tal forma, por meio dessa breve apresentação podemos inferir que o tema em questão é original uma vez que não foi ainda explorado no espaço acadêmico. A descrição e apontamentos acima apenas retratam que apesar de haver inúmeras pesquisas sobre a questão da mulher e sua relação com a religião e, de existir também um rol amplo de estudos sobre religião incluindo as religiões neopentecostais, não identificamos, na base de dados estudada, trabalhos que relacionassem a imagem da mulher à Igreja Presbiteriana Independente. Além disso, também não identificamos estudos sobre a *Revista Alvorada* que é como sabemos, uma publicação da Igreja Presbiteriana Independente.

Concluimos ainda que o estudo proposto é extremamente relevante socialmente. Afinal, entender a constituição atual das práticas religiosas, de como as denominações conferem representações do real aos fiéis, constitui algo de suma importância. Vivemos em um país em que valores religiosos têm sido usados como referência para regulamentar a vida em sociedade. O fato de haver parâmetros confessionais que se posicionam contra o aborto ou contra uniões homoafetivas tem sido inclusive usado nos meios políticos como sustentação para vetar a regulamentação de direitos nas áreas em questão. Portanto, não desejamos julgar as representações conferidas pelas religiões, mas sim compreendê-las como estimuladoras de posicionamentos e condutas específicas adotadas pelos crentes. Necessário pontuar que em um momento que temos discutido e buscamos ainda consolidar os direitos das mulheres frente a manutenção das mais variadas formas de violência a que esse segmento é submetido, também se mostra extremamente relevante socialmente a realização de estudos que identifiquem as diversas

representações sobre o feminino que são construídas e difundidas na sociedade, incluindo nas igrejas. Portanto, defender direitos também pressupõe estudos e pesquisas sobre como a mulher é compreendida pelos diferentes atores sociais. Compreender a representação de uma igreja é um dos meios de apropriação do conceito de mulher difundido na sociedade.

Salientamos assim que tendo em vista a relevância científica e social, foi realizado o presente estudo que possui como objetivo analisar o conceito de mulher retratado na *Revista Alvorada*, considerando o espaço temporal da década de 70 até a contemporaneidade, comparando-o às mudanças conjunturais vivenciadas na sociedade brasileira. Por meio dessa análise será possível então apreender a representação do feminino da Igreja Presbiteriana Independente, uma vez que a revista em questão advém dessa denominação religiosa.

Para apreender o objeto de estudo, analisamos 71,0% das obras, num total de 185 edições. As revistas mais contemporâneas foram adquiridas através de compra no *site* da editora Pendão Real, e as mais antigas foram acessíveis por meio de *xerox* e compra de colecionadores, pessoas vinculadas à Igreja Presbiteriana Independente. Apesar da Igreja Presbiteriana Independente possuir cópia de vários exemplares na sede da revista em São Paulo e de termos tido muitas promessas de que os periódicos seriam disponibilizados para cópia, só conseguimos acessar a fonte recorrendo a compra de terceiros. Para a produção do texto, fizemos a leitura de todas as revistas, de todos os textos nela contidos, incluindo propagandas, anúncios e também imagens. Posteriormente a essa leitura, realizamos uma triagem inicial dos artigos que discutiam assuntos relacionados à mulher.

Partindo da análise inicial, pudemos observar os seguintes aspectos: questão familiar ou lugar social que a mulher ocupa nos relacionamentos familiares; a questão da maternidade e da educação dos filhos; as situações de estudo e trabalho feminino; a atuação da mulher na Igreja e a questão da sexualidade feminina. Dessa maneira, tornou-se possível a composição de uma imagem feminina idealizada pelas páginas da revista, apresentando grande correspondência com a perspectiva de mulher difundida pela Igreja Presbiteriana Independente. Os dados obtidos serão apresentados no decurso deste trabalho, mais especificamente no último capítulo.

Como ressaltamos acima não identificamos estudos que discutissem a revista em questão. Se por um lado isso reforça a originalidade do tema, por outro deflagra a ausência de fontes para que pudéssemos recorrer. Por conseguinte, não há um

saber já consolidado sobre a revista ao qual pudéssemos recorrer. A presente inferência é válida também quando passamos a estudar o desenvolvimento histórico da Igreja Presbiteriana Independente, uma vez que também nesse caso há poucas fontes que discutam esse objeto de forma a permitir sua historicização. Como a denominação Presbiteriana deu origem a uma série de outras organizações, a produção teórica sobre essas igrejas é multifacetada e escassa. Para suprir essa lacuna, recorreremos também a uma fonte da Igreja Presbiteriana que é o periódico *O Estandarte*, pois por meio dele foi possível preencher algumas ausências sobre o aspecto histórico e ainda compreender qual é a perspectiva difundida pela Igreja Presbiteriana Independente sobre aspectos relevantes da sua história. Entretanto, os volumes de *O Estandarte*, um jornal da Igreja a que recorreremos, foram edições especiais preparadas pela intelectualidade presbiteriana independente em marcos como os aniversários da igreja e demais eventos comemorativos.

Para a análise das fontes recorreremos a noção de representação da produção teórica de Roger Chartier o qual também nos serviu de embasamento para a compreensão da relação entre impresso, sua produção e comercialização. Além de Chartier, nos pautamos nas colaborações de Bourdieu que nos auxiliaram tanto no entendimento da consolidação do campo e do habitus, considerando as peculiaridades do espaço religioso. Bourdieu também se mostrou importante, uma vez que nos orientou também a repensar as relações firmadas entre homem e mulher, dado que grande parte das produções da revista abordavam essa relação. Ainda no entendimento da questão religiosa, recorreremos às colaborações de Karina Bellotti, especialista no estudo do campo religioso da Igreja Presbiteriana no Brasil.

Visando uma maior aproximação aos fenômenos estudados, buscamos referências em vários autores a respeito do desenvolvimento histórico do protestantismo, incluindo os pilares de sua fundação e sua expansão e consolidação no Brasil. No mesmo sentido mostrou-se basal o aporte aos mais diversificados autores para compreender o impresso destinado ao público feminino, considerando não apenas aspectos do desenvolvimento histórico desse tipo de impresso, mas sua relevância como dispositivos de divulgação de uma representação feminina nos mais variados contextos. Não há como citar todos os autores usados como referência para a apresentação desses aspectos no texto, mas tais informações serão detalhadas ao longo dele.

Assim, para darmos início a nossas discussões, no Capítulo 1, nós nos aproximamos do processo de constituição da Reforma Protestante, na França e em Genebra, para, na sequência, focalizar o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Independente, no Brasil, assim como examinar aspectos que nos permitam compreender a organização dessa Igreja contemporaneamente, em nosso país. Nesse trecho inicial, também apresentaremos informações a respeito da tradição da Igreja Presbiteriana e da Igreja Presbiteriana Independente em usar o impresso como um dispositivo de profusão da fé.

No segundo capítulo, realizaremos uma abordagem do desenvolvimento histórico da história da imprensa feminina no Brasil, usando como base as produções de Revistas como *Claudia*, *Nova* e *Mulherio*, por exemplo. Partindo dessa apresentação inicial, passaremos a expor as informações obtidas sobre a *Revista Alvorada*, buscando descrevê-la de forma a entender os mais variados formatos de organização que foram sendo usados nos mais diversos contextos.

Ao final, no último capítulo, passaremos à discussão da pesquisa realizada com base na análise da *Revista Alvorada*. Definimos por apresentar os dados considerando duas fases da revista: uma inicial e que cobre os anos 70 e 80, em que o centro da discussão e da produção era a mulher, e outro dos anos 90 até 2017, em que a revista orienta a sua produção para a família, falando com especial atenção à mulher.

**A REFORMA PROTESTANTE, A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE E A IMPRENSA PROTESTANTE NO BRASIL**

## **1 A Reforma Protestante, a Igreja Presbiteriana Independente e a Imprensa no Brasil**

Este capítulo propõe uma discussão sobre as bases de sustentação da doutrina veiculada pela Igreja Presbiteriana Independente, por meio de um aporte ao embasamento que sustentou a Reforma Protestante. A Igreja Presbiteriana Independente integra as igrejas reformadas, de orientação calvinista, as quais surgiram após a mencionada Reforma, motivo pelo qual foi necessária uma aproximação aos ideais que sustentaram a Reforma Protestante.

Também neste capítulo procuramos compreender os fenômenos que demarcam o surgimento da religião presbiteriana, nos Estados Unidos e no Brasil. Apresentaremos ainda informações sobre o atual formato de organização da Igreja Presbiteriana Independente, em nosso país, bem como o exame de documentos que ressaltam o entendimento da Igreja sobre o casamento e a sexualidade.

Ao final do capítulo, concluiremos nossas discussões com uma menção ao desenvolvimento histórico da utilização de mídias impressas pelas igrejas evangélicas, no território brasileiro, com maior detalhamento de jornais, revistas e livros usados pela Igreja Presbiteriana e Presbiteriana Independente do Brasil.

### **A reforma protestante: Lutero, Calvino, surgimento dos protestantes e presbiterianos nos Estados Unidos**

Iniciamos esse item apresentando os pilares que sustentaram reforma protestante no mundo e que foram e são extremamente relevantes junto ao protestantismo brasileiro. Com tal intento, apontaremos também demais informações acerca do período estudado.

Os reformadores, como são conhecidos, integram um grupo de pensadores, teólogos e padres que propuseram a realização de uma reforma, no formato de

organização religiosa da Igreja Católica, a exemplo de Lutero. Também integram esse grupo aqueles que propunham uma religião distinta da Católica e, nesse caso, Calvino é o maior representante. Conhecer os principais reformadores é basal a nosso estudo, uma vez que o presbiterianismo provém das igrejas reformadas, as quais se originaram nesse processo. Portanto, pretendemos uma introdução aos conceitos e interlocutores que conferiram o embasamento para o desenvolvimento da religião protestante e, por conseguinte, influenciaram substancialmente o presbiterianismo. Também neste item evidenciaremos as Confissões de Fé e o Catecismo, que são referência para a Igreja Presbiteriana Independente.

Klein (2015) precisa que o surgimento do protestantismo é ligado às bases que conferiram possibilidade para a Reforma. O contexto é o do século XV e XVI, quando a Europa vivenciava o fim do feudalismo e o início do pré-capitalismo. A mudança no formato de organização dos meios de produção resultou no declínio considerável do Sacro Império, levando a Cúria Romana à crise econômica.

Agregado a isso temos o Renascimento, que varreu a Europa e colocou o ser humano no centro das discussões, deslocando a reflexão, que antes era apoiada no entendimento do divino. Temos, pois, a influência do pensamento de Platão e as descobertas de Nicolau Copérnico, os quais sustentam ainda mais a mudança de entendimento sobre o mundo e sobre a vida, o que tende a restringir a influência da religião católica em determinar o pensamento e as normas de comportamento. O homem moderno, necessário para a nova ordem capitalista, não poderia mais ter as amarras do catolicismo e precisava ser um homem culto, preparado para enfrentar a nova ordem social.

A composição desse novo homem e desse novo tipo de sociedade vem alicerçada no culto ao individualismo e ao otimismo, reforçada também pela literatura. A literatura e outras formas de impressos passaram a ser veiculados, agora sem a necessidade de análise da Igreja Católica, a partir da invenção da prensa, de Gutemberg (KLEIN, 2015).

Nesse período, o neerlandês Desidério Erasmo, mais conhecido como Erasmo de Roterdã, escreveu o livro *Testamento Grego*, em 1516. Essa obra é descrita como uma tradução da Bíblia, mas apresenta divergências com o texto tido

como original, usado até esse tempo pela Igreja Católica. Erasmo não escreveu apenas esse livro, antes, sua produção é ampla e abarca desde essa obra, *Testamento Grego*, até o *Elogio à Loucura*. Erasmo foi padre católico, mas seus posicionamentos o fizeram deixar a Igreja Católica. Erasmo não era um protestante, mas seu *Testamento Grego* é considerado por muitos como uma das primeiras referências do protestantismo, uma vez que essa produção demonstrou muitas divergências com a Bíblia difundida pelo Catolicismo.

Esse era, portanto, o cenário que fez surgir o Protestantismo, um momento de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Possivelmente imbuído no clima de mudanças, Martin Lutero, no começo do século XVI, iniciou o processo que ficou conhecido como Reforma Protestante. Lutero, que nasceu em Eisleben, na Alemanha, era filho de um minerador e tornou-se monge da Igreja Católica (GEORGE, 1993).

Em tese, Lutero não propunha uma nova denominação religiosa, mas desejava que a Igreja Católica se submetesse a uma reforma, motivo pelo qual o movimento acabou sendo designado como Reforma Protestante. As colocações de Lutero foram publicadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, por meio do documento que ficou conhecido como *95 teses*. Nas 95 teses, Lutero cita situações presentes na Igreja Católica, criticando-as e exigindo mudanças. O autor também encaminhou as 95 teses para a análise do Arcebispo de Mainz. As teses foram rapidamente divulgadas, através de sua impressão, e foram partilhadas por toda a Alemanha e Europa.

Dentre as críticas que Lutero tecia está a questão das indulgências, em que os bispos cobravam taxas, sob o argumento de que os homens teriam a remissão dos pecados. O pagamento das taxas garantia aos homens o perdão dos pecados. Ademais, é conhecido que Lutero, não apenas nas 95 teses, mas em toda sua produção literária, fez severas críticas à hierarquia da Igreja Católica. Por sua vez, entendia que o perdão divino era alcançado individualmente e não dependia de uma confissão sacerdotal, para a qual também eram necessárias indulgências. Essas ideias foram compreendidas como um ataque à soberania católica e sua forma de organização (GEORGE, 1993).

Aliás, para Lutero, a Igreja é uma comunidade onde os crentes expressam a sua fé. É também uma instituição, mas não deve ser reduzida apenas aos aspectos institucionais. Normas de condutas de uma instituição religiosa não devem ser mais importantes do que a reunião de fiéis sob os mesmos valores. Lutero não reconhecia a diferença entre o clero e os leigos, pois todos pertenciam à mesma fé. Obviamente, esse tipo de posicionamento foi percebido como uma afronta à Igreja Católica e às estruturas hierárquicas que definiam essa instituição (KLEIN, 2015).

Além disso, Lutero defendia que a justificação do homem vem pela fé. Assim, é pela fé que o ser humano deve viver. Essa ideia contrariava a Igreja Católica, para quem o homem alcança os princípios postos pela fé, quando faz boas obras. Ora, Lutero pensava que a fé é o que faz com que o homem tome posse das bênçãos divinas. A justificação pela fé correspondia a entender a fé como um dom de Deus. Outro ponto de discórdia referia-se ao livre arbítrio, pois, para Lutero, os homens são subjugados pelos pecados e isso interferiria nas escolhas, portanto, para o autor, não existia livre arbítrio.

A discussão dessas teses não é objeto deste trabalho, de sorte que não vamos examiná-las. Com efeito, as objeções de Lutero foram escritas em forma de tópicos, visando à discussão e ao debate. Assim, os ataques direcionados, sobretudo ao Clero, puseram Lutero em conflito com o papado. As 95 teses foram tidas pela Igreja Católica como uma heresia e a excomunhão de Lutero aconteceu em 1521.

No entanto, muitos bispos e fiéis da Igreja Católica concordaram com Lutero e o acompanharam, na definição de uma religião diferente, já que sua proposta de Reforma fora refutada pela Igreja Católica. Na direção dessa nova religião, Lutero construiu uma base teórica ampla, composta por “[...] comentários, catecismo, tratados polêmicos, controvérsias, hinos, sermões, cartas pessoais [...]” (GEORGE, 1993, p. 58); porém, Lutero não elaborou uma teologia protestante. A partir dos inúmeros documentos que escreveu, foi possível o direcionamento do que se convencionou chamar de protestantismo.

As maiores referências de sustentação do protestantismo, produzidas por

Lutero, foram os Catecismos Maior e Menor. O Catecismo Maior é composto por cinco partes: Os Dez Mandamentos, O Credo Apostólico, O Pai Nosso, O Sacramento do Batismo e A Santa Ceia. Nos Dez Mandamentos, Lutero evoca os Dez Mandamentos que Deus teria entregue para Moisés, os quais deveriam nortear a vida do religioso. O Credo Apostólico é uma profissão de fé. O Pai Nosso é uma oração. O Sacramento do Batismo é considerado como o rito pelo qual a pessoa tem início na fé. O batismo acontece por aspersão de água na cabeça, podendo a pessoa ser batizada já adulto ou quando criança. Para Lutero, o batismo não é uma condição para a salvação. E, por fim, a Santa Ceia é a comunhão, a qual, para Lutero, deveria ser em duas espécies, ou seja, pão, que simboliza o corpo de Cristo, e vinho, que representa o sangue derramado. Ainda, segundo o autor, a Santa Ceia deveria acontecer esporadicamente e não em todos os cultos (cf. KLEIN, 2015).

Já o Catecismo Menor foi uma produção muito parecida com o Catecismo Maior, porém, voltado ao ensino dos princípios religiosos para crianças. Também no Catecismo Menor temos os itens: Os Dez Mandamentos, O Credo Apostólico, O Pai Nosso, O Sacramento do Batismo, A Santa Ceia e O Ofício das Chaves. No entanto, no Catecismo Menor, aparecem perguntas e respostas de cada um dos itens. Por exemplo, no caso dos Dez Mandamentos, há perguntas e respostas sobre cada um dos Mandamentos bíblicos. Isso é feito igualmente na composição dos demais itens que comportam o Catecismo Menor. O Ofício das Chaves corresponde ao poder que Deus tem de perdoar os pecadores que desejam a remissão e de reter àqueles que não se arrependem. Todos esses conceitos foram adaptados por Lutero, para que fossem transmitidos às crianças.

A Reforma Protestante rapidamente alcançou vários outros territórios, como Genebra, por exemplo. Em Genebra o responsável pela difusão do protestantismo foi o francês Guilherme Farel, que foi bispo em Genebra, em 1534. Farel tomou posse da Catedral de São Pedro e implantou nela a Reforma Protestante, conseguindo isso por meio da adesão de toda a cidade de Genebra. Na época, Genebra tinha uma média de 10 mil habitantes, e Farel, ao tomar a Igreja, aboliu a missa e expulsou todos os monges e monjas que não concordavam com suas mudanças (KLEIN, 2015).

Farel representará papel basal na Reforma Protestante, uma vez que teria sido ele que convencera Calvino, de quem trataremos no decurso, a dar andamento nessa Reforma, em Genebra. Logo, Calvino foi outra importante referência do protestantismo e uma grande influência na constituição das Igrejas Reformadas, como a presbiteriana, por exemplo. Calvino nasceu em Noyon, na França. Seu pai foi advogado do bispado de Noyon e isso conferiu a Calvino uma série de benefícios. Um deles foi a possibilidade de estudar em Paris e depois cursar Direito, em Nova Orleans (KLEIN, 2015; GEORGE, 1993). Na verdade, Calvino começou a cursar Teologia, mas acabou abandonando para cursar Direito, seguindo a orientação do seu pai. Com a morte do seu pai, foi para Paris, por volta de 1531, onde se dedicou à literatura, que seria sua grande “paixão”.

Calvino, na França, teria tido contato com os ideais da Reforma Protestante, porém, a conversão ao protestantismo teria acontecido somente no período de 1527 a 1534, em virtude de sua educação católica. Não há como saber, com certeza, quando Calvino aderiu ao protestantismo, mas é possível que tenha tido grande peso em sua decisão o fato de seu pai ter sido excomungado, acusado de fraudes, pelos bispos de Noyon, a quem servira por muitos anos. Klein (2015) ainda destaca que, anos depois, aproximadamente em 1534, Calvino teria renunciado aos benefícios eclesiásticos que possuía.

Partindo da adesão de Calvino ao protestantismo, além de grande produção teórica, à qual ainda voltaremos, neste texto, veremos que ele passou a travar muitos embates com a religião católica, o que lhe rendeu várias fugas dos locais em que viveu. No ano de 1533, por exemplo, precisou fugir de Paris, pois fixara cartazes e panfletos contra a missa. Fora de Paris, já em 1534, escreveu a obra *Psychopannychia*, em que defendia que as almas ficavam vivas quando deixavam os corpos. Com tais ideias, contrapunha-se a Lutero, para quem a alma não vive após a morte, mas segue para o céu ou para o inferno (KLEIN, 2015).

Outra obra de muito destaque de Calvino se intitulava *Institutas*. Publicada em 1536, na Basileia, rapidamente se tornou um livro muito lido por reformadores e simpatizantes. *Institutas* foi impresso e comercializado em toda a Europa e era um livro pequeno, podendo ser carregado pelo leitor, em seu bolso, nas primeiras

edições. Posteriormente, transformou-se em um volume amplo, com uma série de orientações detalhadas do que Calvino considerava como a verdadeira fé. Esse livro foi encaminhado por Calvino para o Rei Francisco I, visando a diminuir a perseguição sofrida pelos protestantes. *Institutas*, na verdade, era um manual de orientação, contendo sermões, cartas e comentários aos livros da Bíblia.

Ele sabia, de primeira mão, a necessidade urgente de um manual de instrução claramente escrito, que apresentasse os rudimentos de uma teologia bíblica e levasse os jovens cristãos a uma maior compreensão da fé. Era o tempo para tal livro. Outros reformadores haviam tentado fazer algo parecido, mas com sucesso limitado. (GEORGE, 1993, p. 178).

Calvino buscava, com *Institutas*, oferecer as referências ao protestantismo e também defender os protestantes das perseguições. Após as várias revisões, esse livro ficaria composto por seis capítulos assim distribuídos:

O capítulo 1, "Sobre a Lei", era basicamente uma exposição dos dez mandamentos. O capítulo 2 tratava da fé e abrangia um comentário sobre o Credo dos Apóstolos [...] O capítulo 3, sobre a oração, continha a primeira exegese de Calvino sobre o Pai- Nosso. O capítulo 4 abordava os sacramentos, com o que ele queria dizer o batismo e a ceia do Senhor. O capítulo 5 era a refutação dos "cinco sacramentos falsos", enquanto o capítulo 6 concentrava-se em três temas: a liberdade cristã, a política da igreja e o governo civil. (GEORGE, 1993, p. 178).

Ou seja, Calvino usou quase a mesma organização de Lutero, em seu Catecismo Maior. Também como Lutero, no Capítulo 1, fez uma apresentação dos 10 Mandamentos, porém, nesse livro,, Calvino abordava ainda a criação do ser humano. No Capítulo 2, era discutida a fé, e Calvino acreditava que havia uma predestinação, ou seja, via a fé como algo inerente ao homem. No Capítulo 3, Calvino focalizava a Oração, o Capítulo 4 discutia os sacramentos, e o 5 dava andamento a essa discussão, ao apresentar possíveis sacramentos falsos. Por fim, o Capítulo 6 abordava a questão da liberdade e a necessidade da separação entre Igreja e Estado. George (1993) nos indica que as primeiras versões da *Institutas* não eram identificadas como de Calvino, aparecendo como de autor anônimo; somente com as revisões é que sua autoria se tornou conhecida.

Quando Calvino se dirigia para um descanso e passava por Genebra, foi convidado por Farel para permanecer ali e dar andamento à Reforma Protestante.

Supostamente esse convite adveio do fato de Farel ter lido sua obra *Institutas*, de modo que, em 1536, Calvino fixou residência em Genebra. Calvino e Farel prosseguiram com a Reforma, adotando uma série de medidas. Dentre elas, podemos destacar a retirada da pia batismal da Igreja de São Pedro, além de se vedar as comemorações de Natal, Ano Novo, Anunciação e Ascensão de Nossa Senhora. Calvino ainda recomendou o uso do pão comum, na Santa Ceia, que deveria acontecer no máximo três vezes ao ano. Elaborou o livro *Escrituras Sagradas*, montou catecismos, normas eclesiásticas, e chegou até a determinar que o Conselho da Cidade de Genebra fiscalizasse as pessoas. A forte disciplina instituída por Calvino e Farel não foi bem aceita, de sorte que dois anos após a chegada de Calvino a Genebra, este foi expulso da cidade, indo morar em Estrasburgo (KLEIN, 2015).

No entanto, em 1541, Farel convidou Calvino para voltar para Genebra e, apesar de ter sido expulso do local anos antes, Calvino aceitou e continuou sua reforma. No seu regresso a Genebra, Calvino escreveu as *Ordenanças Eclesiásticas*, nas quais delimitou os quatro ofícios necessários dentro das Igrejas: pastor, doutor ou professor, ancião e diácono. Nas *Ordenanças Eclesiásticas*, Calvino descrevia o que competia a cada um dos ofícios, visando a disciplinar a organização das Igrejas. disso, consta que Calvino subiu ao púlpito da Catedral de São Pedro e continuou sua palestra a propósito da mesma passagem bíblica em que tinha parado, antes de ser expulso (GEORGE, 1993).

Também em seu regresso a Genebra, Calvino realizou uma nova versão do livro *Institutas*, agora composto por meio de quatro capítulos assim distribuídos:

Volume I: O Conhecimento de Deus, o Criador

- O conhecimento duplo de Deus
- Escrituras
- Trindade
- Criação
- Providência

Volume II: O Conhecimento de Deus, o Redentor

- A queda, a pecaminosidade humana
- A Lei
- O Antigo e o Novo Testamento
- Cristo, o Mediador: sua Pessoa (Profeta, Sacerdote, Rei) e obra (expição)

Volume III: O Modo pelo qual Recebemos a Graça de Cristo, Seus Benefícios e Efeitos

- Fé e regeneração
- Arrependimento

- Vida cristã
  - Justificação
  - Predestinação
  - A ressurreição final
- Volume IV: Os Meios Externos pelos quais Deus Convida-nos à Sociedade de Cristo
- Igreja
  - Sacramentos
  - Governo civil. (GEORGE, 1993, p. 186).

Essa foi a versão final da obra *Institutas* e basicamente serve aos objetivos da primeira edição, que era oferecer bases para a conduta dos protestantes. Calvino não desejava a reforma de uma Igreja, como Lutero, porém, já almeja uma organização dessa nova Igreja, tanto que ele é considerado um reformador de segunda geração, pois veio após Lutero, e buscava disciplinar a nova igreja. Escreveu ainda sermões, folhetos e tratados, cartas, escritos litúrgicos e muitos catequéticos, com essa finalidade.

Calvino faleceu aos 55 anos e sua imagem, ao final da vida, é bastante controversa. Ele é tido, nos meios protestantes, como uma referência, um exemplo, posto que grande parte das igrejas reformadas advém da tradição calvinista. Todavia, o fato de ter deixado uma pessoa considerada herege ser queimada viva, além do péssimo tratamento conferido aos mais próximos, mostram Calvino como um ditador e extremamente agressivo e grosseiro. Mesmo assim, como indica Rosi (2009), o Calvinismo saiu de Genebra e foi para a Inglaterra, Escócia e Irlanda. Da Irlanda, rapidamente ganhou os Estados Unidos:

Sobretudo na Escócia o calvinismo influenciou o surgimento das igrejas chamadas presbiterianas, assim chamadas por sua ênfase na forma de governo presbiteriana em detrimento do governo episcopal. Partindo principalmente dos Estados Unidos, o calvinismo alcançou o Brasil. (ROSI, 2009, p.123).

O protestantismo calvinista, a partir desse período, praticamente abandonou os embates com a Igreja Católica e passou a uma reorganização endógena, expressa na produção de documentos e na organização de uma série de eventos que objetivavam disciplinar a Igreja protestante internamente.

Para Mendonça (2008), tivemos variações do protestantismo, porém, o calvinismo se expressa no protestantismo inglês, através de sua vertente ortodoxa,

reafirmada no Sínodo<sup>12</sup> de Dort. O calvinismo ortodoxo, provindo diretamente da perspectiva de Calvino, é aquele embasado na obra *Institutas*, compreendendo a salvação sob o prisma da predestinação. De acordo com essa perspectiva, Deus tem a soberania absoluta em dispor sobre a vida dos homens. Como houve variações desse entendimento, foi convocado o Sínodo de Dort, que aconteceu no período de 1618 a 1619, na Holanda, com a finalidade de uniformizar os conceitos decorrentes do protestantismo. No Sínodo, definiram-se algumas crenças, como, por exemplo: a visão de que o homem é condicionado pelo pecado; a eleição incondicional e que corresponde à ideia de que Deus já havia escolhido os eleitos e, por conseguinte, Deus teria morrido para salvar um determinado grupo de pessoas; a compreensão de que a graça divina é irresistível aos homens e também o entendimento de que os escolhidos por Deus irão perseverar na fé eternamente. O resultado da formação do Sínodo foi expresso no documento denominado *Cânones de Dort*, o qual expressaria os cinco pontos-chave do Calvinismo. Essas referências condicionaram o protestantismo inglês.

Anos após o Sínodo de Dort, outros documentos foram produzidos e traduzem a perspectiva calvinista. Dentre os documentos teológicos surgidos na época, destacam-se as *Confissões de Fé de Westminster*, que representam a visão bíblica da Igreja calvinista, além de sua perspectiva sobre o Estado e a vida em sociedade.

As *Confissões de Fé de Westminster* provieram, assim, da Reforma Protestante, tendo sido elaboradas pela Assembleia de Westminster, uma reunião que aconteceu na Abadia de Westminster, no período de 1643 a 1648. Além desse documento, a Assembleia formulou os Catecismos Maior e Breve. Quanto às *Confissões de Fé*, retratam uma expressão de algo em que o fiel acredita e que o orienta a agir, com base na Bíblia. Todos aqueles que proclamam as confissões de fé o fazem como uma adesão aos princípios protestantes.

Obviamente, não há como reproduzir aqui todo o conteúdo que integra as *Confissões de Fé de Westminster*, mas os itens estão assim dispostos:

- I ESCRITURA SAGRADA
- II DEUS E A SANTÍSSIMA TRINDADE
- III ETERNOS DECRETOS DE DEUS
- IV CRIAÇÃO

---

<sup>12</sup> O Sínodo é uma reunião organizada por uma dada denominação religiosa. Nele são discutidas uma série de questões relacionadas à dinâmica da Igreja.

V PROVIDÊNCIA  
 VI QUEDA DO HOMEM, O PECADO E O SEU CASTIGO  
 VII PACTO DE DEUS COM O HOMEM  
 VIII CRISTO, O MEDIADOR  
 IX LIVRE ARBÍTRIO  
 X VOCAÇÃO EFICAZ  
 XI JUSTIFICAÇÃO  
 XII ADOÇÃO  
 XIII SANTIFICAÇÃO  
 XIV FÉ SALVADORA  
 XV ARREPENDIMENTO PARA A VIDA  
 XVI BOAS OBRAS  
 XVII PERSEVERANÇA DOS SANTOS  
 XVIII CERTEZA DA GRAÇA E DA SALVAÇÃO  
 XIX LEI DE DEUS  
 XX LIBERDADE CRISTÃ E LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA  
 XXI CULTO RELIGIOSO E O DOMINGO  
 XXII JURAMENTOS LEGAIS E OS VOTOS  
 XXIII MAGISTRADO CIVIL  
 XXIV MATRIMÔNIO E DIVÓRCIO  
 XXV IGREJA  
 XXVI COMUNHÃO DOS SANTOS  
 XXVII SACRAMENTOS  
 XXVIII BATISMO  
 XXIX CEIA DO SENHOR  
 XXX CENSURAS ECLESIÁSTICAS  
 XXXI SÍNODOS E CONCÍLIOS  
 XXXII ESTADO DO HOMEM DEPOIS DA MORTE E A RESSUREIÇÃO  
 DOS MORTOS  
 XXXIII JUÍZO FINAL  
 PREFÁCIO AOS NOVOS CAPÍTULOS  
 XXXIV ESPÍRITO SANTO  
 XXXV AMOR DE DEUS E DAS MISSÕES. (*Confissões de Fé de Westminster*, 1648).<sup>13</sup>

As *Confissões de Fé de Westminster* apenas reafirmam os pilares básicos da reforma calvinista, apresentando conceitos bíblicos que buscavam disciplinar a vida do crente e orientações com relação à organização da Igreja. Portanto, as *Confissões de Fé de Westminster* contêm regras e normas de conduta para os leigos, os quais estão vinculados a uma determinada denominação, reunindo um rol amplo de informações acerca da forma de a Igreja Protestante se estruturar. As Confissões de Fé são, ainda hoje, referências para um grande número de denominações protestantes. “Sua adoção por numerosas igrejas e pelos presbiterianos em geral fará dessa confissão o mais influente símbolo doutrinal na história da América Protestante.” (MENDONÇA, 2008, p. 66).

Apesar de não constituir objeto de nosso estudo a discussão das Confissões

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org/downloads/category/36-3-textos-confessionais-confissoes-de-fe>. Acesso em: 12 dez. 2017.

de Fé de Westminster<sup>14</sup>, destacaremos a parte do documento sobre o Casamento e sobre o divórcio, tratados no capítulo XXIV:

**CAPÍTULO XXIV  
DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO**

I. O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma mulher nem à mulher mais de um marido, ao mesmo tempo.

*Ref. Gen. 2:24; Mat. 19:4-6; Rom. 7:3.*

II. O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher, para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima e da Igreja por uma semente santa, e para impedir a impureza.

*Ref. Gen. 2:18, e 9:1; Mal.2:15; I Cor. 7:2,9.*

III. A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado é lícito casar; mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se desigualmente pelo jugo do casamento aos que são notoriamente ímpios em suas vidas ou que mantêm heresias perniciosas.

*Ref. Heb. 13:4; I Tim. 4:3; Gen.24:57-58; I Cor. 7:39; II Cor. 6:14.*

IV. Não devem casar-se as pessoas entre as quais existem os graus de consaguinidade ou afinidade proibidos na palavra de Deus, tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem coabitar como marido e mulher.

*(Confissões de Fé de Westminster, 1648).*<sup>15</sup>

Ou seja, elege-se o casamento heterossexual e monogâmico, destinado à

---

<sup>14</sup> Na Assembleia de Westminster, conforme já se frisou, também foram produzidos os Catecismos Maior e Breve. Ambos são acessíveis no *site* funcional na Igreja Presbiteriana Independente e exprimem o entendimento de que a Igreja ainda se baseia nesse documento, para sua organização. O Catecismo Maior é composto por 196 questões, perguntas com respostas já fundamentadas na interpretação conferida pelos protestantes sobre a Bíblia. Orientações sobre as Escrituras, sobre quem é Deus, sobre os possíveis decretos de Deus, sobre o que é pecado e sobre uma ampla variedade de temas associados à religiosidade cristã. Destaca-se que o final do documento é todo construído com base na compreensão sobre os Dez Mandamentos. É um documento construído para a orientação de adultos. Já o Catecismo Menor ou Breve de Westminster é composto por 107 perguntas, para as quais também temos a indicação de respostas, igualmente com base na Bíblia Sagrada. Esse é um catecismo resumido, e teria sido também elaborado com a finalidade específica de oferecer orientações para crianças. O Catecismo Menor tem basicamente as mesmas orientações do Catecismo Maior, porém, de maneira bastante simplificada, aborda temas como pecado, oração e outros conceitos da fé protestante. Esse Catecismo, na íntegra, também está disponível no *site* institucional da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e constitui, a nosso ver, um importante instrumento de orientação da criança que é integrante dessa denominação. De acordo com Mendonça (2008), a Assembleia de Westminster demarca a adesão dos protestantes à Teologia do Pacto, a qual é comumente aceita e defendida pelas Igrejas que surgiram após a Reforma, sobretudo os presbiterianos. A Teologia do Pacto compreende que Deus firma um pacto com o homem, porém, nesse pacto, para que o homem acesse a graça divina, precisa ter iniciativa. O homem é livre para escolher: “[...] a iniciativa humana é pessoal na apropriação dessa graça” (MENDONÇA, 2008, 2008, p. 65), todavia, ao aderir ao pacto, o homem deve assumir comportamentos e atitudes visando ao alcance da graça.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org/downloads/category/36-3-textos-confessionais-confissoes-de-fe> . Acesso em: 12 dez. 2017.

procriação da raça e à produção de futuras gerações de vida santa. Vemos ainda que, segundo o documento, todos com capacidade de discernimento devem casar-se e, se possível, com aqueles que tenham o mesmo credo. Por outro lado, o documento faz uma condenação ao incesto e ao adultério – este é apresentado como o motivo para a dissolução do casamento, através do divórcio. O divórcio, no entanto, só é admissível mediante a realização de um processo, quando todas as medidas possíveis ao caso foram adotadas e não surtiram efeito, na reconstituição do casamento.

Esses argumentos sobre o casamento e sobre o divórcio ganham aceitação na época em que as *Confissões* foram escritas. Atualmente, essas ideias ainda são veiculadas pela Igreja Presbiteriana Independente, em seu *site* oficial, especificamente no *link* Textos Confessionais, revelando que a Igreja concorda com esse tipo de documento e de entendimento, tanto no que diz respeito à sua organização quanto no que concerne aos fiéis, como referência para a vida em sociedade.

As Confissões de Fé e os Catecismos seriam a representação do protestantismo calvinista puritano, os quais serão os protestantes de maior influência nos Estados Unidos e no Brasil. Rosi (2009) salienta que tivemos, desse protestantismo calvinista, o surgimento de duas ramificações – os anglicanos e os puritanos. Os anglicanos são os reformadores constituídos na Inglaterra, durante o reinado de Isabel I, os quais, inspirados no Calvinismo, reorganizaram a Igreja desse país. Nesse período, havia grande vinculação entre Igreja e Estado. Os puritanos deram origem a denominações como a dos batistas e dos presbiterianos e se caracterizam pela utilização de severa disciplina, como referência de conduta para dirigentes e para os leigos. Os presbiterianos são aqueles que suprimiram o episcopado e definiram que os presbitérios seriam administrados por ministros, presbíteros que deveriam ser eleitos entre os pares. Os presbiterianos possuem uma hierarquia institucionalizada, que disciplina e orienta a organização das atividades. Essas igrejas apresentam adesão à Teologia do Pacto e reforçam a liberdade, o individualismo e o voluntarismo (frequentam a Igreja somente aqueles que desejarem e que se decidirem a fazê-lo).

Os primeiros modelos de Igreja Presbiteriana surgiram na Grã-Bretanha

(OLIVEIRA, 2014). Foi da Grã-Bretanha que os puritanos partiram para os Estados Unidos, trabalhando na evangelização do país. Receberam, nos Estados Unidos, a denominação de peregrinos, pois o trajeto entre Inglaterra e o novo continente era de difícil acesso, muito cansativo, uma verdadeira peregrinação. No ano de 1579, Francis Fletcher foi para a Califórnia, onde, usando o *Livro de Oração Comum*, um livro produzido na Inglaterra pela Igreja Anglicana, instituiu uma Igreja Congregacional. No ano de 1620, foi organizada a Congregação de Massachussetts. Imbuído do caráter missionário, em 1693, Francis Mankemie fundou, na Virginia, a primeira Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. No ano de 1701, fundou igualmente o Presbitério de Filadélfia.

Esse protestantismo americano é descrito como protestantismo de povoamento, porque foi sendo formado à medida que os protestantes iam ocupando o território nacional, povoando-o e propagando sua fé. Grande parte dos imigrantes que iam aos Estados Unidos buscava melhores condições de vida e, durante esse povoamento, também transmitiam sua fé aos nativos. Os calvinistas foram aqueles que chegaram primeiro e, possivelmente, devido a isso, sua influência nos Estados Unidos foi maior. Tempos depois também vieram os luteranos, os quais propagaram o protestantismo, no país. Foi esse protestantismo de povoamento que resultou na expansão protestante nos Estados Unidos (MENDONÇA, 2008).

Nos anos de 1720, tivemos grande expansão do presbiterianismo, nos Estados Unidos, afinal, a partir desse ano tivemos a ampliação do tráfego de ingleses e escoceses, com vistas à evangelização dos norte-americanos. Apesar disso, o protestantismo americano vivenciou, em meados de 1830, o esvaziamento das Igrejas. Em tese, isso aconteceu porque a teoria calvinista, presente nas Igrejas protestantes, pregava a supremacia divina e a incapacidade do homem em orientar a sua vida em prol dos seus objetivos, comprometendo a visão de possibilidade do progresso individual que era difundido no país. Essa perspectiva calvinista ortodoxa é contrária ao igualitarismo, uma vez que define que tudo já está posto pela vontade divina e o homem nada pode fazer para mudar a sua sorte (MENDONÇA, 2008). A adesão ao avivamento<sup>16</sup>, que pressupõe que a salvação só é alcançada quando o

---

<sup>16</sup> Isso resultou no chamado Avivamento Protestante, que foi uma mudança no entendimento da relação firmada entre Deus e o Homem, que, vem também embasada pelo entendimento da Doutrina do Pacto, segundo a qual (como já vimos) a salvação é alcançada à medida que o homem estabeleça um pacto com Deus e adote compromissos para melhor atender aos acordos firmados. A partir da

homem cumpre seu pacto com Deus passou a ser usada então nas igrejas protestantes, incluindo as presbiterianas, visando a volta dos fiéis.

Com isso, os protestantes começaram a achar que eram responsáveis por recristianizar todos os povos, sendo considerados como um povo escolhido para agir em prol da salvação da humanidade. O Destino Manifesto é apresentado por Mendonça (2008, p. 94) como o entendimento de que é destino de um povo recristianizar os demais. Tal perspectiva pressupunha acreditar que “[o] mesmo comissionamento outorgado aos judeus por Abraão se transferia agora para os americanos, num messianismo nacional direcionado para a redenção política, moral e religiosa do mundo.” Essa expansão da fé viria acompanhada da ideia de que caberia aos americanos civilizar o resto do mundo.

A construção de uma nação cristã passou a ser tomada como objeto da ação protestante. “Uma civilização cristã segundo o modelo protestante era a meta.” (MENDONÇA, 2008, p. 90) – uma civilização cristã e livre. Partindo disso, as missões vieram a ser constituídas e basicamente consistiam em se dirigir aos mais variados povos para levar o verdadeiro evangelho (contraposição aos católicos) e também para levar a verdadeira palavra de Deus aos pagãos.

As missões contavam com o apoio das Igrejas, mas estavam assentadas, sobretudo, não somente na dedicação de líderes que se dirigiam para as regiões mais distantes, proclamando a palavra de Deus, mas também por meio do serviço leigo. A ação leiga vai ganhar notoriedade principalmente por meio das atividades educacionais, as quais prestavam, nos locais das missões, atendimento educacional para crianças e, conjuntamente, atuavam na evangelização. Os presbiterianos destacam-se como uma das denominações que mais usou desse tipo de abordagem missionária:

Um dos mais importantes subprodutos da Era da Bondade Desinteressada foi a paixão pela educação. Denominações importantes nos Estados Unidos reconheceram que a educação era pré-requisito para uma América Cristã. Só uma cidadania adequadamente preparada podia desenvolver sua divina missão no mundo. (MENDONÇA, 2008, p. 99).

---

perspectiva do Avivamento, passa a ser difundida pelas Igrejas Protestantes nos Estados Unidos a compreensão de que Deus ama a todos e que irá salvar todos os povos, e não somente aqueles predestinados. A salvação é estendida para todos aqueles que assumam uma vida sem pecado. A doutrina do Avivamento, hegemônica do protestantismo americano, a partir de 1858, é calcada ainda na Teologia de Oberlen, a qual crê que todos aqueles que renunciem ao pecado poderão ser salvos por Deus. Uma outra influência à perspectiva do Avivamento foi a Doutrina Metodista de Santificação, que passa a explicitar também que Deus impulsiona e motiva o homem a se libertar do pecado.

A orientação educacional nas Igrejas Protestantes também passou a ser conferida pela ampliação da Escola Dominical, outro braço do Avivamento. As Escolas Dominicais surgiram na Inglaterra e eram ações de educação religiosa e secular, desenvolvidas pelos protestantes ingleses para crianças pobres. A prática ganhou os Estados Unidos e, no ano de 1824, foi criada a Associação das Escolas Dominicais da América. No território norte-americano, as Escolas Dominicais eram espaços de orientação que as Igrejas Protestantes organizaram para doutrina de crianças e dos recém-convertidos.

As Sociedades Bíblicas surgem também com esse intento, ou seja, de promover a difusão da fé protestante, através da distribuição das Bíblias. No ano de 1810, aparece a *American Board of Commissioners of Foreign* (ABCFM), uma organização missionária de prática evangelizadora e que pretendia melhorar a humanidade. Além dos valores doutrinários, essa Associação, e outras criadas na época, objetivavam preparar o homem para a nova sociedade. Surgem, no discurso desses evangelizadores, termos como *liberdade e busca de novos ideais*, por exemplo, de sorte que, assim, temos a vinculação da evangelização aos princípios do liberalismo, fundando a nacionalidade americana liberal<sup>17</sup>.

Essas Igrejas, ao constituírem as Missões, almejavam a difusão da fé em outros territórios, dentre os quais o Brasil. A vinda dos presbiterianos a nosso país provém de decisões adotadas pela Igreja dos Estados Unidos em recristianizar os outros povos. No entanto, esse não foi o primeiro grupo que chegou ao Brasil, visando à profusão da fé protestante. Tais eventos abordaremos no item subsequente.

---

<sup>17</sup> A nacionalidade liberal prega a liberdade em prol da construção de um novo mundo. Nacionalidade que foi difundida sobretudo por meio da expansão do presbiterianismo, nos Estados Unidos. No período de 1800, já teremos muitas Igrejas Presbiterianas consolidadas nos Estados Unidos, porém, as posições da Igreja não eram hegemônicas, apesar de abraçarem e difundirem o ideal liberal. Oliveira (2014) enfatiza que havia divergências na Igreja com relação à questão da escravidão. No mesmo momento em que explodia a Guerra Civil Americana, a Igreja dos Estados Unidos se dividiu. Fundaram-se, em 1861, a Igreja Presbiteriana do Sul (PCSUL), conhecida como Velha Escola, a qual possuía perspectivas mais ortodoxas com relação à religião, e a Igreja Presbiteriana do Norte (CCUSA), por sua vez, com perspectivas mais modernas e conhecida também como Nova Escola. No ano de 1983, as Igrejas se uniram novamente (OLIVEIRA, 2014).

## **O surgimento e a consolidação da Igreja Presbiteriana Independente no Brasil e sua organização atual**

O item em voga pretende realizar uma aproximação ao desenvolvimento do protestantismo, no Brasil, com especial enfoque para o surgimento da religião presbiteriana. Tendo tais colocações arroladas, avançaremos no entendimento do surgimento da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e na compreensão de aspectos que nos permitem conhecer a atual organização dessa Igreja.

Os primeiros grupos de evangélicos chegaram ao país no período da colonização. Em 1555, a Expedição de Villegaignon se fixou no país com uma proposta ambiciosa de instituir um protestantismo primitivo, derivado das concepções luteranas. Além desse grupo, tivemos em 1630 os Reformadores Holandeses, segmento que também buscava catequizar os povos brasileiros na fé protestante<sup>18</sup>. Após a vinda de tais grupo tivemos uma diminuição da presença dos protestantes no Brasil.

De acordo com Mendonça (2008), o século XVIII demarca a suspensão da vinda de grupos evangélicos para o Brasil. Para o autor, esse foi o período da

---

<sup>18</sup> Segundo essa perspectiva, o país era propício para a consolidação de um protestantismo puro, sem interpretações que alterassem sua forma de constituição original. Essa expedição realizou o primeiro culto, no país, em 10 de março de 1557, mas a forte vinculação de Portugal ao ideal católico resultou na expulsão dessa expedição do país, em 1560 (MENDONÇA, 2008). Além da Expedição de Villegaignon, já no período de domínio holandês no Brasil, tivemos a presença do grupo evangélico dos Reformadores Holandeses. Esse grupo se estabeleceu no Nordeste e possivelmente, devido a isso, no período de 1630 a 1645, nas regiões de Pernambuco e diversas áreas do Nordeste, havia muitos grupos protestantes. Os Reformadores Holandeses chegaram até a constituir um Sínodo em Recife e outro em Pernambuco. O Sínodo é formado pela existência de várias igrejas. Todavia, no contexto de sua vinda ao Brasil, suas ações eram muito limitadas. Inicialmente, os cultos só podiam ser realizados nas residências. Caso alguns dos Reformadores Holandeses apresentassem comportamento ruim, poderiam até ser extraditados do país. Dessa forma, essa inserção no país, mesmo sob domínio holandês, era cercada de muitos “cuidados”. Os Reformadores Holandeses não chegaram ao país objetivando a constituição de uma religião tão puritana quanto a proposta pela Expedição de Villegaignon, mas eram fortemente influenciados pelo Calvinismo. Sua disciplina, no entanto, era extremamente rigorosa e exigia um comportamento ilibado dos crentes, chegando a requisitar até mesmo silêncio em locais próximos à realização dos cultos. Os Reformadores Holandeses requeriam, assim, “[o]rdem e silêncio próximos aos locais de culto, santificação absoluta aos domingos com a proibição do trabalho e de diversões, interdição de juramentos, praguejamentos e duelo.” (MENDONÇA, 2008, p. 40). O grupo protestante francês tentou ingressar no Brasil, novamente, na primeira década do século XVII. A expedição de Rasily e La Ravardière chegou ao Maranhão e, com ela, vieram vários protestantes, com o objetivo de evangelizar o país. Contudo, esse grupo acabou tendo suas ações limitadas à realização de orações e cultos domésticos. Com efeito, as investidas dos protestantes acabavam se tornando inócuas, uma vez que o Estado buscava sustentar a Igreja Católica como a única religião oficial do país.

Inquisição, no país; nesse sentido, o Santo Ofício perseguiu e puniu todos aqueles que divergissem da fé protestante. Dessa forma, não tivemos a vinda de grupos protestantes ao Brasil, durante essa época, algo que foi retomado alguns anos depois e intensificado somente quando a família real veio para o país, mas especificamente partindo dos tratados ratificados por Dom João VI.

Os Tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação foram firmados por Dom João VI, em 1810. Segundo esses Tratados, os territórios portugueses estavam abertos aos ingleses. Mendonça (2008, p. 41) descreve que Dom João VI abriu os portos brasileiros para as chamadas “nações amigas”, pois Portugal havia recebido a proteção da Inglaterra, impedindo o ataque francês. A vinda de ingleses ao Brasil fez com que fosse autorizada a realização de cultos em capelas e em casas, desde que fosse respeitada a Igreja Católica, ainda tida como religião oficial no país. No ano de 1824, na Constituição, foi autorizado que fossem praticadas outras religiões, no Brasil. Assim, nos anos de 1823 e 1824, muitos grupos de evangélicos vieram ao país. Grande parte deles proveio da Alemanha e da Suíça e fixou residência no Rio de Janeiro e também no Espírito Santo, fundando as primeiras comunidades luteranas no país.

Na verdade, o processo que desembocou na Constituição de 1824 não foi algo fácil, mesmo porque os próprios parlamentares eram contrários à abertura religiosa. Aliás, dos 90 parlamentares, 19 eram padres. E mesmo a ideia de que poderiam ser praticados outros cultos, no Brasil, estabelecia uma série de restrições, dentre as quais que a fé protestante fosse praticada nas residências. Até mesmo a construção das Igrejas protestantes era vetada e os cemitérios, em sua maioria administrados pela Igreja Católica, eram inacessíveis aos protestantes. Ou seja, foi uma liberdade religiosa extremamente controlada:

Continuavam, no entanto, as restrições quanto aos lugares de culto, à constituição de templos e ao proselitismo. Também os cemitérios, administrados com exclusividade pela Igreja Católica, permaneciam defesos aos não-católicos o que criou para os protestantes situações muito difíceis para o sepultamento de seus mortos. (MENDONÇA, 2008, p. 43).

Ora, a autorização de serem praticados outros cultos, no Brasil, não correspondeu a uma ampla liberdade religiosa de imediato. De acordo com a interpretação da época, a religião católica deveria ser respeitada, afinal, a fé católica

era considerada a religião, por excelência, do país (MENDONÇA, 2008).

Obviamente, esse favorecimento, essa abertura dos portos para a vinda de outros povos e, conseqüentemente, de evangélicos, aconteceu porque a religião católica não poderia mais ser um entrave para o comércio. Como a religião oficial do país era católica, muitos evangélicos poderiam se opor em vir ao país pelo comércio, pois temiam represálias. Isso resultaria na perda financeira para o Brasil e, por analogia, para Portugal. Por conseguinte, “[...] a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução dos tratados, com conseqüentes dificuldades à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra.” (MENDONÇA, 2008, p. 42). Começou, durante o Império, um lento processo de abertura do país.

Isso facilitou que aqui aportassem outros grupos que objetivavam a difusão da fé evangélica. Os primeiros que chegaram ao Brasil foram os chamados distribuidores de Bíblia. O metodista Daniel Parish Kidder foi o precursor desse tipo de ação, na qual o missionário passava por todo o país entregando Bíblias. Quem sustentava esse tipo de ação era a Sociedade Bíblica Americana, que encaminhou Daniel ao Brasil, em 1836. Daniel e outros grupos de distribuidores de Bíblia entregaram exemplares na zona urbana e zona rural, apesar de muitas pessoas no país não saberem ainda ler (MATOS, 2004).

Esse tipo de intervenção serviu para a penetração dos grupos evangélicos em todo o país, antes mesmo das Missões. Conforme iam entregando as Bíblias na zona urbana e zona rural, e como grande parte da população não sabia ler, muitas vezes era necessário aos distribuidores explicar o conteúdo dos livros às pessoas. Dessa forma, o protestantismo passou a ser mais conhecido no país:

[...] a liberdade para vender e distribuir Bíblias por parte dos agentes das sociedades bíblicas estrangeiras, bem antes da chegada e estabelecimento das missões protestantes, constitui-se num fator ponderável da estratégia de penetração (MENDONÇA, 2008, p. 44).

Além dessa ação de distribuição de Bíblias, em 1810, vieram ao país grupos anglicanos e alemães, formando aqui comunidades evangélicas fechadas. Tivemos, na verdade um rol amplo de grupos de evangelização protestante que vieram ao

país<sup>19</sup>, no entanto, não constitui nosso objeto de estudo a apresentação e discussão dessas abordagens nesse trabalho. Mas, é preciso citar que o primeiro missionário presbiteriano que chegou ao Brasil foi James Cooley Fletcher. Fletcher chegou ao Rio de Janeiro, em 1851, onde permaneceu até meados de 1854. Sua amizade com Dom Pedro II facilitou a sua intervenção no país. Fletcher era vinculado à União Cristã Americana, que tinha como objetivo a propagação da doutrina evangélica e, conseqüentemente, a diminuição da influência católica, ainda religião hegemônica no Brasil. Hegemônica e oficial. Uma das ações da União Cristã Americana consistia na distribuição de Bíblias pelo país, pois se acreditava que, dessa forma, seria ampliada a influência da doutrina evangélica.

Fletcher, em decorrência de sua vinculação com a União Cristã Americana, viajou por todo o país, distribuindo Bíblias na zona urbana e também na zona rural. Por conta disso, fez muitas pesquisas sobre o modo de vida do povo brasileiro e se tornou membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Apesar de presbiteriano e de divulgar a fé evangélica na distribuição de Bíblias, Fletcher não instituiu a Igreja Presbiteriana no Brasil, cabendo isso a Ashbel Green Simonton, como veremos no decurso deste texto. Fletcher tornou-se, contudo, um evangélico respeitado no país.

---

<sup>19</sup> As comunidades evangélicas que vinham ao Brasil não tinham como finalidade apenas a realização de missões para angariar fiéis, mas almejavam também dar assistência religiosa para os imigrantes. Os grupos fechados vinham atender as demandas de imigrantes que já residiam no país, mas havia poucos pastores e poucos recursos. No final do ano de 1810, foi fundada uma Igreja Anglicana. Já as Igrejas Alemãs começaram a enviar pastores somente em 1864, quando foram constituídas formalmente as primeiras Igrejas Alemãs. Uma importante denominação foi instituída no Brasil, no ano de 1835. Foi a vez de chegar ao país, no Rio de Janeiro, o Reverendo Fountain E. Pitts, da Igreja Metodista, com caráter evangelizador. Pitts realizou muitas pregações em residências particulares, evitando ofender a fé católica. Ele abordava sobretudo famílias de estrangeiros e mais abertas à fé protestante. No entanto, na época, a aceitação da sociedade brasileira em geral não foi boa e Pitts foi embora, em 1842, sobretudo em decorrência da perseguição de grupos católicos. Em 1836, chegou ao Brasil o também metodista R. Justin Spaulding, que permaneceu no Rio de Janeiro. Spaulding conseguiu organizar uma congregação com uma média de 40 pessoas e uma escola dominical com uma média de 30 alunos frequentes. No entanto, a perseguição de alguns grupos católicos fez com que Spaulding e outros metodistas deixassem o Brasil, em 1841, retornando apenas no início do século XX, quando fixaram a denominação Metodista no Brasil e não mais deixaram o país. Tivemos ainda outros grupos evangélicos, dentre os quais os grupos calvinistas França Antártica e Brasil Holandês. Ambos os grupos instalaram-se no país, durante a Colônia, e buscavam aqui divulgar a fé protestante. A França Antártica foi instalada em uma colônia francesa, na Baía de Guanabara, tendo constituído um refúgio para calvinistas franceses. Esse grupo teve como líderes os pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier. O Brasil Holandês derivou da presença de calvinistas da Holanda, os quais fixaram localização em Recife e em Olinda. Esse grupo fundou 22 igrejas e congregações, 02 presbitérios e um sínodo (ROSI, 2009).

Para tanto, o pioneiro na difusão da Igreja Presbiteriana no Brasil foi, como sinalizamos acima, Ashbel Green Simonton.<sup>20</sup> Simonton era vinculado à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos que, em 1789, criou a Junta das Missões Estrangeiras, sediada em Nova York. Essa Junta tinha como objetivo conter o avanço da doutrina católica, divulgar a Igreja Presbiteriana, angariando fiéis. Por esses motivos, as missões eram custeadas com recursos da Igreja dos Estados Unidos. As ações da Junta das Missões Estrangeiras começaram por países como a Índia, Tailândia, China, Colômbia e Japão. Um dos países escolhido para essa difusão foi o Brasil, para o qual Simonton foi orientado, chegando ao Rio de Janeiro em 1859.

Simonton teria sinalizado o seu desejo de trabalhar no exterior, indicando como local preferencial o Brasil. Mendonça (2008) assinala que Simonton permaneceu três anos no Rio de Janeiro e, depois, se aventurou em São Paulo, incluindo missões pelo interior paulista; é notadamente reconhecido como o pioneiro na propagação da fé evangélica e presbiteriana, no Brasil. Em relação à difusão do presbiterianismo, em nosso país, sabemos que “[...] a prioridade cabe a Simonton, o primeiro missionário presbiteriano.” (MENDONÇA, 2008, p. 124).

Ele buscava a evangelização dos povos aqui residentes, além de combater uma suposta supremacia católica. “Foi esse protestantismo fortemente missionário e anticatólico que chegou a país como o Brasil.” (MATOS, 2009, p.16). A análise dos sermões de Simonton permite compreender o quão recorrentes eram seus ataques à religião católica, mesmo que várias vezes o missionário não nomeasse, especificamente, a religião católica. Os sermões indicariam termos como *a fé deste país* e, partindo disso, eram apontadas deficiências da fé católica. A análise dos escritos de Simonton sinalizam para o fato de ele ser uma pessoa extremamente culta e observadora. Apesar de o país ainda ser regido pelo entendimento de que a religião católica era suprema com relação às demais denominações, a evangelização buscava a conversação dos fiéis católicos. Acreditava-se que a fé católica estava distante do que fora pregado por Jesus Cristo e, por isso, os católicos estavam errados em sua fé, necessitando de orientação.

---

<sup>20</sup> Simonton foi criado e educado em uma família presbiteriana. Seus pais e seus avós eram vinculados à religião presbiteriana, e ele estudou no Seminário Teológico de Princeton, em Nova Jersey, onde havia identificado sua vocação para missões estrangeiras. Morreu de febre amarela aos 34 anos, possivelmente em decorrência de suas andanças pelo país (MATOS, 2009).

Nas missões estrangeiras, os evangelizadores possuíam certa autonomia de ação, e Simonton, por dificuldades com a língua portuguesa, começou sua evangelização junto aos navios atracados na Baía de Guanabara e por meio de visitas junto à casa de famílias de estrangeiros residentes no Brasil. Contrário à escravidão, defensor da utilização da imprensa e da educação para a difusão da fé, Simonton também realizou muitas outras abordagens, visando à ampliação dos fiéis, dentre as quais o culto doméstico e inúmeras visitas às famílias brasileiras.

Simonton fez igualmente a distribuição de Bíblias e panfletos produzidos pela Igreja Presbiteriana, mas foi somente em 1862 que o missionário conseguiu constituir, no Rio de Janeiro, a primeira Igreja Presbiteriana do Brasil, localizada na Travessa da Barreira. A primeira Igreja possuía apenas três membros, quando foi criada, em sua maioria estrangeiros, e só com o tempo os brasileiros foram assumindo a fé presbiteriana ou, como frisa Mendonça (2008, p. 47): “Eram só dois adeptos, um americano e um português. Chegaram depois outros estrangeiros e, dois meses mais tarde, foi recebido o primeiro brasileiro, Serafim Pinto Ribeiro.”

Em 1864, Ashbel criou o jornal Imprensa Evangélica (da qual trataremos, na sequência do trabalho) e, em 1867, organizou o Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro, hoje conhecido como Seminário Simonton ou Seminário Primitivo. O Seminário destinava-se à formação de pastores para atuação na Igreja Presbiteriana. O Seminário foi fechado em 1870 e grande parte dos pastores passou a ser formada, no Brasil, no esquema de tutoria. Nesse formato, os pastores mais velhos ofereciam um rol de disciplinas que iriam formar os aspirantes a pastor.

Simonton chegou até a alugar uma sala, enquanto permanecia no Rio de Janeiro, para dar aulas de inglês. Para ele, as aulas eram meios para ter contato com a população e, dessa forma, ir convidando a população para participar dos estudos dominicais. Simonton procurava, assim uma inserção comunitária por meio da “oferta” de serviços educacionais, o que lhe garantiu também assento junto à população de maior poder aquisitivo do país, naquele período. Simonton, no entanto, sempre defendeu a educação dos fiéis, pois pretendia que todos fossem alfabetizados, para poder ler o material da Igreja. Nesse caso, o pastor não fugia aos ideais presbiterianos que defendiam a educação e postulava que seria necessária a constituição de escolas específicas para os filhos dos crentes (SEIXAS, 2011).

Nos anos subsequentes à chegada de Simonton, outros missionários vieram ao Brasil para auxiliá-lo. Dentre eles, estão Alexander Latimer Blackford, que chegou ao país em 1860, e Francis Joseph Schneider, que veio em 1861. Inicialmente, Blackford permaneceu em São Paulo, onde fundou a segunda Igreja Presbiteriana, porém, na época, participavam da Igreja somente 18 pessoas. Blackford também fundou, no ano 1865, a Igreja de Brotas, com 11 pessoas, todas brasileiras (MENDONÇA, 2008).

A vinda de Blackford e Schneider proveio de mudanças ocorridas na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Nos anos 1860, ali tivemos a Guerra Civil Americana. Por conta disso, houve a separação, em 1861, dos presbiterianos, em presbiterianos do Sul e presbiterianos do Norte. O grupo dos presbiterianos do Sul também criou uma organização chamada Missões Estrangeiras, com a finalidade de evangelização de outros povos. A sede das Missões Estrangeiras da igreja do Sul passou a ser em Nashville, Tennessee. Esse grupo encaminhou vários missionários para o Brasil, todavia, sua concentração esteve orientada para a região de Santa Bárbara, interior de São Paulo. Em 1873, a Igreja Presbiteriana do Norte assumiu a evangelização da região Sul, Sudeste e Nordeste, enquanto a Igreja do Sul ficou com a evangelização do Norte e do Triângulo Mineiro (MATOS, 2009).

Os pastores Blackford e Schneider expressaram grande ligação ao que já era difundido por Simonton, e colaboraram para a ampliação do número de Igrejas e de fiéis. Mendonça (2008) salienta que somente a partir de então tivemos, no Brasil, a consolidação do trabalho missionário, pois a Igreja começou a ganhar terreno. Dessa maneira, os dez primeiros anos que demarcam a penetração da Igreja Presbiteriana, no país, garantiram a consolidação de igrejas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brotas e em Sorocaba, conforme Rosi (2009). Já Matos (2009) acrescenta a consolidação de importantes polos da fé presbiteriana, em Lorena, na Borda da Mata e em outras regiões de Minas Gerais. Essa primeira fase perdurou até meados de 1868. Outro dado importante, nesse período, o qual demarca a penetração da Igreja Presbiteriana, em terras brasileiras, ocorreu quando José Manuel da Conceição<sup>21</sup> foi

---

<sup>21</sup>José Manuel requeria a reforma da Igreja Católica, mas suas propostas não eram aceitas, chegando a ser transferido várias vezes entre as paróquias, dada sua contraposição ao tradicionalismo católico. Nessas transferências, entrou em contato com evangélicos que trabalhavam em uma fábrica de ferro de Ipanema, em Sorocaba, ampliando sua reflexão sobre o formato de organização da Igreja Católica (O ESTANDARTE, 2003). Como não se encaixava nos moldes da

ordenado pastor, em 1865. José Manuel, nascido em São Paulo e proveniente de família católica, era padre, procurava atuar na Igreja de forma mais dinâmica e menos convencional. Manuel realizou muitas pregações no Brasil e isso colaborou para a difusão ainda maior da fé presbiteriana.

Além dos valores de propagação da fé, tão difundidos por Simonton, Blackford, Schneider e por outros missionários evangélicos, a partir de 1865, como afirma Mendonça (2008), os grupos presbiterianos passaram a usar estratégias missionárias, também denominadas missões. As missões tinham como objetivo primário a propagação da fé presbiteriana, em todo o país, para o que se valeram de um rol amplo de abordagens.

As missões também tinham como objetivo demonstrar o quanto os Estados Unidos, berço de grande parte de ampliação das religiões protestantes, era um país desenvolvido e moderno. Ou melhor, enfatizavam que os Estados Unidos, justamente por sua vinculação ao protestantismo, conseguiriam se modernizar e alcançar o desenvolvimento econômico. O protestantismo passa a ser defendido, nas missões, como uma religião, uma filosofia de vida que libertaria o ser humano para a organização de negócios privados, estimulando o espírito capitalista (GUTIERRES, 2010). Grande parte dos pastores que aqui chegou, nesse período, era vinculada à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA) e, de acordo com Matos (2004), a maioria deles foi formado no Seminário de Princeton, assim como Simonton. O autor indica que, dos 29 pastores atuantes no Brasil, na fase da

---

Igreja Católica, ficou um período em São José do Rio Claro, onde conheceu Alexander Blackford, pastor presbiteriano de quem se tornou amigo e que o levou para a religião presbiteriana. José Manuel percorreu muitos bairros, anunciando o evangelho através da leitura da Bíblia, pelo interior de São Paulo, chegando até a voltar às casas daqueles que antes eram de sua paróquia, com o objetivo de informar aos católicos que estariam errados em sua fé. O padre pastor, como ficou conhecido, chegou a varrer e lavar as casas onde havia sido hospedado, anteriormente, como uma forma de retribuição. Essa forma de agir do padre pastor colaborou substancialmente para a difusão da fé presbiteriana, no Brasil, ou, como ressalta Mendonça (2008, p. 48), “[...] passou Conceição a viajar incansavelmente por suas ex-paróquias propagando suas novas crenças e com isso certamente colaborou com a expansão do protestantismo na província de São Paulo e na zona fronteira de Minas.” Suas ações, objetivando mostrar o que entendia como verdadeiro evangelho, renderam sua excomunhão da Igreja Católica e a sentença foi até publicada no *Correio Paulista* (SEIXAS, 2011). Figura ainda que José Manuel da Conceição, quando morto, foi enterrado inicialmente no cemitério do Irajá, que era um cemitério administrado pela Igreja Católica. O cemitério chegou a ser interditado pelo Bispo do Rio de Janeiro, Dom Pedro Lacerda, sob o argumento de que no local havia sido enterrado um herege. Anos depois, teve o corpo transferido para o cemitério dos protestantes, na Consolação, e seu túmulo estaria localizado ao lado do túmulo de Simonton (O ESTANDARTE, 2003).

penetração, 13 eram formados em Princeton, ou seja, defendiam a perspectiva de que os Estados Unidos eram um país moderno, um exemplo a ser copiado.

As missões dos presbiterianos, no período da penetração, seguiram para o interior. No caso de São Paulo, procuraram acompanhar as fazendas de café, no entanto, nesse e nos demais Estados, a evangelização acontecia nos espaços urbano e rural. Seixas (2011) ressalta que as missões presbiterianas foram construídas através da evangelização, da realização dos cultos, da organização e da educação. A evangelização consistia na disseminação da doutrina cristã, com base na Bíblia, e sem um aporte direto a uma doutrina religiosa. Os cultos, celebrações que não aconteciam apenas nas igrejas, possuíam algumas etapas, como a confissão dos pecados, os cantos dos hinos e o sermão. A organização era assentada no trabalho dos presbíteros, escolhidos pelos fiéis, e a educação consistia na alfabetização dos membros da Igreja. A educação era, aliás, o ponto forte da doutrina presbiteriana, posto que sempre se buscou estimular que os membros da igreja estudassem.

Matos (2004) enfatiza ainda que, nos primeiros anos no Brasil, os evangelizadores presbiterianos procuravam reproduzir os métodos de pregação usados nos Estados Unidos. Nesse país, empregava-se a metodologia denominada avivamento, posto que os pastores presbiterianos brasileiros se apoiavam em técnicas não convencionais para transmissão do evangelho. Nos Estados Unidos, é comum os “camp meetings” (MATOS, 2004, p. 62), que seriam acampamentos nos quais as pessoas ficam em tendas por vários dias e, durante esse período, participam de palestras e outras atividades desenvolvidas pelos pastores e presbíteros. No Brasil, esse formato de acampamentos não foi seguido nos primeiros anos de instituição do presbiterianismo, porém, a metodologia de avivamento, de estímulo à participação do crente, nas atividades, foi mantida. Aqui, os presbiterianos utilizaram a palavra falada, através da pregação e do ensino, e a palavra impressa, nos livros e periódicos. Os sermões também eram impressos e difundidos entre os crentes.

Dessa maneira, os presbiterianos conseguiam chegar onde os católicos não se aventuravam a ir. Por isso, apesar de a católica ser a religião dominante, a vinculação ao presbiterianismo foi sendo ampliada. Além de uma maior aproximação

à população, os presbiterianos usavam igualmente métodos mais próximos à comunidade. Mesmo assim, a penetração não foi fácil e muitos foram vítimas de perseguição, por parte dos católicos. A convivência entre esses dois segmentos não foi muito pacífica e os confrontos eram comuns.

Outro recurso usado pelos presbiterianos para a evangelização foi a instituição das escolas. Mendonça (2008) compreende que a educação foi usada como uma maneira para que os evangélicos, sobretudo aqueles de origem americana, como os presbiterianos, pudessem pôr em ação sua estratégia missionária. “A educação, então, constitui-se num dos importantes níveis da estratégia missionária” (MENDONÇA, 2008, p. 143), afinal, desse modo, conseguiam tanto transmitir seus valores para aqueles que frequentavam a escola quanto veicular uma imagem da Igreja como um espaço culto e diferenciado.

Em verdade, o protestantismo evocava um modo de vida diferenciado, e a aceitação dessa religião requeria a mudança na filosofia de vida, da maneira de compreender a realidade. Isso implicava uma mudança de cultura, na qual a educação, o letramento, ocupava um lugar especial, de destaque. Na verdade, todo o culto protestante é construído e estruturado com base no domínio da linguagem e da comunicação pelo crente. O culto é assentado na informalidade e também no discurso. Não é um culto ritualístico, como uma missa. A informalidade faz menção ao improvisado que orienta as atividades religiosas, sobretudo o culto. Isso requer atenção, abstração mental dos crentes. O discurso, por sua vez, obriga o crente a adquirir certo domínio vocabular. Assim, como poderiam os presbiterianos ou qualquer grupo de evangélicos desenvolver uma cultura protestante, em um país de maioria analfabeta?

Os protestantes têm como postulado básico de sua fé que a leitura da Bíblia, por si só, não somente instrui os indivíduos na religião, mas é instrumento de conversão. O próprio culto protestante exige leitura, pois que o seu material litúrgico são a Bíblia e o livro de hinos. (MENDONÇA, 2008, p. 144).

Apesar de variações na forma de conduzir os cultos, entre os presbiterianos e as demais denominações, o ponto de convergência entre ambos é a leitura da Bíblia e a utilização dos livros de hinos. Se a população é analfabeta, não irá se apropriar desses meios de conversão e, portanto, é necessária a alfabetização através das escolas. Há que se observar ainda que não tínhamos, no Brasil, uma instrução

pública eficiente. As poucas ações de escolarização do Estado ofereciam um ensino precário e de péssima qualidade. Por outro lado, tínhamos a educação católica que alcançava as elites. A educação não chegava a todos os grupos e, por isso, a educação evangélica conseguiu se desenvolver sem maiores impedimentos.

Além de um dispositivo missionário e de ser um modo de garantir a adesão do crente ao formato de culto evangélico, a educação protestante também pode ser entendida como uma forma de *marketing*, um meio para transmissão de uma imagem da Igreja para a sociedade. Nesse sentido, Mendonça (2008) assevera que tivemos os grandes colégios, como a Escola Americana, da qual ainda trataremos, que se destinava a atender os filhos da elite. Esse tipo de escola se dirigia aos altos escalões da sociedade brasileira. E, teremos ainda as escolas paroquiais, destinadas aos mais pobres.

As primeiras escolas eram conhecidas como escolas paroquiais e sempre eram organizadas ao lado das Igrejas, mesmo nas casas dos pastores, que, em grande parte das vezes, eram também os professores. Posteriormente, algumas denominações religiosas, como os presbiterianos, começaram a trazer dos Estados Unidos educadores para atuar nesse aspecto da missão, sendo esse um público massivamente feminino. Essas escolas também eram voltadas ao público mais pobre, mas, no contexto do seu surgimento, recebiam grupos variados e não só os pobres. As escolas paroquiais chegavam onde as escolas públicas e católicas não conseguiam chegar. E passavam a doutrinar as crianças desde novas, assim como os adolescentes, tornando-se instrumentos basais para a consolidação do protestantismo no país. “As escolas paroquiais foram instrumentos necessários para a implantação e permanência do protestantismo em qualquer lugar.” (MENDONÇA, 2008, p. 149). Simonton foi um árduo defensor dessa modalidade “educacional”, pois, como já salientamos acima, entendia que os crentes não poderiam ser influenciados por outras crianças e também porque achava que, nas escolas confessionais, haveria menos discriminação. Além disso, o pastor Simonton acreditava ser fundamental o desenvolvimento de uma mentalidade protestante presente mesmo nos espaços de alfabetização e educação. Nessas escolas, seriam igualmente necessárias práticas voltadas à conversão dos não crentes.

Mas as escolas paroquiais não ofereciam somente o ensino religioso. A Bíblia

era lida, e também eram cantados hinos, durante a realização das aulas, nas quais ainda eram ensinados os Dez Mandamentos. Além do ensino religioso, havia o ensino de “[...] caligrafia, literatura, gramática portuguesa, aritmética e música.” (O ESTANDARTE, 2003, p. 26). Era igualmente conhecida a intenção de ensinar futuramente as disciplinas de “[...] geografia, inglês e história.” (O ESTANDARTE, 2003, p. 26).

Nas escolas, não havia distinção de sexo, e meninas também podiam estudar, algo que não era comum à época. Acreditava-se que era necessário que a mulher estudasse, ao menos o mínimo, para que as Mulheres, futuramente, conseguissem ensinar os filhos na fé evangélica. Os primeiros presbiterianos “[...]estimulavam os pais a educarem as meninas tendo em vista que elas também deviam ter acesso às escrituras para no futuro ensinarem seus próprios filhos.” (O ESTANDARTE, 2003, p. 27). Ou seja, uma educação feminina já preparando a Mulher para a maternidade, para o cuidado dos filhos e para a transmissão da fé presbiteriana. Essas escolas só entraram em declínio, quando começaram a surgir as primeiras escolas de instrução pública, todavia, durante muitos anos, funcionaram atendendo às crianças filhas das famílias presbiterianas. Eduardo Carlos, um dos missionários de maior destaque da fé presbiteriana, defendia a constituição de escolas para os filhos dos crentes, a fim de que não recebessem a influência de outras crianças de fé diferente da presbiteriana.

Entretanto, o que possivelmente tornou essas escolas tão atrativas foi a abordagem desenvolvida, sobretudo nas escolas presbiterianas. Nelas, os alunos eram chamados à ação. Mendonça (2008) descreve que, nas escolas paroquiais e nas escolas maiores e fundadas posteriormente, eram dadas aos alunos tarefas práticas, das quais também participavam os professores. Essa metodologia atraiu alunos para a escola e para o protestantismo, pois fugia totalmente do formato hegemônico e tradicional de escolas, desenvolvido pelo país e de matriz católica.

Em verdade o surgimento, assim como a consolidação da Igreja Presbiteriana, no Brasil, é peculiarizada por uma série de eventos e situações, os quais são apresentados por Rosi (2009), como característicos de duas fases, as quais denomina: penetração e expansão. A fase da penetração é compreendida como a chegada dos pioneiros ao país, e foi retratada acima, ao passo que a fase da

expansão é aquela em que temos a ampliação das igrejas, do estudo e mesmo da constituição do Sínodo Brasileiro. Matos (2009), por outro lado, define a fase da penetração como os 50 anos iniciais da infiltração da fé presbiteriana, no Brasil, ressaltando que tivemos, nesse momento, o aporte as doutrinas e pastores de raiz americana. Para esse autor, no entanto, as missões integram o período de penetração, mas foram mantidas pelos presbiterianos por muitos anos.

A segunda fase, denominada expansão, aconteceu no período de 1869<sup>22</sup> a 1888, e, nesse período, temos a chegada de outros missionários, como George Nash Morton, George Chamberlain e sua esposa, Mary Annesley Chamberlain, e Edward Lane. Esses missionários vieram inicialmente para Campinas, que acabou se constituindo como um dos grandes locais de expansão da Igreja Presbiteriana. Aliás, em 1870, foi fundada a Igreja Presbiteriana de Campinas, a qual resultou, em 1873, na instituição do Colégio Internacional destinado a oferecer ensino e doutrina para as crianças matriculadas. A escola foi uma das mais procuradas pelos filhos da elite da época, mas acabou tendo a sede mudada para Lavras, em virtude de um surto de febre amarela que ocorreu na região de Campinas. O Colégio Internacional mudou o nome, tempos depois, vindo a ser denominado Instituto Gammon (GUTIERRES, 2010).

Outro colégio relevante, também criado em Campinas, no ano de 1870, foi a Escola Americana, embrião do Mackenzie College e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A Escola Americana foi iniciativa do missionário presbiteriano George Chamberlain e sua esposa, Mary Annesley Chamberlain, ambos missionários presbiterianos que viveram no Brasil. A escola começou na sala da casa do casal e destinava-se ao ensino dos filhos das famílias presbiterianas, as quais não se encaixavam nos demais colégios, em virtude da fé presbiteriana. No colégio, havia ensinamento da moral presbiteriana, e o principal livro de referência era a Bíblia. A escola passou aos cuidados de Horace M. Lane, educador norte-americano, posteriormente, que teria sido o principal responsável por transmutar a pequena ação sacerdotal de Chamberlain em uma das universidades privadas de grande

---

<sup>22</sup> A vinda de Morton, Chamberlain e Lane para o Brasil decorreu da decisão da Igreja Presbiteriana do Sul, que, em seu Sínodo de 1868, encaminhou os missionários para atender os imigrantes confederados. Inicialmente, a Igreja Presbiteriana do Sul se destinava às regiões de Santa Bárbara e Campinas, e, anos depois, encaminhou também missionários para a região do Recife (MENDONÇA, 2008).

destaque nacional.

As escolas paroquiais, a Escola Americana e o Colégio Internacional fazem parte de uma estratégia engendrada pelas igrejas protestantes, sobretudo as de origem americana, como a presbiteriana, para a difusão do ideal liberal, reinante nos Estados Unidos – liberalismo que rima com individualismo e pragmatismo. O liberalismo atribui ao indivíduo a responsabilidade sobre a sua vida, o ser humano é livre para fazer as suas escolhas e, por isso, cada um, cada ser humano é responsável apenas por si mesmo (individualismo). É também a liberdade individual que permitirá ao homem encontrar na Bíblia referências para sua forma de agir e viver:

A responsabilidade pessoal diante de Deus, implícita na ideia de salvação individual requer liberdade individual na busca e aceitação de princípios religiosos e no caso protestante especialmente no livre exame e interpretação privada da Bíblia. Individualismo e liberalismo andam extremamente unidos (MENDONÇA, 2008, p. 159).

Quando o homem é preparado para ser livre, para fazer suas escolhas, começando com as escolhas que faz com base na religião, estará sendo preparado, segundo o ideário evangélico e presbiteriano, para o pleno exercício de seus direitos, direitos políticos de democracia e soberania, tal como difundido nos Estados Unidos. O analfabetismo das classes populares e a suposta falta de preparo das elites são apontados como fatores que iriam comprometer de maneira negativa o desenvolvimento da sociedade brasileira. Portanto, além de dificultar o acesso ao culto, o analfabetismo e o atraso da sociedade brasileira poderiam resultar no consequente atraso do desenvolvimento do país:

Os presbiterianos, portadores das tradições genebrinas de governo eclesiástico que reproduzem, em todos os seus escalões a prática de Calvino em Genebra, procuravam mostrar que tal prática só era possível num povo educado. Sentiam como missão do protestantismo preparar o Brasil para esse evento renovador. (MENDONÇA, 2008, p. 163).

Nessa perspectiva, as escolas paroquiais, escolas de maior porte e as escolas dominicais buscavam estimular o surgimento de um novo perfil de cidadão e um novo tipo de religioso.

No ano de 1888, foi criado o Sínodo do Brasil. Conforme já se destacou, o

Sínodo é uma reunião convocada por uma autoridade eclesiástica, que tem a finalidade de promover a discussão das questões de uma dada religião. O Sínodo significa ainda a união de várias igrejas, de uma mesma denominação, para a organização e disposição de normas e demais aspectos que se mostrem necessários. Figura que, em 1885, a Igreja Presbiteriana do Brasil havia requerido às Juntas Missionárias de Nova York e Nashville a constituição do Sínodo, no Brasil. Essa solicitação foi formalizada por meio do Plano de União das Igrejas Presbiteriana do Brasil. Constituía solicitações do referido plano:

1. O Presbitério do Rio de Janeiro separar-se-á da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América;
2. Os ministros no Brasil que pertencem à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, juntamente com as igrejas sob seus cuidados, separar-se-ão dos respectivos presbitérios;
3. Isto feito, todos os ministros juntamente com os presbíteros indicados por suas igrejas reunir-se-ão em Sínodo, que será chamado Sínodo da Igreja Presbiteriana (ou Igreja de Cristo) do Brasil, ao qual ficarão jurisdicionados os presbitérios agora existentes e os demais que vierem a se constituir;
4. Os símbolos de fé da Igreja a ser constituída será a Confissão de Westminster e seus Catecismos, publicados na *Imprensa Evangélica* de 1881;
5. Depois de organizado, o Sínodo fará a distribuição dos ministros pelas igrejas e estabelecerá os limites dos presbitérios. O atual Presbitério do Rio de Janeiro ajustar-se-á aos novos dispositivos do Sínodo, mas este não terá autoridade para revisar ou modificar atos adotados antes de sua organização.
6. O Sínodo terá o direito de, no futuro, se achar conveniente ou necessário, dividir-se em mais de um Sínodo e organizar-se em Assembléia Geral como previsto no Livro de Ordem. (O ESTANDARTE<sup>23</sup>, 2003, p. 32).

Basicamente era requerida a independência da Igreja do Brasil, com respeito à Igreja dos Estados Unidos, reafirmando-se sua vinculação à Confissão de Westminster e seus catecismos. Ademais, define-se ainda que a Igreja do Brasil fará a disposição dos ministros nas respectivas igrejas, assim como adotará todas as medidas que julgar convenientes. Porém, a autonomia financeira não foi requisitada nesse contexto, de sorte que a Igreja Presbiteriana do Brasil ainda dependia da Igreja dos Estados Unidos, no que diz respeito à questão financeira. A Igreja dos Estados Unidos concordou com a autonomia relativa da Igreja do Brasil, todavia, essa medida não agradou a todos. Muitos presbiterianos, como o Reverendo

---

<sup>23</sup> Como indicamos no texto introdutório a recorrência a fonte *O Estandarte* foi necessária porque não temos nenhuma bibliografia histórica que nos permitisse conhecer o desenvolvimento histórico da Igreja Presbiteriana Independente no Brasil, porém, temos ciência que essa fonte apresenta a perspectiva da Igreja. Nesse sentido, usamos apenas trechos que nos viabilizaram o entendimento de determinados eventos pelos quais passou a Igreja Presbiteriana Independente.

Eduardo Carlos Pereira, vinculado ao presbitério de São Paulo, não concordavam com essa dependência financeira da Igreja Presbiteriana do Brasil em relação à Igreja dos Estados Unidos.

Na verdade, a criação do Sínodo do Brasil significou possibilidade de a Igreja Presbiteriana do Brasil organizar as igrejas brasileiras. Partindo disso, a Igreja Presbiteriana do Brasil criou dois presbitérios – um deles inicialmente em São Paulo e, depois, passou a ser dividido entre Campinas e o Oeste de Minas Gerais. Outro presbitério relevante da época foi organizado em Pernambuco, mantendo-se o presbitério do Rio de Janeiro, o mais antigo deles. Visando, assim, a organizar a Igreja Brasileira, em 1888, foi organizado o primeiro Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, sendo que essa reunião durou uma semana e aconteceu no Rio de Janeiro, contando com representantes de todos os presbitérios, num total de 26 ministros e 06 presbíteros. De maneira resumida e sistematizando as principais ações desse Sínodo, podemos indicar como medidas adotadas e propostas:

- 1) reorganizou os presbitérios que, de três, passaram a ser quatro com o desdobramento do Presbitério de Campinas e Oeste de Minas em Presbitério de São Paulo e Presbitério de Minas;
- 2) nomeou uma comissão para fazer a revisão da Bíblia em português;
- 3) criação de um seminário teológico tão logo fosse possível, com sede no Rio de Janeiro e tendo como professores os Drs. Blackford e Smith;
- 4) adoção de um plano de evangelização doméstico, isto é, para o Brasil;
- 5) encarecer junto as igrejas-mães a necessidade de mais recursos humanos;
- 6) adoção de um plano provisório para obreiros auxiliares;
- 7) aumentar as instituições educacionais, especialmente o estabelecimento de uma faculdade para preparar jovens para a vida profissional. (O ESTANDARTE, 2003, p. 32).

No entanto, além da reorganização dos presbitérios, as demais propostas não foram concretizadas. As revisões da Bíblia, a criação de um Seminário (já que o Seminário Simonton fora fechado, em 1870) e demais as 'medidas propostas não foram implementadas. Além disso, a dependência financeira da Igreja Presbiteriana do Brasil em relação à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos foi mantida. Essas questões, ao lado do posicionamento de alguns missionários que criticavam o fato de haver missionários e presbíteros que pertenciam à maçonaria, começaram a criar divergências no interior da Igreja Brasileira. Mesmo com as divergências, ao final de 1888, teremos, no Brasil, mais de 60 igrejas constituídas, 20 missionários, 12 pastores ordenados no Brasil e mais de 3 mil membros vinculados à Igreja

Presbiteriana (ROSI, 2009).

Eduardo Carlos Pereira<sup>24</sup> foi um dos missionários que mais reivindicou mudanças, na organização presbiteriana. Era pertencente a uma família rica; o pai era farmacêutico e a mãe era dona de casa, porém, foi com sua mãe que aprendeu as primeiras letras, além de aprender também latim e francês. Sua vinculação à Igreja Presbiteriana, aos 19 anos, o fez desistir de sua meta de cursar Direito, tornando-se pastor. Além de pastor, Eduardo também era professor da Escola Americana e escreveu várias obras de gramática. Eduardo foi formado no sistema de tutoria sob supervisão de Chamberlain. Apesar de considerado, nos meios presbiterianos, como um ícone, o próprio Eduardo criticou rigidamente esse formato de formação, reivindicando a constituição de um Seminário, para oferecer uma formação de qualidade aos novos pastores.

As críticas de Eduardo Carlos e de seus colaboradores foram sistematizadas na *Revista das Missões Nacionais*, a qual reivindicava a nacionalização da Igreja Presbiteriana, requerendo, além da soberania administrativa e eclesiástica, também a soberania financeira. Na revista, era proposto ainda um amplo plano de evangelização do país que estivesse assentado na utilização da “[...] imprensa, livros e folhetos” (O ESTANDARTE, 2003, p. 38) e da ampliação dos obreiros, em todo o país. A revista foi usada por Eduardo, objetivando promover entre os presbiterianos a defesa da nacionalização da Igreja.

Decorrente desse processo, no ano de 1886, foi elaborado o Plano das Missões Nacionais, o qual pressupunha a criação de um fundo nacional com a contribuição das Missões e das Igrejas Nacionais. Com esse fundo deveriam ser custeados os salários dos pastores e demais despesas da Igreja. Segundo esse entendimento, as Igrejas com maior arrecadação deveriam sustentar as Igrejas com menor arrecadação. Além disso, o Plano conferia maior destaque para o trabalho dos leigos, que deveriam ser estimulados em atuar em prol da Igreja. Eduardo também criticava o fato de não haver no país um Seminário, algo que já fora solicitado à sede, nos Estados Unidos, e fora negado. Contudo, essa forma de

---

<sup>24</sup> Eduardo Carlos Pereira nasceu em Minas Gerais mas se mudou de lá para inicialmente para Araraquara desejando estudar. Eduardo foi importante interlocutor da Igreja Presbiteriana Independente, no Brasil. Quando morou em Campinas conheceu o pastor George Morton, que o encaminhou para Chamberlain, o qual acabou incentivando Eduardo a iniciar seus estudos para se tornar pastor. Eduardo morreu em 1923 (GUTIERRES, 2010).

entendimento da organização da Igreja, quanto a essa proposta, não era hegemônica, ou seja, nem todos os presbiterianos concordavam com a proposta contida no Plano.

Os dissabores e desentendimentos desembocaram no Sínodo de 1903. O Sínodo de 31 de julho de 1903 é basal para nosso estudo, pois foi nessa congregação que o pastor brasileiro Eduardo Carlos Pereira, além de outros pastores e presbíteros, se desentenderam com a organização presbiteriana e fundaram a Igreja Presbiteriana Independente. O principal motivador para esse rompimento seria o fato de Eduardo Carlos Pereira e seus colaboradores assumirem, de maneira ainda mais decisiva, um posicionamento contrário ao discurso de aceitação à maçonaria, o qual era difundido dentro da Igreja Presbiteriana. Os membros vinculados a Eduardo requisitavam que fosse declarada a incompatibilidade entre a atuação na Igreja e a vinculação à maçonaria (O ESTANDARTE, 2003).

Ademais, os Presbiterianos Independentes buscavam, de fato, maior autonomia em relação às práticas adotadas pela Igreja nos Estados Unidos. Eduardo Carlos Pereira propunha ainda que a Igreja Brasileira fosse autônoma, no sentido financeiro, e dependesse cada vez menos do aporte aos recursos da Igreja dos Estados Unidos. Nesse sentido, Eduardo fez várias críticas à circunstância de a Igreja dos Estados Unidos não auxiliar a Igreja do Brasil, na constituição do Seminário. Aliás, Eduardo destacava que, se a sede não colaborava na construção de um Seminário, caberia à Igreja do Brasil fazê-lo (CAMPOS, 2003). Lima (2008) destaca que Eduardo também desejava uma igreja independente também no quesito financeiro.

A questão do Seminário vinha ocupando Eduardo, desde meados de 1888. No Brasil, havia a influência dos grupos americanos de evangelização, sendo que a Junta Missionária de Nashville tinha em Smith seu principal expoente, ao passo que a Junta Missionária de Nova York era representada por Blackford. Essas juntas discutiram por anos acerca do melhor local para ser constituído o seminário, sem chegar a um consenso. E somente ao final de 1894, após muita disputa, o grupo de Nashville saiu vencedor e se definiu que o Seminário seria instituído em São Paulo. Mesmo assim, era essencial que a Igreja dos Estados Unidos auxiliasse a Igreja

Brasileira, na construção do Seminário.

Pereira (2011)<sup>25</sup> chega a retratar que a Igreja Presbiteriana do Brasil encaminhou à Igreja dos Estados Unidos, em 03 de julho de 1897, a solicitação para a propriedade em que seria construído o Seminário. Respondeu em nome da Igreja dos Estados Unidos, Dr. Horace Lane, no mesmo ano de 1897, negando a cessão da propriedade para a construção do Seminário e ainda tecendo várias críticas à solicitação da Igreja Brasileira. Em um dos trechos dessa argumentação, lemos:

Se realmente eles querem uma igreja nacional e desejam educar um ministério sobre bases estritamente patrióticas, devem ter o privilégio de isso fazer à sua própria causa [...] querem escolas exclusivamente presbiterianas cuidadosamente protegidas contra a influência de estranhos pervertidos, afundem suas mãos nas próprias algibeiras para terem com que sustentarem. (PEREIRA, 2011, p. 26).

A resposta, bastante agressiva, inflamou ainda mais os ânimos de alguns presbiterianos brasileiros, os quais também requeriam uma educação diferenciada para os filhos dos crentes, além da formação do pastor por meio do Seminário. Eduardo, o mais eloquente do grupo, e pelo acesso que possuía no periódico *O Estandarte*, deu início a uma campanha para a arrecadação de fundos para o Seminário, o qual, finalmente, foi inaugurado por Eduardo Carlos Pereira e Remigio Cerqueira Leite, em 1898.

Outro elemento que teria ampliado a dissidência entre aqueles que se tornariam a Igreja Presbiteriana Independente e os Presbiterianos do Brasil seria a questão educacional. Eduardo Carlos Pereira, alinhado com o pensamento de Simonton, compreendia que a educação dos filhos dos protestantes não poderia acontecer juntamente com a dos demais membros da sociedade. Assim, a requisição do ensino separado para os filhos dos crentes também se tornou bandeira de luta. Acreditava-se que poderia ser usada a estrutura dos Colégios já existentes, a fim de ampliar o atendimento das escolas presbiterianas e melhor qualificar a formação teológica dos fiéis, algo detalhado em um Plano de Ação elaborado por Eduardo Carlos Pereira.

Em uma solicitação encaminhada à Diretoria da Igreja Presbiteriana, Eduardo

---

<sup>25</sup> No ano de 1927, o Reverendo Eduardo Carlos Pereira escreveu um opúsculo intitulado *Origens da Independência*, reeditado em 1965 e no ano de 2011. A versão que usamos é do ano de 2011.

Carlos Pereira se manifesta da seguinte forma:

A educação cristã dos filhos da Igreja Presbiteriana no Brasil é um dos primeiros deveres deste concílio e é uma das grandes necessidades atuais de nossa igreja. [...] Não é prudente, como declarou a Assembleia Geral de uma de nossas igrejas-mães, reunida em Richmond, Estados Unidos do Norte, em 1899, não é prudente para a Igreja Presbiteriana entregar a educação de seus filhos a outras corporações. (PEREIRA, 2013, p. 32).

Porém, a proposta também fora negada. Silva (2008) ainda aponta que Eduardo desejava rever, com objetivo de educação na fé cristã, a administração do colégio Makenzie, algo que os demais pastores da Igreja Presbiteriana refutaram.

No Sínodo de 1903, Eduardo e os demais pastores, que concordavam com suas propostas, elaboraram um documento denominado “Plataforma”, para ser analisado, o qual pressupunha ações práticas para implementar o Plano das Missões Nacionais, podendo ser assim descritas:

1. Independência absoluta, ou soberania espiritual da Igreja Presbiteriana no Brasil.
2. Desligamento dos missionários dos presbitérios nacionais.
3. Declaração oficial da incompatibilidade da maçonaria com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.
4. Conversão das Missões Nacionais em Missões Presbiteriais, ou autonomia dos presbitérios na evangelização de seus territórios.
5. Educação sistemática dos filhos da Igreja pela Igreja e para a Igreja. (O ESTANDARTE, 2003, p. 60).

Para tanto, no mesmo Sínodo, como o documento “Plataforma” não fora aprovado, Eduardo e demais pastores elaboraram uma moção, na qual constava:

Nós, abaixo assinados, ministros e presbíteros anti-maçons, convencidos da incompatibilidade entre a Maçonaria e a Igreja, vimos pedir respeitosamente aos ministros e presbíteros maçons que abandonem a Maçonaria por amor a paz e da Igreja escandalizada e que o Sínodo reconheça o nosso direito de externar nosso pensamento sobre o assunto. (O ESTANDARTE, 2003, p. 62).

Ou seja, afirmavam-se novamente os posicionamentos, sobretudo no que concerne à questão da maçonaria. No entanto, nesse contexto, não era solicitado apenas que fosse declarada incompatibilidade entre maçonaria e as funções da Igreja, mas que ministros e presbíteros maçons deixassem a maçonaria. Tal moção foi igualmente indeferida pela Igreja. Diante disso, Eduardo Campos, 07 ministros e 15 presbíteros se desvincularam da Igreja Presbiteriana. Dirigiram-se para a Igreja

Presbiteriana de São Paulo, na Rua 24 de maio, onde Eduardo era pastor e, partindo de discussões ali realizadas, definiram pela fundação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Foi formado o novo concílio, que passou a ser presidido pelo Rev. Caetano Nogueira Jr.

Nos documentos da Igreja Presbiteriana Independente, como, por exemplo, no caderno *O Estandarte* (2003), esse período de separação entre as Igrejas é narrado como algo simples, sem muitas questões polêmicas. O relato de Eduardo Carlos Pereira, contudo, é bem diferente. O autor cita que, após a separação, recebeu muitos ataques, descrevendo que fora “apedrejado” (PEREIRA, 2013, p. 55). Pelo termo, o autor e pastor buscava designar as publicações que seriam de autoria do Reverendo Schneider, no periódico *O Puritano*, as quais agrediriam os Independentes. Aliás, o autor cita até uma publicação, elo Sínodo, de uma única edição, em que Schneider teria realizado uma série de ataques pessoais aos presbiterianos independentes.

Lima (2008) identifica que Eduardo foi o primeiro intelectual do presbiterianismo no Brasil. No entanto, o autor interpreta as posições difundidas pelo pastor como expressões do pensamento conservador de Eduardo Campos. Para ele, Eduardo foi um ícone na cisma, e, conseguiu atrair outros pastores, além de fiéis para a nova denominação criada. Seu pensamento conservador, totalmente controlador, foi amplamente difundido por meio dos vários impressos publicados e conforme citamos acima. Eduardo recuperou nos impressos a memória do que aconteceu no Sínodo e assim conferiu aos leitores a imagem do sofrimento vivenciado por não ter tido aceitação de suas propostas.

A cisma passou a ser uma nova bandeira na igreja recém criada e durante o período do pastoreio de Eduardo os motivadores pela separação sempre eram lembrados, sobretudo em situações de aniversário e comemorações que havia. Essa lembrança, busca garantir a adesão do crente junto a Igreja Presbiteriana Independente. Dessa forma, mesmo que o cisma representa uma disputa entre as religiões as quais buscam a dominação de um campo, o campo religioso conforme indica Bourdieu (1987). Essa disputa pelo crente também expressa as relações de poder, de luta que são travadas entre as denominações buscando a hegemonia.

Mesmo em meio a tantas brigas, ao final de 1907, a Igreja contava com 56

unidades e muitas congregações. Foram instituídos os presbitérios Oeste, Sul e Norte e, no ano de 1908, aconteceu em São Paulo o primeiro Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. No ano de 1914, foi instituído, em São Paulo, o primeiro Seminário da Igreja Presbiteriana Independente. Desde essa época, a Igreja foi passando por muitas mudanças, várias alterações, entretanto, manteve sua vinculação ao Calvinismo e, sobretudo, as confissões de fé e catecismo que sempre a embalaram.

Não identificamos, no entanto, muitos dados históricos que nos permitam compreender de forma plenamente satisfatória como foi o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Independente, no Brasil. Somente podemos assegurar que foram sendo instituídas novas formas de organização e gestão da Igreja, culminando na atual formação dessa Igreja. No entanto, sabemos que no começo a Igreja Presbiteriana Independente cresceu muito, mas esse crescimento passou a declinar uma vez que o rompimento com a sede dos Estados Unidos dificultou a ampliação de templos pela diminuição de recursos. Em 1966 havia 40.692 pessoas vinculadas à Igreja e 387 templos. Porém, nos anos 60 a taxa de crescimento da Igreja Presbiteriana Independente estava em 0,5%, sendo que cerca de 10 anos antes estava em 8,0% conforme Mendonça;Prócoro (1990).

Em 1987 os presbiterianos independentes possuíam 811 igrejas as quais estavam localizadas majoritariamente em São Paulo e no Paraná, com planos de expansão por todo o país. Porém, o número de crentes não é tão elevado quando a Igreja desejaria. Supostamente o discurso extremamente conservador acabou afastando os fiéis. Por conta disso, em 1987 o Concílio Nacional da Igreja Presbiteriana Independente decidiu pela modernização e pela ampliação do discurso com outras igrejas. Além disso, no Concílio definiu-se por aceitar a divergência de pensamento dentro da Igreja e foi ainda acordado que a Igreja Presbiteriana Independente voltaria a se relacionar a Igreja dos Estados Unidos. Nos anos 90 a Igreja Presbiteriana Independente passou a coordenar os esforços de várias denominações religiosas para constituir uma comunidade mundial de cristãos que falem português. Nesse momento a Igreja passou a ser filiada ao Conselho Latino-Americano de Igrejas e a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas.

Mendonça;Prócoro (1990) indicam os anos 90 como o momento em que a

Igreja Presbiteriana Independente abandonou o discurso anti maçonaria e parou também de empreender a defesa exacerbada do nacionalismo.

Várias outras denominações foram sendo criadas, a partir da matriz presbiteriana, como, por exemplo: Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), Igreja Cristã Presbiteriana (1968), Igreja Presbiteriana Independente Renovada (1972), Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975) e Igreja Presbiteriana Unida (1983) (GUTIERRES, 2010). Campos (2003) afirma que as Igrejas Presbiteriana Conservadora e Presbiteriana Renovada do Brasil surgiram de dissidências dos membros da Igreja Presbiteriana Independente. De acordo com o autor, diferenças com relação à forma de gestão da Igreja Presbiteriana Independente motivaram alguns membros a fundar novas igrejas. Essas divergências são chamadas, no espaço da igreja, como “cismas”, porém, defende-se que as matrizes das Igrejas são comuns.

Com efeito, a diversidade de igrejas com tantas semelhanças, mas com denominações distintas, dificulta, em muito, a recomposição da história da Igreja Presbiteriana Independente. Assim, temos um rol amplo de informações sobre o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana, porém, os dados da Igreja Presbiteriana Independente ainda são poucos, escassos e dispersos. A maioria dos dados apenas apresenta o contexto de surgimento da Igreja Presbiteriana Independente, no Brasil. Da mesma maneira, o entendimento do formato de organização da Igreja Presbiteriana Independente só foi possível por meio do estudo das informações de livros e produções da própria Igreja.<sup>26</sup> Os dados sobre a organização da Igreja, na atualidade, foram obtidos através do acesso ao *site* funcional da Presbiteriana Independente.

No que concerne à organização, a Igreja Presbiteriana pressupõe que a sua administração provenha da partilha das decisões entre pastor e presbíteros, ou presbíteros e diáconos<sup>27</sup>. Os cargos de presbítero e diáconos são escolhidos, por

---

<sup>26</sup> No site da Igreja Presbiteriana Independente (<http://www.ipib.org>) há o documento: Estrutura Organizacional e Administrativa da IPI do Brasil Aprovada pela Assembléia Geral da IPI do Brasil em 12/8/2005, em que teríamos uma delimitação do que seria a estrutura da Igreja, aliás, com as funções de cada órgão. No entanto, no ano de 2016 a Igreja passou por uma reorganização e depois dessa reorganização não temos nenhum documento. Por isso recorreremos ao site para a sistematização.

<sup>27</sup> No site da Igreja Presbiteriana Independente (<http://www.ipib.org.br>) tivemos acesso aos documentos: Código Eleitoral da Igreja Presbiteriana Independente e Constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Tais documentos nos fornecem as pistas sobre a questão das escolhas dos representantes de tal denominação.

votação, todavia, requerem estudo e um comportamento moralmente aceito. O pastor, também chamado presbítero docente requer a sanção da Assembléia Geral, além da formação pelo interessado no seminário da Igreja. Os cargos não são vitalícios, mas demandam constante comportamento que faça prova do cargo atribuído. Assim, aquele que é eleito presbítero e diácono pode perder o cargo caso não apresente comportamento compatível (GUTIERRES, 2010). As decisões são tomadas por representação, quando os pastores e presbíteros, em tese, consultam a Igreja e adotam escolhas com base na indicação do grupo como um todo.

Cabe assim destacar que segundo a Constituição da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, os presbíteros e diáconos são eleitos, por voto direto, dos membros da Igreja. O membro é compreendido como aquele que é batizado e que é frequente, ou seja, pessoas que não são batizados e não mantêm frequência às atividades não podem votar. Cada membro vota uma única vez, na Igreja em que está vinculado. Podem ser candidatos ao presbitério e ao diaconato também aqueles membros que apresentam um comportamento aceito pela Igreja como correto. Na Constituição não se indica qual é o período do mandato dos membros, e, também não há documentos da Igreja que indiquem tal questão, porém, por meio de contato telefônico com a Igreja em São Paulo fomos informados que as eleições para presbíteros e diáconos acontecem trienalmente. Os interessados devem apresentar a candidatura, e entregar documentos junto à Igreja em que concorrem. A eleição é previamente agendada, e, sai vencedor àquele que alcançar a maioria dos votos.

Além desse processo eleitoral, de acordo com o Código Eleitoral da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, são eleitos os representantes da Assembléia Geral, composta por um presidente, dois vices e dois secretários. É o cargo de maior destaque na Igreja uma vez que seria o representante geral da denominação no país. Os interessados precisam compor uma chapa, e, tem direito até mesmo de realizar campanha. A campanha é realizada no período de junho, agosto e outubro por meio do jornal *O Estandarte* e a eleição é em dezembro. As chapas precisam apresentar prestação de contas da movimentação financeira, e a gestão de uma Assembleia Geral perdura por cinco anos. Nesse caso todos os fiéis, de todas as Igrejas votam. Também nesse caso o vencedor é aquele que possui maioria simples de votos.

Antes de darmos andamento na exposição da forma como a Igreja

Presbiteriana Independente se organiza é preciso destacar dados com relação ao número de membros. Como indicamos na introdução da dissertação, não há dados oficiais do IBGE especificamente voltado a Igreja Presbiteriana Independente, uma vez que tais levantamentos não fazem essa diferenciação. O último recenseamento é de 2010 e apresenta grupos genéricos descritos como neopentecostais mais não há diferenciação entre as várias denominações que integram esses grupos. De acordo com dados estatísticos da Igreja Presbiteriana Independente<sup>28</sup> em seu Resumo Estatístico no ano de 2015 havia no Brasil 79.030 membros professos ou seja, seriam àqueles que são frequentes e aderiram ao batismo. E haveria ainda, de acordo com o mesmo dado estatístico, um montante de 16.035 de participantes não professos ou seja, pessoas que são frequentes mas não se batizaram, totalizando assim 95.065 pessoas vinculadas a essa denominação.

É necessário ainda destacar qual é a inserção política da denominação, uma vez que atualmente temos visto que há grande penetração das igrejas neopentecostais no âmbito político. Assim, de acordo com dados obtidos no site da Câmara dos Deputados<sup>29</sup> existe a chamada Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, totalizando 199 deputados e 04 senadores. Dos 199 deputados 09 são vinculados a Igreja Presbiteriana, conforme pesquisa que realizamos nome a nome na internet. No entanto, apenas o Deputado Edmar Arruda é identificado como vinculado a Igreja Presbiteriana Independente, os demais vinculam-se a outras ramificações do presbiterianismo.

No caso da Igreja Presbiteriana Independente, há vários termos usados para designar aqueles que desempenham um trabalho. As denominações usadas são Ministro, Pastor ou Presbítero Docente, termo pelo qual são designados os pastores, também chamados Reverendos. Os ministros são os maiores responsáveis pela Igreja e pelo ensino e a transmissão da fé. Os ministros recebem remuneração e têm acesso a seguro de vida e seguro-saúde. Os presbíteros e os diáconos, por outro lado, auxiliam o pastor, mas não têm remuneração. Os presbíteros seriam os maiores responsáveis pelas atividades desenvolvidas no cotidiano da Igreja. Os

---

<sup>28</sup> Resumo Estatístico, Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B183DZdAn5nadWxVanlkanNUSkk/view> Acesso em 15 de marc. de 2018.

<sup>29</sup> Site: <http://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658> . Acesso em 15 de marc. de 2018.

diáconos também auxiliam os ministros, porém sua ação é mais orientada para a área social ou para o trabalho missionário desenvolvido através das ações sociais na comunidade. Todos os cargos são via eleição.<sup>30</sup>

Para tanto, há toda uma estrutura, uma organização burocrática da Igreja, que é composta por uma série de secretarias, ministérios e autarquias. Não identificamos material de estudiosos que focalizassem essa organização e, por isso, o único meio de aproximação foi o acesso ao *site* funcional da Igreja Presbiteriana Independente. Também há, obviamente, as Igrejas organizadas em Sínodos e Presbitérios distribuídos em todo o país.

A Igreja Presbiteriana Independente possui um núcleo central, que organiza e disciplina tudo que é idealizado na Igreja. Esse órgão é denominado Diretoria da Assembleia Geral, cuja finalidade é cumprir as decisões tomadas na Assembleia Geral, as quais representariam todas as escolhas da Igreja como um todo. A Diretoria Assembleia Geral é composta por um presidente, dois vice-presidentes, primeiro e segundo secretário, escolhidos por votação entre os pastores e presbíteros. O pastor seria o maior responsável pela Igreja, enquanto os presbíteros seriam aqueles que o auxiliam na evangelização. Todos esses cargos são eleitos nas Igrejas locais e, juntos, estes escolhem os que irão compor a Secretaria Geral. Na Diretoria da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana Independente, temos, no começo do mês de dezembro de 2017, três pastores (reverendos) e dois presbíteros: Reverendo Aureo Rodrigues de Oliveira, presidente e representante do presbitério de Sorocaba; Reverendo Agnaldo Pereira Gomes, primeiro vice-presidente e também proveniente do presbitério de Sorocaba; presbítero Luiz Carlos Morosini, segundo vice-presidente, vindo do presbitério Sul-Paraná; Reverendo Marcos Nunes da Silva, do Leste Paulistano, como primeiro secretário, e presbítero Djalma Bastos César, de Maringá, que assume o cargo de segundo secretário.<sup>31</sup>

Para dar suporte às ações da Diretoria da Assembleia Geral, a Igreja Presbiteriana Independente possui uma Secretaria Geral, órgão burocrático que adota as medidas necessárias para cumprir o que foi deliberado pela Assembleia

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Geral, além de publicar, no periódico *O Estandarte*<sup>32</sup>, todas as deliberações e demais decisões com relação à Igreja. Compete igualmente à Secretaria Geral publicar, no periódico *O Estandarte*, o resumo das atas da Assembleia Geral e manter todos os arquivos oficiais da Igreja. Em casos excepcionais, a Secretaria Geral pode substituir o presidente da Diretoria de Assembleia Geral. O Rev. Roberto Mauro de Souza Castro, do Presbitério de São Paulo, responde por esse órgão. É como se a Secretaria Geral fosse vinculada à Diretoria da Assembleia Geral.

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil conta ainda com Administração, Tesouraria, Assessoria Jurídica e Assessorias Estatísticas, além de Sínodos e Presbitérios. A Administração, Tesouraria, Assessoria Jurídica e Assessorias Estatísticas são órgãos burocráticos e que disciplinam um formato de organização da Igreja, ao passo que os Sínodos e Presbitérios comportam Igrejas e seu formato de disposição, no país. Administração, Tesouraria, Assessoria Jurídica e Assessorias Estatísticas são departamentos ligados à Diretoria de Assembleia Geral, e cada um deles tem um papel a desempenhar. Recorrendo aos dados disponíveis na *web site*, é possível compreender quais são as competências de cada um desses órgãos.

Assim, compete à Administração gerir e administrar tudo o que se refere ao patrimônio da Igreja, além de ser o órgão responsável por organizar os eventos de âmbito nacional. A Administração faz a gestão dos benefícios dos pastores, dentre os quais seguro de vida, previdência suplementar e afins. A Tesouraria é responsável por organizar e gerir toda a situação financeira da Igreja, e todos os gastos são submetidos a uma Comissão Executiva. A Assessoria Jurídica se ocupa de todas as questões jurídico-legais que envolvem a Igreja e a Assessoria Estatística, devendo manter atualizados os dados sobre os pastores e os fiéis da Igreja.<sup>33</sup>

Os Sínodos, nesse caso, são centrais da Igreja, comportando vários presbitérios. Presbitério é o nome dado à união de várias Igrejas de uma mesma denominação. Para a organização dos presbitérios, as igrejas são agrupadas segundo a proximidade geográfica. Por exemplo, igrejas da Região Oeste do Estado

---

<sup>32</sup> *O Estandarte* é um periódico da Igreja Presbiteriana Independente, sobre o qual já falamos acima e também discutiremos no decurso do texto, quando de nosso estudo sobre a relação entre a Igreja Presbiteriana Independente e a Imprensa.

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org>. Acesso em: 08 dez. 2017.

de São Paulo formam um presbitério. São indicados 17 Sínodos e seus respectivos presbitérios, assim distribuídos: Sínodo Borda do Campo, composto pelos presbitérios ABC, Ipiranga e Litoral Paulista; Sínodo Brasil Central, constituído pelos presbitérios Brasil Central, Distrito Federal, Luziânia, Mato Grosso e Rondônia, Sínodo Reverendo Jonas Dias Martins, com os presbitérios Londrina, Norte do Paraná e Paranaense (Curitiba); Sínodo Meridional, formado pelos presbitérios Catarinense, Dos Campos Gerais, Grande Florianópolis e Sul do Paraná; Sínodo Minas Gerais, com os presbitérios Sudoeste de Minas, Sul de Minas, São Paulo e Central de Minas; Sínodo Nordeste, com presbitérios da Bahia, Nordeste de Pernambuco, Sergipe, Sul da Bahia e Vale do Sertão; Sínodo Norte Paulistano, com os presbitérios de Bandeirantes, Freguesia e Santana; Sínodo Ocidental, constituído dos presbitérios de Araraquara, Campinas, Noroeste Paulista, Oeste e Rio Preto; Sínodo Oeste Paulista, com os presbitérios de Assis, Centro Oeste Paulista e Presidente Prudente; Sínodo de Osasco, com os presbitérios de Carapicuíba, Novo Osasco e Osasco; Sínodo Pantanal, formado pelos presbitérios Cone Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Vale do Rio Aporé; Sínodo Rio-São Paulo, com os presbitérios: Fluminense, Rio de Janeiro, Rio Sul e Vale do Paraíba; Sínodo Setentrional, com os presbitérios Amazonas, Ceará, Leste do Ceará e Norte; Sínodo Sudoeste Paulista, composto dos presbitérios Botucatu, Central Paulista e Ourinhos; Sínodo Sul de São Paulo, com os presbitérios Sorocaba, Sul de São Paulo e Votorantim; Sínodo São Paulo, com os presbitérios Leste Paulista, Novo Leste, Paulistano e São Paulo; Sínodo Vale do Rio Paraná, constituído dos presbitérios Arapongas, Maringá e Oeste do Paraná. Cada presbitério pode ser composto por mais de uma Igreja e, segundo dados de 2016, há no Brasil um total de 550 Igrejas Presbiterianas Independentes, pelos quais estão distribuídos os 95.065 fiéis. De tal maneira temos a penetração da igreja nas regiões Norte, Centro Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul, porém, é nítido observar que há maior número de Igrejas localizadas em São Paulo.

Além da organização burocrática, dos Sínodos e Presbitérios, a Igreja Presbiteriana Independente ainda possui Ministérios e Secretarias. Os Ministérios são o Ministério da Comunicação, da Educação e da Missão. O Ministério da Comunicação, coordenado pelo Reverendo Roberto Mauro de Souza Castro, da Igreja de São Paulo (o mesmo pastor que responde pela Secretaria Geral), se ocupa

de editar os meios de comunicação da Igreja, incluindo, nesse aspecto, O *Estandarte*, a *Revista Vida e Caminho*, a *Web Portal* e todas as demais mídias. No entanto, a denominação não possui canal de televisão, nem rádio, conforme indicação do site funcional. Aliás, a *Web Portal* é o único meio de divulgação de internet usado pela Igreja. Há ainda o site da editora Pendão Real<sup>34</sup> em que é comercializada toda a produção da Igreja, como livros, agendas bíblias e também brindes como chaveiros, canetas, adesivos e porta-cartão. O Ministério da Educação é designado para cuidar da educação teológica e cristã, oferecendo formação para os pastores, formação continuada para todos aqueles que atuam na Igreja, responsabilizando-se também pela organização musical e litúrgica. Coordena o Ministério da Educação o Reverendo Marcos Nunes da Silva (também primeiro secretário da Diretoria da Assembleia Geral). E o Ministério da Missão é responsável por organizar eventos nacionais e atividades que promovam as missões de evangelização. Esse Ministério também é organizado pelo Reverendo Marcos Nunes da Silva (o mesmo que é primeiro secretário da Diretoria da Assembleia Geral e responsável pelo Ministério da Educação).<sup>35</sup>

As ações dos Ministérios são expressas através de Secretarias, no total de oito: Ação Pastoral, Família, Diaconia, Educação Cristã, Educação Teológica, Evangelização, Música e Liturgia e Portal. A Secretaria de Ação Pastoral, presidida pelo Reverendo Valdemar de Souza, do Presbitério de Campinas, ocupa-se da saúde dos pastores e pastoras e promove eventos voltados à formação continuada desse núcleo de trabalhadores.

A Secretaria da Família, a nosso ver, é a mais complexa, uma vez que possui a ela vinculadas uma série de coordenadorias. A Secretaria da Família é responsabilidade do Reverendo Alex Sandro dos Santos, do Presbitério do Sul de Minas, e tem como objetivo supervisionar e estimular o trabalho leigo. Também constitui objetivo da Secretaria da Família: “A criação e implementação de programas que tenham como objetivo o fortalecimento dos relacionamentos familiares no âmbito da igreja, é pois, um dos mais elevados objetivos da Secretaria da Família.”<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Site: <http://www.pendaoreal.com.br/>. Acesso 01 de marc. de 2018.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org/2016-02-05-19-04-52/secretaria-da-familia>. Acesso em: 08 dez. 2017.

Integram essa Secretaria a Coordenadoria Nacional de Crianças (CNC), Geração *Teen* da Igreja Presbiteriana Independente (GTI), Coordenação Nacional da União da Mocidade Presbiteriana Independente (CNUMPI) e Coordenadoria Nacional do Adulto (CNA). A Coordenadoria Nacional de Crianças, sob coordenação do Reverendo Gasque Jordan, do Presbitério de Assis, desenvolve ações em prol do público infantil e também capacita aqueles que trabalham com as crianças, na Igreja. Há que se observar que a Igreja possui um trabalho de evangelização específico e voltado para crianças, o qual acontece durante os cultos e por atividades afins. A Igreja tem ainda uma intervenção dirigida ao público jovem, que, ligada à Geração *Teen* da Igreja Presbiteriana Independente. A ação consiste em viabilizar trocas entre os adolescentes presbiterianos independentes, além de promover um rol amplo de eventos para a reflexão sobre os valores da Igreja. A Coordenação Nacional da União da Mocidade Presbiteriana Independente é uma ação destinada a jovens presbiterianos, que organizam um encontro para evangelização denominado Oxigênio. E a Coordenadoria Nacional de Adultos realiza encontros e evangelização específicos para adultos.

A Igreja Presbiteriana Independente possui ainda a Secretaria de Diaconia, que atua em prol do trabalho voluntário e das ações sociais. A secretaria em questão é presidida pela Reverenda Ana Isaura Lima de Souza, do Presbitério de Pernambuco. Já a Secretaria de Educação Cristã produz material educativo para as escolas dominicais e é de responsabilidade do Reverendo Adilson de Souza Filho, do Presbitério de São Paulo. A Secretaria de Educação Teológica, coordenada pelo Reverendo Clayton Leal da Silva, do Presbitério de Botucatu, visa a desenvolver a formação de pastores, oferecendo subsídios e disciplinando a Faculdade de Teologia da Igreja. Essa Secretaria cuida igualmente do estímulo à produção bibliográfica daqueles que trabalham na Igreja. A Secretaria de Evangelização, presidida pelo Reverendo Jango Magno Fernandes do Presbitério Cone Sul, atua em prol da evangelização e da constituição dos discípulos, que são aqueles que auxiliam voluntariamente na Igreja. A Secretaria da Música e Liturgia é responsável por elaborar o Manual do Culto, além do Hinário *Cantai Todos os Povos*, ocupando-se de toda manifestação poética e musical da Igreja. Essa Secretaria é coordenada pelo Reverendo Giovanni Campagnuci Alecrim de Araújo, do Presbitério de Araraquara. E a Secretaria do Portal se ocupa do *Site* Oficial da Igreja, sendo essa a

responsabilidade do Reverendo André Lima, do Presbitério de Pernambuco.<sup>37</sup>

A Igreja Presbiteriana Independente conta ainda com quatro autarquias a ela vinculadas: Acampamento Cristo é Vida, Associação Bethel, Fundação Eduardo Carlos Pereira e Pendão Real. O Acampamento Cristo é Vida realiza acampamentos de evangelização e está localizado em Santa Bárbara, no interior de São Paulo. Cada acampamento dura em média sete dias, e os acampamentos desenvolvem ações voltadas para crianças e para adolescentes.<sup>38</sup> A Associação Bethel foi criada em 1922, sendo, na época, um orfanato; hoje desenvolve ações sociais junto ao público mais empobrecido. As atividades incluem ações educativas para crianças e oferta de ensino para esse público.<sup>39</sup> A Fundação Eduardo Carlos Pereira, fundada em 1963, oferece ensino teológico, enquanto a Pendão Real é a Editora Oficial da Igreja Presbiteriana Independente.

Podemos, assim, inferir que a Igreja Presbiteriana Independente tem uma grande estrutura organizada por seus vários Ministérios, Secretarias e Coordenadorias. É, portanto, uma Igreja extremamente estruturada, com cada órgão possuindo um papel a ser desempenhado. Trata-se de uma estrutura necessária, para que mais de 90 Igrejas, distribuídas pelo país, possam seguir uma referência que lhes seja comum, imprimindo-lhes uma identidade, uma personalidade, a qual lhe atribui características do presbiteriano independente.

Grande parte dos cargos de pastor e presbíteros é eleita, escolhida por votação; com efeito, somente ascendem a cargos mais elevados os que são eleitos entre os pares. Assim, podemos observar que vários pastores são responsáveis por mais de uma Secretaria ou Ministério. Por exemplo, o Reverendo Marcos Nunes da Silva, que responde pelo Ministério da Educação e Ministério da Missão, é também primeiro secretário da Diretoria da Assembleia Geral. Outro exemplo: o Reverendo Roberto Mauro de Souza Castro, que cuida do Ministério da Comunicação, é igualmente responsável pela Secretaria Geral. Ao que parece, a Igreja designa para esses cargos somente aqueles que apresentem maior correspondência aos seus ideais, ou seja, somente os que, de fato, representam a Igreja conseguem ascender a cargos mais elevados. Todavia, essa é uma pequena observação, sem muitos

---

<sup>37</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org/2016-02-05-19-04-52/secretaria-da-familia>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://acampamentocristoe.wixsite.com/cristoevida>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.bethel.org.br/>. Acesso em: 08 dez. 2017.

elementos que possam corroborar nossa colocação, porém, causa-nos interesse constatar que alguns presbíteros assumem mais de um cargo de chefia e poder na Igreja.<sup>40</sup>

O quesito interessante, nesse aspecto, é que, desses cargos, somente um é ocupado por uma mulher. A Secretaria da Diaconia, no caso, é presidida pela Reverenda Ana Isaura Lima de Souza, do Presbitério de Pernambuco. Todos os demais cargos são presididos por homens. Analisando ainda as ocupações de ministros, presbíteros e diáconos, pudemos também observar que a imensa maioria de cargos é ocupada por homens.<sup>41</sup> Por exemplo, dos 1476 ministros, somente 81 ou 5,49% são do gênero feminino, ou seja, é um contingente extremamente baixo, se comparado ao percentual esmagador masculino no cargo. Essa enorme diferença também é presente no caso dos presbíteros. Dos 2848, apenas 324 são do gênero feminino e, nesse caso, isso corresponde a apenas 11,38% do total. No caso dos diáconos, no entanto, essa diferença diminui um pouco. A Igreja possui um total de 454 diáconos e, destes, 257 são mulheres – ou 56,6%. Porém, deve-se lembrar que os diáconos realizam as chamadas ações sociais, as quais, na Igreja, são historicamente desenvolvidas por mulheres. Na verdade, observamos que os cargos que envolvem maior poder de decisão e de destaque permanecem designados aos homens.

Outro aspecto que ainda desejamos destacar é o rol amplo de ações desenvolvidas pela Igreja Presbiteriana Independente. No sentido posto, como indicamos, há ações para crianças, para adolescentes, para jovens e para o público adulto. Há ainda encontros, orações, cultos, atividades educativas, acampamentos e uma série de atividades que buscam, a nosso ver, tornar a atividade evangélica atraente, indo além das abordagens tradicionais e organizando ações que possam contemplar vários públicos ou segmentos sociais. Nesse sentido, a Igreja tem uma *Web Site* e uma Editora que comercializa livros, CDs, revistas e uma série de mídias. A *Revista Alvorada*, hoje denominada *Vida e Caminho*, é um desses dispositivos, pelo qual a Igreja tenta estar presente na vida do crente, além do horário em que

---

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.ipib.org/>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>41</sup> Não identificamos dados sistematizados da quantidade de ministros, presbíteros e diáconos. Para compor os dados apresentados, acessamos o *site* <http://www.ipib.org/pastores>, em que há uma relação de todos os ministros, presbíteros e diáconos vinculados à Igreja, a partir da qual realizamos a tabulação dos dados em questão.

este está no culto.

A utilização de mídias e impressos pela Igreja não é, no entanto, algo que acontece apenas atualmente, mas que está presente desde as bases iniciais de surgimento da Igreja no Brasil, algo que discutiremos posteriormente. Antes de adentrarmos nessa discussão, contudo, apresentaremos os documentos oficiais da Igreja Presbiteriana e seu entendimento sobre a sexualidade e sobre a convivência marital, temas necessários, quando discutimos a perspectiva de Mulher difundida por essa Igreja, por meio de uma revista destinada ao público feminino.

### **Os documentos oficiais da Igreja Presbiteriana Independente: o que nos dizem sobre a convivência marital e sobre a sexualidade**

Algumas considerações sobre o entendimento da Igreja Presbiteriana Independente sobre a questão do casamento já foram introduzidas no início deste capítulo, quando abordamos as *Confissões de Fé de Westminster*. Desse modo, basta destacar que, nesse documento, é compreendido como casal aquele composto por homem e mulher. O documento condena ainda o adultério, apontado como único motivador para o divórcio. Aliás, a manutenção do casamento deve ser buscada pelo casal, com a intervenção da Igreja. O divórcio só deve ser adotado, quando todos os recursos usados para salvar o casamento não surtirem o efeito desejado.

As *Confissões de Fé de Westminster*, porém, constituem uma referência para várias Igrejas Protestantes e não apenas para a Presbiteriana Independente. Já os documentos oficiais da Igreja Presbiteriana Independente são a Lei Ordinária de Convivência Marital e um documento de orientação, intitulado Pastoral sobre Igreja e Sexualidade. Ambos os documentos estão disponíveis para acesso no *site* oficial da Igreja Presbiteriana.

A Lei Ordinária de Convivência Marital aparece no *site* oficial associada às Leis Ordinárias da Igreja, que disciplinam a organização da Igreja em Células e discorre sobre o que deve ser observado por aqueles que desejam se candidatar aos Ministérios da Igreja. Como uma lei ordinária, supõe-se que deve ser seguida por todos os vinculados à Igreja. Já o documento Pastoral sobre Igreja e Sexualidade

está disponível junto aos posicionamentos oficiais divulgados no *site* da Igreja. A nosso ver, apesar de não ser apresentado como uma Lei, indica como a Igreja Presbiteriana Independente espera que seja o comportamento dos fiéis que estão a ela ligados.

A Lei Ordinária de Convivência Marital é curta, possuindo apenas uma página com seis pontos:

- 1 - Podem ser recebidas por pública profissão ou por transferência pessoas não casadas, mas que demonstrem a convivência duradoura, pública e contínua, com o objetivo de constituição de família, nos termos da lei civil;
  - 2 – O casal deve ser constituído de um homem e uma mulher que vivem maritalmente há mais de cinco anos;
  - 3 - O(a) interessado(a) em ser recebido(a) como membro professo deve ter uma participação de pelo menos dois anos na vida da igreja local. O Conselho, no entanto, deve envidar sempre todos os esforços para que o casal efetive o seu casamento civil.
  - 4 – A Lei de Convivência Marital atingirá os casos em que apenas um dos companheiros é convertido e o outro se recusa a submeter-se ao casamento civil ou quando um deles esteja legalmente impedido;
  - 5 – A Lei não admite a recepção, em hipótese alguma, de casais que, não tendo nenhum impedimento ou óbice intransponíveis, se recusem a providenciar o casamento civil;
  - 6 - Não considerar impedimento ou óbice, para efeito desta lei, os motivos de ordem meramente econômica.
- Obs.: Os itens 1, 2 e 3 da Lei acima transcrita são frutos da AG extraordinária de 26/02/2000, realizada em São Paulo, capital. Os itens 4, 5 e 6 são resolução complementar da AG Ordinária de 1 a 4/02/2001, realizada em Avaré, SP. (IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2001, p. 01)

Essa lei foi aprovada, como destacado no item de Observação, como uma deliberação de Assembleias Gerais realizadas tanto em São Paulo quanto em Avaré. A Lei em questão salienta que a Igreja está aberta a receber, através da pública profissão de fé, casais que desejem constituir família e que possuam convivência mínima de cinco anos. A Lei foi constituída para regularizar os casos de união em que não teria sido realizado o casamento civil. Na lei, é reafirmado o casamento heterossexual como passível de ação da Igreja.

Já a Pastoral sobre Igreja e Sexualidade também é um documento simples, com apenas duas páginas. Inicia-se com a afirmação de que a fé presbiteriana se baseia na Bíblia e que, como tal, reconhece como casamento somente o heterossexual. Assim, podemos ler o que a fé presbiteriana compreende como casamento:

Considerando o matrimônio uma dádiva de Deus, estabelecido desde as primeiras páginas sagradas da Bíblia e sedimentado por toda a tradição

cristã, reiteramos o ensino bíblico conforme Gn 2,24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”; cremos, portanto, que o casamento heterossexual entre um homem e uma mulher representa a perfeita expressão da união conjugal proposta por Deus ao seu povo eleito e santificado (IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2011, p. 01).

Partindo dessa ideia, o documento indica a necessidade de o casal heterossexual manter uma vida sexual saudável, vedando-se qualquer relação extraconjugal. Essa colocação inicial é complementada com uma exortação com relação à questão homoafetiva, orientando que tal prática é considerada uma conduta incorreta. O documento explicita:

Diante disso, a prática da homossexualidade, masculina e feminina, bem como qualquer desvio do modelo bíblico para o desenvolvimento da vida cristã, configura comportamento passível de reprovação, assim como temos na primeira carta paulina aos Coríntios 6.9-11: “Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus”. (IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2011, p. 01).

Para os casos em que há relação homoafetiva, o documento orienta que não se julguem as pessoas, mas sejam preparadas para a restauração, algo que supomos tratar-se de deixar a homoafetividade, apesar de essa determinação não aparecer no texto, de forma tão clara. Ao final do documento, é destacado que é necessária a aceitação da fé, o que corresponderia a aceitar a fé presbiteriana e atender ao que é posto pela Igreja quanto à sexualidade, e, como pudemos observar repetidamente, trata-se da aceitação do casamento e sexualidade heterossexual.

Por conseguinte, vemos ainda que o documento em questão é do ano de 2011, ou seja, é um documento recente, produzido em um momento no qual a questão da homoafetividade já vinha sendo debatida há tempos, no Brasil. Dessa forma, esse documento e a Lei Ordinária que discutimos acima somente corroboram a perspectiva extremamente tradicionalista apresentada e defendida pela Igreja Presbiteriana Independente, no que concerne ao casamento e à sexualidade.

Esses documentos oficiais foram aqui apresentados pelo fato de estarem vinculados à forma como a Igreja compreende o casamento, a união entre as pessoas, que é um dos aspectos que discutiremos em nossa pesquisa. No tópico subsequente, faremos um breve desenvolvimento histórico sobre a relação firmada entre a Igreja Presbiteriana e as mídias impressas.

## Mídias Impressas e a transmissão da fé evangélica no Brasil

Compreender a relação entre a Igreja Presbiteriana e a Imprensa nos leva a entender como, nos mais diferentes momentos, essa e outras Igrejas utilizaram impressos para transmitir sua doutrina e para a construção de uma imagem, na sociedade brasileira. É necessário pontuar que, para isso, retomaremos algumas colocações sobre o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Independente, no Brasil, em virtude da relação que o histórico apresentado possui com o emprego da imprensa pela Igreja.

Deve-se, entretanto, lembrar que o próprio processo de Reforma foi acompanhado por uma intensa produção literária. Desde o grande arcabouço teórico que fora produzido por Lutero até a *Institutas*, de Calvino, vemos que a produção e a circulação de impressos não só garantiu a divulgação dos ideais da Reforma, como também foi um importante dispositivo usado para a uniformização de condutas e práticas idealizadas pelos reformadores. Aliás, luteranos chegaram a organizar uma ampla campanha, a fim de que os protestantes aprendessem a ler e, assim, pudessem se apropriar da produção literária reformada.

No Brasil, a vinda do protestantismo aconteceu por diversos meios, dentre os quais com a chegada em nosso país das Sociedades Bíblicas, as quais visavam à distribuição das Bíblias e à evangelização do país. Nascimento (2012) salienta que as Sociedades Bíblicas constituem a primeira iniciativa de evangelização no país, a qual estava assentada essencialmente na utilização do meio impresso.

No caso da Igreja Presbiteriana, tivemos a vinda de James Cooley Fletcher ao Brasil, com a finalidade de distribuição das Bíblias, por sua ligação com a União Cristã Americana, dispositivo esse usado também por outras denominações protestantes. “Aqueles impressos de destinação religiosa e pedagógica que circularam no país definiram saberes e normatização de práticas determinados por aquelas instituições protestantes.” (NASCIMENTO, 2012, p. 4).

Nos anos 1800, os protestantes invadiram o Brasil com um rol amplo de impressos, além de Bíblias. Nesse período, foram aqui difundidos livros, folhetos, romances importados e produzidos no país, estudos históricos sobre a Reforma.

Essa produção era voltada aos evangélicos, aos convertidos e a todos aqueles que desejavam saber mais sobre o protestantismo. Houve igualmente cartilhas com gravuras, especialmente impressas para crianças.

Matos (2004) ressalta que os presbiterianos intensificaram sua expressão literária, no Brasil, a partir de 1860, resultando em uma ampla divulgação de jornais, livros, revistas e opúsculos. Ao passo que os jornais e folhetins destinavam-se ao público mais simples, os livros e as revistas eram direcionados ao público mais culto.

A primeira iniciativa em instituir um jornal presbiteriano, no Brasil, proveio da iniciativa de Ashbel Green Simonton, o primeiro missionário presbiteriano que veio ao Brasil. Ashbel foi apresentado como o responsável por criar, em 1864, o jornal *Imprensa Evangélica*, no Rio de Janeiro, o qual foi editado até 1892 e constituiu um meio de transmissão dos valores presbiterianos no território nacional. Esse periódico foi sustentado e supervisionado pela Igreja Presbiteriana do Norte (SILVA; STAMATO, 2013). Nascimento (2012) enfatiza que o jornal foi impresso no Brasil, em uma Tipografia denominada Perseverança, localizada na Rua do Hospício, no Rio de Janeiro.

Inicialmente, o jornal deveria ser impresso semanalmente, mas acabou se tornando uma produção quinzenal. Apesar de idealizado por Simonton, contou com a colaboração de jovens pastores, os quais colaboravam com artigos variados. De acordo com Matos (2007, p. 45), os temas do jornal podem ser assim sintetizados:

Seu conteúdo era rico e variado: exposição de doutrinas e temas bíblicos, séries de matérias (história da igreja, documentos da fé reformada), biografias, ficção evangélica, noticiário religioso internacional e intermináveis polêmicas com o catolicismo romano (especialmente com o jornal *O Apóstolo*, do bispado do Rio de Janeiro).

Silva (2009) frisa que, no jornal, havia até artigos voltados para a educação na fé presbiteriana de crianças. Em 1874, foi criado em São Paulo o jornal *O Púlpito Evangélico*, porém, este foi transferido para o Rio de Janeiro. Foi dirigido pelo presbiteriano Emanuel Vanordem e teve 24 edições; no ano de 1899, mudou de nome, passando a ser chamado *O Puritano* (SILVA; STAMATO, 2013). O jornal publicou uma quantidade considerável de sermões dos pastores da Igreja dos Estados Unidos ou da Igreja Nacional. Era igualmente voltado à comunicação e à transmissão dos valores da Igreja. Anos depois, *O Puritano* tornou-se o jornal *O*

*Brasil Presbiteriano*, órgão oficial da Igreja Presbiteriana, o qual está em circulação até nos dias atuais (NASCIMENTO, 2012).

Na verdade, muitos outros jornais confessionais e impressos surgiram no país, todos com a mesma finalidade de transmissão da fé. Dentre essas ações, podemos citar: em 1877, no Rio Grande, foi criado O *Pregador Cristão*; em 1887, Emanuel Vanordem montou uma tipografia a vapor, em São Paulo, onde editou uma série de impressos, dentre os quais: *A Aurora*, periódico destinado para a evangelização de crianças, o jornal *A Opinião*, além de um rol extremamente amplo de folhetins evangélicos e livros, como um livro importante sobre a História do Protestantismo. Em sua tipografia, Vanordem ampliou consideravelmente as produções vinculadas à Igreja Presbiteriana e organizou até uma livraria:

Lançou *A Aurora*, um periódico ilustrado, dedicado às crianças, e um jornal secular, *A Opinião*. Intensificou a publicação de folhetos evangelísticos e 8 livros, “entre os quais se destaca uma obra de grande importância: História dos protestantes na França, de G. de Félice, um grosso volume de 535 páginas, muito bem impresso, com encadernação em brochura”. (idem, p. 9). No mesmo local, ele organizou uma livraria evangélica onde vendia todo aquele material impresso. (NASCIMENTO, 2012, p. 7-8).

Ainda no ano de 1887, a Igreja Presbiteriana criou um jornal denominado O *Diretório do Culto*, dirigido somente aos presbiterianos e cujo objetivo era apenas a orientação das normas de conduta aos convertidos, inclusive com orientações de possíveis punições para aqueles que não se comportassem como recomendado pela Igreja. O *Diretório do Culto* “[...] instruía seus adeptos a um novo comportamento, informando que a violação daqueles cânones acarretaria a aplicação de sanções.” (NASCIMENTO, 2012, p. 8).

Também no ano de 1887, foi criada a *Revista das Missões Nacionais*, que, apesar do nome, não era uma revista, mas um jornal, surgido em Minas e que, depois, foi para São Paulo. Em sua duração, que foi mais de 30 anos, passou por uma série de editores, porém, foi fortemente influenciado pelo Reverendo Eduardo Carlos Pereira. Os objetivos iniciais do jornal eram a propagação da nacionalização da Igreja Presbiteriana, todavia, com o tempo, divulgou igualmente informações gerais da Igreja Presbiteriana:

Foi o órgão das finanças do presbiterianismo, tendo existido por mais de 30 anos. Trazia muitas informações sobre as atividades das igrejas e obreiros, tendo assim elevado valor histórico. Seu redator e principal colaborador por

muitos anos foi o próprio Rev. Eduardo Carlos Pereira. (MATOS, 2007, p. 48).

Tivemos ainda o jornal *O Evangelista*, criado em 1889, e o jornal *Salvação de Graça*, impresso em Lisboa, mas publicado em Recife. Este último era dirigido pelo Reverendo John Rockwell Smith e foi o primeiro periódico da Região Nordeste. Durou apenas um ano e, em 1895, tivemos o surgimento do jornal *O Século*, publicado em Pernambuco e que se tornou um forte representante dos jornais presbiterianos da época. *O Século* foi dirigido pelo Reverendo Jerônimo Gueiros e, no ano de 1909, mudou para Garanhuns, quando teve novamente o nome mudado para *Norte Evangélico* (MATOS, 2007).

No *Norte Evangélico*, em uma edição de 1921, há um artigo intitulado “A Indecência Feminina.” Nesse texto, um dos raros direcionados ao público feminino em jornais, temos orientações conferidas às mulheres presbiterianas em se vestir, em se comportar. Nele, é reforçado o papel de mãe e dona de casa que é esperado da Mulher presbiteriana, a quem compete também o zelo pela conduta dos filhos, na fé da Igreja (SILVA, 2009).

Com a separação das Igrejas, no ano de 1903, foi criado o Jornal *O Estandarte*, em São Paulo, o qual também é um jornal veiculado atualmente. Ele foi criado para substituir o jornal *Imprensa Evangélica*. *O Estandarte* é considerado um órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente. Aliás, nos trechos em que apresentamos o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, vimos que os ataques de Eduardo Carlos Pereira aos presbiterianos aconteciam por meio do *Estandarte*:

Essa iniciativa era parte do “Plano de Ação” do Rev. Eduardo, que tinha em mente a progressiva nacionalização da obra presbiteriana no Brasil. Com o passar do tempo, o jornal passou a refletir os conflitos eclesiais da época, especialmente a “questão maçônica”, suscitada por uma série de artigos do Dr. Nicolau Soares do Couto Esher, publicada a partir de dezembro de 1897. Em 1903, *O Estandarte* se tornou o órgão oficial da nova denominação que surgia, a Igreja Presbiteriana Independente, e assim permanece até hoje. (MATOS, 2007, p. 48).

Os impressos serviram, assim, para a evangelização de fiéis, daqueles já vinculados à Igreja, buscando traçar um padrão de comportamento a ser seguido por todos aqueles que se vinculavam a essa denominação. Para os que não estavam

ligados à religião presbiteriana, vemos que os impressos tinham a finalidade de divulgação do presbiterianismo, no Brasil.

Podemos ratificar a importância da imprensa no projeto presbiteriano levado a cabo no Brasil ao nos depararmos com a declaração de Ashbel Green Simonton, em 1867 (três anos após ajudar na fundação da *Imprensa Evangélica*): *Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que “se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia* (Simonton, s/d, s/p, citado por Matos, 2007, p. 51). Vale ressaltar que foi ele o responsável pelo estabelecimento do presbiterianismo em solo brasileiro. (SILVA; STAMATO, 2013, p. 62).

Por conseguinte, os presbiterianos, assim como outros grupos de evangélicos, utilizaram a constituição de jornais para ganhar espaço. Entretanto, somente jornais e panfletos não expressam a produção evangélica do país: muitas revistas e livros também foram produzidos.

Dentre as revistas associadas à Igreja Presbiteriana, conforme frisa Matos (2007), tem-se a *Revista da Cultura Religiosa*, editada em 1921. Ela surgiu inicialmente em Campinas e apresentava periodicidade trimestral. Era dirigida pelo Reverendo Epaminondas Melo do Amaral e pelo Reverendo Miguel Rizzo Junior. Essa revista foi publicada até 1926 e possuía, como objetivo, a apresentação de assuntos gerais da Igreja Presbiteriana:

Possuía as seguintes seções: editoriais e comentários sobre o momento social e religioso, a cargo dos diretores; estudos diversos, abordando teologia e religião, filosofia, história, literatura e ciência, sob o aspecto religioso; exegética, voltada para a história, crítica e interpretação da Bíblia (inicialmente a cargo de Otoniel Mota); obra evangélica ou ação cristã, tratando de problemas do ministério, agências e métodos de trabalho; púlpito brasileiro, com sermões, meditações, esboços e ilustrações; revista de revistas ou resenha, apresentando reflexos da cultura internacional (inicialmente sob a responsabilidade de James Porter Smith) e bibliografia, magistralmente redigida por Erasmo Braga, contendo crítica, recomendação e notícias de livros. (MATOS, 2007, p. 49).

A *Revista da Cultura Religiosa* foi substituída, no ano de 1929, pelo periódico *Lucerna*, o qual abordava assuntos religiosos e alguns temas de interesse social. Tinha periodicidade mensal e também foi dirigida pelo Reverendo Epaminondas Melo do Amaral.

No mesmo ano de criação da *Revista da Cultura Religiosa*, em 1921, a Igreja Presbiteriana estimulou a publicação do periódico *Pérolas da Infância*. Esse documento foi elaborado pela educadora e missionária Eliza Moore Reed, uma americana que vivia em Pernambuco e que realizava o trabalho educativo, nas

escolas presbiterianas. O periódico *Pérolas da Infância* teve 52 edições anuais e durou até meados de 1946 (SILVA; STAMATO, 2013).

No ano de 1535, foi criada uma nova revista, a *Sacra Lux*, a qual não possuía uma periodicidade definida, mas era vinculada ao jornal *O Puritano*, destinando-se à discussão de uma chamada cultura evangélica, dirigida pelo Reverendo Galdino Moreira. No ano de 1939, surgiram novas revistas: *Revista Fé e Vida – Unitas*, publicação pertencente ao Instituto Cultura Religiosa e editorada pelo Reverendo Miguel Rizzo Junior; *Revista Teológica*, criada em Campinas, dirigida à discussão de temas teológicos e coordenada pelo Reverendo Willian Cleary Kerr. No ano de 1952, a *Revista Teológica* mudou de nome e passou a ser chamada *Revista Teológica do Seminário Presbiteriano do Sul*, momento em que também passou a ser coordenada pelo Reverendo Felipe Landes.

Os séculos XIX e XX se caracterizam pela ampliação dos romances evangelísticos e das biografias de líderes religiosos. Toda essa produção ainda visava à propagação do presbiterianismo no Brasil. Analisando a produção impressa da Igreja Presbiteriana, podemos concluir que tivemos uma produção ampla, intensa e bastante heterogênea, destinada a contemplar os mais variados públicos e tipos de cultura. As mídias impressas funcionam como meios de evangelização, mas também como dispositivos de legitimação da Igreja Presbiteriana, na sociedade brasileira.

Na sequência do trabalho, apresentaremos uma dessas mídias, porém, é um periódico que se destina, especificamente, ao público feminino no contexto de seu surgimento, passando depois a ser orientado para a Família. No tópico subsequente, faremos algumas colocações a respeito da imprensa feminina no Brasil.

**AS REVISTAS FEMININAS E A *REVISTA ALVORADA***

Nesse capítulo, como indicamos acima, apresentaremos informações a respeito das revistas destinadas ao público feminino no Brasil, e, na sequência, apresentaremos dados sobre a *Revista Alvorada*, nosso objeto de pesquisa.

### **As Revistas Femininas no Brasil no contexto dos anos 60**

Nesse item, tal como título obviamente sugere, apresentaremos informações a respeito das revistas femininas produzidas nos anos 60 do século XX. Adotamos como critério a apresentação dessa produção uma vez que foi nesse período em que surgiu a *Revista Alvorada*. Por conseguinte, é necessário pontuar que temos conhecimento de que a imprensa destinada ao público feminino tem seu surgimento em 1827 com o *Espelho Diamantino*<sup>42</sup>, e que cada vez mais foram surgindo um rol

---

<sup>42</sup> Também é desse período que teremos a primeira lei que autorizava a instrução pública para mulheres, conferindo a esse público o direito de alfabetização. Buitoni (2008) destaca que a imprensa feminina só aparece e se consolida com a vinda da Corte ao país. Muitos desses periódicos são influenciados pela reprodução de gravuras da moda, a exemplo do que acontecia em outros países, vivência estimulada após a chegada da Corte. O *Espelho Diamantino* editou 14 números e abordava assuntos relacionados à moda, literatura, artes e política. Já Buitoni (2008) salienta que esse periódico também abordava assuntos relacionados ao teatro e tinha periodicidade quinzenal. Geralmente, os periódicos femininos não duravam mais de um ano, pois o público feminino que conseguia ler no Brasil era bastante reduzido. Assim, o *Espelho Diamantino*, seguindo a lógica do momento, durou até 1828 (ABREU, 2008). A tendência das revistas femininas dessa época era a defesa do acesso à escola para Mulheres, sob o argumento de que isso as prepararia para a Maternidade, tornando-as boas mães. Muitas redatoras, nesse tempo, chegavam a usar nomes falsos para escrever nas revistas e, apesar de serem mulheres quase tidas como independentes, ainda possuíam muito enraizado o entendimento da Mulher como análogo à maternidade. Por isso, algumas produções da época traziam à ênfase a importância do estudo como um colaborador, para que a Mulher desempenhasse o seu papel materno.

Também é da época do Império o surgimento de jornais femininos, como o *Imprensa Feminista*, criado em 1852, descrito como Jornal das Senhoras, mas que também reivindicava a emancipação social da Mulher. Uma das requisições do jornal era o direito de ler das Mulheres (ABREU, 2008). Outro jornal fundado na época imperial foi o *Correio das Modas*, porém, apareceu em 1839 e apresentava ao público feminino assuntos ligados à moda, literatura e variedade. O periódico era veiculado no formato de panfleto. O *Correio das Modas* trazia modelos de figurinos de roupas que eram usadas na Europa e, de acordo com Buitoni (2009), os desenhos eram pintados à mão. Alguns anos antes, em 1831, no Recife, o *Espelho das Brasileiras* (citado acima), periódico semanal, era publicado duas vezes na semana, tendo por objetivo instruir as senhoras. Os jornais e revistas da época publicavam muitos folhetins, além de romances e novelas, demonstrando que, nesse período, esses itens possuíam uma relação muito forte com a literatura. A título de exemplo, vemos que Machado de Assis buscava esses impressos, visando a dar publicidade a seus manuscritos. Buitoni (2009) destaca que a tendência dessas produções era a associação à moda, além dos romances e das fotonovelas.

As intervenções da imprensa feminina eram pontuais, de maneira que, somente em 1840, a imprensa se consolidou no país. É desse período a criação do telégrafo, por exemplo, e de uma atmosfera que torna favorável a ampliação da imprensa, apesar de haver no Brasil uma maioria iletrada. Nessa época, como ressalta Buitoni (2009), os impressos eram destinados a poucos, os grupos de maior poder aquisitivo, já que somente esses segmentos tinham acesso a uma educação formal. Após

amplo de impressos destinados a um público feminino. Inicialmente esses impressos destinavam-se a um pequeno grupo e eram produzidos de forma artesanal, por meio da reprodução nas telegrafias pequenas. Esses materiais também apresentavam qualidade regular, uma vez que o papel de impressão, na grande maioria dos periódicos, era rudimentar.

No entanto, no início do século XX, tivemos mudanças que alteraram substancialmente o processo de produção de revistas no Brasil. Nesse momento, vivemos no Brasil um processo de industrialização, ampliando a quantidade de imigrantes que vinham ao país para colaborar com o desenvolvimento econômico da nação, por meio da oferta de um trabalho artesanal e técnico. Isso ampliou substancialmente a quantidade de trabalhadores, os quais, atuando na zona urbana, organizaram a chamada classe operária brasileira.

Luca (2015) descreve esse período como sendo o fim do processo artesanal na impressão de periódicos, no Brasil. Além da incorporação de um processo

---

1840, houve a criação de novos periódicos femininos. Buitoni (2008) afirma que foram inúmeros títulos, cada um deles com uma finalidade específica. Dada a variedade de títulos, a autora apenas fornece dados gerais sobre cada uma das produções, como, por exemplo: o *Jornal das Senhoras* durou no período de 1852-1855 e apresentava modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica; o *Recreio do Bello Sexo* abordava modas, literatura, belas-artes e teatro e foi publicado em 1856; O *Espelho*, editado entre 1859 e 1860, apresentava conteúdos de literatura, modas, indústria e artes; A *Primavera*, publicado em 1861, uma revista semanal de literatura, modas e artes; o *Bello-sexo*, publicado em 1862, era um periódico religioso direcionado a Senhoras; O *Jornal das Família*, editado entre 1863 e 1878, discutia moda, doces, conselhos de beleza; O *Domingo*, impresso no período de 1873 e 1875, era um jornal literário e recreativo.

Dentre esses jornais e também as revistas, o que vemos é a predominância da abordagem sobre moda e literatura. Nesse âmbito, há dois jornais que se destacam. Um deles foi o *Sexo Feminino*, editado no período de 1875 a 1877, um jornal semanal e que começou a defesa dos direitos da mulher e não mais apenas a requisição do acesso da Mulher ao ensino, como era comum nos demais. “O nome da publicação já mostra seu caráter mais comprometido, e o tom das matérias demonstra esse espírito.” (BUITONI, 2009, p. 41). Outros periódicos foram precursores, na época, por motivos diversos, como, por exemplo, a *Revista Ilustrada*, fundada em 1876, por Ângelo Agostini, considerada precursora nas histórias em quadrinhos; e *Ilustração do Brasil*, de Carlos Vivaldi, que também apresentava gravuras. Esta última revista foi editada até meados de 1880.

Há, no entanto, uma grande quantidade de periódicos, revistas e jornais que surgem no Brasil imperial. A grande maioria não é destinada ao público feminino, porém, muitos deles são voltados para as Mulheres. Não há como citar todos os meios impressos constituídos na época, mas cabe destacar que a grande maioria deles é destinado à discussão de moda, literatura, teatro. Buitoni (2009) enfatiza que, em linhas gerais, essa produção era, em sua maioria tradicional, e fortalecia as virtudes domésticas. Algumas requeriam o acesso da Mulher à educação, mas para que a mesma fosse uma boa dona de casa. Algumas poucas, como o *Sexo Feminino*, apresentavam críticas ao formato de entendimento da Mulher, naquela sociedade. Na realidade, “[...] a mulher tem a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, bôa, de satisfazer uma necessidade moral ou intelectual do esposo e da família.” (BUITONI, 2009, p. 48). Em sua totalidade, são impressas de forma artesanal, usando, sobretudo, telegrafias e, em sua imensa maioria, também possuem baixa tiragem.

mecânico para a produção dos impressos, temos também a instituição de uma logística racional e lucrativa para a distribuição do material impresso. Além disso, é característica desse período, a diminuição dos preços dos produtos, visando tornar os periódicos mais acessíveis ao mercado consumidor. Isso não significou, no entanto, a eliminação de todos os processos artesanais de impressão, mas que esses formatos conviveram em um mesmo período. Abreu (2008), além dos aspectos destacados acima, salienta que foi nessa época que apareceram as propagandas de venda de produtos nessas publicações, uma vez que foi quando tivemos a elevação da quantidade de periódicos que vão contar com a utilização de ilustrações e de imagens fotográficas.

É representativo desse período o surgimento de várias revistas femininas. Dentre elas, podemos citar: *Revista da Semana*, criada em 1901, uma das primeiras que usou fotografias. Apresentava, às leitoras, notícias, literatura, moda e beleza. No ano de 1914, foi criada a *Revista Feminina*, extinta somente em 1936. Era comum que a *Revista da Semana* apresentasse também cartas de mulheres, em que narravam situações do cotidiano. A fundadora da revista foi Virgílica de Souza Salles, que também era dona de empresa de produtos de beleza. A *Revista Feminina* começou a fazer propagandas dos produtos da proprietária, no entanto, defendia o voto feminino, apesar de se posicionar contra o feminismo mais radical. Essa revista vendeu mais de 20 mil exemplares. Buitoni (2009), por outro lado, ainda sublinha que a *Revista Feminina* chegou a abordar também assuntos relacionados a moda, literatura, dando conselhos na área de saúde e na área educacional para as mulheres.

No ano de 1917, foi criada a revista *A Cigarra*, a qual não era inicialmente uma revista feminina, mas foi sendo transformada em um periódico voltado a esse público. *A Cigarra* teve periodicidade mensal e contou com um elevado público feminino de leitores. No ano 1923, aparece a *Revista Renascença*, dirigida por Maria Lacerda e tida como uma das primeiras revistas anarquistas do Brasil. É uma publicação com temas críticos e menos alienantes, todavia, ainda assim traz muitos textos que visam o fortalecimento do papel da Maternidade, além do culto à beleza feminina.

Buitoni (2009) destaca que grande parte dos periódicos produzidos nos períodos de 1910 a 1920 constroem estereótipos acerca da figura feminina. De

acordo com a autora, em 1910, as revistas reproduziam a imagem da mãe sofredora. Nos idos de 1920, a imagem adotada passa a ser a da sacerdotisa da beleza, termo pelo qual se busca valorizar a Mulher ideal, no sentido da beleza física. Poucos são aqueles impressos que partem para a reivindicação de outros direitos. Poucos eram os periódicos, como a Revista *Feminina*, em que tínhamos a reivindicação do direito de voto, ou a *Revista Renascença*, por exemplo:

A imprensa feminina se limitara aos assuntos tradicionais: moda, beleza, crianças etc. No mais, os textos eram literários ou pseudoliterários, beletristas (contos, crônicas, poesias, provérbios, frases sobre amor, pensamentos), ou no máximo artigos, isto é, editoriais a respeito de algum problema atual ou não. Mesmo tais artigos eram escritos numa linguagem formal, pretensamente literária. Reportagens e entrevistas quase não apareciam. Por isso, a relação da imprensa feminina com o fato da atualidade era – e ainda é hoje – pouco frequente. (BUITONI, 2009, p. 85).

Em 1934, foi criada a revista *Walkyrias*, que teve vida longa, visto que só encerrou suas atividades em meados de 1960. A revista trazia folhetins, moda, receitas, mas também evidenciava um forte caráter feminista, sobretudo quando Bertha Lutz passou a colaborar com o periódico.

Já nas décadas de 40, 50 e 60, tivemos o surgimento e a ampliação de muitas revistas, das quais muitas ainda estão em circulação ainda hoje. Podemos citar, como exemplo de revistas que ainda estão em circulação a revista *Capricho* e a revista *Claudia*, nascidas nos anos 50 e 60, respectivamente. Antes de abordarmos essas revistas, vimos que, nos anos 40, foi criada a *Imprensa Feminina*, uma revista que apresentava fotonovelas, quadrinhos desenhados, e depois passou a publicar também fotografias. Essa revista veio importada da Europa (ABREU, 2008).

Inspirada na exposição de fotonovelas, moda, contos, culinária, surge, em 1952, a revista *Capricho*, da Editora Abril. *Capricho* oferecia até orientações sentimentais para as leitoras. Específica em moda, e ensinando a Mulher a fazer seus próprios modelos, em 1959, surgia a *Manequim*. Também são do ano de 1959 o *Jornal das Moças*, *Jóia*, *Querida* e *Moda e Bordado*.

Dada a variedade de títulos é praticamente impossível detalharmos as especificidades de cada um desses periódicos, motivo pelo qual apresentaremos apenas informações acerca das revistas que foram mais vendidas a partir de 1960, dentre as quais podemos citar: *Claudia*, *Carícia*, *Capricho*, *Mais*, *Querida*, *Nova* e

*Manequim*. Também abordaremos revistas que surgiram nos anos 80 e 90.

Damos início assim pela revista *Claudia*. *Claudia* foi uma publicação da editora Abril criada em 1961 e destinada a falar com a mulher de classe média. Essa revista é apontada por Buitoni (2009) como a referência em ditar o modelo a ser seguido pela mulher de classe média na condução de sua vida cotidiana e sobretudo como uma forma de estimular o consumo. A autora nos diz que nesse momento a mulher da classe média passa a ser compreendida como público que comprava bens, utensílios e demais itens para gerir sua vida em família. *Claudia* seria para ela um dos impressos que mais foi utilizado visando o estímulo ao consumo. A autora nos diz, inclusive, que em meados e final dos anos 70, *Claudia* tornou-se um verdadeiro catálogo de mercadorias, onde todos itens considerados necessários à mulher eram ali expostos, visando o comércio. Luca (2016) derivando da mesma posição, indica que o alvo da revista nos primeiros anos de sua criação era a “mulher casada e mãe” (OP. Cit., p.454) e que consumisse, o que justificaria então a quantidade excessiva de publicidade presente na revista.

Por oportuno, podemos inferir que uma das especificidades da revista em questão é a apresentação da mulher dos produtos dos quais ela necessita para sobreviver e para ter garantida a sobrevivência de sua família com qualidade. Para tanto, é mister destacar que a tônica das revistas femininas, e não apenas *Claudia*, era a apresentação e venda de produtos para as mulheres. No entanto, Bassanezi (1996, p.37) chega a descrever a revista como um “magazine moderno” destinado ao público feminino.

O empreendimento de venda de produtos proposto por *Claudia* foi tão aceito na sociedade brasileira da época que originou outras revistas, derivadas dela, mas com orientação para venda de produtos específicos. Assim surgiram *Claudia Moda*, *Claudia Cozinha* e *Casa Claudia*. *Casa Claudia* foi criada em 1977 e apresentava ideias de decoração para as residências da classe média (CORRÊA, 2015), ao passo que *Claudia Cozinha* apresentava receitas e *Claudia Moda* apresentava manequins e modelos de roupas femininas.

Corrêa (2015) destaca que, diferente da maioria das revistas femininas da época, que apresentava às leitoras produtos internacionais, receitas de difícil elaboração, *Claudia* mostrou-se inovadora ao apresentar a seu público móveis

nacionais para a venda, incluindo até a indicação de onde poderiam ser adquiridos. O mesmo se aplica para as receitas, uma vez que muitas revistas apresentavam receitas com ingredientes raros de se encontrar no Brasil e quando encontravam era a custos elevados. *Claudia*, por outro lado, apresenta as receitas com ingredientes nacionais, o que as torna mais baratas e também mais fáceis de serem realizadas. Além disso, as receitas eram previamente testadas pela equipe da revista que, realizava a experimentação das receitas na cozinha piloto de *Claudia*. (CORRÊA, 2015; LUCA, 2016). Corrêa (2015) chega até a destacar que os funcionários da revista chegavam a passar pelos mercados a fim de saber sobre os ingredientes das receitas, antes de propô-las.

Mais que a venda de produtos, e a apresentação de receitas nacionais, *Claudia* busca vender o ideal de vida moderna. Nesse ideal o consumo de bens é fundamental. Assim, a modernidade evoca a necessidade de compras e no caso muito específico de *Claudia* e das revistas femininas da época corresponde em comprar itens para a casa, para a vida em família. Tal situação advém de mudanças educacionais, profissionais e de lazer aos quais a classe média brasileira passa a acessar em decorrência da ampliação do poder de compra de tais segmentos. Seriam essas mudanças que posicionariam a mulher brasileira como um segmento consumidor (BASSANEZI, 1996).

Derivando dessa perspectiva Costa (2009) enfatiza que *Claudia* vende o ideal da mulher moderna. Na verdade, a autora sinaliza que nessa época era muito difícil precisar o que seria essa chamada mulher moderna, mas, destaca que essa mulher moderna idealizada na revista seria aquela mais voltada ainda para o casamento, porém, com um arsenal de bens que lhes permitisse gerir a vida de sua família. A modernização reside ainda, segundo a autora, no fato de que a revista passa a abordar a questão da sexualidade. A sexualidade, no entanto, para ser vivida com o esposo, dentro do seu casamento. A sexualidade foi introduzida na revista conforme Buitoni (2009) somente em meados dos anos 70, e, de forma contida, abordando inicialmente somente a sexualidade no casamento. Costa (2009) enfatiza que a revista apresentou à mulher a existência de uma suposta crise conjugal e logo em seguida já lhe coloca a alternativa que seria viver intensamente sua vida sexual com seu esposo.

Agora, a mulher precisa ser mais ousada dentro da relação sexual que estabelece com o esposo. Vende-se a imagem da “amante ideal” (BASSANEZI, 1996, p.74), daquela que sabe ser sensual, sexy e mantém o casamento. O prazer sexual da mulher, no entanto, irá aparecer nas revistas ao final dos anos 70 e início dos anos 80. A sexualidade, no entanto, era orientada para atender à necessidade apresentada pelo homem, para mantê-lo no casamento. A satisfação da mulher, acaba sendo sempre resignada a um segundo plano.

Assim, a mulher em *Claudia*, seria a mulher casada, com filhos e que é a maior responsável por sua casa. Bem, por conseguinte podemos inferir que *Claudia* fala para a mulher casada, de classe média. O casamento é por essência uma necessidade à tal mulher, que também é condicionada a cuidar da casa, dos filhos e do marido (LUCA, 2016; BASSANEZI, 1996). Caso a mulher trabalhe fora, uma vez que isso é admitido quando é necessário à sobrevivência da família, vemos que é aceito socialmente, desde que isso não comprometa o desempenho de suas funções no espaço doméstico. O mesmo se aplica a questão da educação e da cultura, ou seja, isso é permitido a medida que não comprometa o desenvolvimento de suas ações no lar. Por outro lado, é lícito salientar que a formação é avaliada como positiva a medida que possa colaborar para que a mulher desempenhe corretamente o seu “papel” no lar.

Como tal, é basal para a mulher o desenvolvimento das chamadas habilidades domésticas, ou seja, capacidades que ela precisa desenvolver para a manutenção da família. Habilidades na cozinha aliás, são supervalorizadas, uma vez que há várias recomendações para que a mulher sempre esperasse o marido com um prato diferente, e que também aprendesse a receber os amigos do esposo em reuniões sociais. Os cuidados domésticos são de competência exclusiva dela, ou seja, a revista, até os anos 80 sequer aborda a possibilidade de divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres. Isso reforça a noção de papéis sociais que devem ser desempenhados entre homens e mulheres. Apesar de admitir que a mulher poderia atuar no mercado de trabalho, quando isso fosse necessário, compete ao homem, prioritariamente, a manutenção das necessidades da família. Costa (2009) nos indica que o espaço doméstico, o lar, é por excelência apresentado em *Claudia* como o local privilegiado para que os papéis sejam

desempenhados por homens e por mulheres.

Bassanezi (1996) enfatiza ainda que as qualidades femininas e as qualidades masculinas também são reforçadas pela revista *Claudia*. A mulher é tida como possuidora e governada pelos sentimentos de amor, de romantismo, sensibilidade, ao passo que o homem é ainda associado a ideia de força e de virilidade. A feminilidade feminina também é reforçada na revista como algo inerente a mulher e que deve ser mantido, para o bem da união conjugal. Portanto, a manutenção de uma boa aparência também é atribuição feminina.

Sendo uma boa cozinheira, boa dona de casa, estando sempre bem arrumada exclusivamente para o marido e mantendo uma vida sexual ativa com o homem que se casou, a mulher conseguiria afastar seu casamento do declínio. Caso o casamento acabasse, no entanto, ela seria responsabilizada pelo seu fim, uma vez que não desempenhou corretamente o seu papel. Aliás, mesmo em casos de traição, ela também deveria perdoar o esposo em prol da felicidade conjugal. Por conseguinte, na maioria dos artigos da revista:

A rotina doméstica e as insatisfações decorrentes não são colocadas em questão; as *culpas* e os erros – ideias muito presentes nas revistas femininas – recaem somente sobre o indivíduo mulher. A mulher, aliás, carrega maior parte das culpas no que diz respeito aos “fracassos”, desarmonias e conflitos do relacionamento conjugal (BASSANEZI, 1996, p.272).

Importante frisar que a família representada em *Claudia* ainda é a família moderna, apresentada em Costa (2009) como aquela que é composta por pai, mãe, filhos e pelos avós. Como tal, a mulher, em essência, precisa ser a mãe. Corrêa (2015) relembra que o mito da maternidade, como mulher perfeita, que nunca se cansa e que faz o possível e o impossível para atender às necessidades da família foi constantemente reforçada na revista e destaca que foi até criada por Ziraldo uma ilustração conhecida como “Super Mãe”, em que havia representações bem humoradas do que se supunha ser o cotidiano da maternidade.

Fato é que *Claudia* reforçava essa suposta necessidade da maternidade, e, a maternidade deveria ser exercida dentro do casamento. Há uma certa tolerância com relação às chamadas “mães solteiras”, porém, sua “situação” é apresentada como um erro que foi cometido e que pode ser corrigido. Assim, histórias e

depoimentos de mulheres que deram esse passo errado são apresentados como exemplos do que a mulher não deve fazer. O final feliz desses casos é coroado com o casamento da mulher e a constituição de uma nova família nos moldes tradicionais composta por homem, mulher e filhos (BASSENIZI,1996; COSTA, 2009).

Os temas da revista estavam ligados à moda, família, educação dos filhos, vida sexual, e, ainda abordavam receitas, decoração da casa, lazer e outros aspectos considerados relevantes para a vida da mulher moderna em seu cotidiano. Cabe aqui destacar também que temas como divórcio irão aparecer na revista de acordo com Bassanezi (1996) somente no final dos 70 e início dos anos 80, ou seja, quando a lei do divórcio já fora sancionada no Brasil. No entanto, a autora nos coloca que o divórcio era apresentado como uma última alternativa para a mulher, ou seja, quando ela já tentou de tudo para salvar o casamento e logrou êxito, deve ser pedido o divórcio. No entanto, o divórcio emerge como um assunto secundário em que são enfocados os novos arranjos familiares. Os relatos sobre o divórcio sempre enfocavam aspectos negativos da separação do casal. Depois que o divórcio aconteceu, sempre recomenda-se um novo casamento.

As posições em *Claudia* não são hegemônicas, como aliás, é constante em um grande rol de revistas da época. O que indicamos acima, com base em autores que estudaram e sistematizaram as produções de *Claudia* nos anos 60, 70 e 80, é o que a maioria dos textos produzidos pela revista sinalizava. No caso de *Claudia* é importante e basal notar que temos na coluna assinada por Carmen da Silva, a “Arte de Ser Mulher” um contraponto, tanto que Luca (2016) destaca que os artigos de Carmen iam contra os demais textos da revista.

Carmen era psicóloga e escritora e esteve à frente da coluna a “Arte de Ser Mulher” no período de 1963 a 1985. Carmen se empenha para abordar assuntos polêmicos, e enfatiza a tristeza que vivia a mulher casada de classe média. Para a autora, o trabalho da mulher deveria ser buscado como satisfação pessoal e não apenas para auxiliar nas despesas da família. Para ela os homens não devem ser preconceituosos no que diz respeito ao trabalho feminino. Carmen enfatiza que a mulher deva buscar a felicidade por si, e não pelos outros e aborda temas nos quais discute “[...] as relações entre homens e mulheres, a condição feminina e o

feminismo” (LUCA, 2016, p. 456).

Carmen buscava, segundo Bassanezi (1996), despertar a consciência feminina e direcionar o pensamento da mulher a ir além da aceitação tácita das normas instituídas socialmente. Já Buitoni (2009) ressalta que Carmen da Silva descrevia sua produção em *Claudia* como dividida em dois estágios, dos quais indicava que o primeiro momento era para o despertar feminino, da mulher se compreender de maneira distinta daquilo que lhe era imposto. Já o segundo momento seria aquele que requeria a ação da mulher, ou seja, demandava uma posição mais ativista na qual a mulher age para mudar sua situação frente a sociedade em que vive. Por conseguinte, ciente do seu valor, a mulher lutaria para mudar a sua posição assumida na sociedade. Em tese, para Buitoni (2009), Carmen denunciava a mulher dona de casa tida como sofredora e desnuda o papel feminino até então comparado à anjo, a um ser sobrenatural mostrando que as mulheres são apenas seres humanos.

Carmen utiliza em seus escritos uma abordagem psicológica, diferenciada e provocativa e coloca-se contrária a estereótipos e valores sociais há tempo consolidados na sociedade brasileira em relação ao que é ser mulher e sobre o seu relacionamento com o homem e dentro da família. Obvio que a abordagem de Carmen, segundo Buitoni (2009) ainda não propunha de forma muito contundente o total rompimento com a sociedade patriarcal e plena expansão feminina, mas, para o tempo em que os textos foram escritos, era um chamado à mulher para começar a repensar sua vivência. Os textos são escritos na terceira pessoa, buscando fortalecer uma suposta intimidade entre Carmen e a leitora e há uma utilização de palavras em destaque com itálico e com hífen buscando assim enfatizar certos termos.

A concorrente de *Claudia* na época era a revista *Desfile*, do grupo editorial Block. *Desfile* foi criada na verdade em 1957, e, no contexto, o nome atribuído a ela foi *Joia* (CORRÊA, 2015). *Desfile* abordava moda, comportamento, decoração e nos anos 70 foi uma das revistas que inseriu entre os temas abordados a questão da sexualidade feminina. Buitoni (2009) ressalta que a revista apresentou artigos ousados sobre sexualidade e não apresentou textos ligados apenas a sexualidade do casal como feito em *Claudia* até meados dos anos 80.

Outras revistas surgiram e outras se consolidaram no período de 60 a 90. Dentre elas podemos citar a *Manequim* que, criada em 1959, e bastante comercializada nos anos subsequentes e oferecia à mulheres da época padrões de como se vestir em cada período incluindo suplementos com moldes que permitiriam que a mulher fizesse em casa os modelos apresentados (LUCA, 2016); revista *Capricho* da Editora Abril criada nos anos 50 e especializada em fotonovelas e com números elevados de vendas até meados dos anos 70; a revista *Mais*, da Editora Três destinada ao público feminino; revista *Carícia* também da Editora Abril criada em 1975 e a Revista *Nova*, outro ícone da Editora Abril em relação as produções do período e destinada ao público feminino (BUITONI, 2009).

A revista *Capricho* foi inicialmente criada para apresentar ao público feminino as fotonovelas. Inicialmente, nos anos 50, a revista apresentava as paixões das mulheres e apesar de muito aceita entre o público feminino chegou a ser proibida em alguns lares por uma suposta apresentação sexualizada dos romances (BASSANEZI, 1996). Em meados dos anos 70 as fotonovelas entram em declínio pelo desenvolvimento e a evolução das mídias como a televisão. Percebendo tais mudanças, a revista passa a orientar suas produções para o público jovem (BUITONI, 2009; LUCA, 2016). Corrêa (2015) indica o ano de 1981 como aquele em que a revista abandonou de vez as fotos novelas e passou a falar com o público juvenil. Em 1985 a revista passa por uma nova revisão e é orientada pelo *slogan* “*Revista da Gatinha*”, passando a produzir textos para o público que possuísse entre 13 e 20 anos de idade, e apresentando as leitoras temas relacionados a moda, beleza e compras. Nessa alteração, *Capricho* passou a apresentar fotos das leitoras, além de depoimentos que enfocavam a fala da adolescente. Nos anos 80 a revista passou a inserir temas mais ligados à sexualidade da adolescente (BUITONI, 2009).

A revista *Mais* é apontada por Buitoni (2009) como uma publicação destinada de nível médio, com produções teóricas que apresentavam preocupações dos segmentos mais intelectualizados da época. Também da Editora Três, tivemos no mesmo período a feminina *Eva*, periódico destinado a discussão de questões ligadas à sexualidade feminina. *Carícia* também abordava a questão da sexualidade, com vários artigos sobre o tema e apresentava também fotonovelas. Era uma revista com formato pequeno e que poderia ser colocada nas bolsas

femininas. Segundo Buitoni (2009), muitas mulheres não admitiam que liam as revistas *Carícia*, mas liam, uma vez que a discussão sobre sexualidade ainda era um tabu para muitas mulheres.

Já *Querida*, como vimos, criada em 1959, foi inicialmente produzida com periodicidade quinzenal pela Rio Gráfica Editora. No começo, os impressos traziam material importado dos Estados Unidos. Nesse material, a revista apresentava contos ousados, mas também contos com um caráter moralista, indicando às mulheres comportamentos que deveriam adotar frente a situações específicas. E ainda “[...] reportagens sobre assuntos de família, comportamento, juventude, vidas dos artistas, moda, beleza, decoração, culinária, enfim, os chamados assuntos femininos” (BASSANEZI, 1996, p.34). Ainda temos na revista textos que enfocavam a perspectiva do homem sobre o que é ser mulher. Dentre elas, observamos uma pesquisa realizada com pais de adolescentes nos anos 60, em que vemos os entrevistados sugestionarem que gostariam que as filhas arrumassem emprego como professoras. A revista indica ainda que, partindo da pesquisa realizada com um grupo significativo de pais, as profissões aceitas no momento eram: professoras, bibliotecárias e enfermeiras.

A Revista *Nova* criada em 1973 foi uma revista feminina mensal e que buscava apresentar à mulher também dicas de moda, comportamento, e discutia ainda decoração e outros assuntos que em tese estariam vinculados ao universo feminino. Os artigos e imagens apresentam sempre uma mulher bonita, arrumada, com roupas de grifes e caras, por conseguinte também *Nova* apresenta uma realidade extremamente consumista às leitoras. Buitoni (2009) chega a enfatizar que as imagens dos artigos apresentam ambientes como quartos e salas impecavelmente decorados e arrumados. Mas, a mulher de *Nova* é mais adulta e mais liberada na questão sexual. Em *Nova*, não temos mais apenas representação da mulher casada, aliás, são comuns nos textos termos como “namorado” ou “companheiro” mesmo quando a revista aborda a questão da sexualidade. Apesar de muitos textos de *Nova* abordarem a questão da sexualidade sem todo o pudor que era comum em *Claudia*, vemos que sempre a sexualidade é pensada em função de atender as necessidades do homem. Luca (2016) nos indica que a mulher idealizada em *Nova* ainda é a mulher para atender ao desejo, ao gosto do

homem.

Buitoni (2009) descreve *Nova* como uma revista em que temos a mulher vinculada aos ideais de sexo, prazer e consumo de itens extremamente refinados.

*Nova* seria para a mulher adulta, casada ou não, com poucas preocupações domésticas e com muita preocupação sobre sexo. Uma mulher mais “liberada”, que não pensa em casamento, necessariamente. É uma revista com uma linha mais “feminista”, por veicular uma ideologia voltada para a mulher como ponto principal, só que ainda dentro de uma perspectiva consumista, exacerbada com doses de sofisticação. A princípio, parece ser uma publicação que defende a mulher, mas, no fundo serve mais para promover a integração na sociedade do consumo (BUITONI, 2009, p.116)

A autora ainda nos diz que nas chamadas da revista havia sentenças como “compre”, “use” buscando assim fortalecer a tendência ao consumo da mulher. Não eram convites, eram ordens e ainda salienta que em alguns anúncios havia até endereços, telefones de onde os bens divulgados nas revistas poderiam ser adquiridos. Importante frisar que *Nova* não exclui de cena habilidades domésticas, ainda consideradas relevantes para a mulher. Porém, se comparada à *Claudia*, as menções às prendas domésticas são menores. Aliás, Buitoni (2009) ressalta que até cuidados com plantas e jardinagem têm grande destaque em *Nova*.

Da mesma maneira que as propostas para cozinhar, decorar, a sexualidade também é pensada em função do homem. Cozinhe para ele, se arrume para ele, faça tudo por ele. Portanto, apesar da mulher ser a figura central do impresso, suas ações são propostas em favor do homem. “[...] as ações sugeridas são sempre em função *dele*. Ela vai fazer as coisas para ele, para agradá-lo. Mais uma vez, apesar de toda a aparência em contrário, o eixo principal é a passividade (BUITONI, 2009, p.122).

A abordagem de assuntos ligados a sexualidade feminina nas revistas torna-se mais latente em meados dos anos 70 e guarda estreita relação com as mudanças pelas quais passou a sociedade brasileira nesse período. Vemos que nesse contexto temos uma ampliação da socialização das discussões do movimento feminista, juntamente com o surgimento de métodos contraceptivos, passam a trazer à tona a discussão sobre a sexualidade feminina, e, sobre a maior liberação sexual da mulher. Óbvio que tais mudanças não são sentidas da mesma forma pelas mulheres, porém é então período que temos a ampliação das

representações sobre sexualidade feminina no Brasil.

A imprensa de meados dos anos 70, percebendo a mudança de conceitos e comportamentos femininos no Brasil, rapidamente ofereceu às mulheres revistas que discutissem os temas de interesse desse segmento. *Nova* e *Carícia* são exemplos de impressos femininos que ofereceram às mulheres esse tipo de conteúdo em seus textos. Mas, no entendimento de Buitoni (2009, p.115), sexo passou a ser o grande estimulador para a produção das revistas, mesmo que cada qual o abordasse a seu modo, umas revistas de maneira mais recatada como em *Claudia* e outras de maneira mais exposta como em *Nova*.

Sexo foi o principal produto editorial vendido nesta década.[...] De referências à insatisfação sexual da mulher casada, foi passando a matérias sobre virgindade, masturbação, orgasmo etc. e no final da década, várias revistas femininas já conseguem publicar, com todas as letras os nomes dos órgãos sexuais femininos, coisa inimaginável nas contidas revistas da década de 1960 (BUITONI, 2009, p,115)

Nos anos 70, tivemos outras mídias destinadas ao público feminino como por exemplo os suplementos que foram disponibilizados em alguns jornais de grande circulação no país. A *Folha de São Paulo* por exemplo, lançou páginas na edição de domingo com informações destinadas à mulher e o jornal *Estado de São Paulo* lançou um suplemento especialmente destinado ao público feminino, porém, esse suplemento apresentava receitas extremamente caras e informações que não estavam relacionadas a realidade da mulher brasileira. Dessa maneira, o suplemento do *Estado de São Paulo*, considerado ultrapassado não teve aceitação do público feminino. Entretanto, a organização dos suplementos para mulher demonstra que a partir de então esse público passou a ser importante ao mercado editorial de jornais da época.

E, teremos também outros jornais como o *Nós Mulheres*, jornal publicado no período de 1976 a 1978, e, voltado a discutir conteúdos presentes no cotidiano das mulheres pobres. *Nós Mulheres* enfocava problemas do universo feminino como a pobreza, questões do trabalho e ainda criação e educação dos filhos. Melhor dizendo, temas como “Carestia, sindicato, salários e direitos trabalhistas da mulher, alimentação, terrenos clandestinos e outros” (BUITONI, 2009, p. 125) eram presentes. No ano de 1976 também foi criado o jornal *Brasil Mulher*, outro jornal que discutia de maneira mais crítica questões que envolviam as mulheres. O *Brasil*

*Mulher* era mantido pelo Movimento Feminino pela Anistia e também buscava problematizar assuntos femininos, fugindo da fórmula de moda e consumo tão presente nas revistas femininas nacionais.

Era comum nesses dois jornais que os textos sempre fossem dirigidos à segunda pessoa, recorrendo a termos como “você” ou “minha amiga”, ou então escritos na primeira pessoa do plural, usando sempre o “nós”. Isso garante maior proximidade aos leitores. De certa forma, esses jornais tentam demonstrar que emitem uma opinião comum de um grupo e que essa opinião não reflete a perspectiva de um autor isolado. Buitoni (2009) assevera que o texto opinativo torna-se comum na imprensa no final do século XIX e início do século XX, onde o uso do termo “nós” é bastante representativo desse estilo de escrita. A utilização desse e de outros termos que aproximam o impresso e o leitor, indicam ainda um compromisso firmado do impresso com o público leitor.

O texto mostra-se mais coloquial, de entendimento mais fácil ao leitor e para facilitar a vinculação entre impresso e leitora se deixa claro que quem escreve são mulheres. Ou seja, fica claro que o texto representa um grupo e não um indivíduo isolado e que é escrito por mulheres. Esse formato narrativo presente nos jornais é basal para garantir a adesão das mulheres pobres ao periódico. Além disso, *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher* apresentam em suas matérias fotos de mulheres “reais”, verdadeiras e não mais as modelos que comumente estampavam revistas e jornais da época. Assim, é lícito supor que a mulher consiga mesmo se ver representada nessas mídias que estão mais próximas a sua realidade cotidiana.

Os jornais mais críticos, como esses, não recorriam ao processo de produção convencional e via de regra “[...] usando Xerox, mimeografo e outros meios baratos de impressão” (BUITONI, 2009, p. 116). No entanto, esses pequenos jornais, mesmo com baixos custos, por não recorrerem a anúncios que trariam boa fonte de recursos, e, tampouco possuírem outras fontes de financiamento, acabavam sendo fechados pois não conseguiam manter os custos do processo produtivo. Importante frisar que as revistas nos anos 60, 70 como *Claudia*, *Nova*, *Carícia* não abordavam questões de economia ou política e tampouco faziam menção a questões sociais presentes na realidade das mulheres brasileiras. Isso coube a jornais e algumas revistas (poucas).

Os anos 80, no entanto, são característicos de um rol amplo de mudanças no Brasil, que vão desde o cenário político ao econômico e que estão relacionados também ao desenvolvimento tecnológico e que altera o formato produtivo dos impressos. Assim, nos anos 80 temos no Brasil a ampliação da crise capitalista gestada desde os anos 70. Isso resultou no surgimento de revistas que ensinavam as mulheres a fazer algo que auxiliassem na economia doméstica. Buitoni (2009) descreve tais produções como orientadas pela ótica do “faça você mesmo”.

Também foi um período de profundas mudanças políticas. Temos a distensão da ditadura política e a consolidação das reivindicações sociais por maior abertura política. Esse período pode ser sistematizado da seguinte forma:

Nos anos 1980, havia todo um clima de busca de libertação das amarras autoritárias. A Lei da Anistia, de agosto de 1979, permitiu a volta dos exilados políticos. Em 1980 e 1981, houve prisões dos líderes do ABC, entre eles Lula, então presidente do recém-criado Partido dos Trabalhadores. [...] Os jornais e as lideranças políticas empreenderam ações visando ao reestabelecimento das eleições diretas para cargos executivos. Assim, o movimento Diretas Já teve seu passo inicial numa manifestação pública convocada pelo PT no dia 27 de novembro de 1983 [...] (BUITONI, 2009, p. 128).

Junto a esses processos que visavam maior participação política do país, temos avanços no sentido da proteção da mulher. Em 1981, o Estado de São Paulo criou o primeiro Conselho Estadual da Condição Feminina. No ano de 1985 foi criado o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero da USP, e, também nesse ano a primeira Delegacia da Mulher foi instituída em São Paulo. Por oportuno, é mister salientar que começam as reflexões a respeito da proteção e conjuntamente surgem outros conceitos que auxiliam o entendimento diferenciado sobre a mulher. Assim, levanta-se a discussão da violência, e suas mais variadas expressões, as quais vão ganhando adesão de muitas mulheres pelo país.

No que diz respeito a produção das revistas, temos o surgimento de *Criativa* no ano de 1982, da Editora Riográfica. *Criativa* era destinada ao público feminino e tinha como objetivo ensinar à mulher determinadas habilidades, como pintura, bordado e um rol amplo de atividades ligadas ao artesanato. Nas palavras de Buitoni (2009, p. 129), *Criativa* “[...] ensinava a fazer uma série de objetos, trabalhos de artesanato e soluções práticas para casa, possibilitando inclusive que se conseguisse uma renda suplementar” (OP.CIT., p. 129). Temos em que o

desenvolvimento econômico do país estava mergulhado em uma recessão e por isso, recomendava-se que a mulher desenvolvesse habilidades que a permitiam economizar em casa ou mesmo encontrar outras fontes de renda. A revista *Criativa* é representativa dessa tendência. Outro importante nome em revista feminina foi *Elle*, criada em 1988, também da editora Abril. Essa revista, também feminina, apresentava às leitoras indicações de roupas, ambientes decorados e reportagens.

Nos anos 80 surgiram várias revistas destinadas a ensinar em como construir um corpo atraente. São elas: *Saúde*, criada em 1983; *Corpo a Corpo* em 1987; *Boa Forma* em 1988. Nem todas essas revistas eram destinadas ao público feminino, porém, possuíam como característica a venda do corpo ideal, a necessidade de preocupação com a saúde e com a alimentação. Possivelmente essas revistas também apresentariam entre o público consumidor as mulheres que desejavam esse corpo ideal.

Porém, também foi nos anos 80 que tivemos, conforme indica Buitoni (2009), o surgimento do jornal *Mulherio*. *Mulherio* é apontado como um jornal feminista, uma vez que trazia em seus textos argumentos que defendiam a mulher, e buscavam desconstruir imaginários sobre o padrão instituído de feminilidade, incluindo discussões sobre a beleza, sobre questões de trabalho e várias outras que estavam presentes no universo feminino. O jornal em pauta foi editado no período de 1981 a 1990. O jornal usava fotos de mulheres comuns para as capas e para as matérias, e apresentava conteúdos próximos a maioria das mulheres brasileiras. Ao que parece, segundo a análise da autora, um jornal mais próximo do cotidiano da mulher brasileira.

Já nos anos 90, teremos mudanças nas mídias usadas na sociedade brasileira, uma vez que teremos a ampliação dos números de aparelhos de televisão junto a mídias como vídeo, CDs e outros itens dessa natureza. Junto as revistas femininas vemos que há um estímulo ao culto às celebridades, agora ainda mais conhecidas no país pela popularização da mídia. Além disso, a melhoria da qualidade de vida de uma parcela da classe média brasileira resulta em uma ampliação do consumo. O Plano Real estimulou o crescimento de alguns segmentos sociais, que conseguiram aumentar sua renda e seu poder de compra. Com isso, as revistas, sobretudo as femininas, potencializam a venda de produtos

para esse segmento que está em melhores condições financeiras (BUITONI, 2009).

No âmbito da produção de revistas femininas no ano de 1991, a Editora Globo criou *Marie Claire*, periódico destinado a mulher considerada de classe elevada e a mulher economicamente ativa. *Marie Claire* tornou-se, em pouco tempo, uma revista polêmica. Polêmica pelo fato de abordar de forma mais clara aspectos que envolviam a sexualidade feminina. A abordagem de *Marie Claire* sempre usando o termo “nós” e em muitos casos a linguagem coloquial fortalecia a aproximação entre leitor e revista. O uso de depoimentos de mulheres e homens sobre as situações vivenciadas, incluindo as vividas no âmbito da sexualidade, conferia a revista um caráter mais intimista. Assim, *Marie Claire* abordava moda, saúde e na questão da sexualidade abordou temas nem sempre apresentados em outras revistas como orgasmo feminino e promoveu uma ampla campanha em prol da utilização da camisinha.

Ainda nos anos 90, meados de 1993, a Editora Símbolo lançou a revista *Barbara*, com textos voltados a mulher madura. E, um ano depois foi a vez da Editora Escala lançar *Atrevida*, revista que era destinada ao público jovem, ou seja, uma concorrente para a revista *Capricho* que até então mostra-se a grande hegemônica em revistas para adolescentes. *Atrevida* rapidamente se destacou no mercado e conquistou muitas leitoras. Luca (2016) destaca que o valor baixo de venda da revista pode ter sido um dos fortalecedores de seu consumo pelo público jovem.

Nos anos 90 tivemos ainda o lançamento da revista feminina *Ana Maria* da Editora Azul, especificamente no ano de 1996. A revista *Ana Maria* foi uma revista de grande circulação uma vez que foi vendida por um preço extremamente baixo. Por isso, foi uma revista de grande circulação na época. *Ana Maria* discutia assuntos relacionados ao que se entendia como vinculado ao universo feminino como “[...] beleza, saúde, moda e comportamento” (BUITONI, 2009, p. 144) e ainda apresentava receitas e outras noções de culinária. *Ana Maria* era destinada à mulher mais velha e casada. Nos anos 90, também visando a mulher mais jovem, foi lançada pela Editora Abril a revista *Viva!Mais*, que também foi comercializada por um preço baixo. *Viva!Mais* apresentou grande tiragem, e abordava conteúdo semelhante ao de *Ana Maria*. Porém, com o tempo, *Ana Maria* passou a ser

específica para culinária e *Viva!Mais* manteve a abordagem voltada a moda, beleza e saúde. Luca (2016) nos diz que *Viva!Mais* também apresentava às mulheres ideias de como gerar renda.

Nos anos 90 tivemos alterações na organização dos temas da revista *Capricho* que, agora, passa a abordar também questões relacionadas à sexualidade como masturbação, relações sexuais, AIDS, gravidez, aborto e também sobre a utilização da camisinha. A revista passa a usar mais textos em que se direciona à leitora escrevendo “você”, buscando fortalecer ainda mais a cumplicidade entre o periódico e o leitor e também fortalece a apresentação de artigos com imagens.

Enfim, dos anos 60 aos 90 podemos observar uma variedade de títulos destinados ao público feminino, cada qual com uma determinada especificidade, porém, todas visando uma interlocução, um discurso com o universo feminino. No entanto, é no final dos anos 60 que teremos a criação, pela Igreja Presbiteriana Independente, da *Revista Alvorada*, essa que fala diretamente para a mulher presbiteriana independente. Na sequência abordaremos informações que nos permitam uma caracterização geral desse periódico.

### **A *Revista Alvorada*: caracterizações iniciais**

Tendo em vista a necessidade de melhor caracterizar a revista estudada, apresentaremos nesse item informações sobre tal produção, como por exemplo, os variados nomes que foram adotados pela revista, dados das editoras que foram responsáveis por sua produção, informações sobre a descrição técnica da revista, responsável pela redação de cada fase e os preços, assim como formas de aquisição e também as seções que eram comuns no periódico. Além disso, é basal que sejam aqui apresentadas informações sobre a história da *Revista Alvorada*, que começaremos nossa apresentação por tal aspecto.

Essa revista, no entanto, destina-se a um público distinto, que é o público feminino. Dessa forma vemos que há uma preocupação da Igreja Presbiteriana Independente em falar diretamente a esse público. Dessa maneira, a revista, apresenta algumas similaridades às revistas não confessionais, porém, o fato de estar vinculada a uma Igreja, evangélica, lhe confere contornos que lhes são específicos. Isso integra o período e faz parte da área de circulação do impresso.

Todos esses itens são importantes para que possamos interpretar e analisar a produção da revista. Esses itens vão nos dar a área social de circulação do periódico. Chartier (2002) nos coloca que quando estudamos e analisamos impressos é basal identificar essa área social em que circula um dado corpo de texto. A identificação da área social de circulação do texto nos dá a conhecer também as práticas sociais que são por ele produzidas e nos ilumina ainda em identificar quais são os conceitos que produzem um texto. Analisando e conhecendo todas as configurações da revista, e como ela vem sendo dada a ler, nos dá essa área social e nos permite identificar o emissor do discurso relacionando-a a práticas desenvolvidas.

Entretanto, para que seja identificada essa área social em que o texto circula e se torna dado a ler, é fundamental compreender que os textos possuem uma historicidade, ou seja, respondem a uma demanda que lhes é inerente em um dado momento histórico-social. Por oportuno, é lícito concluir que um dos conceitos de vital importância é identificar a historicidade, o desenvolvimento histórico da revista, para além de sua história linear.

Importante frisar que não há, antes dessa dissertação, nenhum texto, nem mesmo da Igreja Presbiteriana Independente, que nos permita uma construção dos dados que aqui apresentaremos, ou seja, a Igreja não tem esses dados sistematizados. Essa construção só foi possível pelo fato de analisarmos as revistas e buscarmos dados que nos permitiram tal caracterização, bem como a reconstrução de sua história. Também recorreremos às edições especiais do jornal *O Estandarte*, uma vez que há nessa produção dados sobre a revista em pauta.

A *Revista Alvorada*, atualmente denominada *Vida e Caminho*, nasceu no ano de 1968, em São Paulo. Figura que, Maria Clemência Mourão Cintra Damião e Izolina Magalhães convocaram uma reunião com o Reverendo Francisco de Moraes, a fim de apresentar uma proposta para elaboração de um folhetim destinado especificamente ao público feminino. Maria Clemência Mourão Cintra Damião e Izolina Magalhães eram vinculadas à Liga das Senhoras da Igreja Presbiteriana Independente, um departamento da igreja voltado à evangelização e a caridade. No entanto, o religioso propôs uma revista impressa destinada ao público feminino da Igreja. A revista foi criada, e foi iniciado um concurso para a escolha de seu nome, sendo escolhido *Alvorada* – Revista da Mulher Presbiteriana Independente e, nos

anos 80, o nome foi alterado para *Revista Alvorada Feminina* (O ESTANDARTE, 2002).

Esse momento é de suma importância no protestantismo brasileiro. Trata-se do período em que temos uma diversificação dos bens de salvação por parte das igrejas protestantes, ou seja, vemos que a partir de meados de 1940 as igrejas protestantes passam a usar da mídia visando angariar mais fiéis. Apesar de grande parte das igrejas protestantes recorrerem a televisão e demais meios de comunicação em massa conforme nos indica Montes (2002), podemos interpretar a revista em questão como um dispositivo, um bem de salvação, que também tem a finalidade de angariar fiéis, no caso, mulheres. E, também podemos inferir que a revista funciona como um meio coercitivo de conferir às mulheres uma norma de conduta, de ação. Afinal, como nos coloca Chartier (2002), os textos possuem (sempre) uma finalidade a alcançar.

Porém, mesmo no caso dessa diversificação dos bens de salvação, é necessário ressaltar que os presbiterianos, desde que chegaram ao Brasil, usavam o impresso com finalidade proselitista e buscavam inserir as mulheres nas ações de evangelização. Tanto que as primeiras escolas protestantes que surgiram no Brasil como indicamos no capítulo 1 dessa dissertação, não apenas permitiam como estimulavam o ensino da mulher, algo que não era comum na época nas escolas não protestantes. Portanto, vemos que os presbiterianos buscam estimular a mulher leitora, uma vez que somente dessa forma ela poderá também colaborar na escola dominical e em outros meios de evangelização. Além disso, a mulher não poderia transmitir o conhecimento da fé cristã aos filhos se não conseguisse ler as sagradas escrituras e demais impressos da igreja. Por conseguinte, podemos inferir que a utilização do impresso com finalidade de evangelização provém da própria história de desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Independente no Brasil. Afinal, como assevera Certeau (1998), os textos possuem uma relação com uma instituição social que os originou. No caso da revista, vemos que há uma relação de interdependência com a Presbiteriana Independente, matriz de suas reflexões.

Por outro lado, vemos ainda que na época do surgimento da *Revista Alvorada* temos a revista *Claudia* já bem consolidada no mercado de revistas femininas no Brasil. Nesse sentido, a nosso ver, a *Revista Alvorada* é apresentada como uma possibilidade para a mulher presbiteriana e também para a mulher evangélica que, muito possivelmente não se via representada em *Claudia*. A ampliação das tiragens

da *Revista Alvorada*, como indicamos abaixo, considerando o seu surgimento e as tiragens dos anos 80, nos mostram a aceitação do público feminino de natureza confessional. Assim, se o mercado convencional oferece à mulher uma revista, nada mais coerente do que a Igreja Presbiteriana Independente se antecipar e oferecer às suas mulheres também um periódico. Afinal, a mulher evangélica seria moldada por *Claudia* ou pela *Revista Alvorada*? Isso porque a revista tem essa função pedagógica, onde Corrêa (2016) ressalta que as revistas femininas visam ensinar, orientar e induzir um dado comportamento na mulher. Destarte, para a mulher evangélica é vital uma orientação distinta da que era oferecida em *Claudia*.

Impressos também possuem, como Certeau (1998) indica, um poder social. Por meio deles são travadas lutas entre grupos de poder, os quais o autor nomeia como elite. Para ele, que analisa a circulação de livros, todo impresso traz, em si, a representação de um grupo, por meio do qual ele busca manter o controle, a hegemonia. No caso da *Revista Alvorada*, ela também pode ser lida, partindo de tal definição, como uma arma cultural por meio da qual o grupo social vinculado à Igreja Presbiteriana Independente tenta fazer frente a outros tipos de impressos destinados ao público feminino, incluindo *Claudia* que citamos acima e outras revistas afins.

A primeira edição da revista foi publicada no mês de fevereiro de 1968. Na sua primeira tiragem, foram impressos 4.000 exemplares; em 1969, a tiragem foi de 5.000 exemplares; em 1970, correspondeu a 10.000 exemplares e, em 1978, a tiragem foi de 20.000 exemplares.

As revistas, até meados dos anos 90 do século XX, eram compostas por uma média de 35 páginas e, a partir de então, nos anos 2000, passaram a ter em média entre 40 e 60 páginas. As revistas produzidas nos anos 70 e 80 possuíam capas coloridas, mas a parte interna era impressa em papel de jornal. Esses periódicos, nos anos 90, tinham a capa impressa em papel *couché* e, na parte interna, papel supremo<sup>43</sup>. A revista foi mudando e se especializando, acompanhando as inovações tecnológicas e editoriais.

No total, foram produzidos 185 números, já que a revista ficou sem edição no período de 1991 a 1993. Para a análise dessas publicações, conseguimos comprar as mais atuais, sobretudo, aquelas produzidas a partir de 2000, por meio do contato

---

<sup>43</sup> A análise em questão considerou apenas as revistas adquiridas. Muitos textos usados para a análise são Xerox, o que inviabiliza uma análise completa da qualidade do papel e dos impressos.

com a Editora Pendão Real.<sup>44</sup> As demais revistas, sobretudo as dos anos 70, 80 e 90, conseguimos adquiri-las procurando nas Igrejas, em sebos e por meio de contatos com pessoas que escreviam na revista no período em que elas eram publicadas. Não foi um processo fácil e apesar de a Igreja Presbiteriana Independente possuir um arquivo com todas as publicações, as mesmas não foram cedidas para a pesquisa, apesar de termos insistido muito com a atual redatora.

Nosso estudo aconteceu analisando-se toda a revista, incluindo as capas. Observamos artigos, imagens, textos variados e demais informações. Porém, nossa atenção foi direcionada para símbolos que estivessem relacionados com a questão da mulher, uma vez que, apesar de criada para o público feminino, aborda assuntos variados e associados com a Igreja e não apenas temas voltados à mulher. Mesmo com esse “recorte”, a quantidade de textos é extremamente ampla. Não há como apresentar todos os textos, mas destacaremos alguns trechos de revistas que se mostram representativos do entendimento conferido pela revista à mulher. Identificamos, através dos textos publicados, que há indicações sobre o lugar social da mulher, ou seja, onde ela vive e se movimenta; essa mulher deve estudar, trabalhar e quais são suas qualidades, atributos, deficiências? Pela junção desses distintos aspectos, poderemos ter uma representação da figura feminina, do universo feminino retratado na revista. O conteúdo dos textos, no entanto, será apresentado no último capítulo.

Visando facilitar nossas discussões para essa dissertação, decidimos por definir a exposição da seguinte forma: *Alvorada* – Revista da Mulher Presbiteriana Independente, o que comporta as publicações dos anos 70 e *Alvorada Feminina*, com textos dos anos 80; *Alvorada* e a produção dos anos 90 e 2000 e revista *Vida e Caminho*, com a produção de 2016<sup>45</sup> e 2017. Nos anos 70 e 80 temos uma primeira fase de produção da revista na qual os textos falam diretamente para a mulher. A partir dos anos 90 temos uma segunda fase, essa mais orientada para a família, porém, os textos destinados ao público feminino ainda são presentes.

Com relação ao nome da revista, vimos que o primeiro nome: *Revista da Mulher Presbiteriana Independente* – *Alvorada* foi escolhido por meio de um concurso entre os fiéis da Igreja Presbiteriana Independente. Nos documentos

---

<sup>44</sup> Oito revistas foram compradas em Sebo de São Bernardo do Campo - SP. As revistas dos anos 80 e 90 foram acessíveis por meio do xerox da coleção de Odete Rocha, indicada pela atual editora do periódico, como possuidora dessa coleção.

<sup>45</sup> A revista *Vida e Caminho* recebeu essa denominação a partir do último trimestre de 2016.

disponibilizados pela Igreja e mesmo nas revistas consultadas, não há nenhuma informação acerca das motivações para as mudanças de nome. Encaminhamos vários e-mails para a editora e atual responsável pela revista, visando identificar quais explicadores para a mudança de nome do periódico, porém, não obtivemos resposta. Também tentamos o contato via telefone e o responsável não atendia e também não retornava as ligações. No entanto, a análise das revistas nos permitiu identificar os vários nomes que foram sendo utilizados em cada período, estando assim distribuídos: 1968 - *Revista da Mulher Presbiteriana Independente*; 1974 - *Alvorada Feminina*; 1988 - *Revista Alvorada, a revista da família* e no último semestre de 2016, a revista passou a ser chamada *Vida e Caminho*.

Os nomes escolhidos por uma revista buscam garantir proximidade com o leitor. No contexto dos anos 60, no surgimento da *Revista Alvorada*, não tínhamos ainda a prática de realizar pesquisas editoriais para saber quais eram os interesses dos leitores (CORRÊA,2015). Assim, a revista ainda não tinha como identificar, em seu surgimento, qual nome seria o mais atrativo ao público feminino vinculado a Igreja Presbiteriana Independente. No entanto, usou de um dispositivo interessante de aproximação às leitoras, buscando incorporar o desejo dessas ao lançar mão de um concurso para a escolha do nome da revista. Ainda assim, o nome: *Revista da Mulher Presbiteriana Independente – Alvorada* a nosso ver, reduz a leitura da revista as mulheres vinculadas a Igreja Presbiteriana Independente, possivelmente pelo fato de que no contexto de seu surgimento a revista visava orientar e disciplinar apenas as mulheres vinculadas à tal denominação. Contudo, com o tempo, a mudança dos nomes para *Alvorada Feminina* excluindo o termo: “*Mulher Presbiteriana Independente*” indica abertura da revista à outras mulheres, além daquelas leitoras já vinculadas a Igreja Presbiteriana Independente. Esses nomes caracterizam ainda a primeira fase da revista na qual a fala era direcionada especificamente para a mulher.

Já os nomes *Revista Alvorada* e *Vida e Caminho* demonstram uma mudança da revista que, agora não fala mais especificamente para a mulher, mas para toda a família. Obviamente que na definição da Igreja Presbiteriana Independente a mulher tem o papel de manter a família coesa, firme, e por conseguinte, apesar de não haver apenas uma fala direcionada para esse segmento, vemos que a grande maioria dos textos estão direcionados para a mulher. No decurso apresentaremos a disposição dos assuntos. A abertura apresentada pela mudança do nome leva a

revista a introduzir outros assuntos na sua apresentação, além daqueles que convencionalmente são vinculados ao universo feminino e comuns na organização da revista na sua primeira fase. Apresentaremos ainda as principais seções e temas que são comuns na revista em cada uma das fases. Entretanto, a mudança do nome também sugere uma alteração no público leitor.

Analisando essa mudança de nome com base na proposta metodológica de Chartier (2002), podemos concluir que temos uma definição da área por onde o periódico circula. Nesse caso, vemos que na primeira fase, a área de circulação do impresso em questão era o público feminino de orientação religiosa protestante. Assim, o nome *Revista da Mulher Presbiteriana Independente- Alvorada*, reduz a área de circulação do periódico somente a mulher vinculada com a Igreja Presbiteriana Independente, ao passo que *Alvorada Feminina* a vincula a qualquer outra mulher e não necessariamente a presbiteriana independente.

O número de tiragens nos anos 80, chegando a média de 20.000 exemplares, pode nos sinalizar que a revista não era lida apenas pela mulher da presbiteriana independente. Afinal, há textos que são partilhados por grupos sociais diferentes, mas que possuem embasamento cultural semelhante. As mulheres de denominações religiosas distintas têm acesso a revista porque também partilham de seus valores. Assim, esse impresso nos diz em grande medida das configurações culturais desse público, ou seja, nos mostra no que acreditam essas mulheres e como elas buscam orientação para a sua vida.

Já na segunda fase vemos que há alterações significativas da área social de circulação da revista. Isso porque inicialmente a *Revista Alvorada* fala para a família e não apenas para a mulher. Apesar disso, a maioria dos textos ainda se direciona ao público feminino. Agora, a *Vida e Caminho*, que também expõe um rol amplo de textos destinados ao público feminino, se destina, a nosso ver, a todos aqueles que estão vinculados a Igreja Presbiteriana Independente e não apenas a mulher.

Considerando a quantidade de tiragens da revista, a mudança de nome e a alteração da forma como o discurso da revista é organizado, podemos inferir que o acesso ao periódico tem diminuído. Assim, vemos que com a *Revista Alvorada* a tiragem média era de 4.500 exemplares e com *Vida e Caminho* cai para 1.500. Obviamente que, realizando a média de tiragens da segunda fase vemos que a mesma permanece em 4.500 exemplares, porém *Vida e Caminho*, nas cinco revistas analisadas manteve a tiragem de 1.500 volumes. Podemos assim inferir que a área

social de circulação da revista muda e também supor que *Vida e Caminho* não seja mais tão atrativa as mulheres como as revistas oferecidas nas fases anteriores e mesmo como a *Revista Alvorada*.

Outra informação importante refere-se a editora responsável pela impressão do periódico. Inicialmente a Imprensa Metodista, com sede em São Paulo era a responsável. A leitura das revistas nos indica que toda a produção dos números acontecia na Igreja Presbiteriana Independente e a revista apenas era impressa na Imprensa Metodista. As revistas produzidas a partir de 1979 apresentam nos dados de catalogação que os periódicos seriam impressos na Gráfica Modelo, por sua vez, localizada em Santo André. No ano de 1990, a revista passou a ser impressa e comercializada pela Associação Evangélica Literária Pendão Real. A partir de 2000 e ainda atualmente a revista é comercializada pela Editora Pendão Real, que também possui um *web site* para viabilizar as compras.

Podemos considerar essas mudanças, incluindo o acesso a revista via *web site* como decorrente do processo iniciado no Brasil em meados de 40 em que as igrejas protestantes ampliam substancialmente os “mercados dos bens de salvação” (MONTES, 2012, p.13), tal como sinalizamos acima. Agora, apenas os cultos não são suficientes para a consolidação de uma subjetividade, uma representação coletiva. A internet e a facilidade de acesso a demais meios de comunicação em massa exigem que a Igreja também se modernize mais e tenha condições de competir com esse amplo mercado disponível.

O momento em que a Igreja deixa de recorrer a gráficas terceirizadas e institui equipamentos próprios de editoração, impressão e comércio, representa um momento que os equipamentos tecnológicos permitem esse processo de produção mas também configuram uma necessidade pela busca do leitor, oferecendo a ele um produto que possa competir com os demais que são oferecidos pelo mercado. Assim, a produção artesanal e mais provinciana da revista dos anos 60 não conseguiria ter aceitação nem mesmo junto aos fiéis, posto que não se mostraria atrativa se continuassem sendo impressas em papel de jornal, apenas com as capas coloridas. Além disso, configuram o momento em que a Igreja Presbiteriana Independente se vê condicionada a também usar meios não convencionais para a evangelização, a exemplo de outras denominações religiosas, transmitindo assim à sociedade brasileira uma representação de sua imagem.

Assim, as mudanças e alterações nas formas com que os textos são dados a ler advém da necessidade do impresso em sua recepção. As mudanças nos textos podem criar novos públicos e também instituir novos usos (CHARTIER, 2002). Por conseguinte, a alteração no impresso, mudanças com a qualidade do papel, facilidade de acesso a edições atuais através de *web site* são dispositivos usados visando a circulação dos textos. Além disso, as alterações visam alcançar um efeito no leitor. Efeito esse que iria estimular a aquisição da revista. Mudanças que também são sentidas quando temos a alteração na equipe que gerencia a revista, ou seja, essas adequações visam manter o periódico em circulação. Ou como também indica Certeau (1998, p. 266) “[...]o texto só tem sentido graças a seus leitores: muda com eles, ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam”.

Analisando as revistas pudemos observar ainda que as revistas dos anos 70, 80 e 90 sempre possuem um conselho composto por um Diretor, uma Redatora, uma Secretária, Tesoureiros e um Diagramador. A análise nos permitiu inferir que o Diretor sempre é alguém vinculado a Igreja Presbiteriana Independente e este alguém é sempre um homem. Isso é facilmente observado pela apresentação dos responsáveis como reverendo ou presbítero. Já as redadoras, predominantemente mulheres, também são vinculadas a Igreja Presbiteriana Independente, como é possível inferir analisando-se os editoriais e apresentação de revistas, além dos artigos escritos por quem era apresentado como responsável pela revista. As revistas produzidas nos anos 2000 também possuem um conselho editorial, no qual, há uma média de 05 participantes, homens e mulheres. Além disso, integram a equipe das revistas a partir de então: uma editora, uma revisora, um responsável por arte e diagramação e um responsável pela gestão da comunicação.

Apesar de algumas mudanças, vemos que o redator é figura fixa na gestão da revista, e, nesse caso a grande predominância de mulheres a ocupar esse cargo. Assim sendo, a redatora responsável pela revista no contexto do seu surgimento e até meados de 1980 foi Izolina de Magalhães Venosa, uma senhora vinculada a Igreja Presbiteriana Independente e que também teria sido uma pessoa importante para o surgimento da revista. Além de Izolina, temos como auxiliar Wilma de Oliveira Cesar, e redatora auxiliar, Suely M. C. de Moraes. Pelos artigos, verifica-se que muitos são assinados por Izolina, Wilma e Suely, as quais eram todas vinculadas a Igreja Presbiteriana Independente. Todos os textos produzidos nessa época eram

contribuições voluntárias de membros da Igreja, com uma predominância de autoras assinando os artigos. Nas publicadas no período de 1970 a 1979, há ainda textos indicados como colaborações da Igreja Protestante dos Estados Unidos. Em um deles, a Sr.<sup>a</sup> Sara Kalley, mulher de Robert Kalley, é apresentada como um exemplo de Mulher. Não conseguimos identificar dados que nos permitam maiores informações sobre tais redatoras.

A partir do ano de 1982, Izolina deixou a redação da revista que passou a ser assumida por Wilma de Oliveira Cesar e, em 1984, a redação passou então para a professora Rachel Heen Ribeiro. Rachel também integrava a equipe da revista desde meados dos anos 70, porém, atuava como uma espécie de secretária. Em 1996, assumiu a redação da revista Priscila Dadona<sup>46</sup>, analista de comunicação social, formada pela Universidade Metodista de São Paulo e que atualmente atua como consultora na área de comunicação. Vemos que, nos números de 1996, aparece o nome de Scheilla Amorim, atual editora da revista, todavia, na época, ela era responsável pelo cadastro dos assinantes. Nos anos 2000, a redatora passa a ser Scheila Amorim. A Sr.<sup>a</sup> Scheila de Amorim de Souza é jornalista e permanece na revista atualmente. Hoje conta com o conselho editorial composto pelo Reverendo Alex Sandro dos Santos, Reverendo Caio Batista, Ione Rodrigues Martins, André Lima e Cintia Santana, porém Scheilla é a redatora que permaneceu por mais tempo à frente da revista, totalizando 18 anos de atuação, sem contar o tempo que fazia cadastros para os assinantes.

Vemos assim que sempre teremos na diretoria da revista membros e pessoas da Igreja, dos quais, muitos deles são homens. Somente os redatores sempre foram mulheres. Por conseguinte, podemos inferir que as revistas seguem a perspectiva dos redatores e da direção. Os produtores e responsáveis por um impresso buscam dar forma, dar concreticidade as práticas sociais por meio do impresso. As ideologias, os valores daqueles que gerenciam o processo produtivo dos livros é transmitido por meio do impresso. Aqueles que se apropriam dos conceitos que são assim difundidos, se vinculam ao que é representado no impresso, ou como indica Certeau (1998, p.261): “[...] torna-se semelhante àquilo que se absorve”.

Esse processo de assimilação em Certeau (1998) e apropriação em Chartier (2002) acontece porque aquele que escreve ou que gerencia a produção, é

---

<sup>46</sup> Informações sobre a redatora disponível em <http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/priscila-dadona/>. Acesso em 30 de marc. de 2018.

autorizado em fazê-lo. São imbuídos desse poder da escrita e isso, por outro lado, garante a recepção do texto pelo leitor e sua adesão de comportamentos com base nos conceitos que constrói através da leitura. O texto é uma interpretação daqueles que são socialmente autorizados. Por isso, possivelmente, a revista é aceita pelas mulheres, sobretudo em sua primeira fase. A revista tem pastores, presbíteros e mulheres escrevendo. Quem a lê também o faz por acreditar na chancela daqueles que escrevem. Além disso, também é importante considerar o valor do impresso como um condicionante para que as mulheres pudessem adquiri-lo.

A aquisição da revista somente é feita mediante uma assinatura, sendo esse padrão usual desde seu surgimento. Nos anos 70, a revista tinha um custo<sup>47</sup> de Cr\$ 12,00 para assinatura anual e era vendida em números individuais a Cr\$ 5,00. Nos anos 80 o preço era o de R\$7.500,00 para assinatura anual com direito a quatro números ou então R\$1.800,00 em edição avulsa. Nos anos 90 o valor da assinatura anual equivaleu a R\$10,00 e o número avulso esteve em R\$5,00. Em 2000 o valor médio cobrado foi o de R\$45,00 para assinatura anual e o valor de R\$11,50 para números avulsos e em 2017 a assinatura anual equivale a R\$54,00 ao passo que o número avulso equivale a R\$13,50. Não identificamos os valores das revistas femininas da época em que a revista foi criada a fim de comparar os preços de ambas. No entanto, vimos que em 2018 *Claudia*, na versão impressa, tem um custo anual de R\$203,00 o que dá direito a doze revistas uma vez que a periodicidade do periódico é mensal. *Claudia* tem custo de R\$17,00 segundo dados da Editora Abril. Comparando o valor da *Vida e Caminho* e *Claudia*, vemos que a assinatura de *Vida e Caminho* é mais barata do que *Claudia* tanto na assinatura anual quanto no valor unitário. Isso pode denotar que o público que adquire as revistas possui certo poder aquisitivo, pois apesar de ser mais barata do que *Claudia*, ainda é um material caro para muitos evangélicos. No entanto, conforme Bellotti (2004) indica, há condutas que são adotadas pelos evangélicos porque isso os vincula à Igreja. Portanto, comprar a revista indica, a nosso ver, a busca das mulheres em pertencer à Igreja Presbiteriana Independente.

As revistas dos anos 70 e 80 possuíam uma média de 33 páginas. Em geral, contavam com 18 artigos, os quais eram curtos; muitos eram poesias, crônicas e

---

<sup>47</sup> O custo para a venda unitária e o valor de assinatura também foi elaborado considerando-se a média do valor cobrado pela revista nos anos.

músicas. O texto mais extenso, normalmente de uma página, era aquele que estava ligado a capa. Por exemplo, na *Revista Alvorada – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente*, a capa é a entrada do Seminário Presbiteriano. Assim, a maior matéria, de uma página inteira, era dedicada a discussão do Seminário. Ou seja, não é um tema comum em revistas femininas e, mesmo em uma revista confessional, segue o objetivo de informar as leitoras, uma vez que no período em pauta, as mulheres da Igreja Presbiteriana não podiam opinar em nenhum assunto da Igreja, quanto mais discutir aspectos relacionados a gestão de um seminário.

Os textos são variados, mas comportam temas relacionados à mulher em 72,5% dos casos (casamento, educação dos filhos, cuidado com a casa); avisos da Igreja com 12,5% dos casos, hinos cifrados em 4,0% dos textos; orientações para a escola dominical em 2,0% e solicitam de ajuda dos fiéis na arrecadação de recursos em 9,0% dos casos. Não há, nessas revistas, publicidade para a venda de materiais impressos, algo que se torna comum nos números dos anos 90 e 2000. Há muitas variações nos assuntos tratados, o que se torna uma distinção dos temas impossível e enfadonha. Porém, o que é comum em todas as revistas são as seções: Em tom de Conversa, que traz o editorial; Cartas à Redação, com pedidos, sugestões e críticas encaminhados pelas leitoras da revista, e Tome Nota, com informações e avisos em geral. Reforçamos aqui que a inserção de seções como a de cartas buscam fortalecer o vínculo entre a revista e o leitor, tendo em vista que viabilizam a participação da leitora na disposição dos assuntos da revista.

Além desses itens, os exemplares editados a partir de 1976 contam ainda com a seção “De tudo para Todos”, uma recomendação geral que traz até receitas. Vimos que a apresentação de receitas também é comum nas revistas femininas da época. No entanto, o diferencial de *Alvorada Feminina* e *Revista da Mulher Presbiteriana Independente – Alvorada* são os nomes conferidos as receitas como: “Surpresinhas do Pastor”, “Guisado à Esaú”, “Picadinho de José” e também o “Bolo dos Pastores”.

As imagens abaixo ilustraram por muitos anos as seções: Cartas à redação e De tudo para Todos.

Figura 1 – Imagens das seções Cartas à Redação e De Tudo para Todos



Ambas são bastante representativas do entendimento conferido à mulher leitora da revista. O ponto comum de ambas imagens é a mulher com cabelo bem arrumado e com brincos. Já a imagem que por anos ilustrou a seção De Tudo Para Todos, vemos uma imagem que nos mostra mulheres bem trajadas, com cabelo arrumado e usando joias. Dá a ideia de Mulheres brancas, o que é aliás, uma constante nas revistas dos anos 70 e 80. Além do mais, há muitas fotos das ações de mulheres inseridas nas ações sociais da Igreja Presbiteriana Independente e em sua grande maioria as mulheres sempre estão bem vestidas.

Algumas revistas de meados dos anos 70 contam ainda com a seção Galeria Heroínas da Fé, na qual é retratado um exemplo de mulher da comunidade presbiteriana independente. Nesse item é apresentada uma mulher, conta-se um pouco de sua história de vida e, na sequência, há grande destaque por suas boas ações dentro da Igreja. Qualidades como vida de oração, vida dedicada à Igreja e a caridade são sempre enfatizadas e sempre há ênfase para a capacidade de ser boa mãe, boa esposa e conseguir desempenhar as atividades domésticas que lhes eram inerentes além de cumprir seu papel na igreja.

Analisando toda a produção, de todos os itens, observamos que 72,5% dos textos fazem considerações com relação à mulher. No universo pesquisado, não identificamos nenhuma revista em que não exista texto direcionado à mulher. Portanto, não é possível reproduzir todos os trechos de textos e imagens que os acompanha, neste trabalho. No entanto, há muitos outros textos que integravam as

revistas. Apenas a título de exemplo, vejamos as imagens abaixo em que temos a representação dos sumários de três revistas produzidas nos anos 70 e 80, nos quais temos uma breve apresentação dos títulos dos artigos que davam corpo a revista. A escolha das capas a serem apresentadas aconteceu de maneira aleatória, apenas para destacar a grande segmentação dos textos que normalmente compunham as revistas.

Figura 2 – Sumários da Revista da Mulher Presbiteriana Independente e Alvorada Feminina

Sumário	
Biografia da Presidente da	
Confederação Nacional . . . . .	2
Em Tom de Conversa . . . . .	3
Londrina — Poema . . . . .	4
Notícias do III Congresso Na-	
cional . . . . .	5
É tempo de falar de Cristo	10
Presbítera Lícia Rivera . . . . .	12
Descendo da Torre . . . . .	13
Dia do Índio . . . . .	14
Bíblia para os Nyengatus . . . . .	15
Meu amigo "O Livro" . . . . .	16
Culto Doméstico . . . . .	18
Lar . . . . .	19
Culto para crianças . . . . .	20
Trabalho e bênçãos . . . . .	21
Cartas à Redação . . . . .	22
Conhecer para promover . . . . .	23
De tudo para todos . . . . .	24
Os dez privilégios do Cristão	25
Um programa para o mês de	
maio . . . . .	26
Oração de Mãe . . . . .	27
O primeiro nascimento com	
A influência da mãe . . . . .	29
Para mamãe . . . . .	30
Aquelas mãos . . . . .	31
Betel precisa de você . . . . .	32
NOSSA CAPA:	
Amor de Mãe	
1	

(Fonte: Revista da Mulher Presbiteriana Independente, Abr., Maio, Jun. de 1972)

SUMÁRIO	
Confederação em Notícia . . . . .	2
Em Tom de Conversa . . . . .	3
Pedi e não Recebeis . . . . .	4
Um Novo Caminho . . . . .	4
Fraternidade ou Responsabilidade Cristã	5
Refletir Hoje para não Chorar Amanhã	6
As Crianças e a Escola Dominical	7
Contando os Nossos Dias . . . . .	8
O que Satanás mais Gosta . . . . .	9
Galeria das Heroínas da Fé . . . . .	10
Beneficência que Evangeliza . . . . .	11
Marco - Mês das Missões . . . . .	12
Dia das Missões . . . . .	13/14
Entrevistando . . . . .	15
Aprendi com Ele . . . . .	16
Correspondência . . . . .	17
Alvorada sem Ocaso . . . . .	17
Assim falou "Alvorada" . . . . .	18
Mesas Diaconais em Conjunto . . . . .	20
Perguntas de Jesus . . . . .	22
Um Copo de Leite . . . . .	23
Tome Nota . . . . .	24
Louvando ao Senhor com Música . . . . .	25
Conheça um pouco mais a sua Bíblia . . . . .	26
Dia da Mulher Presbiteriana Independente	27
Jogral: Mulher Cristã . . . . .	28
O Homem e a Mulher . . . . .	29
Uma Palavra . . . . .	30
O Encontro . . . . .	30
Nós e os Adolescentes . . . . .	31
Dia do Presbítero . . . . .	32
O Presbítero . . . . .	33
Fizemos . . . e Deu Certo . . . . .	34
Estudo Bíblico para o Trimestre . . . . .	35
De Tudo para Todos . . . . .	36

(Fonte: Revista da Mulher Presbiteriana Independente, Out., Nov., Dez. de 1974)

---

## SUMÁRIO

Da Confederação Nacional . . . . .	2
Em Tom de Conversa . . . . .	3
Fraternidade Cristã/Glorificação. . . . .	4
Enfim ... um Jornal para as Nossas Crianças! . . . . .	5
1º de Março, Dia Mundial de Oração . . . . .	6
Pois Ele Está Orando . . . . .	7
“ALVORADA” – Sempre “ALVORADA”! . . . . .	8
“Alvorada” Agradece . . . . .	9
Lave a Sua Alma ... /Tuas Mãos . . . . .	10
Conheça Mais a Sua Bíblia. . . . .	11
Estudos Bíblicos para o Trimestre. . . . .	12
Louvando ao Senhor com Música . . . . .	13
“Ensinos Bíblicos para a Higiene Mental de Pessoas Ansiosas” . . . . .	14
Medicina e Saúde: Adolescência . . . . .	15
Caderneta de Poupança. . . . .	16
“O Nosso Tempo É Agora” . . . . .	17
Arrraigados em Cristo/ Que é o Céu? . . . . .	18
Entrevistando o Secretário Executivo da IPI do Brasil . . . . .	19/20
Relembrando ... com Graça e Saudade. . . . .	20
Aprenda a Podar, Aprenda a Cortar/Um Novo Tempo na Vida da Igreja Pela Atuação das Mulheres. . . . .	21
Serviço Altruísta . . . . .	22
“Não Sou Curandeiro, Orem os Que Estiverem Lá”/As Toalhas da D. Nena . . . . .	23
“Bebês para Queimar” . . . . .	24
Há Tempo Prá Tudo (peça em 5 atos) . . . . .	25/26
Por Qué? . . . . .	26
Do Campo Missionário . . . . .	27
Cartas À Redação . . . . .	28/29
O Caminho, a Verdade e a Vida . . . . .	29
Pedras... Pedras... Pedras!/Presença de Jesus . . . . .	30
Essas Federações de Senhoras “Mais Que Maravilhosas... Cristãs” . . . . .	31/32/33
Cantinho da ... Alegria . . . . .	33
Nasceu o Núcleo Assistencial “Eduardo Carlos Pereira Nogueira”/Tula. . . . .	34
Mas Tu a Todas És Superior. . . . .	35/36
Mui Amado Rev. Gerson. . . . .	36

(Fonte: Alvorada Feminina, Jan., Fev., Marc. de 1985)

Como podemos observar há uma variedade de títulos, textos curtos que são apresentados nas revistas e essa dinâmica é presente em todas as produções dessa primeira fase<sup>48</sup>. Na segunda fase, a partir dos anos 90 temos uma média de 15 textos, porém, com assuntos extremamente variados. Temos uma diminuição substancial na produção, em temas especificamente direcionados à mulher. A mulher aparece, no entanto, quando os artigos discutem casamento, educação dos filhos, atuação da mulher na Igreja, por exemplo. Entretanto, a fala da revista não

---

<sup>48</sup> Dada a variedade de temas dos artigos apresentados na revista não é possível uma tabulação dos principais temas do periódico. Dessa maneira, optamos por apresentar a tabulação apenas dos artigos que discutiam a questão da mulher.

parece estar mais tão direcionada somente à mulher quanto a produção dos anos anteriores. Permanece aqui a quantidade média de 35 páginas, em cada um dos exemplares. As seções básicas, de praticamente todas as revistas dessa época eram Editorial; Entrevista (sempre com alguém ligado à Igreja); X-Tudo: onde havia indicações variadas de livros, CDs, e outros bens de natureza cultural; Correio Alvorada: um espaço para cartas e colocações das leitoras e o item final Como assinar Alvorada, que trazia informações para as interessadas em assinar a revista. Além das seções fixas, havia ainda um rol amplo de textos que as perpassavam e auxiliavam na composição do periódico.

Essa mesma dinâmica é percebida nas revistas dos anos 2000. Há muitos textos, inúmeros que são direcionados à mulher, mas escritos de tal maneira que os assuntos se relacionem a toda a família. As dos anos 2000 chegam a ter até 30 textos, o que aumentou a quantidade de páginas para uma média de 67. Para tanto, há artigos que chegam a ter duas páginas, e há vários pequenos textos em uma página apenas, dividida entre duas e três colunas.

Dentre os temas apresentados, além da questão familiar, teremos: depressão, esquizofrenia, envelhecimento, drogadição, reinserção de presos, aspectos ligados à ecologia, com muitos artigos sobre a importância de o crente alcançar o controle financeiro. No entanto, realizamos a leitura de todo o material e observamos com maior atenção, para nosso estudo, somente aqueles que, mesmo de forma indireta, abordassem a questão da mulher. Após a leitura de todos os textos, verificamos que uma média de 50% das produções dos anos 90 e 2000, considerando a nossa amostra, discorriam sobre família. Isso equivale a quase 1200 textos. Destes, um universo de 900 textos abordavam a questão da mulher. Há artigos que discutem adolescência, por exemplo, mas não tratam exatamente da mulher, mas do adolescente na relação com a fé, com a família. Há ainda outros textos que focalizam o papel do idoso na família, sem não contemplar a questão da mulher.

A quantificação inicial acima nos indicou, já de antemão, que seria impossível apresentarmos todos os trechos dos textos. Alguns até bem curtos, outros já mais extensos. Decidimos expor, nesse trabalho, apenas os que consideramos mais significativos de uma dada representação do feminino. Por exemplo, quando dizemos que nos textos da revista a família modelo é a heterossexual, nós o fazemos porque 100% dos textos que abordam família são escritos direcionando-se

para homem e mulher ou esposo e esposa. Assim, o que apresentamos nessa dissertação é uma representação, um exemplo do universo analisado.

No que diz respeito aos 900 textos desse universo, vimos que a apresentação de assuntos esteve assim distribuída: mulher como integrante do casamento heterossexual e modelo de organização das famílias, ocupando 85,0% dos textos; 10% das produções estão relacionadas ao trabalho feminino; 3% discutem a questão da sexualidade e 2% abordam a questão do trabalho da mulher na Igreja. Também, nesse caso, essa divisão adotou como base a preponderância do assunto presente no artigo.

Ambas as revistas, suprimiram a seção De tudo para Todos e Tome Nota. Assim, é excluído o espaço das Receitas e das orientações com o cuidado e limpeza da casa. Os informes passam a ser inseridos aleatoriamente; nos números de 1990 e 2000, tem-se um espaço para crianças, com atividades para serem desenvolvidas. Em ambas, agora, há muita publicidade, de venda de livros, CDs confessionais e propaganda de um rol amplo de congressos para adultos, jovens e crianças, mas aparecem igualmente propagandas de lojas convencionais, de venda de colchões, de roupas de cama e também de comércio de roupas, contudo, somente roupas femininas. Aliás, há até anúncios de roupas *plus size*. As imagens das revistas dos anos 2000 são mais coloridas, vibrantes, atrativas, e a publicação se assemelha muito as que são comercializadas no mercado em geral. Ambas as revistas também suprimiram a seção Galeria Heroínas da Fé. Em algumas, sobretudo nas publicadas nos anos 2000, há homenagens a pessoas, homens e mulheres que são tidos como exemplos dentro da Igreja. A vinculação à produção da Igreja nos Estados Unidos, no entanto, não aparece nessas revistas.

Os autores, no entanto, permanecem seguindo o formato adotado nos anos 70 e 80. Temos, assim, a colaboração voluntária de reverendos, mulheres ligadas à Igreja Presbiteriana e muitos colaboradores de outras Igrejas de vertente protestante. Além do aporte à Bíblia, teremos a ampliação de referências bibliográficas como sustentáculo para uma grande quantidade de profissões. Vemos livros de natureza religiosa, mas também livros técnicos, como indicaremos no decurso do texto.

Sobre os autores dos artigos, é preciso destacar que há uma dificuldade grande em identificar os que colaboraram com as produções dos textos dos anos 90. Nessas revistas, há apenas os nomes, sem identificação de outras informações. Já

as revistas dos anos 2000 sempre trazem o nome do autor do artigo, sua formação e a qual igreja está vinculado. Considerando, assim, as informações das revistas dos anos 2000, pudemos observar que todos os autores são protestantes, em sua maioria presbiterianos independentes, mas se conta ainda com a colaboração de batistas e metodistas. Alguns artigos são escritos por fonoaudiólogos e médicos, e sobre esses não há indicação se estão vinculados a Igreja. Nesse caso, há apenas uma média de 05 artigos que discutem questão de fala de criança, nutrição, alimentação saudável, diabetes e TDHA. Porém, não são textos sobre os quais nos debruçamos, por não abordarem a questão da mulher.

Os autores citados nos artigos da revista possuem, em sua maior parte, nível superior. Dentre as profissões citadas, estão: psicólogos, na grande maioria esmagadora dos casos, jornalistas, cientistas sociais, sociólogos e dois historiadores. Além da indicação da profissão, é muito comum a identificação dos autores, descrevendo se é mãe, se é pai, dando a perspectiva de que isso lhe atribui capacidade técnica para discutir temas relacionados a família, a ditar normas para a vida da mulher e das crianças. Um dos muitos exemplos possíveis desse tipo de identificação é apresentado no número 82, página 14, edição de julho, agosto, setembro, em que lemos: “O Mario é cirurgião dentista, especialista em desenvolvimento e orientação à família. Pai de 2 filhos, Maria Fernanda (13 anos) e Pedro (7 anos), é casado há 17 anos com Liliam e juntos coordenam a área de apoio à casais da IPI de Londrina, PR”.

Cumprir comentar também alguns dos autores a que recorreram os escritores dos artigos. Bauman, por exemplo, é um dos estudiosos citados como sustentação para justificar o enfraquecimento dos vínculos familiares, por meio de uma interpretação do clássico *Modernidade Líquida*. Erich Fromm comparece, igualmente, a fim de justificar a necessidade de manutenção dos vínculos familiares, além de livros que atacam o divórcio, como os de autoria do Padre Leonel e do Padre Fabio de Mello. A Bíblia, no entanto, ainda é mantida como o maior documento de sustentação das colocações, sendo compreendida, de fato, como um livro atemporal, como ressalta Bellotti (2005). Para tanto há uma grande mudança na revista dos anos 2000 uma vez que agora ela aparece mais colorida, com muitas imagens, aliás, com imagens mesmo no sumário.

Para tanto, aqui também cabe a premissa que indicamos acima no que diz respeito a aceitação daquilo que é escrito pelo leitor. Essa aceitação advém, como

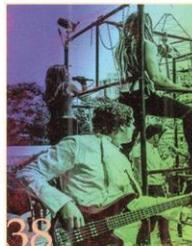
indicamos, supra do entendimento pelo leitor de que aquele que escreve possui essa autoridade. Portanto, a aceitação daquilo que é difundido por meio do impresso está intimamente relacionado e ligado com a aceitação do leitor pelo autor. Se colaboram com a revista pastores, mulheres atuantes, que são exemplos e com as quais o leitor da revista se identifica, com certeza o leitor atribuirá valor ao conceito que é transmitido por meio dos textos. Tanto é que, na segunda fase, a revista passa a apresentar alguma identificação dos autores, algo que não era comum nas produções da revista em sua primeira fase. Alguns atributos como a formação dos autores ou então o fato de serem casados e terem filhos, também passam a ser inseridos na maioria dos artigos da segunda fase, que a nosso ver visa fortalecer a vinculação entre a revista e o leitor.

A variedade de títulos comuns tanto na primeira quanto na segunda fase também podem salienta a necessidade de abordar temas variados que sejam atrativos aos leitores, e, também podem objetivar a ampliação da recepção do impresso. Abaixo, temos a apresentação de dois sumários: um de uma revista dos anos 90 e outro de uma revista dos anos 2000.

Figura 3 – Sumário da Revista Alvorada nos anos 90 e nos anos 2000.

<b>SUMÁRIO</b>	
 <p><b>2 — Cantinho Ecológico</b> Quem despreza a beleza de uma bela flor, ainda mais uma nobre flor como a orquídea? O Presb. Francisco de Almeida faz um belo relato sobre essa jóia da natureza.</p> <p><b>3 — Editorial</b> O Rev. Josué Xavier fala em seu texto da importância de a igreja olhar e cuidar das pessoas da terceira idade.</p> <p><b>5 — Entrevista</b> O Rev. Dr. Rubens Cintra Damião recebeu, no ano passado, título de cidadão riopretense. Alvorada chamou o ilustre pastor para um "bate-papo" sobre a sua abençoada vida cristã.</p> <p><b>6 — Flash</b> Inaugurando nesta edição uma coluna com notícias quentinhas sobre a nossa Igreja. Neste número fazemos uma homenagem ao jornalista Roberto Costa, nosso ex-editor.</p> <p><b>7 — Terceira Idade</b> O idoso é muito esquecido pela nossa sociedade. Entretanto, através de experiências de outros países, vamos ver o que podemos fazer para tratá-los melhor.</p> <p><b>11 — Esoterismo</b> As armadilhas dos ensinamentos esotéricos podem afetar a fé cristã? O jovem Ronaldo Dias mostra em sua matéria so-</p>	<p>bre o assunto quais são essas armadilhas. O texto ficou reforçado com os ensinamentos teológicos do Rev. Éber Ferreira Silveira Lima.</p> <p><b>14 — Abecedário da Graça</b> Devoções diárias e Disciplina são os temas desta edição.</p> <p><b>15 — Índio</b> Alvorada apresenta uma matéria sobre índios. O objetivo é que o homem branco aprenda a evangelizar os índios respeitando suas origens e costumes.</p> <p><b>18 — Criança</b> A criançada vai "dar uma" de jornalista e vai entrevistar os avós numa entrevista elaborada por Alvorada. E também terão oportunidade de participar do concurso de história em quadrinhos.</p> <p><b>21 — Forças Leigas</b> O povo que participa, que busca a unidade e cresce.</p> <p><b>22 — Dicas</b> Linus Pauling ensina em livro como viver mais e melhor, dizendo a você o que os médicos não dizem sobre sua saúde.</p> <p><b>23 — X-Tudo</b> A era do furacão - história contemporânea da IPB, receita de pipoca com amendoim e o garoto do comercial de TV da Gradiente. X-Net é a nova sessão do X-Tudo.</p> <p><b>24 — Dia das Mães</b> Homenagear as mães é quase um dever de todos nós. Por isso, escolhemos uma amiga como a D. Ruth Campos para fazer essa homenagem.</p> <p><b>26 — Como assinar Alvorada</b> Você, leitor, vai saber passo-a-passo o que fazer para ser um(a) assinante de Alvorada. Participe!</p> <p><b>26 — Correio-Alvorada</b> Você tem novos endereços de pessoas que querem receber correspondências; escreva para eles. E, se quiser receber cartas, mande o seu endereço para Alvorada.</p>

(Fonte: Alvorada Abr., Maio, Jun. de 1997)

SUMÁRIO	<b>3 Reflexão</b> A vassoura. Invista em relacionamentos.	<b>35 Fique atento</b> Psicóloga diz que FIFA incentiva prostituição nos países sede da Copa	<b>46 Estilo de Vida</b> Está com falta de tempo para se relacionar com Deus?	<b>56 Homenagem</b> Morre a fundadora da revista Alvorada.
	<b>4 Culto doméstico</b> Jesus no dia a dia da família.		<b>50 Reflexão</b> A sobrevivência da fé na cultura do descontentamento	<b>58 Compartilhando</b> Conheça a Helô e seu empreendimento.
	<b>6 Família</b> Maturidade espiritual da família: cuidar e ser cuidado.	<b>22 Quando chegam os filhos</b> O nascimento do primeiro filho modifica abruptamente o ritmo de vida do casal.		
	<b>8 Cristianismo</b> Aproprie-se da Palavra de Deus e a ensine aos seus filhos.	<b>36 Jovens</b> Por que vou me casar? Motivações de um jovem para se casar.	<b>Divórcio</b> Ensino bíblico, causas, consequências e o recomeço.	
	<b>10 Voz do coração</b> A filha de Jairo e seu amigo que tem câncer.	<b>ENCARTE ESPECIAL</b> Só pra Mulheres. Elas são únicas e merecem um espaço só delas.	<b>52 Música</b> Considerações de um músico cristão atual sobre a música cristã atual.	<b>38 Cristo e a juventude</b> Um desafio para as igrejas contemporâneas.
	<b>16 Secretaria da Família</b> Probabilidades. Ao semear, a probabilidade de colher é grande.		<b>60 Espaço Kids</b> História, culinária e brincadeira para a criançada.	
	<b>18 Psicanálise e Esperança</b> A importância do pai para o desenvolvimento infantil. Mãe e pai têm deixado o lar em busca de recursos para sobrevivência, privando os filhos de sua presença.		<b>55 Fé e Espiritualidade</b> Milagre não é tema tão fácil assim de ser tratado. Envolve fé, crença e muitas interpretações podem surgir.	<b>64 Poesias</b> Sobre o Natal.
	<b>26 Vida Conjugal</b> A Identidade Conjugal. O conformismo e acomodação são aspectos que anulam esta identidade.			

(Fonte: Alvorada, Out, Nov., Dez de 2013)

De certa forma é possível também visualizar que em ambas revistas temos uma gama variada de assuntos e que há poucas seções que são fixas. Geralmente os temas apresentados estão ligados ao tema central, a matéria de capa das revistas, mas isso não é constante em todas as publicações analisadas do período. A média da tiragem das revistas de 90 e 2000 equivaleu a 4.500 exemplares.

As seções da Revista Alvorada, no ano 2000, estiveram assim distribuídas: Editorial; Reflexão; Culto Doméstico; Psicanálise e Esperança; Fique Atento; Espaço Kids e Encarte Especial (Só para Mulheres). As revistas dos anos 2000 também possuem essas seções que estão presentes em 97,0% dos folhetins produzidos no período, e, agregadas a elas aparecem um rol amplo de artigos afins, os quais, agora sempre estão relacionados a matéria de capa.

A primeira edição da *Vida e Caminho – A Revista da Família* foi publicada no trimestre outubro, novembro e dezembro de 2016 e, a partir de então, tivemos mais quatro revistas editadas no ano de 2017. A *Vida e Caminho* segue um formato

bastante semelhante na apresentação dos artigos se comparada à *Revista Alvorada*, ou seja, os artigos, em grande medida são vinculados às seções e seguem a matéria de capa.

Agora, a revista passou a ser impressa em um papel semelhante àqueles que são usados para impressão de livros (papel supremo) e não mais em *offset*. Começou a ser vinculada ao Ministério da Missão e não mais a Secretaria de Família, como era antes, pois no ano de 2016 a *Revista Alvorada* era considerada órgão oficial dessa secretaria.<sup>49</sup> Com efeito, nas informações editoriais, o periódico aparece como uma produção de responsabilidade partilhada entre o Ministério da Missão, Ministério da Comunicação e Secretaria da Família. Aliás, há muitos artigos do Reverendo Alex Sandro dos Santos, responsável pela Secretaria da Família.

Nesses cinco números analisados, a Comissão Editorial permanece a mesma, mas todos os artigos são assinados por Reverendos, Missionários e pessoas ligadas à Igreja Presbiteriana Independente ou então a outras denominações religiosas. O nome dos autores sempre aparece nos dados editoriais como colaboradores. No entanto, no título dos artigos ou ao final deles, vem o nome do autor e da Igreja a que o mesmo está ligado. A respeito das questões que envolvem os autores, faremos colocações no último capítulo quando apresentaremos os mesmos, porém, agora temos um rol de colaboradores mais fixos e dos quais conseguimos identificar dados como a formação acadêmica e outros afins.

A organização da revista *Vida e Caminho* apresentou ainda uma disposição de seções e colunas comuns em todos os exemplares, assim distribuída: editorial, sempre escrito pela Editora e que apresenta um texto relacionado a temática da revista; Palavra do Leitor, em que são expostas comunicações dos leitores e na qual observamos que sempre há duas opiniões, uma positiva e outra com uma crítica; Vida e Caminho Responde, com duas questões encaminhadas pelos leitores e respondidas pelo Reverendo Alex Sandro dos Santos; Histórias de Famílias, com situações engraçadas vivenciadas e encaminhadas pelos leitores; Ideias Recicláveis, com propostas de reaproveitamento de materiais; Vida e Caminho Recomenda, com indicações de livros, vídeos e *games*; Apps e Tecnologia, com textos variados sobre tecnologia e família; Testemunho, com relatos de conversões

---

<sup>49</sup> Disponível em: <http://www.ipi.org>. Acesso em: 25 dez. 2017.

e colocações afins sobre mudança de comportamento; Psicanálise e Esperança, com artigos sobre temas variados, os quais abordam desde abuso sexual a questões de sexualidade; Pais e Filhos, com artigos sobre a dinâmica familiar; e Debate, um quadro em que são discutidos aspectos associados a um tema geral e comentários dos leitores da revista. Além dessas seções, que são fixas, digamos assim, há sempre uma média de 08 artigos extras. Cada uma das edições tem 67 páginas.

Notamos que, a partir de então, *Vida e Caminho* aborda temas relacionados a Família e temas genéricos, como a tecnologia, a sustentabilidade, a política, dentre outros, porém, a variedade de temas é trabalhada, essencialmente, sob o viés do protestantismo. Em nosso estudo, realizamos uma análise de capa a capa da revista, como também desenvolvemos a análise dos números anteriores e observamos os artigos, as imagens disponibilizadas, as capas, buscando extrair das publicações qual é a perspectiva conferida sobre a mulher. A revista não tem mais como enfoque único a mulher, todavia, a análise das colocações sobre a Família nos permite compreender a mulher idealizada pela *Vida e Caminho* e que não está distante das posições da Igreja Presbiteriana Independente. As revistas abordam ainda temas como preconceito, população de rua, refugiados, meia idade, empreendedorismo, jogo baleia azul, autovitimização, doenças emocionais.

Conhecer a revista *Vida e Caminho* requer a abordagem de alguns outros aspectos que são comuns em todas as edições, como as Capas e as seções Vida e Caminho Recomenda, Apps e Tecnologia e Testemunhos.

As Capas trazem sempre imagens atrativas. O papel e o formato de impressão são impecáveis. No caso da revista *Vida e Caminho* de outubro, novembro, dezembro de 2016, vem na primeira capa a imagem de um casal sentado em um morro, de onde avista um belo horizonte; na edição de janeiro, fevereiro e março de 2017, temos uma imagem que relembra uma agenda, indicando uma lista de atividades; a revista de abril, maio e junho traz a imagem de um espaço com vários blocos, com escadas, sugerindo a procura de um caminho, e a revista de julho, agosto e setembro contém a imagem de uma pessoa, um homem caucasiano, aparentemente escondido atrás de uma porta.

Todas as imagens estão relacionadas com o tema geral das edições. Por exemplo, a revista de outubro, novembro, dezembro de 2016, com o tema geral Donos da Própria Vida? Os caminhos de Deus para Você e sua Família, traz a

imagem do casal sentado no monte, em um lindo pôr do sol. A edição de janeiro, fevereiro e março de 2017, em que temos a imagem da agenda, tem como tema Ano Novo – O que nunca deveria mudar, e nessa revista teremos toda uma reflexão acerca do planejamento do ano que virá; a publicação de abril, maio e junho, com a imagem de um espaço com vários blocos, tem como tema A Vida e Suas Escolhas – Você é responsável pelas escolhas que faz, enquanto a edição de julho, agosto e setembro tem a imagem de um homem atrás de uma porta, combinando com o tema geral: Onde está Deus?

Abaixo, imagens de algumas capas da revista *Vida e Caminho*, após ser reformulada:

Figura 4 – Capas da Revista Vida e Caminho



(Fonte: Capa – *Vida e Caminho* – out., nov., dez de 2016)



(Fonte: Capa – *Vida e Caminho* – jan., fev., mar. de 2017)

As capas internas e externas de cada uma das Revistas também foram analisadas e apresentam os seguintes dados: a edição de outubro, novembro, dezembro de 2016 traz, na contracapa inicial interna, o sumário da revista; na capa final interna, uma matéria sobre Depressão e Suicídio e, na externa, a propaganda de uma publicação da Pendão Real de um currículo para ser usado na escola dominical; a revista de janeiro, fevereiro, março de 2017 concentra, na contracapa inicial, a publicação de venda de um livro da Pendão Real com o título *Adultos – Andando com Deus*, e, nas capas finais, um testemunho (interna) e divulgação de uma agenda para venda da Pendão Real (externa); a edição de abril, maio, junho de 2017 traz, na contracapa inicial, também a publicação de um livro da Pendão Real, com o título *Adultos – Pais e Filhos*; na contracapa final, um artigo sobre Relacionamento Conflituoso, e, na capa final, a imagem de uma campanha

denominada “Juntos por Gravata!”, na qual é solicitada a colaboração dos fiéis para aquisição de um terreno para a Igreja Presbiteriana Independente do Rio Grande do Sul; e, por fim, a revista de julho, agosto, setembro de 2017 tem na contracapa inicial, uma vez mais, a imagem da publicação do livro *Adultos – Pais e Filhos*, da Editora Pendão Real; na contracapa final, um Testemunho e, na capa final, uma imagem com orientações sobre a renovação das assinaturas da revista e do Estandarte, para 2018.

A análise das capas nos permite inferir que há um comércio de obras literárias nas capas da revista, como livros e materiais elaborados para a prática da Igreja Presbiteriana Independente, como no caso em que é vendido um material para o culto dominical, fortalecendo assim a perspectiva de que essa denominação produz uma quantidade ampla de materiais, buscando orientar os diversos públicos a ela vinculados: Adultos, sobre a vida com filhos, e Adultos, no que diz respeito ao andar com Deus, e também aqueles que organizam o trabalho dominical. Tudo isso é impresso, editado e comercializado pela Editora Pendão Real. Ao que nos parece, é interessante o fato de que a Igreja não forneça gratuitamente esse tipo de orientação para aqueles que trabalham com ela, mas a vende, e, por outro lado, tem uma relação com o histórico da Igreja Presbiteriana Independente que sempre foi a utilização do impresso para a evangelização e também para impor condutas aos crentes. O impresso comunica um valor, uma norma de conduta idealizada para todos aqueles que estão vinculados a essa denominação religiosa.

Os sumários também sofrem alterações significativas. Agora, o sumário ocupa duas páginas da revista. As fotos são mantidas em um dos lados do sumário ao passo que de outro lado permanecem apenas os títulos dos artigos, como podemos observar abaixo.

Figura 5 – Sumário da Revista Vida e Caminho

SUMÁRIO   OUTUBRO / NOVEMBRO / DEZEMBRO	
<b>SEÇÕES E COLUNISTAS</b>	
VIDA & CAMINHO RESPONDE	PAG. 7
[VIDA CONJUGAL] FILHOS SUSTENTAM O CASAMENTO?	PAG. 8
[COMPORTAMENTO] PROCRASTINAÇÃO	PAG. 14
[CULTURA] HOMEM-ARANHA DE VOLTA AO LAR	PAG. 26
[MELHOR IDADE] DIREITO DE NÃO FAZER NADA	PAG. 36
[EXTRDO BÍBLICO] OS 5 SOLAS DA REFORMA	PAG. 38
[MARIA DA CONCEIÇÃO] A VIDA SEM GLUTÉN	PAG. 58
[MARIÓRIO SILVA DE ARAÚJO] A PORTA PARA A SALVAÇÃO	PAG. 59
[JONAS FURTADO NASCIMENTO] A DISCIPLINA DA MEDITAÇÃO	PAG. 60
HISTÓRIAS DE FAMÍLIA	PAG. 61
IDEIAS REICLÁVEIS	PAG. 62
[CULTURA] VIDA E CAMINHO RECOMENDA	PAG. 64
[APPS E TECNOLOGIA] APLICATIVOS DE MÚSICA	PAG. 66
TESTEMUNHO	PAG. 67
[CAPA] <b>PRECISAMOS DE UMA NOVA REFORMA?</b>	GERAÇÃO REFORMADA CLAMA POR NOVAS REFORMAS (SÓCIO-ECONÔMICA, POLÍTICA, RELIGIOSA). A REFORMA DO SÉC. XVI PROVOCOU PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE — <b>PÁGINA 20</b>
[PAIS E FILHOS] <b>FILHO: IDEAL X REAL</b>	PAIS PRECISAM ACEITAR O FILHO COMO ELE É E NÃO COMO O IDEALIZAM. OS FILHOS BUSCAM A ACEITAÇÃO DOS PAIS — <b>PÁGINA 10</b>
[ENTREVISTA- NATÁLIA FOLLY] <b>VIDA CRISTÃ, FAMÍLIA, BELEZA E TRABALHO</b>	A ROTINA E OS CUIDADOS COM A BELEZA, SEM DEIXAR DE LADO A VIDA CRISTÃ, DA CANDIDATA A MISS RIO DE JANEIRO — <b>PÁGINA 16</b>
[DEBATE] <b>JUGO DESIGUAL</b>	UMA PARCERIA ENTRE O CRISTÃO E UM NÃO CRISTÃO PODE DAR CERTO? — <b>PÁGINA 28</b>
[NATAL] <b>NATAL EM TEMPO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS</b>	ALGUMAS PROPOSTAS PARA CELEBRAR O NATAL EM UM MUNDO TOMADO PELA TECNOLOGIA — <b>PÁGINA 44</b>
[POLÍTICA] <b>ESTRANGEIRO – NOSSO PRÓXIMO</b>	ETNOCENTRISMO, IGREJA E A POLÍTICA DE MIGRAÇÃO. O ESTRANGEIRO E AS OPORTUNIDADES PARA SE INSERIR PLENAMENTE NA SOCIEDADE. — <b>PÁGINA 52</b>
[PSICANÁLISE E ESPERANÇA] <b>O MEDO NOSSO DE CADA DIA</b>	MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO ESTÃO INUTILIZADAS PELO PODER DO MEDO. ISSO É TÃO DESTRUTIVO QUANTO O PODER DO CÂNCER OU OUTRAS DOENÇAS. — <b>PÁGINA 54</b>

(Fonte: VIDA E CAMINHO, 2017,p.04)

**VIDA E CAMINHO**

**ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL**  
 Rua da Consolação, 2121 - CEP 01301-100 - São Paulo/SP. Registrado, em 7/11/1974, no Instituto Nacional de Propriedade Industrial sob o nº 289 - CNPJ nº 42.815.279/0001-19 - Fundada em 3/2/1960 por Rev. Francisco de Moraes, Maria Cleonilde Mourão Cintra Damásio, Isolina de Magalhães Venosa.

**MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO**  
 Rev. Roberto Mauro de Souza Castro  
**SECRETARIA DA FAMÍLIA**  
 Rev. Alex Sandro dos Santos  
**CONSELHO EDITORIAL**  
 Rev. Alex Sandro dos Santos (Secretário da Família), Rev. Caio Batista, Ione Rodrigues Martins, André Lima, Cintia Santana  
 Assessoria:  
**EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
 Sheila de Amorim Souza - MIB 31751  
**REVISORA** Mary Ferreira  
**ARTE E DIAGRAMAÇÃO**  
 Estúdio Paranaíba  
**GESTÃO DE COMUNICAÇÃO** André Lima  
**COLABORARAM NESTA EDIÇÃO**  
 Wanderley de Mattos Junior, Lucrécio Farias dos Santos, Caio Batista, Marcos Scleraro, Perival de Souza, Maurício Silva de Araújo, Cristina Silva, Crista Agnes, Igor Aleksandrini, Nathalia Folly, Pádua Chaves, Marcelo Moya, Sueli Aparecida Melo, Faustini, Maria da Conceição Ferreira de Moraes, Jonas Furtado do Nascimento  
**REDAÇÃO** [vidacaminho@ipib.org.br](mailto:vidacaminho@ipib.org.br) - Fone: (11) 2596-1903 - Rua da Consolação, 2121 - CEP 01301-100 - São Paulo/SP

**PUBLICADA PELA EDITORA PENSÃO REAL**  
 Cleber C. Coelho (administrativo), Roseli Esquivel (Atendimento e Cadastro), Assessoria: Fone: (11) 2596-1919 - E-mail: [atendimento@pendaoeal.com.br](mailto:atendimento@pendaoeal.com.br), Assinatura anual Individual (4 edições): R\$60,00, acima de 10 assinantes: R\$ 54,00, para receber através do (a) agente ou R\$ 82,00, para receber em casa. Número avulso: R\$ 13,50. Depósito no Banco Bradesco - Agência 095-7 - Conta Corrente 174.872-6. Tiragem: 1500 exemplares. Impressão: Gratos Indústria Gráfica. Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da revista. Permissão a reprodução de matérias aqui publicadas, desde que citada a fonte.

(Fonte: VIDA E CAMINHO, 2017,p.05)

As matérias principais, com mais de uma página e que parecem ser matérias de destaque da publicação, sempre são alocados na página que está a direita no periódico. Junto a elas, além da página da revista, há em algumas, um breve resumo do artigo. Ao lado desse sumário há também informações sobre a revista como quem são os responsáveis editoriais, organizações da Igreja Presbiteriana Independente que assinam a responsabilidade pela edição do periódico.

A intensa propaganda de livros pela revista *Vida e Caminho* sugere ainda uma certa valorização da leitura e do estudo pelos crentes, obviamente tomando como base textos de embasamento confessional. Isso é reforçado, se observarmos a seção *Vida e Caminho Recomenda*, na qual se tem indicações de livros, vídeos e discos. Nessa seção, há uma média de 14 indicações por revista. Os livros indicados são todos de natureza confessional. Nesse sentido, todos são escritos por evangélicos, nem sempre presbiterianos, mas que partilham de crenças parecidas.

Os vídeos, por sua vez, também se referem a filmes de natureza religiosa, exceto um: *Mamãe: Operação Balada*, recomendado na revista de outubro, novembro, dezembro de 2016. Os discos são todos de natureza religiosa e incluem CDs de música *gospel*, dedicados a adultos e a crianças.

Já no item Apps e Tecnologia, surgem indicações de Apps para organização pessoal, para manutenção de Internet segura, para ter a Bíblia no celular, além de um App para obter dados de economia colaborativa. Ou seja, a revista demonstra aplicativos que servem para o controle e planejamento pessoal, controle dos filhos na utilização da internet e conhecimento bíblico. Isso reitera o rol de elementos que são apresentados pelo periódico, buscando oferecer opções aos crentes, inclusive tecnológicas, capazes de colaborar para o perfil do crente atual. Assim, esse crente não apenas lê livros, mas também acessa outros produtos, mídias variadas, as quais tenham relação com o tipo de homem defendido pela denominação a que está ligado, o homem moderno, empreendedor e com consciência sustentável.

Os Testemunhos, por sua vez, são textos curtos e produzidos com a colaboração dos fiéis, que encaminham relatos pessoais, sempre ressaltando mudanças de comportamento ou milagres alcançados. Dentre os testemunhos, temos: relato de um caso em que o filho de um casal se suicidou por depressão e no qual o autor conta como a família encontrou com Deus, após essa morte; recuperação de uma pessoa com uma grave doença; testemunho de um fiel que conseguiu um casamento por meio de oração e relato de um caso no qual uma pessoa afirma ter conseguido uma reconciliação familiar, através da intervenção divina.

Ou seja, os itens que enumeramos acima são comuns a todas as revistas *Vida e Caminho* analisadas. Para além desses artigos comuns, existem, como já sinalizamos, muitos outros textos que não estão vinculados às seções comuns. Nesses textos, encontramos várias colocações sobre a mulher, e, esses textos também foram analisados para a elaboração do trabalho. Porém, a nosso ver, *Vida e Caminho* e a *Revista Alvorada* produzida a partir de 2000 trazem assuntos mais relacionados à realidade contemporânea, além de também apresentarem um papel mais atrativo, imagens em cores vibrantes e uma organização de assuntos mais coerente.

Nesse sentido, após a análise em pauta, pudemos inferir que é ponto comum nas revistas que, para a mulher, é inerente o casamento, e, dessa forma, vemos que

54,0% dos textos trabalham questões relacionadas ao casamento e que nesse caso, todos eles discutem e oferecem orientações para relacionamentos de natureza heterossexual. Há ainda muitos textos, no caso 18,0% deles, que apresentam a discussão da dinâmica cotidiana das famílias (questões como cuidado da casa e sobrevivência da família); há ainda textos que discutem a educação dos filhos em 13,0% dos casos e nesse sentido há muitos que ao discutir tal questão, abordam também aspectos relacionados ao trabalho feminino; 8,0% apresentam a questão da mulher na Igreja e ainda há conteúdos que apresentam a importância do lazer em 5,0% dos casos e por fim, há a presença da discussão da questão da sexualidade em 2,0% dos casos. A tiragem média de *Vida e Caminho* equivaleu a 4.500 exemplares.

De tal maneira, podemos inferir que a revista segue o padrão das revistas femininas como *Claudia* por exemplo, ao apresentar assuntos como casamento, cuidado dos filhos, cuidado com a casa, receitas, carta de leitoras, ao menos na primeira fase, o que conforma as produções dos anos 70 e 80. As mudanças na realidade brasileira em virtude da maior escolarização feminina e também em virtude da ampliação da inserção da mulher no mercado de trabalho apresenta à revista um novo quadro. Nessa nova realidade, pela questão financeira, estudo e trabalho feminino passam a ser necessários para a sobrevivência da família. Assim, a revista altera o seu discurso admitindo a necessidade de estudo e trabalho, porém, desde que isso não interfira nas suas responsabilidades domésticas (cuidado da casa, dos filhos, do marido) e na sua ação da Igreja. Vemos que mesmo na segunda fase da revista ainda temos um reforço quanto a esses aspectos, ou seja, mesmo na *Vida e Caminho* ainda há ênfase para o casamento heterossexual, para a missão materna, para o cuidado da casa, dando a entender que o trabalho e estudo são possíveis à mulher desde que não atrapalhe as atividades que são inerentes ao universo feminino.

São suprimidos também em *Vida e Caminho* as receitas tão comuns nas revistas destinadas ao público feminino e temos a abordagem da questão da sexualidade. Porém, os poucos artigos sobre sexualidade abordam a questão da sexualidade “sadia” do casal compreendida como algo natural, necessário e que deve trazer satisfação sexual para ambos. A sexualidade se mantém nos parâmetros da relação homem e mulher. As relações homoafetivas não são abordadas na revista. No entanto, a baixa quantidade de textos que abordem a

questão sexual nos impede de realizar uma análise um pouco mais específica sobre a questão da sexualidade segundo a perspectiva da Igreja Presbiteriana Independente.

Tendo em vista a necessidade de apresentar os temas dos artigos da revista, elaboramos o quadro abaixo, com a distribuição dos assuntos relacionados a mulher nas duas fases, além de destacar também as seções principais em cada revista, a quantidade de páginas presente nas fases e informações genéricas sobre os autores. Dessa forma, pretendemos apenas retomar aqui, de uma forma que permita maior entendimento, os dados que foram apresentados até o presente momento e que buscam melhor caracterizar nosso objeto de estudo.

A tabela que segue, por nós elaborada, adotou como critério para a quantidade de páginas a média elaborada com base nas produções da revista na sua primeira e segunda fase. As demais informações indicadas também foram sistematizadas considerando-se a média em que aparecem nas revistas. Assim, os temas principais e as informações sobre os autores partiram da tabulação dos dados obtidos por meio das revistas analisadas em cada uma das fases. Acreditamos que a apresentação abaixo torne mais fácil o entendimento dos dados obtidos, os quais foram inicialmente aqui apresentados nesse item.

Tabela 1 – Sistematização das revistas por tema, seção, quantidade de páginas e informações sobre os autores.

<b>Fases da Revista</b>	<b>Nome</b>	<b>Temas Principais</b>	<b>Seções Principais</b>	<b>Quantidade de páginas</b>	<b>Informações sobre os autores</b>
<b>Fase 1</b>	<i>Revista da Mulher Presbiteriana Independente</i>  <i>Alvorada Feminina</i>	Casamento, educação dos filhos, cuidado com a casa  Avisos da Igreja  Hinos cifrados  Orientações para a escola dominical  Ajuda dos fiéis na arrecadação de recursos	Em tom de Conversa  Cartas à Redação  Tome Nota  De tudo para Todos  Galeria Heroínas da Fé  Ausência de Publicidade	30 -35	Autores vinculados à IPI  Ausência de dados específicos sobre os colaboradores que escreviam para a revista
<b>Fase 2</b>	<i>Revista Alvorada Anos 90</i>	Casamento modelo de organização das famílias  Trabalho  Sexualidade  Mulher na Igreja	Editorial  Entrevista  X-Tudo  Correio Alvorada  Como assinar Alvorada	30 -35	Autores vinculados à IPI  Ausência de dados específicos sobre os colaboradores que escreviam para a revista

	<i>Revista Alvorada (2000)</i>	Casamento e modelo de organização das famílias  Trabalho  Sexualidade  Mulher na Igreja	Editorial  Reflexão  Culto Doméstico  Psicanálise e Esperança  Fique Atento  Espaço Kids  Encarte Especial (Só para Mulheres)	60	Autores vinculados à IPI e outras denominações  72,0% dos Autores possuem nível superior
	<i>Vida e Caminho</i>	Questões relacionadas ao casamento  Dinâmica cotidiana das famílias  Educação dos filhos  Trabalho feminino  Mulher na Igreja  Lazer  Sexualidade	Editorial  Palavra do Leitor  Vida e Caminho Responde  Histórias de Famílias  Ideias Recicláveis  Vida e Caminho Recomenda  Apps e Tecnologia  Testemunho  Psicanálise e Esperança  Pais e Filhos  Debate	67	Corpo fixo de colaboradores  Autores em sua maioria com graduação

Fonte: A AUTORA, 2018.

Vemos que há mudanças na organização das seções das revistas. Assim, as revistas da primeira fase apresentam similaridades da organização das seções fixas. Já as revistas da segunda fase apresentam seções totalmente distintas da primeira

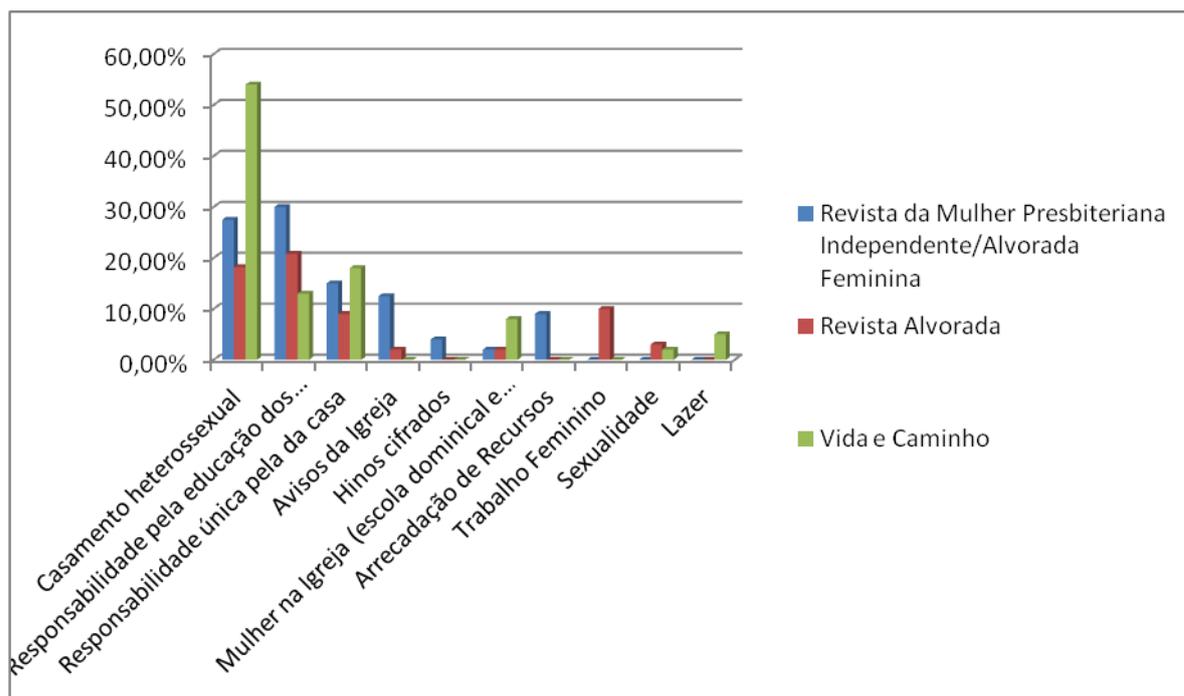
fase. Nesse sentido, observamos que há similaridade dos assuntos produzidos em 90 e 2000, porém, nos anos 2000 as seções fixas da revista são substancialmente alteradas. A *Vida e Caminho* também apresenta seções distintas das edições anteriores, contudo, guarda grande similaridade que as produções da *Revista Alvorada*. A quantidade de páginas também é alterada e a partir da segunda fase vemos a disposição de matérias grandes, algumas com mais de duas páginas sempre com muitas fotos a ela vinculadas.

Outro dado que merece atenção especial se refere a temática dos artigos. Acima indicamos, de forma resumida e genérica, a principal disposição dos textos relacionados à mulher. Porém, uma tabulação mais específica pode nos demonstrar quais eram os temas mais recorrentes nas revistas. Abaixo, optamos pela representação gráfica de tais conceitos<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> As produções da primeira fase estiveram assim distribuídas: temas relacionados diretamente à mulher (72,5%), podendo ser subdivididos em educação dos filhos/maternidade como missão com 30,0% dos trabalhos; defesa do casamento heterossexual como espaço da mulher com 27,5% dos textos e responsabilidade pelo cuidado da casa e das necessidades da família em 15,0% dos textos. Ainda nessa fase inicial os textos estiveram assim distribuídos: 12,5% com avisos da Igreja, incluindo os eventos; 9,0% visando a arrecadação de recursos para a Igreja; 4,0% com a apresentação de Hinos Cifrados e 2,0% com indicações sobre a mulher e sua atuação na Igreja, especialmente em relação a questão da escola dominical e a realização da caridade. Já as produções da segunda fase optamos por separar os artigos dos anos 90 e 2000 daqueles produzidos a partir de 2016 quando a revista recebe o nome *Vida e Caminho*. Assim, as produções dos anos 90 e 2000, da *Revista Alvorada* apresentaram a seguinte disposição: 85,0% dos textos atribuíam papéis à mulher dentre os quais podemos indicar que 18,2% defendiam o casamento heterossexual, 20,8% abordavam a educação dos filhos como algo que compete somente à mulher, além de sempre enfatizar o dom da maternidade e 9,0% atribuem à mulher o cuidado com a casa. Nessas revistas, 10,0% dos textos discutem o trabalho feminino chegando a abordar também questões relacionadas ao estudo da mulher; 3,0% discutem a questão da sexualidade e 2,0% abordavam questões relacionadas a ação da mulher na igreja. Já na *Vida e Caminho* os textos puderam ser agrupados da seguinte maneira: 85,0% que definiam o lugar da mulher na família e podendo ser subdivididos com aqueles que defendem o casamento heterossexual para a mulher em 54,0%; 18,0% que atribuem à mulher a responsabilidade pelo cuidado da casa e 13,0% que a colocam como maior responsável pela educação dos filhos, a atribuindo também a maternidade como algo sagrado e imutável. Os demais textos estão distribuídos da seguinte forma: 8,0% destacam aspectos relacionados a mulher na igreja; 5,0% enfatizam a relevância do lazer para a vida em família e 2,0% discutem a questão da sexualidade.

Figura 6 – Distribuição Gráfica sobre os principais temas das revistas



Fonte: A AUTORA, 2018.

Como podemos observar, a questão do casamento aparece em todas as publicações e, em todas elas, o casamento apresentado é de natureza heterossexual. Também é comum em todas as revistas a apresentação do cuidado dos filhos como algo predominantemente feminino e o mesmo se aplica em relação ao cuidado com a casa, apresentado como algo inerente à mulher. Aliás, o homem é apresentado como um ajudante no quesito cuidado dos filhos e atenção das demandas cotidianas da família. Dentro da questão da educação de filhos há também a atribuição à mulher do papel de mãe. Assim, toda mulher precisa ser mãe, afinal a maternidade é apresentada como uma missão, um dom. Orientações de como atuar na Igreja, com especial enfoque para o culto dominical e a realização de caridade também figuram nas produções.

As questões relacionadas ao trabalho feminino surgem na segunda fase, que, como vimos, são comuns a partir das produções do ano 2000. Via de regra, os textos que discutem trabalho também abordam a questão do estudo feminino. Na *Vida e Caminho* o trabalho feminino acaba sendo abordado em muitos textos que discutem a educação dos filhos, via de regra com exortações de como uma vida laboriosa da mulher pode prejudicar o desenvolvimento dos filhos. Somente a partir dessa fase é que aparecem as questões de sexualidade, abordado em raríssimos

artigos e também passam a surgir artigos sobre o lazer em família. As publicidades presentes na segunda fase veiculam apenas artigos de natureza confessional como livros, CDs, agendas, chaveiros, bíblias, além de divulgar as ações sociais da Igreja Presbiteriana Independente e dos encontros e acampamentos realizados para os mais variados públicos.

E, buscando ainda sistematizar outras informações aqui discutidas visando a caracterização da revista, podemos apresentar a tabela abaixo:

Tabela 2 – Informações gerais da revista com dados do nome, editora, redatores, tiragem e preço.

<b>Fases da Revista</b>	<b>Nome</b>	<b>Editora</b>	<b>Redatores</b>	<b>Tiragem<sup>51</sup></b>	<b>Preço</b>
<b>Fase 1</b>	<i>Revista da Mulher Presbiteriana Independente</i>	Imprensa Metodista	Isolina de M. Venosa	Média de 10 mil exemplares	R\$10,00 assinatura e R\$5,00 exemplar avulso
	<i>Alvorada Feminina</i>	Gráfica Modelo	Wilma de Oliveira Cesar Professora Rachel Heen Ribeiro		
<b>Fase 2</b>	<i>Revista Alvorada</i>	Associação Evangélica Literária	Priscila Dadonna	Média de 4.500 exemplares	R\$45,00 assinatura e R\$12,00 exemplar avulso
	<i>Vida e Caminho</i>	Pendão Real Editora Pendão Real	Scheilla Amorim		

Fonte: A AUTORA, 2018

Aqui podemos visualizar mudanças no nome, na editora, nas redatoras e também as alterações na tiragem e preço da revista. Dessa maneira consideramos ter sido possível apresentar as variações presentes no formato da revista, ao longo dos anos. Para além de inovações editoriais, devemos compreendê-las como proveniente de alterações visando alcançar um público social bem definido.

Retomando a Chartier (1991), vemos que a análise do impresso requer que seja estabelecida a área social de circulação do texto, como já indicamos no início

<sup>51</sup> O valor correspondente a tiragem advém da média de tiragens das revistas pesquisadas. O mesmo se aplica a questão do valor de venda das revistas, ou seja, é uma estimativa com base nas tiragens indicadas em cada ano.

desse item. Concluimos que o destinatário do texto foi sendo alterado da mulher presente na primeira fase e depois foi sendo direcionado para a família, apesar de ainda enfatizar o papel da mulher no processo de consolidação das normas sociais. De certa forma, tanto na primeira quanto na segunda fase, temos um grupo que partilha dos mesmos ideais, da mesma perspectiva cultural. Por conta disso, essas pessoas que são vinculadas por entendimentos semelhantes sobre a realidade carecem de materiais específicos a elas. Nesse sentido, a revista só se justifica pela existência desse grupo.

Chartier (1991) ainda nos diz que uma crítica de um impresso demanda a elaboração de uma crítica textual do que está escrito, uma história do livro e uma história sociocultural dos espaços em que o impresso circula. Esse diálogo, segundo o autor, requer o aporte a outros saberes, ao conhecimento de natureza interdisciplinar. Dessa forma, será possível “[...] descrever rigorosamente os dispositivos materiais e formais pelos quais os textos atingem os leitores”, consolidando assim um sólido conhecimento sobre a apropriação dos conceitos. Estabelecendo uma analogia ao pensamento do autor ousamos indicar que buscaremos realizar essa crítica textual do conteúdo das revistas no capítulo subsequente, uma vez que já temos informações que nos permitiram historicizar nosso objeto de pesquisa. Para que possamos analisar criticamente o texto escrito, recorreremos a outras fontes que nos permitam aprofundar o entendimento da apropriação além de demais conceitos presentes nos textos.

No item subsequente, apresentaremos o conteúdo das revistas em ambas as fases, visando exemplificar os dados aqui resumidos sobre os artigos, mas também com o objetivo de realização de uma crítica textual das produções.

## **A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA REVISTA ALVORADA**

## **A Representação do Feminino na Revista Alvorada**

Nesse capítulo final passamos aos trechos, extraídos das revistas e que nos demonstram a representação conferida para a mulher. Optamos por subdividir esse item final em duas fases, sendo a primeira fase corresponde àquela em que as produções são destinadas especificamente para a mulher e a segunda fase em que a revista fala para um público mais amplo e não especificamente para a mulher.

### **Fase 1: Casada, Atuante na Igreja, Cuidadora do Lar, do Marido e dos Filhos, com pouco estudo e baixa inserção laboral.**

A produção da *Revista Alvorada* – Revista da Mulher Presbiteriana Independente, nos anos 70, e, nos anos 80, sob a denominação *Alvorada Feminina*, correspondeu a 80 números. Desse universo, conseguimos acessar 58 exemplares, sendo 30 deles atinentes a produções do período de 1970 a 1979, enquanto os demais foram publicados de 1980 a 1989.

Mas, qual era o contexto social, político, econômico que vivenciamos, no Brasil, nesse período? Esse entendimento é basal para que possamos analisar e interpretar as considerações realizadas na revista sobre a Mulher. Sabemos que um dos fenômenos mais notórios do país, no que concerne a mudanças sociais, foi o reavivamento do feminismo, também descrito como feminismo de “segunda onda” por Pedro (2016), assim chamado pelo fato de que o feminismo de “primeira onda” é caracterizado pelas reivindicações das mulheres brasileiras no final do século XIX.

Soihet (2016) destaca que, nesse período, muitas reivindicações em torno das questões de trabalho surgiram no país, e isso estimulou igualmente as mulheres a requerer o direito de voto. Na época, isso não foi autorizado, uma vez que o entendimento era de que Mulher era inferior ao homem e não poderia ter condições intelectivas para escolher seus representantes. Figuram ainda como representativas do feminismo de primeira onda as solicitações de Bertha Lutz, em torno da emancipação feminina, em 1918, no Brasil.

Ora, o feminismo de segunda onda tem suas origens em meados dos anos 60, apesar do contexto ditatorial do país. A princípio, as colocações estiveram em

torno das requisições das mulheres trabalhadoras, as quais passam a exigir mais direitos trabalhistas e também o fim da diferenciação sexual, nos postos e espaços de trabalho. Giuliani (2002) ressalta que o movimento sindical, no período, fortaleceu os processos de reflexão sobre a diferenciação sexual, que, no espaço de trabalho, resultava em salários menores para mulheres, além de outras exclusões a que eram submetidas as trabalhadoras. Além do movimento de trabalhadores urbanos, teremos ainda a organização de trabalhadoras do espaço rural.

Rapidamente, as reivindicações incorporaram outras demandas do universo feminino, incluindo, nesse rol, questões ligadas à sexualidade, violência e outros temas afins. Na realidade, “[...] o novo feminismo apresentou reivindicações para além das relativas aos direitos políticos, econômicos e educacionais.” (PEDRO, 2016, p. 240). A questão educacional era especialmente preocupante para o movimento. Sabemos que a educação feminina aconteceu em um processo tardio, no Brasil, se comparada à educação masculina. O direito à educação só foi reconhecido constitucionalmente em 1827, o que não correspondeu, de imediato, ao acesso das Mulheres à escola (ROSEMBERG, 2016).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1971, passou a considerar os cursos Normais, os quais formavam professoras, como requisitos para acesso ao ensino superior. Com essas possibilidades, muitas mulheres ascenderam ao ensino superior, e aquelas vinculadas às Ciências Humanas foram as que mais produziram conhecimento e estudos sobre a Mulher e sobre o Feminismo. No que tange à produção teórica, vemos que, em 1987, a CAPES passa a apoiar trabalhos que discutissem a questão da Mulher.

A questão da sexualidade ainda era um tabu na realidade brasileira, quando o Movimento Feminista passou a abordá-lo. Apesar de termos a pílula anticoncepcional, desde 1960, não tínhamos ainda dados, estudos ou pesquisas sobre a sexualidade, no país. Aliás, a própria aceitação do contraceptivo aconteceu em meio a muitos embates, sobretudo por vedações impostas por grupos tradicionais, especialmente por representantes da Igreja Católica. A utilização de anticoncepcionais motivou o surgimento de uma outra reflexão, no universo feminino, porque agora a Mulher decide se e quando deseja ter filhos.

A intensa urbanização dos anos 60 e 70 conferiu maior visibilidade ao

Movimento Feminista. Infelizmente, nem todos os segmentos sociais eram pró-feminismo, e essa visibilidade não significou, de imediato, aceitação do feminismo por todos os segmentos da sociedade brasileira. Dentre os movimentos e ações que demonstraram a expressão do feminismo, no Brasil, temos a presença das mulheres nos movimentos de contraposição ao governo militar, além de organizarem também “[...] movimentos por creche, nas marchas da ‘panela vazia’ (ou ‘panelaços’), nas reivindicações por anistia política (aos presos e aos perseguidos pelo regime) e no movimento Diretas Já (por eleições diretas.” (PEDRO, 2016, p. 240-241).

Um dos meios usados para a divulgação e projeção do Movimento Feminista no Brasil foi a criação dos Grupos de Reflexão ou Grupos de Consciência. Esses grupos eram reuniões nas casas de mulheres, com, no máximo, 24 participantes, a fim de promover reflexões sobre os temas que envolviam o Movimento Feminino. Quando o grupo atingia mais de 24 mulheres, era dividido e criado outro, com o objetivo de promover a ampliação dessas discussões, em todo o país. Dentre os grupos mais representativos, teremos, em 1972, o Grupo de Conscientização Feminista de São Paulo e, no mesmo ano, o Grupo de Reflexão do Rio de Janeiro. Ambas as ações partiram de reflexões de mulheres que estiveram fora do país e estabeleceram contato com os valores feministas, no exterior, portanto, nesse período, havia muitos intelectuais e professores vinculados ao Movimento, no Brasil.

Nos Grupos de Reflexão, todas as mulheres falavam. Eram sempre organizados em círculos, visando a facilitar a troca de saberes e o conhecimento. Por esse motivo, ficaram conhecidos como “Coletivo” ou “Círculo”. Para que todos pudessem participar das atividades, os grupos usavam uma metodologia denominada “linha da vida”, na qual os participantes eram convidados a expor situações que vivenciaram e, partindo disso, eram realizadas reflexões conjuntas. Os Grupos de Reflexão levaram à consolidação das redes de apoio, uma espécie de solidariedade e troca de informações entre mulheres. Rosemberg (2016) sinaliza que grande parte dos Grupos de Reflexão acabaram se transformando em organizações não-governamentais, nos anos 80. Outros orientaram sua prática para a organização política.

Pedro (2016) destaca que o Movimento Feminista e suas reflexões

passaram a ser representados nos impressos, como o *Nós Mulheres* e *Mulherio*. Ganharam a televisão, o teatro, as artes. Eventos como o Encontro para discutir o “Papel e o comportamento de mulher na realidade brasileira”, organizado no Rio de Janeiro, em 1975, com subsídio da ONU, demonstram a ampliação dos espaços do movimento. Esse encontro resultou na criação, ainda em 1975, do Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro, a qual teria como objetivo realizar pesquisas e estudos sobre a Mulher brasileira, além de atuar na conscientização das camadas populares.

No âmbito da reivindicação, vemos que, ao final de 1979, o Movimento Feminista passou a requerer o aborto livre e gratuito, além de defender posições contrárias ao regime militar. Por essas e outras questões, muitas mulheres vinculadas ao Movimento foram exiladas. Além dessas colocações, ao final dos anos 70, o Movimento Feminista voltou o seu olhar para a divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. “As feministas queriam que os homens dividissem com as mulheres os afazeres domésticos [...]” (PEDRO, 2016, p. 251). Também foi nesse período que o Movimento começou a exigir maior investimento do Estado para proteção das Mulheres e para a garantia de seus direitos.

No final dos anos 70, foi aprovada a Lei do Divórcio, um ganho do movimento feminista, pois se principia a “desnaturalizar” a perspectiva do casamento como algo eterno. Obviamente, já tínhamos divórcio nesse período, no Brasil, porém, quando emerge essa legislação, as mulheres vêm a ter um apoio legal para a garantia dos seus direitos, no caso da separação. Conforme os anos, várias outras requisições foram sendo incorporadas pelo Movimento, sempre almejando a igualdade, o respeito e o fim da violência. Atualmente, as lutas não estão concluídas e, mais do que nunca, se mostram necessárias.

Contudo, retomando a análise da Revista: podemos inferir que os exemplares publicados nos anos 70 e 80 apresentam esse movimento? Se a resposta for afirmativa, qual a leitura desse momento, feita pela revista? Ademais, as mudanças presentes na realidade brasileira guardam relação com a mulher representada na revista? Todas as revistas dos anos 70 e 80 apresentam uma mulher totalmente distinta daquela que era reivindicada pelo Movimento Feminista. É representada uma mulher ideal, um ser sobrenatural e totalmente dependente e submisso, em relação à figura masculina.

Em linhas gerais, observamos que o gênero está diretamente ligado ao sexo biológico de nascimento da mulher. Ao nascer do gênero feminino, está condicionada ao casamento, que será eterno, cabendo a ela ainda ter filhos e assumir os cuidados e com os mesmos, bem como com sua educação na fé. Essa é uma constante nas produções em questão.

Compete igualmente à mulher cuidar da casa, do marido e desempenhar todas as suas atribuições na Igreja. Ali, estão reservadas a ela ações de caridade e ajuda aos pastores. Para alcançar todas essas atribuições que lhe são conferidas, é vital o desenvolvimento de determinadas qualidades, atributos, dons. Essa mulher até pode estudar e trabalhar, principalmente em profissões como professora, enfermeira, por exemplo. Todavia, o trabalho é devido somente se não atrapalhar ou sobrecarregar e se não comprometer seu dever de mãe e mulher. E, mais, é uma mulher a-sexuada, já que a questão da sexualidade não é abordada nas revistas da primeira fase. Esse é um dado interessante, já que, apesar de recomendar e defender o casamento, os filhos, é como se a sexualidade não existisse.

Para a apresentação dos dados obtidos com essa pesquisa, definimos por refletir sobre temas como casamento; educação dos filhos e maternidade; cotidiano das famílias e cuidado com a casa; intervenção da mulher na Igreja Presbiteriana Independente; trabalho da mulher. Partindo das colocações das revistas, pudemos observar que os textos direcionados à mulher estão concentrados nesses grupos gerais de assuntos.

No entanto, como há muitos textos, não vamos apresentar todos aqui nesse texto, porque isso tornaria a leitura enfadonha demais. Por exemplo, há uma quantidade imensa de textos que abordam a questão da maternidade como missão feminina. Percebemos que essa analogia se torna mais forte em poemas, acrósticos e hinos apresentados nas revistas comemorativas do dia das mães. De formas diferentes, a maternidade como missão, como dom, apareceu em todos os anos revistas que analisamos, ou seja, é uma quantidade enorme de textos que tratam basicamente da mesma coisa, mas de maneira diferente. Nesse sentido, é importante destacar que todas as revistas, em maio, apresentam muitas homenagens em comemoração ao dia das mães o que amplia em muito os textos produzidos sobre maternidade.

Acerca da produção das revistas, somente para que seja possível compreender sob quais artigos estamos realizando nossa análise, podemos indicar que analisamos 58 exemplares, no período de 70 e 80, e cada um deles com uma média de 15 a 18 artigos, totalizando 1044 textos: são textos, em sua maioria, curtos, não mais que uma lauda. As revistas do período eram pequenas, quase como edições de bolso e por isso os textos não eram muito densos, mas curtos. Cumpre aqui ainda ressaltar que uma média de 70,0% desse universo foram Xerox de revistas, o que dificulta que consigamos traçar parâmetros mais específicos sobre a forma de apresentação das revistas.

O mesmo se aplica aos demais quesitos, ou seja, há uma quantidade enorme de textos que discutem e apresentam o casamento heterossexual como modelo a ser copiado e assim sucessivamente. Nossa “escolha” dos trechos a serem reproduzidos neste trabalho partiu, entretanto, da análise daqueles que mais se adequavam ao que gostaríamos de apresentar.

Damos início, pois, com a discussão sobre o casamento. O casamento é o lugar, por essência, da mulher. Afinal, só é possível o casamento se ela participar dele, porque, na revista, vemos que é considerado somente o casamento entre homem e mulher. Amparados na Bíblia, tida como um livro que é atemporal, como indica Bellotti (2005), utilizam o “livro sagrado” para justificar a união entre homem e mulher como único padrão correto. Assim, a convicção é extraída da Bíblia, adotando como referência as Sagradas Escrituras, usando a Sagrada Família e outras famílias representadas, como a família de Noé, para conferir aos leitores os modelos indicados de família. Importante notar que os escritos do Antigo e do Novo Testamento servem de referência para as ideias a respeito do que seria uma família ideal. Vale ainda ressaltar que esses exemplares sequer citam qualquer menção a conteúdos relacionados a uniões homoafetivas. É como se não existisse um outro tipo de união além da firmada entre homem e mulher, e isso é retratado tanto nos textos produzidos nos anos 70 quanto nos dos anos 80. Sabemos que, nessa época, apesar de o Movimento Feminista já ter levantado as discussões sobre sexualidade e termos também alguns grupos do Movimento LGBT se desenvolvendo, no Brasil, a questão da sexualidade não era discutida em todos segmentos da sociedade. Da mesma forma, a questão da homoafetividade ainda era tabu na sociedade brasileira como um todo e não apenas nos meios

confessionais e possivelmente esse seja um dos fatores pelos quais a revista sequer menciona outros arranjos familiares.

Os trechos abaixo indicam esse tipo de compreensão do casamento como união heterossexual:

A Família, que é a primeira unidade moral acima do indivíduo, é constituída pelo casamento em que um homem e uma mulher, renunciando certos direitos individuais, constituem a união em que se comprometem a viver fielmente um para o outro na relação de marido e esposa (TEIXEIRA, 1970,p.31, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 03, 1970).

“Ela lhe faz bem, e não mal, em todos os dias da sua vida” (Prov. 31:12).A palavra inglesa woman, senhora, provém do inglês antigo wifman que significa, wife-half-of man – metade mulher do homem (BALDANI, 1974, p. 04, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE – ALVORADA, n. 01,1974)

“[...] para Deus a submissão da mulher ao marido não quer dizer diminuição, inferioridade;antes de qualquer coisa, significa render obediência humilde e inteligentemente a uma pessoa que foi investida de poder e autoridade (LIMA, 1984, p. 10, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02,1984)

Mulher e homem como modelo de união e mais, mulher que aceita a submissão como podemos ver no último texto uma vez que o homem foi investido,por Deus de poder e também de autoridade. Enfim, os textos de orientação sobre a organização familiar sempre usam as figuras esposo (homem) e esposa (mulher), ou seja, apenas se direcionam a essas figuras, quando se reportam a uma discussão sobre família. O texto abaixo também é bastante representativo do entendimento conferido a uma união conjugal,porém, também enfatiza as possíveis qualidades necessárias à homens e a mulheres:

O homem, este vagabundo da existência, em parte alguma se sente em sua casa; é um sem-pátria, atirado para o desconhecido. A este destino específico do homem, opõe-se o destino específico da mulher, voltada como está, às coisas do lar. A mulher, mais alma, mais naturezas, mais quietude, mais paz, é quem irá salvar o homem, dando-lhe o repouso de que necessita. O homem, por sua vez, atrai a mulher para as coisas do espírito, para o progresso, evitando a estagnação.

O homem não pode mais ser o dominador, tratando a mulher como serva sem direitos, tanto no lar como na sociedade. O esposo deve tê-la como companheira que lhe dá filhos, como amiga com quem discute os planos ou desabafa suas angústias, como igual nas atividades sociais em prol da comunidade. Para fazer triunfar o reino da liberdade é necessário que, além de suas diferenciações naturais, o homem e a mulher afirmem, sem equívoco, sua fraternidade. [...]

O homem e a mulher, duas personalidades em inter-relação dinâmica conflituosa – pois suas diferentes tendências os conduzem a naturais conflitos – quando sustentados pelo Amor, geram obras criadoras em comum. Principalmente, filhos educados pelos dois, unindo seus ideais,

elaborando um novo homem e uma nova mulher, fusão da criação de cada um deles.

Os cuidados com a saúde física e com a sensibilidade dos filhos, são especialmente confiados à mãe. O pai se encarrega particularmente da inteligência e da vontade.

O esposo “[...] encontra na mulher o regaço materno perdido na infância, que o protege dos momentos difíceis de sua luta no mundo. Torna-se mais adulto pela chefia do lar.” (O QUE É..., 1979, p. 20, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 03, 1979)

Ao destacar que o esposo encontra na mulher a maternidade perdida na infância, já se enfatiza o modelo de união conjugal considerado correto, isto é, aquele firmado entre homem e mulher. Mas, nesse texto, o autor salienta ainda o que compete a cada um, dentro de uma união, ou seja, há papéis que cada um desses atores precisa desempenhar, nessa dinâmica familiar. Ao homem é devido o espaço público, a educação dos filhos, no aspecto da inteligência, enquanto à mulher cabe ficar em casa, ocupada das coisas do lar e da sobrevivência dos filhos. O homem é ímpeto, é destaque, é dominação, e a mulher é calma, é centrada e não se envolve em arroubos (aqui temos também as qualidades ideais do gênero feminino). Assim, aqui vemos que, além da referência constante a homem e mulher como exemplos do que é compreendido como um casal, o texto ainda ressalta um rol de possíveis qualidades que seriam inerentes ao homem e outras que corresponderiam à mulher, e essa disposição resulta em que o homem seja considerado superior a ela, posto que possui os atributos da inteligência e a mulher só os atributos da emoção, do sentimento.

Menção semelhante se pode ver no texto de Victor Hugo, no qual novamente aparecem o Pai e Mãe, fortalecendo as figuras masculina e feminina como referências únicas presentes em uma organização familiar:

O Pai e a Mãe – pegadas  
 O pai é a mais elevada das criaturas.  
 A mãe é o mais sublime dos ideais.  
 Deus fez para o pai um trono; para a mãe um altar.  
 O trono exalta; o altar santifica.  
 O pai é o cérebro; a mãe, o coração.  
 O cérebro produz a luz; o coração, amor.  
 A luz fecunda; o amor ressuscita.  
 O pai é gênio; a mãe, anjo.  
 O gênio é imensurável; o anjo indefinível.  
 A aspiração do pai é a suprema glória; a aspiração da mãe é a suprema glória, a aspiração da mãe virtude extrema.  
 A glória traduz grandeza; a virtude traduz divindade.  
 O pai tem a supremacia: a mãe a preferência. A supremacia representa a força; a preferência representa o direito. O pai é forte pela razão, a mãe é invencível pela lágrima.  
 A razão convence; a lágrima comove.

O pai é capaz de todos os heroísmos; a mãe de todos os martírios.  
 O heroísmo enobrece; o martírio sublima.  
 O pai é o código; a mãe, o evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.  
 O pai é um templo, nos descobrimos; ante o sacrário, ajoelhamo-nos.  
 O pai pensa; a mãe sonha. Pensar é ter cérebro; sonhar é ter na frente uma auréola.  
 O pai é um oceano; a mãe é um lago. O oceano tem a pérola que o embeleza; o lago tem a poesia que o deslumbra. O pai é a águia que voa; a mãe, o rouxinol que canta, Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.  
 O pai tem um fanal: a consciência; a mãe tem uma estrela: a esperança. O fanal guia; a esperança salva. – Enfim, o pai está colocado onde termina a terra; a mãe, onde começa o céu!... (HUGO, 1981, p. 13, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 03,1981)

Nessa crônica, vemos as comparações entre os sexos como reafirmações de supostas características que deveriam ser mostradas por pais e mães (homens e mulheres), sinalizando igualmente uma suposta superioridade do homem em relação à mulher. Por conseguinte, o homem é tido como mais inteligente, como o cérebro, gênio, heroico e forte, ao passo que a mulher é associada ao sentimento, ao coração, à emoção que, a nosso ver, parece algo secundário na organização da dinâmica familiar.

A suposta superioridade masculina é retratada em passagens como: **“O pai é o cérebro; a mãe, o coração. O pai pensa; a mãe sonha. Pensar é ter cérebro; sonhar é ter na frente uma auréola.”** A nosso ver, isso deixa pressupor que a mulher é incapaz de pensar, de ser crítica. Além disso, o papel do homem, expresso na analogia ao termo “pai”, exemplifica, em vários trechos, uma suposta supremacia masculina na definição da dinâmica familiar. O pai é que define, por ser cérebro, o formato de organização da família. Isso é também reforçado na sentença: **“O pai é o código; a mãe, o evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.”**

Todo esse texto sublinha um grande reforço da família de natureza patriarcal e heterossexual e, mais uma vez, vemos que o homem é considerado superior à mulher. A família patriarcal, como sabemos, compreende a mulher como um ser dotado de menos inteligência e capacidade do que homem e, por isso, deve estar a ele subordinada, inclusive dentro da dinâmica familiar. A inteligência masculina é também celebrada no trecho abaixo:

O homem que possui uma inteligência lógica [...] ele raciocina e que saber os porquês, as causas, as razões. Se alguém dirige uma pergunta a um homem, ele responde prontamente [...]. A mulher, por sua vez, divaga

sobre o assunto para depois dar uma resposta. [...] Contudo, os homens não possuem a intuição, que é própria da mulher. (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980, p. 29).

O homem é tido como inteligente e consegue até responder perguntas prontamente, sem titubear, ao passo que as mulheres não o fazem. As mulheres são intuitivas, sensíveis, diferentemente dos homens. A mulher ocuparia, na estrutura familiar, um lugar de segunda categoria: afinal, não é tão inteligente quanto o homem. Pelas habilidades que possui, na família, o Homem é mais importante, exercendo, assim, o aclamado cargo de “chefe de família”. “A lei reconhece o pai como chefe da família, mas atribui à mãe um lugar proeminente e, sob certos aspectos, primordial.” (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980, p. 08) – aspecto primordial, entretanto, no cuidado da casa. Em outro texto, também de uma produção dos anos 80, é mais uma vez enfatizada uma suposta superioridade masculina, ao comparar a figura do pai, a figura masculina, como sendo aquele que merece um trono, portanto, um rei. No texto, lemos: “O lar é o reino do pai, o mundo da mãe e o céu da criança.” (SANTOS, 1980, p. 11, Revista Alvorada Feminina, n. 02, 1980).

Uma dos primeiros números lançados e que conseguimos, por meio do acesso à coleção de Odete Rocha, é bastante categórica na definição do que pode ser compreendido como casamento. Por analogia, é possível entender qual é o lugar que a mulher ocupa na sociedade. O lugar de mulher casada. Casamento serve para formar família e família só pode ser composta por meio da união entre homem e mulher:

O casamento também é apresentado como algo que é inevitável, algo do qual o crente não poderá fugir.

Constituir família é, pois, um dever não só por ser ela o órgão regular para a perpetuação da espécie e felicidade dos indivíduos [...] é também um dever religioso visto como, para proteger os interesses referidos Deus mesmo disse: “Deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher e serão os dois uma só carne” [...] (TEIXERA, 1970, p. 31, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 03, 1970).

Casamento como dever, tanto moral quanto religioso. Casamento como um meio para garantir a procriação do gênero humano. Porém, como diz o verso bíblico, citado ao final do texto, casamento entre homem e mulher. Desse modo, o

artigo usa, ao final, um versículo bíblico comumente citado quando se discute a questão familiar. No entanto, no fim desse texto, há uma ressalva sobre aqueles que não conseguem se casar. Nesse caso, há uma justificção para aqueles que não se casam, mas que vivem uma vida em Cristo. Esses não podem ser discriminados, se tentaram o casamento e não conseguiram, por motivos que saiam do seu controle. Para tanto, todos devem buscar atender ao chamado moral e religioso e constituir uma família, conforme a Bíblia orienta.

Ambos os trechos acima reforçam a questão dos filhos, peças de basal relevância para a consolidação de uma família cristã. Ora, referem-se a pais e mães, e, por consequência, são pessoas que têm filhos. Em tese, ter uma família, de constituição heterossexual, não basta. Os filhos são fundamentais para que a família seja considerada como tal. Os filhos são uma obrigação, uma missão, algo que não pode ser evitado nas famílias. Contudo, constituem um chamado muito especial e peculiar para a mulher. Cabe a ela colaborar com essa família feliz.

Há vários trechos, em publicações de períodos produzidos em anos diferentes, os quais retratam a maternidade como uma missão das famílias e, sobretudo, da mulher. Abaixo, alguns exemplos:

[...]Continua LOUVANDO-ME com a tua missão, pois muitas vezes é do MEU agrado dar-te muitos mais filhos dos que poderias conceber! São Mistérios de Minha soberana Vontade. LOUVA-ME sempre e sempre pela maternidade em toda a sua expressão; por ela tu te redimes, cumprindo o privilegiado ministério de conceber, de conduzir e de formar caracteres cristãos (GUIDA, 1980, p. 12, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02,1980)

#### O Dia das Mães

Hoje, festivamente, comemoramos o “Dia das Mães”. Este dia é dedicado àquela cuja missão é cheia de espinhos, lutas e revezes, mas é por isso mesmo tão nobre, tão digna e, porque não dizer, divina. A história testemunha a respeito de mães que no desempenho de sua missão foram verdadeiras santas. Ana, cuja vida vem contada nos primeiros capítulos do livro I de Samuel; que belo testemunho de mãe, aquela que entregou ao Senhor o filho dileto. Nos capítulos de Êxodo, encontramos o testemunho corajoso de Joquebede, aquela que soube superar toda sorte de adversidade e deu ao mundo um dos maiores líderes da história, que foi Moisés.

Inspira-nos a vida de Maria, a mãe de Jesus. Aquela que soube submeter-se, com humildade, à vontade do Senhor [...]Quando Cristo morreu na cruz, já estava junto ao filho sua mãe; quando os discípulos estavam reunidos no Cenáculo, no Dia de Pentecostes, lá estava junto com eles também Maria; que mulher extraordinária. Temos nos inspirado no testemunho de mães do quilate de Suzana Wesley, Mônica e tantas outras cujas vidas se constituem numa verdadeira inspiração. Num momento tão significativo como este, que hoje vivemos, é oportuno que cada mãe se

coloque diante de Deus e com muita humildade peça ao Todo poderoso Pai que lhe conceda graça para que, fortalecida e orientada por Deus, cumpra com fidelidade e dedicação a tão sagrada missão que lhe foi confiada. [...] (ROSA, 1979, 10, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02, 1997)

Como humildes servas do Senhor  
 Cumpre-nos mostrar ao mundo e sua luz  
 Através do próprio brilho que requer  
 O trabalho da mulher  
 Vamos, pois, irmãs lutar,  
 Vamos todas trabalhar;  
 Deus nos dá talentos para produzir  
 E outros tantos conseguir  
 Como mães felizes em um lar cristão,  
 Onde a nossa força é nossa devoção,  
 Temos uma prole que de nós requer  
 O trabalho de mulher,  
 Como membros de uma Igreja que o Senhor  
 Quer tornar mais forte para o seu louvor,  
 Cumpre-nos fazer o que de nós requerer  
 O trabalho de mulher. (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980, p. 28).

Ela é a força principal do lar e da sociedade. A mulher, desde a infância tem tendências e aptidões que a tornam agradável e necessária. O casamento, instituído por Deus, completa a mulher e é através dele que ela torna-se rainha, seja pobre ou rica materialmente. Como mulher possui grande riqueza, pois Deus dispensou-lhe a maior benção, a de transmitir a sua própria vida, seu sangue, sua carne, à alguém que vem das suas entranhas. A maior e mais sublime tarefa dada à mulher é a da maternidade (BARBOSA, 1986, p. 08, ALVORADA FEMININA, n. 02, 1986)

O primeiro texto dá a ideia de que é Deus falando com a mulher e indicando a ela estaria atendendo a um desígnio celeste aceitando essa missão. Alias, destaque para a colocação que a mulher deveria aceitar quantos filhos ela recebesse de Deus, quantos ela conseguisse conceber.

Já no segundo texto, como podemos observar, a palavra “missão” é destacada, várias vezes, pelo autor do texto. No caso, o texto é assinado pelo Reverendo Messias Anacleto, e indica como a maternidade é representada como uma missão da mulher. Uma missão sagrada e confiada ao gênero feminino por Deus. Todos os que biologicamente nascem do gênero feminino precisam ter filhos. A mulher que pretende agradar a Deus precisa ser humilde e aceitar o encargo que lhe fora confiado.

E, o terceiro texto, na verdade, é intitulado “O Trabalho da Mulher”, mas os termos dão a entender que o trabalho da mulher é o lar. Esse seria o seu talento, seu dom, sua missão no mundo. “Mas a sua realidade de benção no mundo tem

em seu ponto culminante na maternidade [...]” (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980, p. 27). A mulher nasceu para ser mãe. O último trecho, por sua vez reafirma que a melhor tarefa atribuída à mulher foi a maternidade, o dom de ser mãe.

Ana, Joquebede, a Mulher Samaritana, Maria Madalena, Rute, e até mesmo Maria são personagens bíblicas citadas como exemplos de mulheres a serem seguidos pelas demais, pois aceitaram missões difíceis e maternidade em contextos específicos, para agradar a Deus. Ana já era velha quando engravidou, Joquebede suportou uma série de infortúnios para que Moisés pudesse nascer e Maria engravidou sem relação sexual. Tudo isso fizeram para ter filhos, os quais são tidos como grandes nomes da tradição cristã. Outros exemplos de mulheres a serem copiados são a Mulher Samaritana que teria dado água para Jesus beber sem pensar se isso seria convencionalmente aceito naquele contexto cultural; Maria Madalena mulher acusada de traição e que fora perdoada por Jesus e Rute, retratada no antigo testamento como uma moabita que escolheu servir a Jesus, e que fora avó de um importante rei na tradição cristã, o Rei Davi. São mulheres que possuem como principal qualidade a aceitação dos valores cristãos e por isso exemplos a serem seguidos.

Maria, no entanto, é um dos exemplos mais citados nas revistas, porque além de uma mulher obediente, temente a Deus, aceitou a missão de ser mãe de Jesus. O texto de Wallace (1980, p. 06, Revista Alvorada Feminina, n. 02, 1980), ressalta como Maria é um exemplo de mulher a ser seguido. Concluindo o raciocínio, salienta:

Mães da Igreja de Cristo, que o exemplo de mulher, sobretudo de mãe, não seja outro senão o desta grande mulher. Segundo o anjo, ela foi “cheia de Graça!” (abriu-se o suficiente para que isso acontecesse). Pelo amor de Deus, tentem sempre fazer o mesmo!

Ou seja, mulheres, sigam esse exemplo e aceitem a missão da maternidade. Os defeitos dessas mulheres apresentadas como exemplos inexistem e somente suas qualidades são enfatizadas como algo a ser seguido pelas demais leitoras da revista. Fato é que a missão da mulher como mãe é o principal enfoque conferido nesses artigos.

O texto abaixo é um editorial, assinado, obviamente, por uma das editoras

da revista, que também atribui à maternidade um caráter missionário. Nele temos o entendimento da maternidade como um dom dado por Deus:

Em tom de conversa

Mãe: - palavra pequenina mas que encerra todo mistério, toda alegria, todo plano de Deus, que abençoando a mulher, dá-lhe a ventura de dar à luz. Creio que para nós, mulheres, o Dia das Mães traz-nos como uma nostalgia indefinida, pela menina que fomos, pela mãe que somos.

Parece-nos que foi ontem, que ainda éramos crianças e tínhamos a nos guiar a nossa mãezinha que procurava nos alertar quanto aos perigos, nos educar e levar-nos à Igreja. Quem não se lembra, com saudades, da rotina do domingo: cheirinho do frango, da macarronada, da sobremesa gostosa, do vestidinho engomado, reservado para irmos à Escola Dominical. Deste quadro, a figura imprescindível era nossa mãe.

Quanta estabilidade e ternura.

Hoje somos mães, pela graça de Deus!

Os tempos mudaram. Há uma participação mais ativa da comunidade, dos meios culturais e sociais na formação da personalidade dos filhos. A televisão, o rádio, o cinema, revistas, escolas: jardim a infância, pré-primário, vão moldando nossos pequenos. Há uma mudança de valores, uma evolução de costumes, de uma maneira muito rápida.

Os filhos têm hoje mais liberdade para emitir seus conceitos.

E cabe a nós, mães de hoje, como às de ontem, alertar, educar, guiar...

Se somos rígidas e firmes, dizem-nos que não evoluímos, que somos quadradas. Se cedemos em muitos pontos, podemos errar e muito.

É preciso que sejamos sábias.

É necessário que haja diálogo, amor, compreensão, mais do que nunca, um apego com Deus, com a Palavra de Vida Eterna, pois só n'Ele encontramos as respostas e a segurança que os nossos filhos esperam de nós.

Que Deus abençoe a todas as mães a cumprir a sagrada missão de preservar o seu lar: maridos e filhos.

Que a cadeia do amor, iniciada há muitos e muitos anos, tenha continuidade. (CESAR, 1979, p. 02, ALVORADA FEMININA, n. 02, 1979).

Termos, como **“todo plano de Deus”**, **“Hoje somos mães, pela graça de Deus!”** e **“cumprir a sagrada missão de preservar o seu lar: maridos e filhos”**, reivindicam uma vez mais o caráter missionário da maternidade.

Além disso, atributos como sofrimento pelos filhos são extremamente valorizados, além do já aclamado “amor de mãe” aquele que torna a mulher capaz de superar qualquer coisa em prol dos filhos e da família. Trechos tais como os que estão abaixo nos demonstram tais colocações:

Poderíamos dizer da mãe o que o grande apóstolo Paulo disse do amor: a mãe não busca o que é seu, mas tudo sofre, tudo suporta, tudo espera... Gênio benéfico, anjo da guarda, a mãe rodeia o filho, o vê, cuida e defende por todos os meios. A mãe é para o filho! Nem o perigo à intimida, nem o sacrifício é superior às suas forças. Nem a ruína pode contê-la se vai salvar-lhe ou fazer-lhe um novo bem (ARCHEO, 1970, p. 14, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE - ALVORADA., n. 02, 1979)

Claro é que todos os dias são, ou pelo menos deveriam ser, DIAS DAS

MÃES;mas é nesta época que se dá maior destaque a esse nome pequenininho, a essa palavra doce, sem rima, - MÃE – sinônimo de bondade, carinho, amor, que é a origem de cada um de nós. (ALVORADA FEMININA, 1980, p.08)

Ah! O amor de mãe! É de uma grandeza tal, que não existe um filho predileto,mas todo o seu amor é dedicado carinhosamente para cada um (ZELINDA, 1980, p. 07)

Uma simples mulher existe que, pela imensidão do seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo, que, sendo moça, pensa como um anciã e, sendo velha, age com as forças todas da juventude [...](ALVORADA FEMININA, 1983, p. 09)

A mãe sofredora, preocupada com o filho, que por essência boa e carinhosa, além de ser dedicada aparece com grande força na revista. Muitos dos textos acima são de publicações do trimestre maio, junho e julho, e por conseguinte possuem o caráter mais romântico a nosso ver pelo fato de refletirem a comemoração do dia das mães. No entanto, isso é comum em vários textos não escritos em períodos de comemoração. Fato é que temos nesse texto um ideal de maternidade que também é difundido pela revista.

Maternidade como plano de Deus, como graça conferida à mulher por Deus a essa (e somente ela) que poderia dar conta de tal encargo. Porém, vinculado ao entendimento da maternidade temos também inúmeras menções que compete a mulher também cuidar do lar, do marido e dos filhos que foram a ela confiados. No aspecto do cuidado, há, nas revistas, menções muito claras ao fato de que à mulher compete a sobrevivência da prole, desempenhando todas as atividades necessárias para a satisfação das necessidades básicas dos filhos e do marido.

Nesse sentido a seção De Tudo para Todos é extremamente necessária pois nela são conferidas receitas e uma série de orientações sobre limpeza de casa, organização de ambientes, dentre outras informações as quais a mulher poderia recorrer caso necessitasse para manter a casa organizada para a família. Por exemplo, a edição de jan./marc. de 1970 traz na seção um rol amplo de dicas para a limpeza de sofás, orientações para tirar manchas de sujeira de camisas. Na edição de abr./junho de 1970, na seção De Tudo para Todos, há orientações de como planejar um bom cardápio, recomendando que a mulher não deve repetir pratos no mesmo dia, e ainda orientações de como lavar meias, limpar objetos de palha, além de receitas.

Na revista de 1972, junto a essa seção, na edição de jan./marc. são

apresentadas receitas, itens de decoração e propostas para evangelização. O interessante desse artigo é a indicação de algumas receitas como: Guisado à Esaú (receita de um cozido de presunto) e também uma forma de evangelização denominada Surpresas Evangélicas (envolver um folheto de evangelização em celofane). Já a edição de jan./mar. de 1974 apresenta várias receitas, dentre as quais a de uma sopa para os dias frios, e, ainda sugere que a mulher aproveite o tempo em família realizando piqueniques, mesmo que seja na parte externa de sua casa. Nessa matéria há até orientações de como a mulher deve organizar a cesta para essa atividade.

No rol de orientações para limpeza vemos a edição de abr./jun. de 1980 que apresenta muitas orientações para a mulher fazer com que copos e também panelas fiquem brilhando. No mesmo ano, edição de out./dez. temos a apresentação das receitas, incluindo nesse mês o chamado Bolo de Pastores, um bolo de pão de ló simples. Nessa seção, era comum também, sobretudo nos exemplares do final dos anos 80, a apresentação de itens de decoração.

No entanto, há trechos mais específicos e que demonstram essa vinculação da mulher ao universo das atividades domésticas, como se essas fossem apenas suas atribuições. O texto abaixo intitulado Mulher, ilustra essa questão:

Se você não tem uma casa de construção bonita, como da sua vizinha, vai ficar clamando por isto?. Não. Você poderá tornar bonita e atraente a sua casa, com jeito e habilidade. O interior da casa é muito mais importante. A primeira coisa à fazer, é cuidar da limpeza. Onde há higiene, há alegria e bem estar. Limpeza em tudo: na sala, no quarto, na cozinha, etc. Basta ter água, sabão, vassoura, cera, pedaços de pano e boa vontade. Se você não tiver recurso para encerar sua casa, não será por isto que não a conservará limpa. Água, sabão e uma boa escova e o resultado será magnífico. (ARCHEO, 1970, p.14, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE - ALVORADA., n. 02, 1979)

Ou seja, carência de recursos materiais não é motivo para que a mulher deixe de desempenhar suas funções domésticas na sua família. Outros trechos publicados nas revistas da primeira fase demonstram essa vinculação da mulher ao desempenho de atividades domésticas, dentre as quais podemos destacar:

Sua hora devocional era exercida com pontualidade e regularidade. Mesmo quando todos os filhos estavam em casa, ela servia o almoço à sua grande família e, logo após, subia para seu quarto onde ficava no seu exercício espiritual [...] (GALERIA DAS..., 1972, p. 26, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 01, 1972).

Pense em alguma coisa e imediatamente você perceberá que sua mãe a está fazendo. Por exemplo: lavando, cozinhando, encerando, tirando poeira, consertando roupas, dando palmadas, arrumando, ensinando, redecorando, amando, conversando, trabalhando, trabalhando, etc., etc., etc. (O QUE É SER..., 1979, p. 16, ALVORADA FEMININA ,n. 02,1979)

Uma dona de casa, cuja missão é servir, é, muitas vezes, levada a cansar-se de seu mister, mas, não resta dúvidas, há, para ela compensações, alegrias e bênçãos que, como os servos do relato bíblico, lhe estão reservados. (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980, p. 36).

Gosta tanto do fogão e quem chegar lá em sua casa será recebido com alegria e com um cafezinho que só ela sabe fazer, ou até mesmo um almoço, preparado com muito amor. Para os netos a melhor comida ainda é a dela. (GALERIA DAS...,1972, p. 26, REVISTA ALVORADA FEMININA., n. 02,1980)

Mulher virtuosa que de manhã à tardinha  
Lava...passa...limpa o fogão  
Que transforma em altar até mesmo o fogão...Que trata o carteiro, o lixeiro como "irmão"! [...] E ainda à família dá a prioridade! É meiga no trato, é toda amor!... (SANTOLIN, 1984, p. 21, ALVORADA FEMININA , n. 04, 1984)

Os trechos acima destacam as habilidades domésticas como inerentes à mulher. O primeiro trecho extraído da seção Galeria Heroínas da Fé apresenta exemplos de mulheres a serem seguidos. No trecho aqui apresentado no entanto vemos um exemplo de mulher que realizava suas orações e cumpria suas funções domésticas servindo o almoço na hora para toda a família. O segundo texto requer que o leitor se lembre de sua mãe e logo associa essa imagem materna ao desempenho de atividades domésticas. O terceiro texto, por sua vez enfatiza que a dona de casa, mulher, tem como missão servir aos outros, por meio do trabalho doméstico. O quarto texto por sua vez, também da seção Galeria Heroínas da Fé, apresenta outro exemplo de mulher a ser seguido e ressalta o amor dessa mulher com o fogão o que faz com que sempre quem a visita possa ser recebido com um café ou um almoço. O último texto, por fim, associa a mulher virtuosa àquela que ama o fogão e a limpeza da casa.

Necessário destacar que os textos apresentam termos como: **“ela servia o almoço”**, **“Lava... passa... limpa o fogão... Que transforma em altar até mesmo o fogão...”** e **“lavando, cozinhando, encerando, tirando poeira, consertando roupas”**, como funções femininas. Não é só o fato de ser uma função doméstica e atribuição da mulher, mas também um reducionismo da imagem feminina. As potencialidades que a mulher tem em desempenhar atividades intelectuais, além da

reprodução de atos que nem sempre exigem grande capacidade intelectual, são desconsideradas. Ademais, o homem não é citado como um agente dessas ações. Somente a mulher deverá cuidar da casa e das necessidades emergentes de seus familiares. E mais, a mulher não entende isso como submissão uma vez que o texto é construído de forma a tornar isso algo positivo, algo bom e representativo da qualidade feminina.

É certo que as revistas femininas da época também trazem esse tipo de orientações e conselhos, ou seja, não é algo presente apenas nas revistas em questão. Vemos com Bassanezzi (1996) que era comum também em *Claudia* a existência de seções destinadas exclusivamente a apresentar receitas, algo comum também, a nosso ver em um momento que esse tipo de informação não era acessível por meio da internet tal como é possível hoje. No entanto, temos uma recomendação nas revistas que analisamos para que a mulher sempre deixe a casa limpa e extremamente organizada.

A missão da mulher em ser mãe e, a incumbência em uma segunda incumbência voltada a educação dos filhos. O entendimento possuído e representado na revista é que caberia aos homens somente educar os filhos em aspectos práticos, estimulando a sua inteligência, por exemplo. A mulher seria responsável pela sobrevivência e educação cristã. Isso denota o entendimento de que a responsabilidade pela educação, compreendida como educação cristã e aspectos do cotidiano, é, prioritariamente, feminina. Há defesas muito consolidadas nesse sentido e que buscam sustentar que a criança é formada, prioritariamente, pela mãe. O homem educa somente sob os ângulos específicos da inteligência, por exemplo.

O texto de Damião (1979) reforça a compreensão de responsabilidade da mulher na educação dos filhos. O artigo, escrito como uma “Mensagem às Mães”, é iniciado com reflexões de Xenofonte, Goethe, Napoleão Bonaparte e Sampaio Dória, sendo que esses autores focalizam características positivas da maternidade. No que concerne à questão da influência materna no desenvolvimento dos filhos, a autora enfatiza que

[...] a influência da mãe sobre os filhos é maior do que qualquer outra, pelas seguintes razões: 1.a – Contacto mais longo. 2.a – Contacto constante quando a plasticidade da criança é maior (primeiros anos de vida). 3.a. – Porque nenhum educador tem mais carinho e vontade do que a própria mãe (DAMIÃO, 1979, p. 15, ALVORADA FEMININA, n. 02 ,

1979).

Ou seja, os filhos só permanecem na companhia das mães e, por isso, possuem contato por um tempo mais longo. E o pai da criança, nesse modelo tradicional, não permanecia com os filhos? Não. Pelos artigos que lemos e analisamos, podemos inferir que o Pai não tem esse tempo com os filhos. Ademais, a criança é plástica até os dois anos de idade, ou seja, a criança é vista como tabula rasa e recebe todo conhecimento conferido pelo adulto, sobretudo nos primeiros anos de vida. Caberia à mulher imprimir nessa criança os valores que considera corretos para a formação de um bom ser humano, conseqüentemente, um bom cristão.

Trata-se de tendência também reforçada pelo texto de Vicentini (1977), em que a autora analisa o comportamento de crianças. Sua análise toma, como responsáveis pela adoção de determinadas condutas infantis:

[...] os fatores familiares influem em 75% (60% são depende da mãe e 15% do pai);10% são influências da escola e 15% outros fatores, tais como TV, grupos de convivência, etc.” e anda indica: “Se as crianças vão mal, é sinal que os lares vão mal [...] (VICENTINI, 1977, p. 24, ALVORADA FEMININA, n. 4, 1977)

Vemos que a posição é bem enfática, ao atribuir à mulher a maior parcela de responsabilidade pela conduta infantil. A mulher educa a criança, e os atos dos filhos provêm dessa educação. Os demais fatores apresentados como influentes são considerados importantes, mas minimizados, se considerada a influência da mãe. Também é responsabilidade da mulher, caso, futuramente, essa criança se torne um adulto com problemas.

Outros textos também são representativos do entendimento de que caberia à mulher a educação cristã dos filhos.

Nós te agradecemos porque elas têm aprendido na Tua palavra como conduzir seus filhos em cristo. Têm procurado com todo empenho fazer de nós Teus filhos e por isso pessoas felizes como teus discípulos, teus seguidores no viver de cada dia (SANTOS, 1983, p. 11, REVISTA ALVORADA, n.02,1983)

“Não tenho mais gozo do que este: o de ouvir que meus filhos andam na verdade” – III João 4. [...] E nós, mães, não temos maior alegria do que esta: a de saber que os nossos filhos andam com o Senhor (JESUS, 1980,p. 6,,REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02, 1980)

No primeiro texto, que simboliza uma oração de filhos, vemos que supostamente os filhos agradecem pelo fato de terem sido doutrinados pelas mães. Já o segundo texto indicaria a colocação de uma mãe que se sente feliz ao passo que seus filhos comungam da mesma fé. Observamos ainda que o segundo texto tem início com uma citação bíblica que evoca a necessidade de que filhos sejam educados na fé cristã.

A educação cristã aparece também em muitos outros textos. O artigo de Damião (1979) ressalta que é um dever de uma mãe cristã a construção, junto aos filhos, de uma educação assentada no cristianismo. Assim, ressalta o autor que compete à Mulher oferecer aos filhos: “a) educação intelectual; b) educação moral; c) educação espiritual.” (DAMIÃO, 1979, p. 15, ALVORADA FEMININA, n. 02, 1979). O dever moral é frisado como aquele que ofereça aos filhos parâmetros de honestidade, trabalho e exemplo da fé cristã. Para isso, os artigos evocam a presença da mulher em casa.

Há o entendimento de que há comportamentos marginais presentes na vida dos filhos e que para evitá-los é basal a orientação da família, com base nos princípios religioso. Esses comportamentos seriam apresentados sobretudo na conduta de alguns adolescentes e advém da ausência de ação de uma família forte na transmissão dos valores morais. O texto do Reverendo Abivail Peres da Silveira, intitulado “Pastoral das Famílias” e publicado na edição de out./dez. de 1986 usa o termo “pais” no sentido de responsabilização pela educação cristã dos filhos. Porém, esse é um texto que destoa do restante da produção da revista uma vez que nos demais artigos sempre temos a responsabilização da mulher pela educação cristã. No mesmo periódico o texto de Sandra Souza, apresentada no texto como Orientadora Pedagógica indica que as dificuldades escolares de determinadas crianças devem provir da ausência da figura paterna (e masculina) em sua vidas. A autora nos diz: “O fracasso escolar ( notas baixas – letra feia), muitas vezes, tem sua raiz na falta do pai – presença masculina – na vida do discente” (SOUZA, 1986, p.25, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 04, 1986)

Assim, vemos que aspectos voltados à inteligência da criança competem ao pai e a educação cristã compete à mãe. No mesmo texto a autora convida homens a assumirem o seu papel na educação dos filhos, sobretudo no que diz respeito à

educação escolar e chama também mulheres para que essas possam colaborar com a transmissão dos valores da fé.

Portanto uma estrutura familiar forte, em que cada um cumpra o seu papel é basal para evitar problemas futuros com os seres humanos que estão sendo criados. Wallace (1980) faz uma analogia à família de Jesus destacando que a família ideal seria aquela, e, a oferecendo como um exemplo a ser seguido pelas famílias. Assim, destaca o exemplo de José, de Maria, e destaca o quão relevante é a vida em família com base nos princípios religiosos. Há ainda orientações com relação ao tempo entre pais e filhos. Na edição de abr./junho de 1980 há um texto assinado por Abigail, sem sobrenome, sem nenhuma indicação mais específica sobre o autor ou de onde fora extraído. O texto intitulado “Para Você Mamãe” dá ideia de uma carta que um filho escreve a mãe e na qual tece várias críticas sobre a falta de tempo da mãe com ele por conta das obrigações com o trabalho e devido ainda aos afazeres domésticos. Portanto, para a maternidade, para formar boas pessoas é necessário tempo.

Para desempenhar esse papel, a mulher precisa observar algumas normas de conduta, meios de comportamento, e desenvolver algumas qualidades. Por exemplo, a mulher precisa dispor de tempo para exercer o cuidado dos filhos, cuidado da casa e da família. Uma dedicação quase que absoluta. O texto de Fernandes (1979, p. 12, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02,1979) pretende realizar uma orientação às mulheres em como cuidar dos filhos. Inicialmente, a autora critica as mulheres que trabalham fora e que permanecem muito tempo longe dos filhos. “As Mães que trabalham o dia todo fora de casa, deixando os filhos com pessoas, nem sempre preparadas para isso, quase nunca à altura de tão grande responsabilidade [...]”. Um julgamento sobre aqueles que exercem esse tipo de função e, igualmente, um juízo de valor analisando aquelas que trabalham fora de casa e precisam deixar os filhos aos cuidados de outros.

No texto, a autora ainda faz uma grande crítica às mães que deixam a criança presa, fechada em casa, reforçando a ausência de brincadeiras tradicionais e destacando que os novos modelos de infância são prejudiciais para o desenvolvimento infantil. No entanto, retomando a discussão sobre a convivência familiar, faz uma proposta para as leitoras: “Minha irmã, seja amiga de seus filhos. Conviva com eles, permita que amem e admirem sua mãe. Não se julgue isenta de

erros, e, se um dia foi injusta com eles, tenha a coragem de reconhecer diante de Deus suas faltas, e melhorar.” (FERNANDES, 1979, p. 12, REVISTA ALVORADA FEMININA, n. 02,1979). Ou seja, uma menção sutil para que as mulheres permaneçam em casa, cuidando dos filhos.

Um dos itens mais simbólicos desse desenho do perfil feminino idealizado para mulheres e para a maternidade é expresso na seção Galeria Heroínas da Fé. Nela temos a ênfase às qualidades femininas necessárias. Essa seção não aparece em todas as revistas produzidas nos anos 70 e 80, mas em grande parte delas. É um item que tem muitos modelos de mulheres da Igreja Presbiteriana Independente e de nomes do Protestantismo como já enfatizamos acima. Em uma dessas matérias, vemos que há uma descrição do modelo de mulher, mãe, idealizado das qualidades a ela vinculadas:

[...] é essa mãe que poderia servir de mãe-símbolo no tocante ao seu desprendimento, no doar-se a cada minuto sem pensar em si, no rigor com que levava os filhos aos pés de Cristo através do culto doméstico praticado com regularidade, e à Igreja, domingo após domingo [...] (GALERIA DAS...,1972, p. 26, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 01,1972).

E ainda nos lembra que “[...] tinha como objetivo o lar e a igreja” (GALERIA DAS...,1972, p.26, Revista da Mulher Presbiteriana Independente, n. 01,1972). Ou seja, a mãe-símbolo, mãe-, é desprendida, se doa e se ocupa ainda em levar os filhos para a Igreja, dedicando-se ao trabalho da Igreja, sem comprometer a sua atuação no espaço doméstico.

Outro exemplo apresentado está no texto “A quem honra, Honra” publicado na edição de abr./junho de 1984 em que é apresentada uma senhora chamada Dona Santinha apresentada como vinculada há muitos anos a Igreja Presbiteriana Independente de Aracaju como um exemplo de mulher que viveu bem a sua fé, criando todos os filhos que lhes foram por Deus confiados. Já na edição de out./dez. de 1986 o artigo “Vidas que Inspiram” de autoria da revista apresenta a nós dois outros exemplos. O primeiro exemplo é de uma senhora apresentada como Dona Lia, descrita como uma senhora casada, ativa na Igreja e extremamente importante na escola dominical. Dona Lia é apresentada como exemplo não apenas por sua ação da Igreja Presbiteriana Independente mas como uma referência por ter criado na fé protestantes os oito filhos que lhes foram por Deus confiados. No mesmo texto também temos o exemplo da Dona Maria

Dormelia, também enaltecida na publicação por ser ativa na escola dominical e sobretudo pelo fato de também ter criado os seus cinco filhos na fé. Tanto Dona Lia quanto dona Maria Dormelia são apontadas também como excelentes donas-de-casa.

Assim, à mulher corresponde o espaço doméstico, espaço da casa e o espaço da igreja. A valorização das habilidades domésticas são fortalecidas pelos cursos oferecidos pela Igreja Presbiteriana para mulheres. Há notícias de formação oferecida pelas Secretarias de Ação Social, em que há cursos voltados à preparação da Mulher. Os cursos são direcionados à culinária, ao artesanato e ao corte e costura. Abaixo, um relato de uma atividade desenvolvida em Mato Grosso e que foi noticiada na revista:

A NOTICIA VEIO DE CASSILANDIA, em MATO GROSSO. Escreveu d. Bárbara Silva, dedicada presidente da Sociedade. Nossa SAS promove um cursinho de **arte culinária**. Cada quinta-feira tivemos aula, de março até julho. Foram 22 alunas, evangélicas e católicas. Enquanto os quitutes assavam, ou no final de cada aula, tínhamos um momento de oração. Que momentos agradáveis! Entregamos os certificados num chá bem concorrido. Nesta foto, o grupo de alunas. (A NOTICIA VEIO ..., 1972, p. 22, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, n. 01,1972)

A educação oferecida sempre vai estar orientada para cursos dessa natureza, prestados gratuitamente para as mulheres que frequentavam a Igreja. Há, no entanto, um destaque para os cursos do MOBREAL, o que indica em grande parte uma vinculação aos ideais do Estado pela revista. O texto é apresentado em duas colunas. A primeira coluna é iniciada com uma entrevista com uma musicista. Na sequência, em um texto curto, temos uma grande defesa do MOBREAL, orientando inclusive que as mulheres conheçam essa intervenção. O texto nos diz:

O govêrno lança mão de todos os recursos e convoca não só Técnicos em Educação, administradores, professôres, estudantes, equipes especializadas, como também voluntários, movidos pelo slogan: Você também é responsável. Procure visitar e conhecer os Postos do MOBREAL instalados em toda a nação brasileira: eles mantêm grátis escolas, cursos nas cidades, municípios, bairros e zona rural. (FRANCO, 1972, p. 21, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, nº 01,1972)

Todavia, não destaca que cabe à mulher estudar, mas conhecer a tão valorosa ação do regime ditatorial. No âmbito da questão profissional vemos que não há proibições para que ela trabalhe, porém, como enfatizamos acima há um grande destaque para que a mulher destine tempo à família e aos afazeres

domésticos. O mesmo raciocínio vale para a questão do estudo, ou seja, não há proibições para que a mulher estude, mas sim recomendações sobre as várias atribuições que a mulher precisa dar conta em seu cotidiano.

Obviamente, há homenagens a profissões como Zelador, na edição de jan./març. de 1974, Aviador, Médico, na edição de out./dez 1979; outra homenagem para Médicos e para o Dia do Pastor na edição de out./dez. de 1981; na edição de out./dez. de 1986 temos uma homenagem ao Dia do Professor e é repetida novamente a homenagem ao Médico. Esses artigos sempre são direcionados ao gênero masculino. Na edição de abr./jun. de 1983 há uma homenagem ao Dia do Trabalho, porém, na imagem que acompanha o texto temos a imagem de um trabalhador masculino.

No âmbito da formação profissional, vemos que há autoras da revista que se descrevem como professoras e há também uma homenagem à Enfermeira, na edição de out./dez 1979, além de entrevistas com musicistas e com mulheres da Igreja e que trabalham, voluntariamente, na Igreja. Na edição de abr./junho de 1980 temos também uma homenagem à Telefonista, no gênero feminino. Assim, a forma de construção das homenagens revela a existência de profissões que poderiam ser desempenhadas por mulheres e profissões que já estariam restritas ao universo masculino. Porém, não há artigos que estimulem ou defendam a necessidade de formação e trabalho da Mulher. Essa questão, na verdade, é quase inexistente em tais produções.

A questão da mulher na Igreja, ou melhor, o quesito mulher e Igreja nos apontou duas direções: primeiro, a mulher em geral, leiga e que atua na Igreja, e, segundo, a mulher que é casada com o Pastor. Ambas conferem importantes informações de como a mulher era compreendida na dinâmica da Igreja Presbiteriana Independente, nos diferentes contextos.

Com relação à mulher, em geral, ela é apontada sempre como um reforço as atividades da Igreja. As atividades mais citadas na revista estão ligadas à evangelização, ao trabalho nas escolas dominicais e ao coral. As escolas dominicais são citadas em muitas revistas e representam uma realidade das famílias presbiterianas. Para ser presbiteriano, é preciso frequentar essa escola de

ensino.

São representativas sobre o trabalho da mulher na Igreja as colocações dispostas na edição de 1977, na coluna Galeria Heroínas da Fé. Na edição de 1977 é apresentada Lydia, que possuiria como atributos: ter sido professora da escola dominical, ter feito parte do coral da Igreja, ter atuado como Mãe de Betel – que seria uma ocupação para aquelas que evangelizavam jovens. Lydia é retratada como esposa ideal, mãe e uma devota aplicada na Igreja. Além de Lydia, na mesma edição e somente em página diversa, na sequência, é apresentada a história da Sr.<sup>a</sup> Francisca, essa, por sua vez, viúva de um pastor e que evidenciou uma postura bastante ativa dentro da Igreja, expressa em práticas de evangelização, mas nunca em cargos de destaque ou de poder.

A questão da participação feminina na Igreja foi abordada no texto de Santos (1977, ALVORADA FEMININA, n. 4, 1977), em que o reverendo arrola exemplos de mulheres com grande poder na Igreja Presbiteriana Independente, no exterior. O autor apresenta as mulheres e faz uma tímida pontuação em relação à possibilidade de serem partilhadas as decisões da Igreja com as mulheres. Na revista de 1984, o artigo de Nogueira (1984, ALVORADA FEMININA, n. 04, 1984) vem no sentido de ampliar a discussão sobre a relação firmada entre as mulheres e a Igreja. Nesse texto, o autor nos chama a atenção, à medida que reivindica maior respeito ao trabalho feminino desenvolvido dentro da Igreja Presbiteriana Independente. A argumentação pede até maiores recursos para as ações de evangelização realizadas por mulheres. Na mesma página, abaixo dessa matéria, há uma carta encaminhada pela Igreja de Florianópolis, na qual é indicada a necessidade de serem viabilizados outros espaços de participação feminina, dentro da Igreja, ressaltando inclusive a necessidade de que as mulheres opinem até na questão da remuneração dos pastores.

Exemplos são expostos, usando como recorrência personagens bíblicos, visando a valorizar a participação da mulher na Igreja. No artigo publicado pela revista, em 1972, vinculado à chamada seção Gente da Bíblia, a qual também era comum em algumas edições, mas não em todas, temos o exemplo bíblico de Débora. O artigo relata a história de Débora, Juíza de Israel, que seria retratada em

Juízes 5:31, no Antigo Testamento. Nesse sentido, Débora é representada como um exemplo a ser seguido. Há trechos como este:

Um dos problemas da SAS é encontrar mulheres que não tenham múltiplas tarefas, mulheres que usem seu tempo com inteligência e que o deem incondicionalmente ao trabalho da igreja; aquelas às quais sobem para buscá-las e as encontram muito ocupadas, sim, mas sempre dispostas. (GENTE DA BÍBLIA, 1972, p. 25, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE, nº.01,1972)

E ainda se argumenta: “Há necessidade de conhecer, para localizar as Déboras de hoje, que cumprem suas tarefas e que ajudam a outros a cumpri-las”. Para isso, é necessário uma mulher que seja “[...] conhecedora da lei do seu Deus e da história do seu povo.” (GENTE DA BÍBLIA, 1972, p. 25, Revista da Mulher Presbiteriana Independente, nº.01,1972).

Outro exemplo citado como referência, além de Mulheres da Bíblia, é o de Sarah Kalley. Sarah foi esposa de Robert Kalley, importante difusor do protestantismo, no Brasil. Sarah é considerada como exemplo em um artigo da revista, publicado nos meses de outubro, novembro e dezembro, e que aparece sem autoria identificada. Sarah é tida como uma referência a ser seguida, pelo fato de ter acompanhado o marido em suas missões e, sobretudo, por ter sido exímia colaboradora do esposo, chegando até a ser apontada como a responsável pela elaboração de “Salmos e Hinos”, um condensado com muitos hinos e salmos usados pela Igreja, dos quais 160 seriam composição dela. Sarah é exemplo, porque sempre auxiliou Robert, foi sempre uma ajudante, uma colaboradora do esposo. Em tese, a Igreja reserva um papel secundário para mulheres, incluindo mulheres de Pastor, as quais, apesar de terem mais destaque do que as demais, apenas ocupam um lugar secundário, subsidiário, em relação ao Pastor.

Outro exemplo de mãe protestante citada como referência, também provindo da vinculação com os Estados Unidos, seria Sarah, tida como um modelo, porque foi casada com o pai do presidente Lincoln. Como tal, Sarah, também evangélica, é tomada como uma mulher de muita fé e companheira do esposo, ajudando-o na educação dos filhos que ambos trouxeram de relacionamentos anteriores, já que os dois eram viúvos, quando se conheceram. A mesma revista, na seção Galeria Heroínas da Fé, traz como outro exemplo a ser seguido uma senhora presbiteriana que soube educar filhos e netos na fé cristã, enfatizando que todos que chegassem à casa dessa senhora seriam bem recebidos, especialmente bem alimentados, já

que, na matéria, é enfatizada a capacidade e o amor pela cozinha da referida senhora. Para tanto, seu maior contributo, assim como Sarah, é a educação na fé (REVISTA ALVORADA FEMININA, 1980).

Outros exemplos de texto que reforçam a necessidade da ação da mulher na Igreja Presbiteriana Independente podem ser apresentados nos textos abaixo:

Há o desafio às heroínas de hoje, não de pregar nos cortiços, quiçá nas favelas, porém, mais importante, é infundir o amor, a fé e a esperança na vida dos nossos jovens. [...] É a vez da mulher que se liberta, que ama, que ainda se dedica, com a alma e o coração à causa de Cristo. (BALDANI, 1974, p.03, REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE – ALVORADA, n. 01,1974)

[...] Começamos já, mulheres cristãs, fiéis, que não podemos ficar de braços cruzados ante vizinhos, parentes, amigos que largam seus ídolos, mas continuam indiferentes a qualquer religião, pois veem ao redor um cristianismo apenas nominal, infrutífero, sem regeneração, sem salvação, sem amor real. (ALVORADA FEMININA, 1983, p. 2).

Já quanto às mulheres de Pastor, vemos que, na revista de 1977, há vários textos que discutem esse “assunto”. O texto “25 anos de Ministério como esposa” tematiza uma mulher que foi sempre auxiliar aos atos do marido, Pastor. A narração indica que a mulher o auxiliava em seus estudos, não reclamava das horas de trabalho que o marido dedicava à Igreja, e também colaborava com a elaboração de documentação da Igreja, como relatórios descritivos de atividades. O texto de Damião (1977, ALVORADA FEMININA ,n. 4 ,1977) reforça o quão importante é a aceitação do Pastorado do Esposo, o que já requer que a mulher ocupe uma posição secundária na Igreja, na qual sempre será uma auxiliar.

Além aceitação da atividade do esposo, a mulher ainda precisa desenvolver habilidades, como saber cantar, saber declamar e, sobretudo, servir à comunidade dos crentes em tudo que lhes for necessário. No entanto, essa mulher demonstra sentir-se feliz e satisfeita com o seu lugar ocupado dentro da Igreja. Obviamente, essa mulher deveria ser uma esposa feliz, que cuidasse também da casa, dos filhos e do marido. Portanto, somente o homem poderia ter condições de ocupar um cargo de destaque, como o de pastor.

Bellotti (2004) ressalta que a produção teórica, principalmente por meio das mídias, sempre pressupõe um emissor e um receptor. A mídia, ao ser usada pela religião, transmite símbolos com um significado para os receptores, e a apropriação dos significados transmitidos por meio de práticas não discursivas tem a finalidade

de forjar uma maneira de ser. Ora, sendo a *Revista Alvorada* uma forma de comunicação da Igreja Presbiteriana Independente, podemos inferir que a revista estabelece um discurso com as mulheres vinculadas a essa denominação ou a outros ramos do protestantismo. Ao fazê-lo, na qualidade de emissor, confere, transmite símbolos que estão carregados de normas de conduta a serem seguidas.

Vemos que as assinaturas da publicação, nos períodos de 70 e 80, só aumentaram ao longo dos anos. As edições dos anos 80, sobretudo ao final, no ano de 1987, contavam com tiragens de uma média de 20.000 exemplares, confirmando a aceitação e a identificação do público protestante e presbiteriano com o periódico. Essa aceitação pode sinalizar uma correspondência entre emissor e receptor, o que nos leva a inferir que o padrão de mulher difundido na revista é aceito pelo público que consome a publicação.

Outro detalhe que merece nossa atenção é o fato de que a produção teórica não é restrita à escrita masculina. Há muitos textos de mulheres da Igreja, o que demonstra um público letrado a ela vinculado. Além dos textos, há relatos de ações da Igreja realizadas por mulheres descritas e que representam sua intervenção em todo o país. Enfim, temos a perspectiva da mulher e não apenas a do homem sobre o que é ser mulher. Ela realmente defende e acredita que o casamento correto é o heterossexual, que ela precisa ter filhos e se ocupar da casa, do marido. Esse discurso, introjetado subjetivamente por essas mulheres, não tem na religião seu único difusor, mas representa uma compreensão corrente, na sociedade brasileira da época.

Obviamente, uma revista de natureza confessional realmente irá expressar valores da denominação a que está associada, o que indica no caso em pauta recorrer aos valores bíblicos. No entanto, essas práticas religiosas não institucionalizadas, chamadas por Bellotti (2004) de religiosidades, buscam instituir atos, práticas junto àqueles que as recebem. A linguagem, nessas produções, como enfatiza Bellotti (2004), nunca é neutra, e, apesar de assim o parecer, é carregada de sentidos, de significados. No periódico em pauta, os valores difundidos são característicos do grupo difusor e são “ditos” visando a adoção, pelas mulheres, dos comportamentos idealizados.

Nas edições da primeira fase não encontramos menções a questão da sexualidade feminina ou sexualidade do casal. A questão do lazer também não é

abordado nessas revistas, algo que só se torna comum a partir do final da segunda fase da revista. Outro aspecto interessante a ser considerado é a questão do divórcio que não é abordada em nenhum texto da produção analisada. Possivelmente isso aconteça porque a própria Igreja Presbiteriana Independente ainda não estivesse disposta a discutir sobre esse tema, e, também pelo fato de que, em tese, casamento deve durar para sempre, então seria desnecessária uma discussão sobre divórcio.

Enfim, essa seria uma tendência peculiar e específica desse período? Vamos notar, no decurso da pesquisa, que, infelizmente, não é. Essa é uma tendência da revista observada em outras produções, mesmo contemporaneamente. Todavia, vamos por partes e, na sequência, focalizaremos a produção da revista, nos anos 90 e 2000.

## **Fase 2: Inserção laboral, Estudo e o fortalecimento do perfil casada, com filhos e atuante na Igreja.**

Decidimos agrupar as produções dos anos 90 e 2000 em um mesmo item, em decorrência de uma variável grande de fatores. Dentre eles, podemos destacar que a produção dos anos 90 foi a que de mais difícil acesso. Conseguimos desse período somente 15 números, dos 32 que foram nele produzidos. Vale lembrar que, nos anos 90, por dois anos a revista ficou sem publicação. Já no período de 2000 a 2009, foram produzidas 40 revistas e, delas, conseguimos 32 exemplares. Além disso, o contexto social vivenciado no Brasil nos apresenta um rol de fatores semelhantes, posto que buscam consolidar ainda mais as requisições do Movimento Feminista.

Uma brevíssima incursão por esse tempo nos permite constatar que, doravante, as requisições do Movimento Feminista incorporam, além da questão da sexualidade, da escolha da maternidade, dos direitos de divisão de funções cotidianas com o homem, também o problema do estudo feminino, do trabalho, do aborto e da violência (PEDRO, 2016). Conjuntamente a tais colocações, vemos que, nesse período, há profundas alterações no formato de organização das famílias,

com a ampliação dos arranjos familiares e, cada vez mais, resultando em mudanças no comportamento feminino, nesses espaços.

Uma soma significativa para essa desconstrução de modelos rígidos da vida em sociedade é a ampliação dos Movimentos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). Na verdade, as reflexões LGBT chegaram ao Brasil nos anos 70, mas a ampliação da AIDS resultou no enfraquecimento do Movimento. Acreditava-se, ainda, que a AIDS era uma doença de *gay*. Por anos, esse segmento não conseguiu reivindicar seus direitos, no Brasil, e, embora não constitua nosso objetivo discutir neste texto aspectos desse movimento, é preciso considerar que o movimento LGBT, sobretudo nos anos 90 e 2000, ganhou visibilidade no país. Por isso, os valores de família tradicional e patriarcal sofreram inflexões e a população cada vez mais precisou refletir sobre modelos há tanto tão enraizados em nossa cultura popular.

Também é no período de 90 a 2000 que aumenta o acesso da Mulher aos contraceptivos, e isso faz com que cada vez mais a mulher consiga resolver se deseja ter filhos e quando fazê-lo. Isso se coaduna com o investimento feminino em prol do estudo e da carreira profissional, fundando uma nova sociabilidade e subjetividade feminina. As lutas não param e o Movimento continua forte e incorporando apenas novas demandas, porém, a partir desse período, o grande enfoque será a questão da violência e a pressão do Estado para minimização dessa desigualdade secular que afeta as Mulheres brasileiras.

Com efeito, a ação mais significativa do Estado em prol da proteção da mulher aconteceu durante o Governo Lula. Lula criou a Secretaria de Promoção de Políticas Públicas para as Mulheres, no ano de 2003 (ROSEMBERG, 2016). Outra legislação essencial para a defesa da mulher, que surgiu em 2006, também no Governo Lula, foi a Lei Maria da Penha. Apesar de haver muitas limitações para o cumprimento da lei e para a punição de agressores, é um marco na defesa da mulher vítima de violência (PEDRO, 2016). A Legislação foi reformulada e, no ano de 2015, durante a gestão Dilma Rousseff, recebeu um adendo, com a Lei 13.104/95, para a qual todo crime praticado contra a mulher e que resulte em morte passa a ser considerado feminicídio. Este corresponde a atos de agressão que tenham como única justificativa o fato de ser mulher. Também é do governo petista a ampliação das discussões voltadas para a efetivação dos direitos LGBT, como união estável, adoção de crianças, acesso a banheiro público e outros mais.

Enfim, com tantas mudanças que denotam esse período e que trazem implicações diretas sobre a mulher, como isso passou a ser retratado pela revista? Antes de refletir sobre esse aspecto, é preciso indicar que temos duas revistas distintas, se compararmos a organização e a disposição de ambas. As revistas, a partir de 1990, passam a usar o nome *Alvorada*, a Revista da Família, denominação que irá perdurar até o último trimestre de 2016, quando passa a ser nomeada *Vida e Caminho*. Nos anos 90, a revista começou a ser impressa no tamanho A4, em papel sulfite, exceto as capas. Já as revistas do ano 2000, também na medida do papel A4, são impressas em papel *off-set* específico para revista.

As revistas produzidas nos anos 90 possuíam vários editores, porém, todos eram vinculados à Igreja. O quadro que inserimos no item precedente ilustra a disposição dos editores em vários períodos.

Adotamos como critérios de apresentação e discussão do texto os aspectos: casamento, educação dos filhos e maternidade; cotidiano das famílias e cuidado com a casa; intervenção da mulher na Igreja Presbiteriana Independente; lazer; sexualidade; trabalho e divórcio. Por meio desses quesitos se torna possível identificar a representação da feminilidade que está posta no periódico.

Enfim, como é compreendido o casamento, e que lugar ocupa a mulher, nessa organização familiar? Os textos indicam, por excelência, que compete a cada cristão estabelecer família. De certa forma é lícito dizer que o lugar social da mulher é alcançado quando ela se casa, quando constitui família. No entanto, isso não é uma atribuição apenas do gênero feminino, mas de todo aquele que participa da fé cristã. O texto de Santos (1998, ALVORADA, n. 01, 1998) ressalta, assim como muitos outros do período, que não é bom que o homem viva só, afinal, o casamento é extremamente importante para que o ser humano atenda aquilo que é posto por Deus. Aliás, nesse texto o autor chega até a recomendar uma segunda união porém dando exemplos de pessoas, viúvas e viúvos que se casaram. No caso não é dito nada sobre divórcio mais sim sobre casos de pessoas que os cônjuges faleceram.

O casamento monogâmico e heterossexual ainda permanece como o maior modelo a ser seguido, usando-se, obviamente, a Bíblia como parâmetro para aqueles que desejam constituir família. A menção à Sagrada Família torna-se ainda mais constante, nas produções. Nesses artigos, vemos que a família é compreendida como uma constituição assentada no relacionamento entre homem e mulher. Isso perpassa todas as produções, desde aquelas dos anos 90 às reflexões

mais contemporâneas, de 2000 à 2016. Os textos sempre se dirigem ao casal, composto por homem e mulher, via de regra, representados pela analogia a esposa e esposo.

Por exemplo, no texto “Problemas de Relacionamento entre Pais e Filhos”, publicado na edição de setembro, outubro e novembro de 1990, de autoria de Flavio Rosseti Nogueira, é contemplado um rol extremamente amplo de atribuições conferidas a pais e mães, quando há dificuldade de relacionamento entre pais e filhos. Não há, no texto, menções específicas de que seriam atribuições de homens e mulheres, como revela o trecho: “[...] pois o pai e a mãe crentes foram chamados por Deus, e abençoado por Ele com dons, capacidade e condições para serem pais, e se forem fiéis ninguém e nada lhe tirará o seu ministério e sua autoridade.” (NOGUEIRA, 1990, p. 20, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 03, 1990). Pai e mãe aparecem, mas não se diz o gênero, somente se salienta a constituição familiar abençoada por Deus, que é ter pai, mãe e filhos.

Há, no entanto, trechos mais enfáticos e que reforçam o formato de organização familiar assentado no relacionamento homem e mulher. O texto de Oliveira (2008, p. 66), no qual é realizada uma análise sobre o relacionamento firmado entre pessoas de fé diferente é um dos muitos exemplos que podemos citar. Logo no início do artigo, é definido o que pode ser compreendido como uma família, assim descrita: “[...] a relação homem-mulher, precisamente em seu aspecto sentimental e erótico é essencial para uma vida saudável.” Essa relação é conhecida e descrita no texto como jugo desigual pois entende-se que é um fardo um envolvimento entre pessoas que não possuem a mesma crença. No entanto, nesse texto que mesma a diferença de fé é tida como aceitável ao passo que o casal consiga estabelecer um equilíbrio na união posto pelo entendimento dos aspectos sentimentais e eróticos necessários à vida a dois.

O autor defende ainda que deve ser autorizado esse tipo de relacionamento (entre pessoas de fé diferente), posto que, “[...]além do fator fertilidade, são numerosos os relatos de maridos incrédulos convertidos ao cristianismo pela influência de suas esposas.” (OLIVEIRA, 2008, p. 66, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 54,2008). Claramente, marido é um termo usado já para designar o gênero masculino e esposa designa a mulher, gênero feminino. Cabe, enfim, à mulher, pela via da oração, viabilizar a conversão do esposo.

Sentenças em que se fornece o formato de organização do casamento no modelo heterossexual como o modelo correto estão presentes em outros trechos, como, por exemplo:

O casamento nos acrescenta novos papéis: seremos pais; seremos cônjuges; seremos genros, noras; seremos donos de casa (de um lar), etc. Quando um homem e uma mulher se unem em matrimônio, juntamente se unem duas famílias (família expandida)(TANGANELLI, 2014, p. 24, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 77, 2014)

Apesar de não haver, nesse e em outros trechos, alguma proibição com relação ao relacionamento homoafetivo, 100% dos textos ligados à família se direcionam a homem e mulher. Como nos diz o Reverendo Alex Sandro dos Santos, um dos que mais escreveu para a revista: “Lembre-se sempre de Gênesis 1.27: “Assim Deus criou os seres humanos; ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou **homem e mulher.**” (SANTOS, 2014, p. 34, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 76,2014). Aliás, os termos *homem* e *mulher* foram grifados pela revista, ou seja, é algo que a revista desejou enfatizar.

No editorial do número de 2014, a redatora Scheila Amorim, ao criticar aqueles que não são bons maridos, escreve:

Com o passar do tempo, muitos homens que desejavam ser bons maridos e tinham como objetivo construir uma relação feliz, deixam de ter essa prioridade por puro comodismo. [...] Mas ela não afeta somente o homem. As esposas também devem ter em mente que o casamento é um aprendizado contínuo (AMORIM, 2014, s/p., ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 77, 2014)

Na verdade, toda essa revista, que tinha como lema “Mais do que homem, marido”, em pleno 2014, quando as discussões de gênero já estão bem desenvolvidas, no Brasil, concentra uma ode ao casamento de natureza heterossexual e o entendimento dessa família como correta, ideal, aquela que agrada a Deus. Aliás, essa revista de 2014 é praticamente um guia de orientação para o bom marido e para a vida feliz em família. A capa é bastante sugestiva, conforme podemos observar abaixo:

Figura 7 – Capa da Revista Alvorada



(Fonte: ALVORADA, 2014, CAPA)

Para tanto, a outra revista em que essa colocação é mais uma vez, reafirmada, é a edição de outubro, novembro e dezembro de 2015. Mas, por que essa revista é tão relevante para nossas discussões? Ora, a revista tem como tema geral Ideologias de Gênero – suas influências sobre a educação de filhos, e um dos artigos, o maior artigo da publicação com cinco páginas, apresenta os pilares da ideologia de gênero conjuntamente com os problemas, fragilidades e também pontos positivos do que nomeia como Teoria de Gênero.

Apesar de indicar que é necessário o respeito ao próximo, o acolhimento, o fim da violência e do patriarcalismo e de compreender que a chamada Teoria de Gênero tem muitas contribuições na minimização da exclusão e agressão desses segmentos, o autor enfatiza, como conclusão ao texto, que os relacionamentos afetivos devem ser firmados entre homem e mulher. Tanto que, nas linhas finais, o autor assevera: “Em nossa sociedade pluralista e globalizada pós-moderna, a teologia bíblica da família e do ser humano criado como homem e mulher, precisa, mais do que nunca, ser ensinada e inculcada com sabedoria aos nossos filhos.” (SCHWAMBACH, 2015, p. 31, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 83, 2015). Ou seja, critica inicialmente o patriarcalismo e ao fim defende, justamente relações de tal natureza.

Na capa da revista, temos as cores do arco-íris e, no meio do artigo, vem o desenho de uma gravata multicores, fazendo analogia às cores usadas como representação do Movimento LGBT. Vemos como um avanço o fato de haver essa discussão, já que, em revistas anteriores, a questão da homoafetividade sequer era abordada, como se não existisse. Na verdade essa intervenção, de abordar o tema, sem um embate a ele demonstra a tentativa da Igreja em ser aceita socialmente. Assim, se a Igreja tem, por meio da revista, uma postura não tão combativa, é mais fácil atrair esses e outros segmentos. Apesar disso, o que temos ainda é a ênfase ao casamento de natureza heterossexual, compreendido como correto.

Há igualmente outros trechos, como, por exemplo: “Os relacionamentos familiares iniciam a partir da união de um homem e de uma mulher.” (SANTOS, 2015, p. 31, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, nº 81,2015). O reverendo Alex Sandro dos Santos, autor de vários textos, é um desses ávidos defensores da organização familiar assentada na relação heterossexual. Quanto a isso, não faz rodeios e é bem taxativo, em suas afirmações, de sorte que sempre que trata da questão, cita artigos bíblicos para sustentar suas colocações. Porém, nessas produções de Alex Sandro e também de outros pastores as colocações são veladas, de forma muito sutil.

Além disso, há recomendações quanto à dificuldade da vida conjugal. Todavia, essas recomendações sempre visam ao fortalecimento do casal e a evitar a dissolução dos laços sagrados do matrimônio. Por conseguinte, tudo o quanto possível deve ser tentado pelo casal, para que não aconteça o divórcio, o qual é compreendido como fracasso do casal e algo que não agrada a Deus. Demarque (2014, p. 24, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 77, 2014) ao abordar a questão do casamento, relata que atua há 40 anos com terapia de casais e que muitos casais buscam ajuda antes do divórcio: “Esta busca do casal nos deixa acreditar que eles ainda querem continuar casados, não querendo correr o risco doloroso de uma separação pois ela assemelha-se à quebra de algo muito preciso e valioso para o casal.” Outro trecho extremamente enfático em relação ao divórcio é apresentado na publicação do Reverendo Alex Sandro dos Santos, ao destacar: “Precisamos dar um basta aos divórcios no meio cristão.” (SANTOS, 2014, p. 33, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA ,n. 77, 2014).

O divórcio é concebido ainda, por muitos autores, como algo que é extremamente prejudicial aos filhos. No texto de Ballard (2015), por exemplo, é

ênfatisado que o sofrimento é dos filhos e pode resultar até em comprometimentos para sua própria sobrevivência dos mesmos:

Sim, no lar do divorciado com filhos a despensa é sujeita a riscos. Principalmente para a mulher que fica com menores de idade e precisa receber milagres em tempos de escassez, de desemprego, de instabilidade financeira. (BALLARD, 2015, p. 14, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 83, 2015).

Com efeito, o divorciado é tratado como aquele que, com certeza, irá vivenciar dificuldades financeiras, sobretudo se for mulher. A autora até cita que já viu homens sozinhos e que cuidaram adequadamente dos seus filhos, mas, ao final, narra sua vivência pessoal, destacando que fez até faxina para manter os filhos, quando ficou desempregada. É um grande exemplo do que acontece quando a mulher quer se divorciar. O depoimento é forte e conta como teve dificuldades até para a alimentação dos filhos, apesar da autora ter um bom currículo profissional. Ao que parece, não há uma crítica a quem se divorcia, mas um exemplo dos infortúnios que a mulher divorciada pode passar. Ao que parece o texto ênfatisa que as maiores dificuldades de uma separação advêm ao gênero feminino.

Dentre os textos que apresentam o divórcio como prejudicial aos filhos, temos ainda o de Albano (2016, p. 37, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016) no qual o autor inicia, assinalando que o divórcio é extremamente doloroso aos pais e, depois, indica quais seriam os prejuízos aos filhos. O autor chega a colocar, como prejuízos para as crianças em idade pré-escolar: “Os meninos tendem a ficar mais barulhentos, mais bravos e mais agitados. Podem não brincar tão bem com os amigos e tendem a ficar sozinhos com mais frequência.” No caso de crianças em idade escolar, eis como é visualizado o resultado do divórcio: “Os meninos dessa idade ficam especialmente perturbados pelo rompimento e, em geral, mais angustiados que as meninas. [...] os meninos podem sentir falta do pai com particular intensidade. [...]” (ALBANO, 2016, p. 37, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016). Não é possível saber qual a fonte de tais informações, uma vez que o autor é apresentado como pastor, psicólogo clínico e terapeuta, mas não fornece dados concretos que corroborem tais colocações e tampouco cita autores que sustentem esse posicionamento. O texto se vale de a nosso ver de valores do senso comum.

Ao final do texto, o autor explicita: “Muitas mães separadas relatam ser impossível disciplinar seus meninos de 09 a 12 anos” (ALBANO, 2016, p. 37,

,ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016), que é também uma afirmação sem embasamento teórico e também sem dados que possam comprovar tal afirmação. Fato é que aparentemente só há problemas provocados pelo divórcio, tanto no caso de educação de filhos pequenos, quanto de filhos maiores. O autor é enfático em seu posicionamento contrário ao divórcio, tanto que, ao final do texto, conclui:

O divórcio é uma amputação. Casais com problemas têm recorrido a ele com frequência crescente e por motivos cada vez mais banais. Não deveria ser assim! Quando vivemos uma relação eu causa dor e decepção, podemos pensar que a saída mais fácil seja acabar com ela. No entanto, esse é um passo expressamente doloroso. A cicatriz da separação acompanhará os envolvidos até o fim dos seus dias. Se houver filhos, então o trauma será ainda maior. Se o divórcio fosse bom, não seria detestado pelo Criador: “Deus odeia o divórcio.” (Mt 2.16).

O autor reforça que os casais não tentam manter o casamento e a qualquer problema abandonam a união pois acham que dessa forma será mais fácil a vida, No entanto, o texto assevera que o sofrimento é de filhos e também do casal e reforça: “Deus odeia o divórcio.” (Mt 2.16).” No sentido em pauta, é recomendado que antes do divórcio o casal tente manter a união. Para isso, a Igreja sempre deve ser participada, afinal, também compete à ela intervir visando a manutenção dos laços matrimoniais. Assim, antes de se divorciar, toda a Igreja intervém. Mesmo nos casos de traição, é mais recomendado o perdão do que a separação. O texto de Grzybowski (2015, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 84, 2016) é um bom exemplo desse tipo de orientação nesse sentido, porque o autor abre o texto com a discussão sobre a traição conjugal e, logo em seguida, já recomenda o perdão.

Na verdade, o divórcio é compreendido como algo inerente a essa sociedade contemporânea. Divórcio representa a falta de amor com o próximo. Se você é um bom cristão, não se divorcie. “De fato, o divórcio é uma realidade incontestável, resultado de um contexto pós-moderno de estresse, desamor, desrespeito, desatenção... e outras variáveis da decadência humana.” (MARTIN, 2015, p. 43, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 81, 2015 ). Apesar do autor enfatizar a necessidade de inclusão dos divorciados, daqueles que são sós, é nítido como é entendido o divórcio.

O texto de Nunes (2016, p. 15, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016) que discute as frágeis relações familiares que são firmadas na contemporaneidade, também compreende o divórcio como um sinônimo dessa

sociedade contemporânea. Para o autor, as pessoas não se esforçam mais pelo casamento. Destaca: “Casamentos têm sido desfeitos, pois as pessoas não suportam mais umas às outras. Não estão dispostas a abrir mão dos seus direitos e ‘quereres’ numa relação que deveria ser de cumplicidade e não de troca.” No artigo, o divórcio é dado como resultado da sociedade atual, em que o individualismo é potencializado.

Esse individualismo também é apontado por vários autores como o grande vilão que acaba com os relacionamentos conjugais. Grzybowski (2016), no texto “Os quatro cavaleiros do Apocalipse”, enumera os quatro motivadores para o divórcio, citando como possíveis fatores para o fim dos relacionamentos conjugais: a má comunicação, o desligamento da família de origem, a infidelidade e o individualismo. Para cada um desses cavaleiros, o autor elege alternativas e considera que cada ser humano deve lutar contra esses grandes problemas, para que o casamento sobreviva. Interessante observar que, ao discutir a falta de comunicação, oferece exemplos. Um deles seria o fato de que o homem se atrasa para chegar em casa, porque estaria com amigos. Ao ser questionado pela esposa sobre onde estaria, entende isso como uma “[...] cobrança de participação nas tarefas” (GRZYBOWSKI, 2016, p. 28), o que resultaria em problemas familiares. Afinal, que absurdo o homem fazer tarefas domésticas e ser cobrado sobre isso!

Um ponto final em relação a esse quesito é a questão da violência doméstica, a qual parece igualmente inexistir, ao menos esse fenômeno só foi discutido em um único texto. Este aborda o assunto na revista 76, de 2014, em que Leontino Faria dos Santos, psicanalista e reverendo, apresenta o que podemos entender por violência doméstica. O texto menciona os tipos de violência, esboça quais seriam os fatores determinantes de tal fenômeno, mas a discussão é orientada para a questão dos prejuízos aos filhos. Como medidas, além da orientação, o autor apenas cita a denúncia ao Conselho Tutelar e orientações ao casal, no entanto, não aborda a questão com relação à mulher, quando vivencia essas situações.

Há uma desesperança e uma crítica constante e expressa à família atual, contemporânea. Martins (2008, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 54,2008) no texto em que discute os valores da família, hoje, ressalta que as famílias têm perdido suas referências, por influência da realidade contemporânea. Caldeira (2014,ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n.77, 2014) também inicia suas colocações, em seu artigo, no qual pretendia orientar os pais em conferir orientação

espiritual aos filhos, assevera como o egoísmo presente nas famílias contemporâneas colabora para a sua destruição, seu enfraquecimento.

Esse desânimo pela família contemporânea também está presente no texto de Nunes (2016,, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016). O título, “Sociedade Líquida”, bastante sugestivo, é uma analogia direta à obra de Zygmunt Bauman. A autora começa o texto, indicando as mudanças presentes na sociedade e que resultam em alterações no formato de organização familiar, citando Bauman para essas argumentações iniciais. Com relação, especificamente, à questão familiar, a autora ressalta:

Por muito tempo a instituição familiar conseguiu converter a busca dos anseios individuais em valores duradouros. No seio da família, os vínculos eram mantidos, e a imortalidade era alcançada pelos laços do sangue, memórias e histórias, construídas num ambiente relativamente seguro e constante. (NUNES, 2016, p. 15, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016).

Ou seja, temos aqui um destaque quanto à importância da manutenção da família tradicional, construída com laços consanguíneos, o que, a nosso ver, já é um ataque sutil aos novos arranjos familiares. Bellotti (2005) destaca que sua análise na produção literária dos presbiterianos demonstrou que os autores tendem a associar às mudanças nas famílias a mudanças na sociedade e as consideram prejudiciais uma vez que alteram substancialmente os valores com os quais os homens e as mulheres já estavam acostumados.

Aparece, em vários textos a partir de então, o termo “família estruturada”, mas, o que podemos compreender como estrutura? Isso os textos não nos dizem. Expressões como “[...] famílias estruturadas, que estão em harmonia” (AYRES, 2016, p. 20, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016) são comuns. Por outro lado, também é comum responsabilizar as chamadas famílias desestruturadas pela conduta dos filhos, aliás, o divórcio desponta como representativo dessa falta de estrutura.

A estrutura das famílias, via de regra, é alcançada quando a mulher assume o seu papel, que sempre será o papel de mãe. Maternidade como missão, como dom divino, como algo a que a mulher não pode se furtar. Chris Ayres (2014), na edição de 2014, no número 79 da *Revista Alvorada*, reafirma o entendimento da maternidade como uma divindade feminina e, mais, a autora constrói um texto com

os termos: “quando nos tornamos mães”, ou seja, é algo inevitável, é só uma questão de tempo.

Esse entendimento da maternidade e da mulher como um ser humano divino e que aceita esse dom, essa missão, com alegria, é também reforçado em um texto publicado na revista, em 1997. No texto, a autora explicita que pretende realizar uma homenagem para as mães e fornece dois exemplos que seriam referências para a maternidade. Um deles retrata uma mãe jovem, pobre, dando-nos a ideia de que essa mãe sabia aceitar a pobreza e criar os filhos, ou seja, mãe como um ser sobrenatural que supera até as dificuldades financeiras, conforme o trecho: “Uma era bem simples, pobrezinha, com muitos filhos. Até boia-fria foi.” (SANTOS, 1997, p. 24, Revista Alvorada, n. 02, 1997) pressupondo que o fato de ser trabalhadora rural representasse algo degradante para a mulher.

Além disso, frisa que essa mãe teria participado de cursos de gestante e pintura em tecido, na creche, isto é, novamente, cursos que fortalecem as habilidades consideradas femininas, como a pintura, por exemplo. No entanto, nesse texto, tem-se o surgimento de um perfil distinto de mulher do representado antes dos anos 90, porque aparece a mulher trabalhadora, vista no período posto como mulher que luta pela manutenção da família, também expresso no trecho em que a autora reflete sobre o exemplo representado: “Uma grande ternura invadiu meu coração por causa daquela mulher. MÃE com letras maiúsculas, mãe verdadeira leoa, mas também manava leite e mel, mãe coruja.” (SANTOS, 1997, p. 24). Infelizmente, nas produções de 2016, essa pequena admiração pela mãe trabalhadora praticamente desaparece.

Na edição de 1997, no último trimestre temos ainda um texto de Souza (1997 Alvorada, n. 04, 1997) que nos apresenta o exemplo de Rute, mulher que tem lugar de destaque na Bíblia e que teria abandonado sua vida para servir a Deus. Rute é citada em outros textos como exemplo de mulher de fé, mas, sobretudo por ter aceito os planos de Deus, sem questionar o que lhe rendera a posição de destaque porque sua aceitação a conduziu ao casamento e que apresentou como maior resultado o nascimento de seu neto Davi.

O outro exemplo retratado no mesmo texto seria de um momento vivenciado entre uma mãe e uma filha, em um local com várias flores. A autora reproduz um momento de grande harmonia entre ambas. Sobre esse momento específico, fixado como de grande ternura entre mãe e filha, a autora expressa: “Oxalá nestes tempos

difíceis, todas as mães puderem ter momentos que representassem marcos na vida de seus filhos, fazendo-os seguros, fortes, saudáveis física e emocionalmente” (SANTOS, 1997, p. 24, Alvorada, n. 04, 1997), do que podemos ainda inferir que, em tempos mais atuais, emerge a necessidade de a mãe ter momentos de carinho com os filhos, porque tais momentos cada vez mais se tornam raros. Mas, o que indica a autora, a nosso ver, nesse artigo (e presente em outros da revista dos anos 90), é a questão do desenvolvimento físico e emocional dos filhos, que parece ser também incumbência da mulher, no caso, da mãe. E, acima, a autora celebra o trabalho da mãe trabalhadora rural, embora, abaixo, já praticamente cobre das Mulheres o tempo com os filhos.

No mesmo artigo, já preparando a conclusão, a autora ainda ressalta o perfil esperado para a mãe dos anos 90, quando afirma: “Precisamos de mães que cantem canções de fé e esperança. Mães de olhos abertos para criar os filhos, que são herança de Deus, fazendo-os cidadãos do céu e da terra também!” (SANTOS, 1997, p. 24, Alvorada, n. 04, 1997), ou seja, além de ser responsável pelo desenvolvimento orgânico e sadio dos filhos, a mãe também deve educá-los na fé, para torná-los cidadãos do céu. E prossegue a autora, indicando que, naquele momento, vivíamos tempos difíceis, criticando uma suposta decadência de valores morais que antes norteavam a vida em sociedade.

Por fim, conclui, frente a tantas mudanças, que – a nosso ver – considera prejudiciais à família, existe uma necessidade de fortalecer essa instância, através da oração. “Nossa oração é para que Deus salve os lares – o meu, o nosso, os lares evangélicos, todos os lares sem exceção; que restaure a família nos padrões de que Deus seja o alvo de todos os seus membros” (SANTOS, 1997, p. 24, Alvorada, n. 04, 1997) e, nesse sentido, destaca a importância, novamente, da família tradicional, ao sublinhar a necessidade de recomposição da família nos formatos apresentados por Deus. Ainda, ao final do texto, a autora oferece exemplos de mulheres retratadas na Bíblia como Joquebele (mãe de Moisés), Ana, Maria, Loide, mãe de Eunice, que é focalizada no Antigo Testamento.

Seguindo esse pensamento, ou seja, de apresentação de mulheres exemplos a serem seguidos temos na edição de 1998 outro texto, esse de Souza (1998) e que apresenta como exemplo Ana, também do Antigo Testamento. O texto mostra como Ana sofrera porque não podia ter filhos, mas, demonstra que sua confiança em Deus a fez conceber futuramente cumprindo sua missão de mãe. Aliás, o texto destaca

que Ana antes da maternidade era uma mulher triste, amarga e que preferia estar sozinha à companhia de outros, incluindo a do marido. E demonstra que Ana mudara tornando-se mais alegre, feliz e agradável após a maternidade. Na mesma edição de 1998 temos o exemplo de Dona Renné, essa uma mulher da Igreja Presbiteriana de Borebi. Dona Renné é apresentada no texto também como uma mulher a ser copiada ao passo que era ativa na igreja, como evangelizadora, professora frequente da escola dominical e sobretudo por ser mãe e ter criado e educado os filhos que Deus a confiou por meio da fé cristã.

O texto de Tanganalli (2014, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 77, 2014) lança o olhar para a questão da chegada de um novo filho na família, com o objetivo de relacionar informações sobre como agir, nessa circunstância, quando o casal já tem filhos. Porém, é um texto relevante que nos aponta dados sobre o casamento, sobre a maternidade e também acerca da educação dos filhos. O texto é iniciado com a frase: “Papai, mamãe e o primogênito” (TANGANALLI, 2014, p. 08, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 77, 2014), homem, mulher e filhos, e, no mesmo texto, trechos abaixo, declara que cabe à mulher a maternidade, ao declarar: “A mulher, esposa assumida, encara a maternidade com zelo, amor, afeto, doação” (TANGANALLI, 2014, p. 08, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 77, 2014). E também aponta o zelo, o amor, o afeto e a doação como inerentes ao gênero feminino. Qualidades que a mulher precisa quando é mãe.

Analogamente, outro trecho representativo do entendimento conferido à maternidade está no texto de Chris Ayres, na edição de abril, maio e junho de 2015. O artigo, com o título “Proporcione à sua Mãe um Dia das Mães de que ela se lembrará para sempre”, traz uma introdução sobre as pessoas maravilhosas que são as mães e enumera um rol, uma lista com 25 propostas de ações para presentear as mães. A proposta burguesa da autora será discutida no item subsequente, mas aqui cabe destacar algumas das propostas para a comemoração do Dia das Mães ressaltada pela autora: um dia no SPA, um fim de semana de diversões, o que incluiria uma ida ao cabeleireiro, um almoço e cinema, criação de um jardim, cesta decorada de café-da-manhã, sessão de fotos, festa com toda a família e flores. É difícil saber a quem fala essa autora. Será que todos os receptores das mensagens têm as mesmas condições financeiras? Ela ainda faz propostas mais baratas, como montagem de fotos, por exemplo.

Fato é que a autora, além dessas propostas, menciona como atributos das mães: “corajosa”, “abrigo na tempestade, o porto seguro”, “uma guerreira” e são aquelas que passam “[...] noites em claro, orando e velando por nossa segurança [...]” (AYRES, 2015, p. 35, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 81, 2015). Novamente destacando quais seriam as qualidades necessárias as mulheres que são mães, ou seja, uma referência a ser seguida.

A maternidade como dom, como missão, rima também com o cuidado dos filhos praticamente como responsabilidade exclusiva da mulher. Quando discutirmos a questão do trabalho feminino, veremos o quão relevante é destacado que a mulher assuma seu dom de ser mãe. E, também, que assuma, prioritariamente, o cuidado dos filhos, sendo o trabalho algo que, na medida do possível, pode ser suprimido da vida e do universo feminino. Importante também frisar que o trabalho feminino apresenta uma relação direta com a educação dos filhos nos textos. Melhor dizendo, a grande maioria dos textos quando aborda a questão do trabalho feminino faz orientações quanto a possibilidade de ser negligenciado o cuidado dos filhos.

Assim, há muitos autores que criticam a mulher que trabalha fora, uma vez que isso resultaria em negligenciar seu papel de mãe. O texto de Nunes (2016, p. 15, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016), o mesmo que censura o divórcio e as novas relações familiares, faz advertências àqueles que trabalham fora, especialmente as mulheres, já que ao homem é lícito exercer uma atividade remunerada: “[...] pais têm deixado a educação dos filhos a mercê da escola e da igreja, mulheres têm debatido o seu papel ora libertário, ora submisso”, ou seja, a terceirização da educação dos filhos (papel antes direcionado apenas às mulheres) é considerada um resultado negativo das mudanças no formato contemporâneo de organização social. Da mesma maneira, as possíveis flutuações no perfil adotado pela mulher são tidas como resultado negativo da nova forma de a sociedade se organizar. O trabalho feminino é interpretado como algo que produz mais resultados negativos do que positivos para as famílias.

As discussões sobre o trabalho feminino vêm diluídas em várias colocações sobre o trabalho, em geral. São poucos os textos que direcionam a discussão somente ao trabalho feminino, mas sempre há citação do trabalho feminino em textos os quais discutem o trabalho, em geral, e que se propõem abordar a família contemporânea ou a educação dos filhos. No caso de Ayres (2016), no texto em que enfoca Trabalho, Sucesso e Família, a autora o começa com uma série de exemplos

de pessoas que destinaram o seu tempo para o trabalho, e não para a família, e que tempos depois se arrependeram muito desse posicionamento.

Após a exposição de exemplos dos casos que não priorizaram a família, é iniciada a argumentação de que a falta de tempo com a família decorre de questões laborais. Vejamos o que nos diz o texto: “Mães, em sua grande maioria, e também pais, sentem-se culpados por não poderem passar tempo suficiente com seus filhos pequenos.” (AYRES, 2016, p. 20, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016). Nessa sentença, vemos que a fala é primeiramente orientada às mães, e os pais são citados como se a responsabilidade dos mesmos fosse menor, em relação aos filhos. Ou seja, a mulher escolheu trabalhar e deve então administrar o seu tempo, para que possa permanecer em companhia de seus familiares. Tal compreensão é reforçada no decurso desse texto, onde lemos:

As crianças tendem a ter mais problemas quando as mães estão estressadas, desprovidas de uma boa noite de sono e em casamentos maunutridos. A educação acadêmica, bem como o estado emocional e saúde física em geral das mães são componentes principais para o bem-estar dos filhos. (AYRES, 2016, p. 20, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2016).

Apesar de destacar, nesse trecho, a educação universitária como um possível condicionante para melhor cuidar dos filhos, novamente reforça que o estresse da mãe, seu estado emocional, isto é, toda a dinâmica da mãe interfere no desenvolvimento dos filhos – e o pai sequer é citado. Aliás, compreende-se que a ausência dos pais pode resultar em prejuízos, sobretudo psicológicos, para o desenvolvimento dos filhos. Quer dizer, novamente há uma grande responsabilização da figura feminina, a qual deve reorganizar o seu tempo e, se necessário, deve até mesmo abrir mão do trabalho, para que não possa, futuramente, comprometer negativamente o desenvolvimento dos seus filhos.

O tempo, ou melhor, a ausência de tempo destinado para a educação dos filhos e para a família aparece em muitos trechos, como algo extremamente prejudicial:

Por outro lado, tornando-se árduo o seu dia-a-dia, nem sempre a esposa dá conta de fazer tudo sorrindo, e muitas mulheres lidam com uma sobrecarga que, muitas vezes, tem reflexos em um comprometimento na sua saúde física, emocional e espiritual. E é neste momento que ela precisa que o seu marido seja o seu companheiro, o seu cúmplice. (DEMARQUE, 2013, p. 67, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2013).

A falta de tempo da mulher que trabalha fora e ainda faz o trabalho doméstico deve ser uma inspiração para que o marido a auxilie. Mas, qual é o ponto? A mulher é incapaz de administrar o trabalho fora e o trabalho doméstico (que seria também sua responsabilidade). E o marido desponta como um auxiliar e não como um parceiro que divide as responsabilidades comuns a uma vida a dois.

O trabalho e as conquistas femininas são considerados em todos os artigos como ganho. No entanto, há tantas indicações de que o trabalho fora do lar pela mulher lhe trará prejuízos, comprometerá de forma negativa o desenvolvimento dos filhos e o casamento, que é quase desencorajador o trabalho fora de casa. O trecho abaixo também ilustra tal colocação:

Hoje, a mulher ganhou espaço na sociedade; ela ocupa áreas que anteriormente eram exclusivas aos homens. Só que, nesse ganho de espaço, o homem entrou numa crise que pode ser denominada de “A Crise da Masculinidade”, já que ele perdeu seu espaço ou teve que compartilhá-lo com a mulher. Esta crise também se introduziu em algumas famílias, onde se têm invertido papéis, gerando, em alguns casos uma desestrutura no lar. (RAMIREZ, 2013, p.15).

A mulher é responsável igualmente pela chamada desestrutura no lar, pela inversão dos chamados papéis. Novamente há esse julgamento do que é uma família estruturada. Assim, a família desestruturada é aquela que não tem os chamados papéis bem delimitados. E esses papéis não têm sido desempenhados, porque a mulher conquistou seus direitos. Vale destacar que o autor do texto em questão é um pastor. Ou seja, possivelmente essa perspectiva não é difundida apenas na revista, mas também nas demais atividades em que está vinculado.

Os tais papéis são reforçados em outros artigos, como, por exemplo, no texto de Giancarlo e Wivian Brojato. Os dois são vinculados à Igreja Batista e realizam uma série de orientações para casais. O casal é um dos autores de grande destaque nas revistas, são grandes colaboradores da *Alvorada*. No texto “Aconselhamento pré-nupcial: cuidado necessário”, os autores relatam a prática comum de conferir orientação aos noivos. Em uma das colocações sobre o tipo de orientação para os que irão se casar, destacam a questão da necessária manutenção dos papéis dentro do lar, assim argumentando:

Sim, a mulher evoluiu e alcançou uma posição diferente na sociedade, porém, isso não é um problema. O problema nasce quando, com isso ela perde sua feminilidade, deixa de primar por seus ministérios de mãe e esposa e coloca o marido em posição confusa e desconfortável. O homem, por sua vez, em meio a tantas mudanças, começou a se acomodar e deixar de assumir a posição de líder do lar. É preciso voltar ao equilíbrio. Mesmo na família moderna, onde ambos alcançam o sucesso profissional, podem

viver de acordo com as orientações bíblicas, tendo papéis distintos. O marido, que ama a esposa como Cristo amou a igreja, lidera sua casa buscando sempre gentileza, a delicadeza e respeito, primando pelo bem de sua mulher. A esposa respeita o marido, com sabedoria edifica o lar (BROJATO; BROJATO, 2013, p. 64, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 84, 2013)

A mulher até pode ter alguns direitos, até pode exercer uma atividade laboral para além do espaço doméstico, mas não pode deixar de ser feminina e jamais abandonar os ministérios de mãe, esposa, porque isso resulta na confusão de papéis e na dissolução do lar. Chrys Ayres, no artigo “O retorno da mãe ao lar”, publicado na edição de outubro, novembro, dezembro de 2014, enfatiza o quão bom é a mulher escolher cuidar dos filhos, ao invés de trabalhar. Na verdade, a autora chega até a citar 14 benefícios para as crianças que são criadas pelas mães. Ao final do texto, recomenda que a mulher que não pode ficar em casa não deve se sentir mal com isso, quer dizer, ao que parece, a prioridade é para que fique em casa, contudo, se não for possível, não se sinta culpada, apesar de já ter destacado que era bem melhor a mulher cuidar dos filhos.

Outro trecho, bem mais enfático, está no artigo de Mario Sergio Lambert Soares, também na edição de outubro, novembro, dezembro de 2014, em que o autor, um cirurgião dentista, reforça que o pai (homem) deve ser um provedor, assumindo a direção da casa e da família. “Assim como nosso Pai é um Pai Provedor, devemos ser para com nossos filhos pais provedores” (SOARES, 2014, p. 31, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 79, 2014), ressaltando como provisão a material e também a emocional. Para tanto, reforça que o destaque na família é o homem.

Em alguns outros artigos, mas não em todos, vemos que a educação dos filhos aparece mais como algo a ser partilhado pelo casal. A despeito de a mulher ainda possuir dom e missão de maternidade e os filhos serem confiados a ela, no que concerne aos cuidados necessários para a sobrevivência, a questão da educação é tratada, em alguns textos, como uma experiência partilhada entre o casal. No caso, de que educação estamos falando? O aspecto educativo é bastante amplo e comporta desde a educação cristã, a educação de convivência e a conversão de filhos descrentes. A partir de 2000, todas as revistas, sem exceção, trazem algum artigo sobre a educação dos filhos. Mais uma vez, vemos o quão

geracional é a Igreja, visto que os valores bíblicos são transmitidos de geração a geração.

O texto de Magalhães (2008) também trabalha nessa perspectiva da educação dos filhos. Reflete sobre a questão da educação, vinculando-a à utilização de agressão pelos pais. No contexto, o autor, uma pessoa vinculada à Igreja Presbiteriana, faz uma crítica expressa ao projeto de lei que tramitava no Senado, conhecido como Lei da Palmada e hoje denominada Lei Menino Bernardo. A colação é bem clara, nesse sentido:

Se o adendo no ECA for sancionado, nenhum pai e mãe poderá corrigir seu filho ou filha com o castigo físico. Pior ainda! Filhos poderiam denunciar pais por maus tratos e, se os atos forem comprovados, os responsáveis legais sofreriam punições [...] (MAGALHÃES, 2008, p. 30, **ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA**, n. 54, 2008).

Ele reforça sua contraposição, assinalando que a aprovação da lei seria contrária ao ensinamento divino, recorrendo, uma vez mais, à Bíblia e citando até o livro dos Provérbios como referência de suas argumentações. Frise-se que, nessa argumentação, o autor fornece como exemplo uma frase de Tania Martins do Valle, indicada como Psicóloga do Departamento de Psicologia da UNESP de Bauru. Tania teria declarado que “[...] a índole do ser humano é ruim” (MAGALHÃES, 2008, p. 30, **ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA**, n. 54, 2008) e mais: essa declaração teria como embasamento o livro de Provérbios 22, verso 5. Além de defender o castigo físico, ainda usa esse tipo de referência. Na verdade, não sabemos se o que nos causa mais indignação é a colocação do autor ou da suposta psicóloga. Fato é que a educação é defendida como algo que deva ser feito, usando-se a agressão.

O texto de Inhauser (2008) revela grande correspondência com o trabalho de Magalhães (2008, **ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA**, n. 54, 2008). Inhauser (2008) começa uma discussão sobre casos de violência doméstica contra criança e adolescente, ressaltando que essa violência sempre acontece com o consentimento dos demais membros. No entanto, no final do texto, o autor conclui: “Em nome de uma educação mais liberal e liberada, certos pais se tornam cegos e famílias, anestesiadas para sentir o que no seio delas acontece.” (INHAUSER, 2008, p. 38) e, apesar de sequer citar castigo físico, enfatiza certa crítica aos atuais formatos educacionais usados pelos pais. Tendência pregada também, com muita incidência, no texto “A Harmonia do Lar”, em que o Reverendo Silas Camargo faz uma série de críticas às famílias contemporâneas, destacando que os laços da sagrada família

estão sendo perdidos (CAMARGO, 1998, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 02,1998)

Essa posição, no entanto, não é hegemônica. Por exemplo, o texto de Martins (2008, p. 37), a que já nos referimos aqui, assevera: “No lar, todos os problemas devem ser resolvidos com amor. Só o amor supera toda a violência que presenciamos contra a família.” O autor ressalta ainda a importância de valorizar e desenvolver o culto doméstico para educação dos filhos e salienta que é vital para a criança o exemplo dos pais. Derivando de uma perspectiva muito semelhante, temos o texto de Tanganelli (2014, p. 12, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA 2014), atribuindo aos pais a responsabilidade pelo desenvolvimento dos filhos, conforme podemos observar no trecho:

Crianças aprendem a partir de modelos. Os primeiros modelos a quem têm acesso são os pais. A certeza da presença de Deus por meio do Espírito Santo orientador e consolador é sentimento que tem de ser evidenciado em nossas escolhas do dia a dia.

Com efeito, alude-se a um exemplo que, nesse caso, é exigido de um homem e de uma mulher – e não apenas da mulher, como era comum nas produções dos anos 70 e 80. Obviamente, essa também não é uma posição hegemônica. O reverendo Alex Sandro dos Santos, atual Secretário da Família da Igreja Presbiteriana Independente, tem um entendimento diferenciado sobre a questão da educação dos filhos. Em seu artigo “Somos mais do que Homens!, Somos Maridos!”, há dois trechos que atribuem a mulher a responsabilidade pela educação e cuidado dos filhos. O artigo indica as diferenças entre Homem e Mulher, o que em tese é um reforço à família tradicional. Santos (2014, p. 33) enfatiza: “Em alguns aspectos, esta diferença conduziu a mulher à valorização dos relacionamentos. Seu cérebro desenvolveu a percepção de valorização dos filhos, cuidado com o marido e proteção dos relacionamentos”; em outro trecho, assinala: “As mulheres, na maioria dos casos, se doam muito mais ao casamento e a família. Nós valorizamos a competência, a eficiência, o poder e a realização. Nosso cérebro está programado para caçar.” Ou seja, mulher cuida dos filhos, do marido, porque ela é doação. Mulher é muito mais sentimento. Homem não, homem detém os atributos ligados à inteligência e à capacidade racional, ideia extremamente preconceituosa e calcada na perspectiva inatista.

Ao que parece, o reverendo Alex Sandro é um dos mais firmes na defesa de que compete à mulher garantir a sobrevivência dos filhos. Isso aparece em várias linhas de seus artigos. Quando elabora um texto sobre Casais Conscientes, o autor salienta:

Quando se valoriza o relacionamento conjugal, consegue-se entender que a mulher precisa focar sua atenção por mais tempo no bebê recém-nascido, que o marido precisa disciplinar o adolescente e compreende-se que outras ações de afeto e educativas são cabíveis. (SANTOS, 2015, p. 31).

Mulher cuida do filho pequeno, destina a ele mais tempo; já o homem “disciplina” filho adolescente e que não exige tanto cuidado como um bebê pequeno.

Nas produções dos anos 90 e 2000 entretanto não temos mais a ênfase a aspectos como cozinhar, limpar a casa, lavar e passar roupas tais como tínhamos nas produções da primeira fase, dos anos 70 e 80. No entanto, como vimos nos textos acima cabe, em grande maioria deles, o cuidado com os filhos e com o marido. Assim, esse cotidiano que comporta, de fato, alimentar, manter limpos e higienizados os filhos e o marido, assim como as demais necessidades que possam ser apresentadas por eles, são de responsabilidade maior da mulher. Ou seja, mesmo que não exista a menção a atividades como o cozinhar, limpar a casa e outras afins, vemos que a responsabilidade pela manutenção da família nesse aspecto ainda pertence a mulher.

A mulher, além de mãe, atua voluntariamente na Igreja. A questão da atuação da mulher na Igreja sofreu grandes alterações, se comparada à produção presente nas revistas dos anos 70 e 80. Antes, vimos que há uma valorização do trabalho leigo da mulher na Igreja, mas voltado à evangelização e à caridade. Algumas mulheres, no entanto, possuem maior destaque dentro da Igreja, são as mulheres casadas com pastores. Todavia, mesmo elas assumem uma função subsidiária em relação ao Marido, Pastor, posto que apenas devem auxiliá-lo.

Diferentemente de outras denominações evangélicas, a Igreja Presbiteriana Independente autoriza que Mulheres cheguem ao cargo de Pastor. Ações desenvolvidas, como o diaconato e intervenções na escola dominical, são comuns desde o surgimento da Igreja, como vimos, ao estudarmos a instituição do presbiterianismo no Brasil. Entretanto, o direito de mulheres serem pastoras só foi reconhecido pela Igreja em 1999. O texto de Marcos Stefano, intitulado “Lugar de Mulher é no Púlpito”, junta a esses dados uma série de exemplos de Mulheres da Igreja que conseguiram o cargo, aliás, nos depoimentos, as pastoras relatam ter

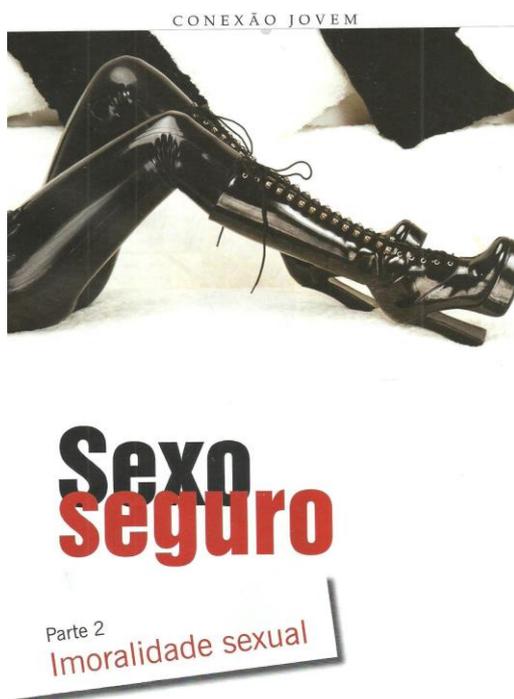
sofrido preconceito na Igreja, por desejarem o pastoreio. Contudo, o texto aponta para o fato de que hoje, na Igreja, não existe mais discriminação. Apesar disso, vemos que a maioria dos cargos de maior destaque na Igreja não são de mulheres, antes temos uma predominância feminina nesse sentido. Porém, agora as mulheres têm até permissão de exercer o pastoreio.

As atividades leigas voltadas à escola dominical e a evangelização dos fiéis ainda é apresentada como um ponto forte da igreja. Vemos assim que temos no texto de Pereira (1997) um destaque sobre a importância das mulheres atuando na Igreja, porém o autor, também pastor destaca a relevância do serviço leigo feminino. Ou seja, com tal colocação se reporta as mulheres que são professoras na escola dominical e que fazem caridade mas que não possuem um cargo fixo na igreja. Já o Editorial da revista do trimestre jan./marc. de 1998 ressalta que a ação da mulher na Igreja é fundamental, afinal, segundo a análise as mulheres não se cansariam de evangelizar e buscar cada vez mais almas para Deus. O texto destaca ainda que as mulheres iam para favelas, bairros mais pobres buscando sempre tornar o evangelho conhecido por todos.

Enfim, a sexualidade aparece na revista, mas, nas edições dos anos 2000. Há várias matérias sobre sexualidade, no entanto, diante da produção em questão, os assuntos relacionados à sexualidade estão presentes em 3% das produções. Há indicações sobre como conversar com adolescentes sobre sexo, reforçando a questão da sexualidade santa, ou seja, sem relações sexuais antes do casamento, mas existem também artigos – e esses são a esmagadora maioria – que discutem a sexualidade do casal. Um desses textos aborda algo que deve ser evitado pelo cristão, compreendido como imoralidade sexual. O autor, Wag Ishh (2014, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 77, 2014), destaca que a imoralidade sexual é potencializada na sociedade contemporânea e crítica práticas sexuais comuns, como filmes pornô e masturbação.

A sexualidade é recomendada ao casal, como sadia e necessária, porém, desde que dentro de alguns “limites”. Nesse quesito, as falas são genéricas e não se direcionam à mulher, mas ao casal. Ao menos, rompe com a perspectiva assexuada das produções dos anos 70 e 80, porém, embora fique claro que até para a sexualidade há normas. Chama a atenção a capa dessa matéria: nela, temos uma imagem, bem sensual, de alguém usando bota preá de cano alto e calça justa de couro. Aparentemente, a imagem (reproduzida abaixo) ilustra a imoralidade:

Figura 8 – Imagem que acompanha a matéria sobre sexualidade



(Fonte: ISHH, 2014, p. 52, ALVORADA – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 77, 2014)

Contudo, não é contemplado o prazer sexual da mulher. Os artigos sobre sexualidade apenas salientam o sexo como algo divino, e são taxativos em coibir tudo que foge ao padrão cristão. Também constatamos que não há nessas produções recomendações com relação ao lazer da mulher.

Desse modo, tal como frisamos no início dessa descrição, não temos mais aqueles textos tão diretivos e voltados à Mulher, como nos tempos de *Alvorada Feminina*, por exemplo. Mas a análise dos textos em questão nos permitiu inferir que o perfil da Mulher continua praticamente o mesmo daquele desenhado por nós, quando da apresentação da produção dos anos 70 e 80. Assim, essencialmente, temos a mulher que, nascida biologicamente “feminina”, deve assim permanecer e se comportar pelo resto de sua vida.

Em decorrência disso, a mulher não pode “escolher” seu gênero e, como tal, deve ser casada. Os não casados não precisam ser discriminados por isso, todavia, o casamento ainda é apontado como meio máximo de alcançar a felicidade suprema. Casamento, por excelência, entre homem e mulher. Como não se pode se identificar com o gênero, também não se pode escolher com que gênero irá se

casar. Isso já é praticamente pré-definido. E se casando, a mulher precisa suportar o marido. Para todos os males que porventura vivencie no casamento, cabe perdão e nunca, jamais, o divórcio. Há muitos exemplos que sustentam que a mulher, quando ora, muda o marido; por outro lado, a triste vida de uma pessoa divorciada é extremamente enfatizada, incluindo os prejuízos de monta que acabam por acometer os filhos. Portanto, mulher se case com o homem e viva o resto de sua vida em sua companhia.

Além de tudo isso, a mulher deve ter filhos e deles deve se ocupar. Não, nós não achamos que as mulheres que optam pela maternidade não devam cuidar de seus filhos. Porém, a mulher precisa ter essa possibilidade de opção, de escolha, se deseja ou não ter filhos. O mesmo se observe quanto ao cuidado: alguns autores, nos artigos, aludem a partilha, o que representa um avanço, embora não hegemônico. Há muitos autores que, apesar de concordarem com a partilha entre o casal, acabam atribuindo maior responsabilidade sempre à mulher.

O avanço que identificamos foi na possibilidade de a mulher, na atualidade, poder ascender para cargos mais elevados dentro da Igreja, mas a produção sobre o tema, na revista, é pequena. O mesmo se aplica à discussão sobre sexualidade, que aparece, porém, são tantas as regras a serem observadas, tantas as vedações, que se tem a ideia de que o sexo é apenas para a procriação e satisfação do homem.

Se pertencer a uma denominação religiosa comporta, como diz Bellotti (2004), a adoção de práticas e posturas que estejam a ela vinculadas, sabemos que é necessário ao crente os parâmetros de atuação. Nesse sentido, a revista busca disciplinar a conduta do crente. Procura disciplinar a conduta da família crente e, principalmente, da mulher. Oferece regras, normas que devem ser seguidas para a mulher, reafirmando postulados como a maternidade e o cuidado dos filhos, como abraçar a missão, evitar o divórcio, atuar na Igreja e controlar a sexualidade.

Na sequência, no último bloco de nosso estudo, examinamos a revista *Vida e Caminho*. Nela, também temos muitas representações acerca do universo feminino sob o viés dessa publicação.

## A revista *Vida e Caminho*

No ano de 2016, mais especificamente no último trimestre, a *Revista Alvorada* recebeu um novo nome, passando a ser denominada *Vida e Caminho – A Revista da Família*. Não há no *site* funcional da Igreja Presbiteriana Independente, informações que justificassem a mudança do nome da revista, e tal menção também não aparece na própria revista. O que podemos inferir é que essa alteração proveio de um rol amplo de mudanças pelas quais passou a Igreja Presbiteriana Independente, no sentido da sua reorganização burocrática. As alterações no nome da revista e o porquê na escolha do novo nome não são explicadas pela Igreja Presbiteriana Independente.

A revista *Vida e Caminho* ainda manteve sua edição por meio da Editora Pendão Real. Para adquiri-la, é necessário assinatura ou compra de exemplar avulso. No caso das assinaturas, caso sejam encaminhadas mais de 10 assinaturas, o valor equivale a R\$ 54,00 e dá direito a quatro revistas para cada assinante. Se a assinatura for avulsa, o valor corresponde a R\$60,00 e também dá direito a quatro revistas. Para as assinaturas avulsas ou em grupo, se desejar receber em casa, o valor sobe para R\$ 82,00. O número avulso custa R\$ 13,50. As quatro revistas *Vida e Caminho* registraram, cada uma delas, a tiragem de 2500 exemplares, indicando uma média das assinaturas da revista, nos anos de 2016 e 2017.

Visando apresentar o disposto nessa produção em relação à mulher daremos início por meio da apresentação dos conceitos: casamento, educação dos filhos e maternidade; cotidiano das famílias e cuidado com a casa; intervenção da mulher na Igreja Presbiteriana Independente, lazer e sexualidade.

Daremos início com o casamento, compreendido como um lugar social a ser ocupado pelas mulheres. Por conseguinte, o casamento é essencial para a mulher e para todos os seres humanos. Nesse sentido, sempre é recomendado o casamento em detrimento da vida de solteiro. Em uma reflexão sobre o ano novo que se inicia, no texto intitulado “Ano Novo: o que nunca deveria mudar”, a autora Chris Ayres considera o casamento como a maior chance que o homem tem de alcançar a felicidade e ressalta que o casamento é um mandamento divino. Por conseguinte, o casamento não é algo que deva ser evitado, pois é um dom de Deus. O casamento integra aquilo que não deveria ser mudado, conforme evoca o título do artigo.

Sobre o casamento, a autora assevera:

O casamento ideal proporciona maior possibilidade para a felicidade do que qualquer outro relacionamento. O Senhor declarou: “Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne” (Gn 2.24). Outro texto afirma que “nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor” (I Co II.II). Portanto, o casamento não é apenas um princípio de exaltação do Evangelho, mas também um mandamento divino. (AYRES, 2017a, p. 23, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88 , 2017a).

No texto supra podemos inferir que não é qualquer casamento, mas o casamento “ideal”. E podemos observar, nas recomendações, inclusive referenciadas pela Bíblia, que o casamento que promove a felicidade – e o ideal, o dom de Deus – é aquele que acontece entre homem e mulher. Assim, casamento heterossexual. Bellotti<sup>52</sup> (2005, p. 182) assinala que, para os presbiterianos, “[...] o casamento é uma instituição divina caracterizada pela união de um homem e uma mulher, que deixam a casa paterna para formar uma nova família”. Portanto, o casamento que agrade a Deus é preciso que seja entre homem e mulher.

Ayres (2017a, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88, 2017a), em seu artigo, destaca ainda a necessidade de aproveitar o tempo que possuímos e a importância de a vida familiar ser mais bem valorizada. Para isso, enfatiza a necessidade de realização de jantares em família e de atividades de conversa entre os membros de uma família, sem o aporte a elementos como celulares e demais equipamentos eletrônicos, por exemplo. Ayres (2017a, 2017b) ainda aventa a possibilidade de concretização de atividades de lazer em família, reforçando a importância de a família fazer oração conjuntamente. As atividades de lazer e a oração são destacadas pela autora como necessidades para melhor aproveitar o tempo, mas também são mostradas aos leitores como meios que visam a fortalecer as famílias.

Partindo dessas colocações iniciais, escritas em um tom informal e quase como um conselho, vemos que rapidamente aparece a menção a filhos. Ou seja, família ideal é aquela construída sob o sentido bíblico e, como tal, é aquela que tem filhos. Essa família deve ser estruturada, para que possa ser oferecido aos filhos um recanto de sossego e segurança. Afinal, escreve a autora: “Quando fortalecemos nossa família, estabelecemos nosso lar como um porto seguro e provemos um recanto sagrado para que nossos filhos se sintam amados.” (AYRES, 2017a, p. 22, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88 , 2017a).Menção

---

<sup>52</sup> Bellotti (2005) fez uma análise da produção teórica, visual e radiofônica da Igreja Presbiteriana. Suas considerações são extremamente válidas para analisar a produção teórica da revista.

também reforçada, quando a autora indica a necessidade de o casal colocar o amor em exercício, salientando: “É também a principal razão de termos filhos contentes e bem criados.” (AYRES, 2017a, p. 23, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88 , 2017a).

Apesar de sabermos que realmente é necessário a qualquer ser humano um tempo com os seus pares, as propostas da autora de “jantar em família”, “atividades de lazer” ao menos uma vez por semana são representativas de propostas que, a nosso ver, são passíveis de execução por famílias de um certo poder aquisitivo. Obviamente, supomos (pois não temos dados sistematizados) que os assinantes da revista pertençam à classe burguesa, pois têm condições para adquiri-la, já que a publicação não é cedida gratuitamente pela Igreja aos fiéis. No entanto, caso uma família adquirisse tal revista, mesmo que um exemplar avulso (que é o mais barato), e fosse uma família pobre, ou em que todos precisam trabalhar, dificilmente conseguiria pôr em prática os conselhos da autora para fortalecer sua família. Isso não se aplica somente à questão do lazer, mas igualmente à proposta do jantar, visto que cada vez mais isso deixa de integrar o cotidiano das famílias mais vulneráveis, o que, por outro lado, não significa ausência de vínculos ou do sentimento de pertencimento entre os familiares. Até porque, é importante pontuar que cada vez mais as pessoas buscam inserção laboral para a sobrevivência, o que em tese já diminui a quantidade de horas vivenciadas com a família.

Outros conselhos ainda são conferidos pela autora, visando ao cuidado e ao fortalecimento da família, dentre os quais: colocar o bem-estar do cônjuge como prioridade, pensar no outro, amar puramente e ter paciência. Para isso, “[...] homem e sua mulher tentarão honestamente se aperfeiçoar” (AYRES, 2017a, p.24, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88 , 2017a) e nunca desistir do casamento. Mais uma vez, o casamento ideal é retratado como aquele em que temos homem e mulher e para o qual devem ser empreendidos todos os esforços, a fim de evitar o divórcio.

Nessa união, nesse casamento, haveria papéis a serem desempenhados por homens e por mulheres? Sim, Dutra (2017, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, 2017) no seu texto “10 Desafios para quem tem filhos pré-adolescentes”, ressalta que há papéis diferenciados a serem adotados por homens e mulheres e, caso isso não aconteça, os filhos adolescentes poderão apresentar problemas decorrentes da falta de referências. Para o autor: “O homem precisa

resgatar seu papel de líder do lar e da firmeza do seu amor incondicional. A mulher não pode esquecer de sua feminilidade, da sua forma agradável de viver, arrumar-se fisicamente e ternura na educação.” (DUTRA, 2017, p. 25, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, 2017).

Existem papéis idealizados para homens e para mulheres, cabendo ao homem, ainda, o papel de líder, e à mulher, o papel subsidiário. Bellotti (2005) descreve que, nas expressões literárias dos presbiterianos, é comum que seja atribuído à mulher um papel de submissão, a qual aparece, no entanto, de maneira que não a ofenda, uma vez que, em grande medida, é justificada pela recorrência à Bíblia: é oportuno “[...] justificar a submissão em termos que não ofendam a dignidade da mulher” (BELLOTTI, 2005, p. 168), tornando, antes, essa submissão uma qualidade feminina. Portanto, a submissão é buscada uma vez que é vista como algo positivo.

A questão dos papéis aparece em vários outros artigos da revista, como na seção Debate. Nesse item, comum em todas as revistas analisadas, são apresentados temas, com perguntas respondidas com a colaboração dos leitores. Na primeira edição da revista, em 2017, o tema para debate foi o seguinte: “Onde está a Grande Família?” Apesar de haver a indicação de que essa seção não representa o posicionamento do periódico, podemos compreender, em parte, como os crentes compreendem determinadas questões. E mais, as opiniões não representam a perspectiva da revista? Se assim o fosse ou se ao menos não tivesse qualquer relação com a *Vida e Caminho*, com certeza, não seriam publicadas.

Um dos quesitos enfocados na seção Debates na edição de janeiro, fevereiro, março de 2017 foi o seguinte: “A Modernização das Relações Sociais, o aumento da escolaridade e da inserção das mulheres no mundo do trabalho também são fatores que produzem alterações nos arranjos familiares?” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 38). Uma das respostas conferidas pelos leitores foi a seguinte:

A mudança dos papéis e funções paternas e maternas foi decorrência de uma pressão mal gerenciada e influenciada pelas agências de controle (governo, religião, economia, família e escola – definição do psicólogo Burrhus Frederic Skinner, em “A Ciência do Comportamento Humano”), resultando em famílias intolerantes, cujos relacionamentos eram baseados mais na culpa do que na graça[...] Com isso, os filhos não tiveram mais o modelo tradicional de exemplo do que significava ser um homem (provedor) ou uma mulher (dona de casa) de família. (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 38).

Quem assina o texto é Eugenio Sória de Anunciação, identificado como graduando em Psicologia e Pastor da Igreja de Curitiba. Nele, percebe-se o reforço aos papéis a serem assumidos na família por homens e mulheres e também, como evidenciado no texto do Pastor Daniel Dutra, é ressaltado que a ausência desses papéis trazem resultados negativos, produzindo “famílias intolerantes” e comprometendo os filhos, que estariam sem referências do ser masculino e do ser feminino.

Interessante nessa colocação é o aporte a Skinner, que, como sabemos, foi um psicólogo norte-americano que representa a corrente comportamental. A perspectiva de Skinner pressupõe o controle do comportamento por meio de reforços positivos e negativos na produção de um ser humano que traga benefícios para a vida em sociedade. Essa corrente, mais ortodoxa, do pensamento de Skinner foi forte até meados dos anos 70, quando passou a ser alvo de várias críticas, e hoje não é mais usada dentro da Psicologia. Os posicionamentos dos demais leitores, no caso outros dois, que responderam a essa questão, são parecidos com o que foi expresso pelo pastor Eugênio.

É comum, entre os autores, por conseguinte, o reforço ao modelo de família tradicional, assentado nas figuras parentais de homem (pai) e mulher (mãe). Fábio Marques Mendes, identificado como escritor de poesia, amante de esportes e membro da Igreja de Marília, no texto “As famílias brasileiras e a Metáfora do Jogo de Louças”, reitera essa perspectiva. O texto, iniciado com um fragmento de Marçal Aquino, do livro *Famílias terrivelmente felizes*, apresenta uma discussão sobre a fragilidade da estrutura emocional das famílias e passa para a discussão dos novos arranjos familiares. Apesar da consideração em “Os cristãos e a igreja brasileira precisam deixar de demonizar as novas relações sociais e familiares em nome do ideal da família cristã perfeita” (MENDES, 2017, p. 53, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 88, 2017) o que revelaria uma aceitação dos novos arranjos familiares, a colocação é refutada pelo próprio autor, no trecho subsequente, no mesmo parágrafo, em que sinaliza:

Se as Sagradas Escrituras propõem uma relação conjugal entre homem e mulher, ambos sendo imagens de Deus de maneira monogâmica, santa e abençoada, então é preciso zelar pela estrutura emocional das famílias, sem fugirmos de nossa realidade dolorida. (MENDES, 2017, p. 53, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 88, 2017).

Melhor dizendo, os novos arranjos familiares estão aí. Devemos aprender a não demonizar essas relações, porém, tendo como enfoque a família preconizada na Bíblia, composta por homem e mulher, tem-se que essa é uma “[...] família bíblicamente orientada.” (MENDES, 2017, p. 53, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 88, 2017). Família bíblica que é assentada na composição heterossexual.

Um assunto interessante na questão dos casamentos refere-se a união entre os crentes. Bellotti (2009) nos indica que é comum na produção literária presbiteriana o fortalecimento de relações entre àqueles que comungam a mesma fé. Vemos que na revista em questão há sempre o entendimento de que as uniões conjugais devem visar a harmonia, e por conseguinte é importante ao casal possuir os mesmos ideais e valores. Assim, na edição de outubro, novembro e dezembro de 2017, o texto “Jugo Desigual: preconceito ou preocupação”, assinado pela revista e vinculado à seção Debates apresenta uma série de questões sobre o casamento entre pessoas de fé diferente. O jugo desigual, dentro da Igreja Presbiteriana Independente corresponde ao peso de um casamento entre pessoas de fé diferente.

Nessa matéria são apresentadas as seguintes questões: “Existe preconceito nas Igrejas com relação ao casamento de cristãos e não cristãos?”; “A bíblia não aconselha a união entre um cristão e um descrente. É fácil entender isso?.”, “As igrejas deveriam orientar ou proibir seus membros de se casarem em jugo desigual?”; “Seu cônjuge/namorado (a) não é evangélico. Ele cria obstáculos à sua fé?”; “Você considera o casamento em jugo desigual infidelidade a Deus?” e “Quem namora um descrente estará mais vulnerável e pode ser influenciado pelos vícios e problemas morais do namorado (a)?”; “Podemos classificar um casal em jugo desigual apenas pelos cônjuges serem de religiões diferentes, ou casar-se com alguém intelectual, social ou financeiramente diferente é também um jugo desigual?” e “ Homens e Mulheres já têm tantas diferenças para suportarem juntos. Será que o jugo desigual, depois de passada a novidade da paixão, se torna uma sobrecarga desconfortável no casamento?”. A cada questão tivemos uma média de 05 respostas, dentre as quais segundo identificação da revista uma é do Reverendo Elizeu Rocha.

Assim, para a questão: “Existe preconceito nas Igrejas com relação ao casamento de cristãos e não cristãos?” vemos que todos os entrevistados concordam que há preconceito nas igrejas evangélicas em relação à casais de fé

diferente. No que diz respeito a questão: “A bíblia não aconselha a união entre um cristão e um descrente. É fácil entender isso?” todos indicam que a bíblia é clara em definir que tais uniões são desaconselháveis, e concordam que os casamentos devem ser entre cristãos. Já a questão: “As igrejas deveriam orientar ou proibir seus membros de se casarem em jugo desigual?” foi respondida por todos que compete à igreja orientar, mas não proibir essas uniões. A questão: “Seu cônjuge/namorado (a) não é evangélico. Ele cria obstáculos à sua fé?” e tal quesito os participantes indicaram que as uniões não poderiam fluir caso o companheiro ou companheira impedisse em participar das atividades da igreja. A questão: “Você considera o casamento em jugo desigual infidelidade a Deus?” foi respondida por seis participantes dos quais cinco consideraram esse tipo de união uma infidelidade com Deus e somente um dos entrevistados destacou que não considerava infidelidade. Na resposta do Reverendo Elizeu Rocha lemos: “Sim! Pois o jugo por si só é um instrumento de ensino e sujeição.” (VIDA & CAMINHO, 2017,p.32).

Já a questão: “Quem namora um descrente estará mais vulnerável e pode ser influenciado pelos vícios e problemas morais do namorado (a)?”; ao que todos os entrevistados responderam, hegemonicamente, que àqueles que se envolvem com pessoas descrentes são mais propensos à errar. A questão: “Podemos classificar um casal em jugo desigual apenas pelos cônjuges serem de religiões diferentes, ou casar-se com alguém intelectual, social ou financeiramente diferente é também um jugo desigual?” e também nesse caso todos os participantes indicaram que as diferenças entre os casais tendem a prejudicar a união, portanto é algo desaconselhável. E a última questão: “Homens e Mulheres já têm tantas diferenças para suportarem juntos. Será que o jugo desigual, depois de passada a novidade da paixão, se torna uma sobrecarga desconfortável no casamento?”, ao que novamente, todos os entrevistados concordaram que após a novidade inicial, a diferença entre casais seria um incômodo para a relação.

Dessa maneira, vemos que o casamento entre os crentes é fortalecido. Mas, vemos ainda que todas as colocações apresentam o casamento entre homem e mulher, e, em nenhum momento abordam questões da homoafetividade. Essas colocações na seção Debates são muito semelhantes aos textos que apresentamos acima. Assim, também nas colocações de Ayres (2017a) vemos que há papéis indicados como exemplos a ser seguidos, por homens e por mulheres, dentro da relação conjugal. Dutra (2017) e Eugenio Sória de Anunciação, pastor da Igreja de

Curitiba e participante da seção Debates como ressaltado acima, também fortalecem a noção de que há algo esperado por homens e mulheres dentro de uma união conjugal. Por conseguinte, as uniões recomendadas sempre serão as heterossexuais. Belloti (2009) também ressalta em sua pesquisa que as uniões entre casais pressupõe relacionamento homem e mulher, tal como compreendem que está posto na bíblia.

A revista aborda ainda a questão daqueles que decidem viver sozinhos, sem a constituição de uma família. Na edição de janeiro, fevereiro, março de 2017, na série Debate, é levantada a situação de pessoas que decidem viver sós, também chamadas na revista como família *single*. Quanto a isso, há, nas respostas dos leitores, que, em sua maioria, são pastores, orientações e um rol amplo de precauções a serem observadas, quando se escolher viver só. Não há uma proibição em viver sozinho, mas muitos cuidados a serem tomados, nessa circunstância.

Partindo dessa discussão, a revista apresenta o questionamento se o fato de escolher uma vida sozinho está associado à criação de quem optou pela família *single*. São conferidas a essa questão duas respostas, e ambos os autores são pastores, sendo que os dois destacam que a vida em família pode delimitar (ou não) pela escolha de uma vida só. Porém, Eugênio Sória de Anunciação ainda argumenta:

De uma maneira muito geral, as mães (ou pessoas que assumam o papel materno) contribuem para ensinar os filhos a se relacionarem em termos de família. Os pais (ou quem assumam o papel paterno), por sua vez, contribuem para ensinar os filhos a se relacionarem em termos de sociedade. (REVISTA VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41).

Dessa forma, o mais indicado, podemos supor, é a constituição de família e, quando alguém escolhe viver sozinho, possivelmente é porque a mãe, a qual seria a responsável por ensinar a viver em família, não conseguiu cumprir o seu “papel” de ensinar o filho essa convivência. Por oportuno, à medida que não foi doutrinado corretamente pela mãe, talvez irá optar em viver só. Há ainda um certo preconceito, nessa fase, como se à mãe coubesse ensinar algo pequeno, limitado, que é a convivência na casa, e o pai, por outro lado, ensinasse a vida em sociedade. A mãe possui, assim, habilidades e domínio do espaço em que ela mais permanece, enquanto ao pai, por outro lado, compete a liberdade e a vida em sociedade.

Apesar de tanto se defender a família tradicional, revelando os filhos como o resultado desse idealizado casamento, não é dito nada sobre a sexualidade do casal, como já observamos acima. As poucas observações sobre sexualidade vêm no sentido de analisar os relacionamentos homoafetivos, os quais, em 2017, ainda são descritos como “homossexuais”. Não há nenhum texto que discuta essa questão, mas podemos citar como um dos exemplos, os aspectos realçados na seção Vida e Caminho Responde. Nessa seção, foram destacadas duas perguntas, respondidas pelo Reverendo Alex Sandro dos Santos que é, aliás, responsável por essa seção que está presente em todas as revistas *Vida e Caminho*. Uma delas solicitava um posicionamento sobre a “homossexualidade”, ao que o pastor escreve:

Como a Igreja deve lidar com esse assunto? Biblicamente a homossexualidade é pecado (isto é um fato), portanto, não podemos deixar de ensinar isso periodicamente na comunidade. Acho importante dizer que precisamos vencer o conceito de que os pecados sexuais são mais graves do que outros, para lidarmos com os faltosos de forma correta. Desta forma, devemos seguir o caminho correto: advertência, disciplina e exclusão. [...] Aqueles que lutam contra o pecado precisam ser orientados, disciplinados e restaurados. (SANTOS, 2017a, p. 07, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA,, n. 88, 2017a)

O termo “homossexualidade” advém do radical “homossexualismo”, o que denota ainda o entendimento da sexualidade como doença, verifica-se que a perspectiva do pastor, que é também o representante da Secretaria da Família e um dos correspondentes da revista, como vimos no item precedente, é de que a homoafetividade é incorreta, posto que deve ser suprimida. Aquele que vive a homoafetividade deve ser orientado levado a mudar sua sexualidade, deve ser orientado, disciplinado e, caso não aceite, excluído da Igreja.

Em tese, a homoafetividade é considerada pelos presbiterianos como um pecado, o qual condenam, recorrendo à passagem bíblica da criação e destruição de Sodoma, que teria perecido em virtude da vida sexual desregrada, sobretudo no que diz respeito à homoafetividade. Passagens bíblicas na Lei Levítica, passagens das Epístolas de Paulo e outras indicações bíblicas afins também seriam referências para a condenação das relações sexuais de pessoas do mesmo sexo. Porém, tal conduta pode ser suprimida, se o pecador se arrepender e não voltar a errar. “Para os evangélicos, o homossexualismo não é uma doença, mas um pecado passível de perdão e restauração, caso o pecador se arrependa e se comprometa a resistir à reincidência.” (BELLOTTI, 2005, p. 207).

O posicionamento de Alex Sandro é reforçado, por outro lado, na discussão do Reverendo Daniel Dutra, em seu texto “10 Desafios para quem tem filhos pré-adolescentes”. Nele, aponta uma série de “desafios” a serem enfrentados por aqueles que possuem filhos adolescentes, dentre os quais o problema dos transtornos alimentares, o alcoolismo, o uso exagerado de celular e internet, o *bullying*, o ateísmo, a adultização, dentre outros. Dentre essas dificuldades é também mencionada pelo autor a falta de referência de masculinidade e feminilidade. Dutra (2017, p. 25, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, 2017) salienta:

Teóricos da ideologia de gênero afirmam que ninguém nasce homem ou mulher, mas que cada indivíduo deve construir sua própria identidade, isto é, seu gênero, ao longo da vida. Discordamos deste posicionamento firmemente, pois acreditamos que Deus fez homem e fez mulher (Gn 2.7,22). As crianças precisam de referência de pai e de mãe dentro de sua casa ou de uma pessoa que exerça esse papel de masculinidade e feminilidade.

Além de manifestar-se contrário à ideologia de gênero, Dutra (2017, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, 2017) ainda reforça que foram criados homens e mulheres, mas a ausência dessas referências poderia comprometer o desenvolvimento dos adolescentes de forma negativa.

A questão da ideologia de gênero foi abordada igualmente no texto “José Não, Maria!” do jornalista Marcos Stefano. A discussão proposta está na edição de julho, agosto, setembro de 2017, e o autor se dedica a refletir sobre identidade de gênero, em crianças. Na introdução, Stefano faz uma apresentação do tema, destacando que há crianças que não se identificam com o sexo biológico, assegurando que isso a criança que é transgênero e tentando diferenciar esse conceito de “homossexualidade”. Feitas as considerações iniciais, o autor alude às formas legais para a mudança de sexo, considerando a realidade brasileira. Mas, ao final do texto, recomenda muito cuidado em definir uma criança como transgênero, porém, não o faz com seus argumentos mas respaldado na colocação que segue:

Temos que ter muito cuidado. Nascemos com uma identidade de gênero biológica, dada por Deus, e desde a criação o plano dele foi ter o ser humano macho e fêmea. Qualquer identidade fora disso não é obra divina. A não ser que na fecundação tenha havido algum distúrbio cromossômico. Vejo que o que acontece hoje tem mais a ver com ideologias que interferem na maneira como se educa e refletem no jeito de ser do indivíduo.

(STEFANO, 2017, p. 19, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 90,2017)

A frase é atribuída a Magali Leoto, descrita pelo autor como psicóloga, palestrante e escritora. Dando sequência a sua argumentação, o autor indica que o ser humano vivencia estágios de desenvolvimento descritos como anomia, heteronomia e autonomia. Os estágios de anomia e heteronomia seriam característicos da criança, nos primeiros anos de vida, momentos nos quais a criança não teria como escolher sua identidade de gênero, algo que só seria possível na autonomia, fase vivenciada a partir da adolescência. Assim, para o autor, mesmo não afirmando, de forma taxativa, a criança não escolhe o gênero, por si, mas por influência da forma como é criada.

A sexualidade é apresentada de forma dispersa e diluída nos artigos de Ayres (2017<sup>a</sup>, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA , n. 88 , 2017a), Stefano (2017) e Dutra (2017, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, 2017) ao passo que apresentam a sexualidade como algo bom e positivo ao casamento. Não percebemos nessas noções a relação firmada entre sexo e filhos, mas sim como algo que integra e que é necessário e importante para a manutenção da vida do casal. Não há, no entanto, muitos textos sobre o assunto o que nos impede uma análise mais específica. Em tese supomos que a ausência dessa discussão deve-se ao fato de que agora, a revista não fala mais para a mulher apenas e sim para toda a família.

Ainda assim, o autor frisa que, quando os pais identificam comportamentos atípicos nos filhos, o mais correto é acolher, ao invés de condenar. Contudo, o fato de estar aberto ao diálogo com os filhos sobre sexualidade não significa aceitação tácita de crianças ou adolescentes transgêneros, já que o correto é que existam homens e mulheres, obedecendo à definição biológica posta por Deus, quando nascem. Apoiado novamente em Magali Leoto, o autor destaca: “Os pais devem ser modelos saudáveis de homens e mulheres” (STEFANO, 2017, p. 19), como se somente esses dois gêneros fossem considerados como exemplos do que é ser saudável, bom e modelo para as gerações futuras.

Bellotti (2009) analisando a produção literária dos presbiterianos identificou que as uniões homoafetivas são consideradas pecaminosas e severamente repreendidas. No entanto, não observamos isso na *Vida e Caminho*. Aliás, as revistas analisadas não falam sobre uniões homoafetivas, nem de forma negativa,

nem positiva. Apenas indicam que é incorreto, segundo a bíblia, e destacam que algo que deve ser mudado, porém, o embate, a crítica à homoafetividade aparece um pouco mais suavizada nas colocações da revista. A nosso ver, isso nos indica que a Igreja busca penetração. Frente a tantas mudanças e a ampliação dos relacionamentos homoafetivos, um posicionamento mais combativo pode resultar na diminuição dos crentes. Assim, se a Igreja não aceita, ao menos aparentemente diminui o ataque a tais grupos. No entanto, ainda permanece a máxima de que o gênero é posto pelo nascimento biológico da pessoa.

Outros conceitos, como o empoderamento, são igualmente abordados pela revista. Na edição de julho, agosto, setembro, na seção de Debate, o texto de orientação para as discussões intitula-se “Empoderamento Feminino”. Nele, há várias questões, respondidas por pessoas vinculadas à Igreja. As respostas foram conferidas por três mulheres: uma é reverenda, outra é professora de adultos na Igreja e outra é representante do Coletivo Pró-Equidade de Gênero da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo. Na primeira pergunta, questiona-se se é possível ser feminista e ser cristã; temos para ela três respostas, as quais argumentam que é possível ser cristã e feminista, uma vez que o movimento prega a igualdade de oportunidades entre os gêneros. Na sequência, é apresentada outra questão sobre a violência contra mulher, indicando se é necessária a união das mulheres contra a violência e, novamente, as respostas foram de apoio à união feminina e sua contraposição a qualquer tipo de violência.

Ainda na mesma matéria, é focalizado o conceito de empoderamento e solicitado que os participantes do debate discorram se a mulher precisa de “poderes”. Sobre esse aspecto, duas das respostas são contrárias ao termo empoderamento, porém, as colocações referem-se ao fato de que o termo atribui somente à mulher o poder e, em tese, o que se busca é uma sociedade com a partilha do poder. Na verdade, a nosso ver, esse entendimento é incorreto, visto que o empoderamento deve ser entendido como

[...] aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos à relações de opressão, discriminação e dominação social. Dá-se num contexto de mudança social e desenvolvimento político, que promove equidade e qualidade de vida através de suporte mútuo, cooperação, autogestão e participação em movimentos sociais autônomos. Envolve práticas não tradicionais de aprendizagem e ensino que

desenvolvam uma consciência crítica. (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p. 736).

Melhor dizendo, empoderamento não significa apenas poder, como sugerido nas respostas, mas autonomia pessoal e coletiva dos indivíduos e, mais, destina-se a grupos e pessoas que já vivenciaram situações de opressão ou dominação, como é o caso das mulheres. Portanto, há um grande descompasso entre o que é empoderamento, de fato, e o que é compreendido como empoderamento pelos participantes da seção, os quais têm uma visão reducionista desse conceito, como se significasse apenas a transferência de poder e de sobrecarga para a mulher.

Além disso, temos a argumentação contrária de uma das respostas, daquela que é professora de adultos e defende que o empoderamento da mulher contraria a lei divina, posta por Deus. Em suas colocações, lemos:

Eu particularmente não gosto da expressão empoderar, já que representa a ação de atribuir domínio ou poder sobre determinada situação pois não acho que a mulher deva ter o controle, o poder. Biblicamente isso ria contra os princípios de Deus, que fez a mulher como ajudadora, colaboradora (Gn 2.18). Vejo esse projeto de Deus como algo maravilhoso, pois coloca a mulher para auxiliar, caminhar junto, e em nenhum momento se refere à mulher como inferior, mesmo ao atribuir ao homem o papel de cabeça da mulher. (VIDA e CAMINHO, 2017, p. 33).

Mais uma vez, percebemos que o conceito de empoderamento é restrito à noção de atribuição de poder para a mulher. No trecho, também notamos o papel que é conferido à mulher e, segundo essa resposta específica, é o de subsidiar o homem, de ajudar e colaborar com o homem e não ter o poder. A mulher é colocada em uma posição de segunda categoria, como se não fosse capaz de deter o poder, sob qualquer aspecto da sua vida.

No debate ainda aparece um questionamento sobre as lideranças femininas, sobre o machismo, quando as respostas concordam com a necessidade de mais lideranças femininas, sobretudo na Igreja, sendo hegemonicamente contrárias ao machismo. Na verdade vemos que desde a década de 80 as mulheres reclamavam maior posicionamento das mulheres na Igreja Presbiteriana Independente, e, nesse contexto já temos mulheres pastoras. Apesar disso, as mulheres ainda são minoria na igreja ao menos nos cargos de maior destaque. .

Enfim, o importante é o casamento – e que resulte em filhos. Como indicamos acima, várias orientações destinadas aos leitores da revista comportam também

indicações de como criar e educar os filhos. Há uma relação direta entre papéis desempenhados pelos pais na educação de filhos e nas pessoas que estão formando para o futuro. Na revista de abril, maio, junho de 2017, na seção Debate, temos o lema Papel de Mãe. Nessa versão, 07 questões discutem a questão da maternidade, da autonomia dos filhos e ainda aspectos relacionados ao trabalho feminino. As opiniões emitidas foram de três mulheres, porém, nesse caso, não foram as mesmas mulheres que responderam a todas as questões.

A questão inicial, bastante provocativa, requer que as participantes exponham uma opinião sobre o fato de que as mulheres sintam a maternidade como uma obrigação. Foram reproduzidas três respostas, a primeira das quais divagou sobre o tema, mas não emitiu uma “opinião”, ao passo que a segunda participante do debate respondeu: “Eu acredito que a família é um projeto de Deus e que Ele nos criou para termos filhos, mas, por diversas razões, muitas mulheres têm dificuldades para engravidar [...]” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 38). Ou seja, cabe à mulher ter filhos, porém, isso não deve ser exigido para os casais que apresentem alguma dificuldade biológica para engravidar. Outra participante da discussão, em seus comentários a essa questão, expressa: “A formação de uma família deve ser um desejo de uma mulher cristã [...]” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 40). Ambas as colocações provieram de mulheres vinculadas à Igreja.

Outro elemento interessante e apresentado na revista é “Lugar de Mãe é em Casa?” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41). Nesse caso, tivemos quatro respostas, cujas autoras são identificadas como ligadas à Igreja, sendo que uma delas se descreve como diaconisa em disponibilidade, outra como pertencente à Igreja Comunidade de Jesus, e as demais evidenciam apenas vinculação com a Igreja Presbiteriana Independente. Todas concordam que o lugar da mulher é (também) em casa, porém, ressaltam que algumas precisam exercer uma atividade remunerada: “Algumas mães não têm escolhas, ou porque o marido está desempregado, ou porque a renda do casal é insuficiente.” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41). Assim, o trabalho aparece como uma obrigação, uma necessidade, mas não como algo que a mulher procura, para a sua satisfação pessoal. Antes, o trabalho fora de casa deve ser analisado por ela como algo possível somente se não comprometer negativamente o seu cuidado com a família. Ou, como menciona uma das colocações: “Lugar de mãe é em casa em primeiro lugar sim” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41).

As colocações em questão apresentam ainda que a manutenção do cotidiano das famílias são de competência da mulher, ou seja, manter a casa arrumada, os filhos saudáveis e o marido com todas suas necessidades atendidas figuram como atribuições do universo feminino. No entanto, se compararmos com as produções da primeira fase em que as analogias entre mulher e fogão, mulher e cozinha eram correntes, podemos observar que agora, tais colocações são mais genéricas e menos específicas. Retomamos assim o que destacamos acima, ou seja, a Igreja percebe as mudanças e nas quais nem todas mulheres se satisfazem com a vida doméstica e possivelmente devido a isso a Igreja também muda a forma de representar o cotidiano das famílias e o papel esperado da mulher nessa organização.

Essas colocações sobre a questão do trabalho da mulher – mãe são consubstanciadas na questão: “É possível conciliar trabalho e maternidade sem prejuízo para a educação dos filhos?” (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41). Para essa questão, foram conferidas três respostas, formuladas por mulheres que já tinham participado, ao responder à questão acima indicada. As três mostram que as mulheres que trabalham e são mães possuem uma jornada dupla e cansativa. No entanto, há colocações que são mais enfáticas, ao afirmar que é muito difícil conciliar trabalho com as funções da maternidade e que as mães se sentem culpadas por não ter tempo para os filhos e acabam errando em sua educação. Observemos trechos das respostas:

Acho muito difícil. As mães que trabalham fora tendem a sentir-se culpadas e têm dificuldade de colocar limites coerentes e firmes. Chegam cansadas e são tentadas a ceder para evitar conflitos. A educação fica por conta da empregada e da babá eletrônica. (VIDA E CAMINHO, 2017, p. 41).

Para a perspectiva em pauta, somente a mulher educa e somente ela é responsável por essa função. Apesar de ser a opinião de um leitor da revista, são mulheres que estão vinculadas à Igreja e que assumem lugar de destaque, podendo aliás ser parâmetro de atuação para outras. A mesma autora da resposta supra ainda argumenta: “Como poderão participar das alegrias e tristezas, se não estão presentes?, dando a ideia de que é incorreto à mulher exercer uma função laboral uma vez que não possuirá tempo para o cuidado dos filhos.

A questão do trabalho também foi abordada na revista de outubro, novembro e dezembro de 2017, onde a seção entrevista divulgou uma matéria intitulada: “Mulher Cristã”. Nela é apresentada uma entrevista realizada com Nathalia Folly, apresentada como modelo, esteticista e também miss Volta Redonda, sendo indicada para concorrer à miss Rio de Janeiro em breve. Nathalia é apresentada como um exemplo de mulher cristã uma vez que no meio em que convive, em que está presente a competição, as bebidas e mesmo trabalhos mais ousados, consegue manter sua fé. Trechos em que a modelo indica que só trabalha quando sua conduta não depõe contra a sua fé são recorrentes, e, apresentados como exemplos a serem imitados por outras mulheres que partilhem dos mesmos valores. No texto vemos que há também um destaque para a relevância do ministério feminino destacando que mesmo com os vários compromissos profissionais Nathalia jamais abandona as atividades que desempenha dentro da Igreja.

Fato é que, para essa denominação religiosa, ao que parece, ainda predomina a noção de que ao homem cabe o sustento da casa e à mulher compete o cuidado da casa, dos filhos e do marido. Os textos acima destacados apenas representam essa perspectiva. O entendimento de que “[...] o homem é o cabeça da mulher no sentido de que ele é responsável pelo seu sustento financeiro, pelo seu crescimento intelectual e espiritual, e proteção física (posto que a mulher é o “vaso mais frágil)” (BELLOTTI, 2005, p. 168) é reforçado no trecho acima e é enfatizado também, quando são atribuídos papéis diferenciados a serem desempenhados por homens e mulheres.

Outro reparo a essa questão destaca que há mulheres que estão em casa, mas que são ausentes na relação de cuidado com os filhos; ainda assevera que essa junção Trabalho e Maternidade requer também a participação do marido. Entretanto, nessa e em outras expressões, vemos que o marido é apresentado como um auxiliar, um ajudante da mulher, nas atividades cotidianas e que envolvem a família constituída.

E, uma vez casado, sempre casado, sendo o divórcio admitido em último caso. Na edição da revista de abril, maio e junho de 2017, na seção Vida e Caminho Responde, foi encaminhada uma situação anônima de uma mulher que se casou havia seis anos, mas que não apresentava um vida feliz, sendo que na pergunta sobre o que fazer frente a essa situação, lamenta: “[...] já não suporto mais viver essa tortura. O que fazer?” (SANTOS, 2017b, p. 07). O pastor responde: “O divórcio

sempre deverá ser a última opção, e eu não a orientaria desta forma” (SANTOS, 2017b, p. 07) e ressalta que a situação do casamento provinha da projeção que a mulher fez do homem com quem se casou. Ou seja, a responsabilidade é da mulher, que idealizou um parceiro que não existe e agora estava infeliz.

Bellotti (2005), em sua pesquisa, também constata que, para os presbiterianos, o divórcio pode ser interpretado como uma dificuldade daqueles que não lutam pelo casamento. Essa foi a mesma perspectiva revelada por Alex Sandro, em suas colocações. Para a autora, o divórcio entre os presbiterianos só é admissível nos casos em que houve adultério ou violência do marido contra a esposa. Antes dessa medida a Igreja deve ser notificada e deve atuar em prol do casal visando a preservar o casamento. Aliás, em seus estudos, a autora chega a destacar que a interpretação de alguns presbiterianos é de que, mesmo a pedofilia pode ser “curada”, através de oração e aconselhamento da Igreja.

Diante de tantas expressões tradicionais quanto à família, como ficariam os novos arranjos familiares, os quais se tornam cada vez mais frequentes, em nossa sociedade? Há apenas um texto que discute esse problema, abordando relacionamentos em que as famílias são compostas com filhos de uma primeira união. Nesse caso, Brojato (2016, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 87, 2016) inicia o texto, argumentando que seria necessário ao casal um tempo de convivência sem filhos e, depois, se preparar para a chegada dos filhos. Filhos, portanto, são inevitáveis.

A discussão levantada no texto refere-se a uma união entre cônjuges que já possuem filhos de outras uniões anteriores. Todo o texto é construído de maneira a propor que esse tipo de união não aconteça, uma vez que reforça a necessidade de intimidade entre o casal, necessidade de solidificar a união marital, tomando os filhos de outros relacionamentos quase como impedimentos para a felicidade conjugal. Apesar de o autor reforçar “Não advogo contra a união com alguém com filhos, porém penso que é necessário que aquele que decide se casar com homem ou mulher que já possui filhos esteja bastante consciente do compromisso que assume” (BROJATO, 2016, p. 13, REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 87, 2016), chega a advertir, no decurso do texto, que

[...] marido e mulher conversem e separem, de comum acordo, espaços que serão apenas do casal. Assim podem, por exemplo, decidir que em determinado dia da semana o enteado será confiado a alguém para que o

casal possa desfrutar de um momento a sós para namorar, conversar, etc. (BROJATO, 2016, p. 13, , REVISTA VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA, n. 87, 2016).

Obviamente, nesse texto é igualmente ressaltada a composição de família heterossexual, expressa sempre pelos termos *marido* e *mulher*. Porém, essa colocação não destoia das demais realizadas na revista. O que salta aos olhos, a nosso ver, é a alternativa apresentada pelo autor do artigo em até propor que o casal chegue a deixar o “enteado” aos cuidados de alguém, para ter mais intimidade, dando a ideia de que esse “enteado” nada mais é do que um “problema” para a intimidade do casal e bom andamento do casamento. A palavra *enteado* também é destacada várias vezes, possivelmente visando a realçar que não se trata de um filho biológico do casal. O casamento com pessoas que já têm filhos, na verdade, surge na discussão como um mal necessário, algo que, se possível, deve ser evitado.

No que diz respeito aos autores dos artigos aqui analisados, observamos que temos uma grande maioria de graduados e graduandos em Psicologia. Por exemplo, Christina Ayres é Psicóloga, Daniel Dutra é psicólogo, Eugenio Sória é graduando em Psicologia, Wivian é psicóloga e Magali Leoto também é psicóloga. No entanto, o fato de cursarem ou estarem cursando graduação não garantiu a eles uma visão isenta dos valores religiosos, para explicar os fenômenos que discutem. Aliás, todos os argumentos adotam como parâmetros únicos os referenciais religiosos. Somente Marcos Stefano é jornalista, mas também é vinculado à Igreja. Interessante observar que Christina Ayres tem um *blog* em que publica textos de referência cristã e para orientação de casais e da vida em família <sup>53</sup>. No entanto, grande parte dos artigos não vem sustentada, a nosso ver, pelo saber teórico-científico acumulado por seus autores, mas por aquilo que “acreditam” como correto. Passamos muito tempo da pesquisa procurando informações sobre os autores dos artigos que examinamos e, muitas vezes, não conseguimos identificá-los. Nosso desejo era saber quem são esses autores, quais produções possuem, mas isso foi impossível, uma vez poucos possuem produção acadêmica. Até que compreendemos que, a nosso ver, o que lhes atribui capacidade para escrever para a revista não são seus estudos, suas pesquisas, mas o fato de estarem vinculados a tal denominação.

---

<sup>53</sup> Os textos podem ser acessados via *site*: <https://www.caayres.com/blog>. Acesso em 20 de mar. de 2018.

Para além dessa consideração, é importante destacar que também, na *Vida e Caminho*, vemos que alguns autores são apresentados da seguinte forma: “Wivian R.L.C. Brojado é psicóloga clínica, casada com o Rev. Giancarlo Brojat (1ª. IPI de Cruzeiro – SP), e Mãe da Maysa” (VIDA E CAMINHO, 2016, p. 13). Aliás, há muitas referências como essas, pois, em todos os artigos aqui citados, os autores são caracterizados dessa maneira, o que nos faz concluir que o que os habilita a escrever sobre determinados assuntos é o fato de serem casados, pais e mães.

A ausência de referências teóricas é substituída pelo aporte à Bíblia. É como se a Bíblia fosse considerada por esse grupo como um documento atemporal e acultural (BELLOTTI, 2005), algo que possa ser usado para explicar qualquer situação, em qualquer realidade ou contexto cultural. Isso é comum também nas produções da revista, ou seja, o aporte à bíblia para explicar e analisar a realidade contemporânea, incluindo a disposição e organização das famílias.

Além disso, há alguns autores citados, como Skinner, Marçal Aquino, Magali Leoto e Alex Rocha. Ao que nos parece, são autores que sustentam os posicionamentos dos artigos. Alguns autores como o caso de Skinner já não é mais usado contemporaneamente. Magali Leoto, citada no artigo de Stefano, também psicóloga e com um rol amplo de produção para orientações de casais e famílias também figura entre os autores usados<sup>54</sup>. Alex Rocha, igualmente mencionado por Stefano, é psicólogo da UNIFESP e possui um rol amplo de textos que sustentam a relação positiva que deve ser firmada entre religião e psicologia<sup>55</sup>. Marçal Aquino é o único em que não identificamos produção confessional. Entretanto, temos um anacronismo muito grande, por se usar referências teóricas produzidas há tantos anos, ou empregar somente textos que conciliam os posicionamentos apresentados na revista, para justificar os textos.

Com relação à figura feminina, vemos que à mulher é dado o único direito de estar e constituir família. Àqueles que desejam ser sós, incluindo homens e mulheres, são conferidas tantas exortações que, com certeza, acabam impedindo esse desejo. Viver em família corresponde, essencialmente, a ter filhos, sendo a maternidade, mais uma vez, imposta à mulher. E ter filhos corresponde ainda a

---

<sup>54</sup> Parte do conteúdo da autora é acessível por meio do site: <http://www.sergioemagalileoto.com.br/> e está vinculada à Igreja Batista. Acessado em 20 de mar. de 2018.

<sup>55</sup> Os textos de Alex estão disponíveis para acesso no site <http://www.psicologoalexrocha.com.br/>- Acessado em 20 de mar. de 2018.

assumir, com primazia, a responsabilidade por seus cuidados, incluindo os cuidados na fé. Essa deve ser a prioridade da mulher presbiteriana, a qual, se possível, e pela incapacidade do marido em suprir as necessidades da família, pode até trabalhar.

No entanto, o destaque é para a mulher que sabe ajudar, que não se empodera, apesar de todos defenderem o feminismo e se colocarem totalmente contrários ao machismo. Como tal, obviamente, a mulher não tem como vivenciar um relacionamento homoafetivo, afinal, mulher nasceu para se relacionar com homem.

Bellotti (2004, p. 100) salienta que temos de compreender as expressões religiosas como representativas de um grupo específico, peculiar e com crenças que lhe são inerentes, quando estudamos religião. Para ela, “[o] que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos.” Dessa forma, as convicções sobre os fenômenos da vida e as leituras a elas conferidas pelas pessoas devem ser respeitadas, uma vez que tais crenças têm sentido para aqueles que as adotam.

Há outro aspecto que desejamos ainda enfatizar. Os autores dos artigos, tanto aqueles que estão aqui mencionados quanto outros que integram as revistas, são pessoas que possuem destaque nesse meio religioso, como Pastores, identificados como Reverendos, e pessoas que assumem lugar de proeminência nesse meio, como diaconisas, pessoas que trabalham nas escolas dominicais. Essas pessoas, pelos cargos que ocupam, desempenham grande parte no ensino dos demais fiéis, são reprodutoras de suas perspectivas, suas ideologias, ou seja, “doutrinam” os demais na maneira como devem pensar, agir, comportar-se. Assim, tanto a revista quanto as opiniões nela emitidas integram a perspectiva presbiteriana independente de compreender a mulher.

Religião é, antes de mais nada, um sistema de crenças que orientam práticas. Essas crenças orientam aquilo que é correto e também aquilo que é incorreto, quando se está vinculado a uma religião. O sentimento de pertencimento dos fiéis faz com que as pessoas aceitem os valores difundidos pela fé que abraçam, e adotem práticas específicas. Assim, a subjetividade construída pela revista e por outros dispositivos, mecanismos de fé orientam a ação. As pessoas agem de acordo com a representação que possuem. Essa representação acontece, na vida cotidiana, nas alianças e nos embates travados no dia a dia. Práticas não

discursivas legitimam o discurso apresentado. Práticas como frequentar o culto e ir à escola dominical é que demonstram que se pertence a uma religião. Assim, adotar o perfil veiculado de mulher também legitima esse discurso.

Tais representações são expressas através da mídia, como, no caso, são destacadas na revista *Vida e Caminho*. Nela, temos delineado um tipo específico e peculiar de mulher, de família, de forma de cuidar e educar os filhos, que ganha assento nas concepções mais antigas que sustentam a Igreja, como as *Confissões de Fé*, nas quais vemos que o casamento é compreendido como a união entre homem e mulher, por exemplo. Por esse motivo, compreendemos a revista como algo que pretende ser moderno, com textos que abordam aspectos contemporâneos, com imagens bem editadas e chamativas, mas que, de fato, ainda traz nos artigos uma perspectiva tradicionalista de mulher e de família.

Assim, entender a mulher como preparada para o casamento heterossexual, para os filhos, para o marido e para o trabalho, desde que isso não interfira na sua primeira atribuição, que é cuidar da família, é o que faz de uma mulher, na verdade, Presbiteriana Independente. Aquela que desejar se vincular a essa denominação, ou melhor, aquela que busca se manter nessa instituição religiosa, precisa adotar práticas que correspondam à caracterização em pauta.

### **Interpretações e apropriação: a representação do feminino segundo a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil**

Nesse item final e concluindo nossas discussões pretendemos analisar as interpretações e apropriações que podem ser construídas por meio desse impresso. Para dar cabo de nossas colocações é necessário ainda considerar a consolidação de uma dada subjetividade no meio religioso na qual o impresso adquire especial relevância visando a consolidação de práticas sociais.

Por conseguinte, uma colocação inicial que precisa ser realizada quando estudamos interpretações e apropriações de um impresso é que um texto só faz sentido para quem dele se apropria. Portanto, a interpretação de um texto advém da cultura na qual o ser humano está inserido. Há necessidade que exista correspondência entre o impresso e o leitor, efetivando-se assim a apropriação. Por outro lado, o impresso prescinde de um suporte, uma referência, um embasamento que ofereça a ele sustentação (CHARTIER, 2002). Por oportuno, é lícito inferir que

no caso da *Revista Alvorada* (considerando as produções da primeira e da segunda fase), possui como suporte as referências da Igreja Presbiteriana Independente. Nesse sentido, vemos que o aporte à Bíblia mostra-se hegemônico nas duas fases da revista como sustentação, suporte para as colocações indicadas nos artigos, dentre as quais podemos citar a abordagem conferida pelos autores dos artigos e que conferem à mulher o papel social de “mulher casada” em uma união, essencialmente, heterossexual.

Necessário também indicar que as produções da segunda fase apresentam um aporte maior a autores, além dos de natureza confessional. Dentre eles, podemos citar Bauman, por exemplo, e outros teóricos buscando assim justificar as colocações religiosas. Como no caso da recorrência à Bauman, vemos que o autor é usado como suporte para justificar a necessidade de relações afetivas mais estáveis, sólidas e comuns às famílias de orientação tradicional. Se, por um lado, a recorrência à teóricos sinaliza a formação universitária de grande parte dos autores, por outro lado, vemos que há ajustes na produção dos teóricos para atender aos valores religiosos. Portanto, mesmo com saber teórico, os textos da revista ainda permanecem sob o suporte da doutrina da Igreja Presbiteriana.

Vemos assim que os postulados indicados no início do capítulo 1 dessa dissertação e que versam sobre a Lei Ordinária de Convivência Marital da Igreja Presbiteriana Independente, os quais indicam dentre outros aspectos: “[...] 2 – O casal deve ser constituído de um homem e uma mulher que vivem maritalmente há mais de cinco anos” (IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL, 2001, p. 01), e nos quais a Igreja Presbiteriana Independente indica como regularizar uniões já consolidadas é o casamento entre homem e mulher. Temos assim grande correspondência entre o suporte, o embasamento da Igreja Presbiteriana Independente e as produções da *Revista Alvorada* em suas duas fases.

Para tanto, Chartier (2002) indica que na análise dos impressos devemos considerar possíveis variações de como os textos são elaborados, assim como o fato de haver apropriações distintas, de grupos diferenciados de um mesmo impresso. Nesse caso, podemos considerar dois aspectos das variações nesse impresso, a saber: primeiro que nem todas as posições dos autores dos artigos, sobretudo nos textos da segunda fase são hegemônicas e segundo que as apropriações dos textos publicados também sofrem alterações. Via de regra, essa

apropriação do texto pelo leitor provém, em grande medida, daqueles autores que possuem um poder social, ou seja, daqueles que escrevem, mas que possuem uma justificação dos leitores (CERTEAU, 1998). A nosso ver essa justificação provém do conhecimento que o leitor confere àquele que escreve. No caso da *Revista Alvorada*, em suas duas fases, vemos que os autores são justificados pela posição social que ocupam na Igreja Presbiteriana Independente ou então por ocuparem áreas de destaque em outras denominações de fé semelhante. Quanto as variações dos textos, vemos ainda que há pequenas e pontuais alterações. Por exemplo, se por um lado temos um rol amplo de colaboradores da revista que defende o casamento como algo eterno, por outro temos àqueles que discutem o divórcio. Apesar de a maioria deles apresentar ainda o casamento como uma alternativa para a mulher encontrar seu lugar na sociedade, por outro o divórcio emerge como uma possibilidade. Algo que denota grande mudanças do periódico em relação a primeira fase, contexto em que o divórcio sequer era citado.

A abordagem de temas como o divórcio e também discussões sobre a questão do trabalho feminino ganham notoriedade na produção da segunda fase da revista, e são pouco abordados na primeira fase. Isso provém, em grande medida, das mudanças que são postas à realidade brasileira dentre as quais podemos citar a ampliação de mulheres que estudam assim como a elevação considerável daquelas que trabalham sobretudo após meados dos anos 90. Portanto, a variação em como interpretar essas mudanças por parte da Igreja Presbiteriana Independente provém da sua necessidade de aceitação social. Caso a Igreja Presbiteriana Independente mantivesse uma posição mais reacionária com relação ao trabalho feminino, por exemplo, possivelmente isso resultaria em uma diminuição dos fiéis. O reforço à importância do papel da mulher em casa, no cuidado dos filhos, a nosso ver tendem a desestimulá-la em se inserir no mercado de trabalho, porém, não há um claro enfrentamento para a questão do trabalho feminino.

É certo que os impressos possuem uma intenção a alcançar. Essa intenção pode apresentar variações como indicamos acima. Porém, as intenções do impresso sempre estarão ligadas ao suporte do mesmo. Assim, as articulações retóricas, as narrativas, as demonstrações do impresso buscam um objetivo, têm uma dada finalidade (CHARTIER, 2002). Nas duas fases da *Revista Alvorada* vemos que o objetivo é moldar um padrão de mulher, um formato de família idealizado. Como salientamos também em vários momentos desse texto, vemos que no surgimento da

revista a fala era mais voltada para a mulher e isso tende a diminuir da segunda fase, sobretudo quando a revista torna-se *Vida e Caminho*. Porém, o ideal de mulher casada, com filhos, que cuida da casa e atua na igreja ainda permanece presente nas produções e isso corresponde a crer que os objetivos dos impressos é justamente fortalecer esse perfil de mulher.

Necessário pontuar também que os exemplos, testemunhos fortes e marcantes, narrativas tristes colaboram para o que Chartier (2002) nomeia como persuasão. Os exemplos, muitas vezes, falam mais forte ao leitor do que explicações e ordenações. Nas revistas da primeira fase o que temos é um reforço de papéis, exemplos de pessoas da Igreja Presbiteriana Independente ou então da Igreja Presbiteriana Independente dos Estados Unidos, nos quais temos o fortalecimento de qualidades femininas como: bondade, altruísmo, vida de oração e evangelização, cuidado com a casa, com os filhos, etc. Na seção Galeria Heroínas da Fé, presente na maior parte das revistas da primeira fase, é latente como os exemplos buscam fortalecer um estereótipo de mulher. A escrita, nesse caso, está vinculada a valores.

Já nas produções da segunda fase temos a predominância de relatos, exemplos e orientações. Basta lembrar o forte relato de Ballard (2015) ao contar sua história e todo o sofrimento que vivenciou por ter se divorciado. Outros exemplos são apresentados destacando o prejuízo psicológico aos filhos de lares em que o divórcio foi inevitável. Ou seja, temos o fortalecimento de um discurso que não veda o divórcio à mulher, mas que oferece a ela um rol amplo de situações em que os prejuízos da separação foram muito maiores do que os benefícios, recuperando assim os postulados bíblicos que pressupõem o casamento como algo que deve durar para sempre. Nesse sentido há ainda muitas críticas ao padrão contemporâneo de família, indicado como resultado dessa sociedade, e que traria prejuízos ao desenvolvimento do ser humano sadio, sobretudo das crianças.

De forma que há uma luta simbólica travada por meio do impresso e da representação que é por ele conferida no leitor. O impresso consegue, conforme Chartier (2002), exercer influência sobre o leitor, é uma forma de inculcação de conceitos. É, conforme o autor, uma maneira de “fazer-criar” (OP.CIT., p.172) e também é dessa forma que o grupo que escreveu o texto consegue impor sua crença ao leitor, possivelmente conduzindo-o a práticas sociais idealizadas. Nesse processo de apropriação do texto escrito, em que as representações são pessoais,

uma vez que cada um faz sua construção de sentido sobre algo que lê, temos também a consolidação da representação coletiva.

Para pensarmos sobre as representações coletivas é necessário que possamos pensar sobre os esquemas geradores dos sistemas de classificação e também de percepção das instituições sociais. São as representações coletivas que funcionam como matrizes, referências e constroem as práticas sociais. A representação é um instrumento de um conhecimento mediado, no qual temos uma imagem presente e um objeto ausente (CHARTIER, 2002). Portanto, quando uma pessoa se apropria de um conceito de um texto não é necessário que ele esteja a sua frente para orientar a sua conduta. O que permite que a pessoa adote seus atos com base na representação construída é sua capacidade de construir imagens mentais e agir com base nessa construção. Assim, as representações coletivas são expressas por atos que um grupo adota, semelhantes entre si, e que possuem como influência signos das mais variadas categorias, como o texto impresso e também as imagens.

Não conseguimos identificar a que ponto a revista por nós pesquisada conseguiu instigar e estimular as mulheres, na primeira e na segunda fase, em agir conforme suas indicações, orientações. Isso só seria possível se tivéssemos acesso a leitoras do periódico. Entretanto, a tiragem das revistas (média de 15.000 na primeira fase e 4.500 na segunda fase), nos sugestionam que temos um grupo que se identifica com o periódico, temos uma expressão dessa representação coletiva de que nos fala Chartier (2002).

São as representações coletivas que oferecem normas de condutas que orientam as práticas e constroem o mundo, regulamentando a vida em sociedade. Porém, a representação construída pode mascarar ao invés de nomear o seu referente, seu real conceito. Isso porque nem sempre a representação construída reflete, de fato, a realidade. Chartier (2002, p.75) nomeia a essa representação como “desviada” ao passo que a compreende da seguinte forma:

A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta.

Ou seja, é uma imposição que representa o grupo emissor de um discurso. Porém, aquele que recebe esse discurso nem sempre possui consciência disso. A nosso ver, uma parte considerável da produção da revista, trata-se de uma veiculação dessa chamada representação desviada. A título de exemplo, podemos citar na primeira fase da revista a ampla menção à mulher como se ela fosse direcionada apenas ao espaço doméstico. No entanto, sabemos que nesse período já tínhamos muitas mulheres que trabalhavam, que estudavam e sua inserção laboral nem sempre estava ligada a necessidade financeira. No mesmo entendimento segue a produção da segunda fase, indicando que a mulher deve trabalhar quando isso não comprometer suas atividades em casa, sobretudo se isso não resultar em prejuízos de monta ao desenvolvimento psicológico dos filhos. Porém, a partir dos anos 90 temos a ampliação das mulheres no mercado de trabalho e isso vem aumentando cada vez mais. De certa maneira temos um certo distanciamento da realidade social do país, ao menos na questão da empregabilidade feminina.

No entanto, a construção de sentido, essa apropriação também necessária para solidificar essa representação coletiva é efetuada por meio da leitura. A leitura, por sua vez é um processo socialmente determinado e influenciado pela cultura. A leitura, portanto, deve ser analisada considerando-se “[...]cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, lugares, as comunidades”(CHARTIER, 1991,p. 178). E, a leitura deve ser ainda compreendida como uma “[...]prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991,p. 178), por oportuno, a leitura será representada concretamente. Os significados dos textos, a apropriação construída e que irão orientar os atos adotados dependem de como o texto é recebido pelo leitor, e isso irá influenciar na materialidade que o leitor irá conferir ao impresso.

Quando o grupo constrói essa apropriação coletiva, há práticas adotadas que são comuns. Isso fortalece a identificação entre os pares, fundando uma identidade social, comum, partilhada. A expressão dessa identidade partilhada representa a forma de um grupo se expressar, é sua maneira de ser.

[...]as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1998, p. 183)

O que definiriam então essa identidade da mulher presbiteriana independente? Ou melhor, o que definiria essa mulher e quais comportamentos ela apresentaria? Para se identificar a essa identidade, a mulher deveria frequentar os cultos, participar ativamente da escola dominical, casar-se, ter filhos e se ocupar da casa e do marido. Essa mulher, se desejasse estar vinculada a essa identidade social, integrada a esse grupo social, deveria adotar práticas conforme a revista propunha. Obviamente que essas práticas não são fortalecidas apenas na revista, mas por meio de outros impressos e de outros signos com os quais a mulher que frequenta a igreja protestante tem contato. Assim, suas práticas a vinculam a sua identidade social, a seu grupo de pertencimento. Muitas dessas práticas sociais são matrizes condutoras da vida em sociedade, do mundo social. A medida que os conceitos transmitidos nas obras mudam, as práticas também são alteradas. No formato em questão, a medida que a homoafetividade tornou-se pública, questão de direito social, a revista se viu obrigada a falar sobre o assunto, porém, nesse caso, manteve uma postura destacando que as relações de afetividade devem ser firmadas entre homem e mulher.

As relações que os indivíduos estabelecem com o mundo são, portanto, consubstanciadas por meio dos signos. Eles fortalecem essa representação coletiva, configuram uma dada identidade social. Realizando um recorte da produção textual de um grupo podemos identificar sua identidade social. Por outro lado, a leitura do impresso, sua circulação e adesão também nos apresenta a identidade social dos leitores (CHARTIER, 2002). No caso da *Revista Alvorada*, novamente destacamos a tiragem das revistas como representativa dessa identidade social possuída pelos leitores do periódico. Há, no entanto, outro aspecto a ser destacado, ou seja, a identidade social partilhada entre àqueles que escrevem para a revista, mesmo que nem todos sejam vinculados à Igreja Presbiteriana Independente. Dessa maneira, apesar de pontuais dissonâncias, vemos que tanto na primeira quanto na segunda fase há uma identificação social dos autores.

Bourdieu (2002) apresenta uma análise interessante e que pode nos auxiliar na análise do objeto aqui proposto, uma vez que o autor discute aspectos da produção de sentidos por meio dos signos no campo religioso. Assim, vemos que todos os seres humanos possuem contato com um sistema de símbolos, dentre os quais estão expressos na arte, na religião, na língua. É por meio desse sistema

simbólico que nos apropriamos da realidade, conhecemos conceitos e nos relacionamos com o mundo.

A construção desse conhecimento, por meio dos símbolos, Bourdieu (2001) nomeia como poder simbólico. Por poder simbólico o autor busca assim designar o poder de construção da realidade e que tende a estabelecer uma ordem de conhecimento. É o poder simbólico que viabiliza ao homem o conhecimento imediato e mediado do mundo que o cerca. Na maioria das vezes o poder simbólico não é percebido pelo ser humano, ou seja, os sistemas simbólicos com os quais estabelece contato são tidos como fenômenos naturais. “O poder simbólico é com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (OP.CIT., p.07-08).

A medida que os sistemas simbólicos são meios de construção de um conhecimento por parte do ser humano também podem ser compreendidos como dispositivos que visam normatizar condutas, colaborando assim para a integração social e moral dos indivíduos. Por conseguinte, em Bourdieu (2001) vemos que as produções simbólicas são instrumentos de coerção, meios de dominação ao passo que imputam ao sujeito normativas, formas de comportamento social.

O acesso do ser humano aos sistemas simbólicos só é possível por meio da comunicação. Por conseguinte, todas as relações de comunicação são relações de transmissão de sistemas simbólicos e, por conseguinte, relações de poder. O autor nomeia esse espaço de circulação da comunicação, de bens simbólicos como campo. É, por conseguinte, por meio de um campo que temos um espaço social de circulação de conceitos e tais conceitos estão presentes nas relações objetivas. O campo é um espaço de produção de representações, de conhecimento, de uma cultura específica.

Vinculada a noção de campo temos também o conceito de *habitus*. O *habitus* corresponderia a disposição incorporada, quase uma postura com base nos bens simbólicos aos quais o ser humano teve acesso. Portanto, o *habitus* é resultado do conhecimento adquirido e que se expressa por meio de condutas, comportamentos. O *habitus* é um capital cultural que pertence ao indivíduo. Bourdieu (2001) ainda nos coloca que o *habitus* é um corpo socializado, termo pelo qual buscou designar a apropriação social de comportamentos de um grupo social e indica que o *habitus* tem o poder de manter a ordem social, mas é essencialmente uma forma de poder, legitimada socialmente. É assim que aprendemos e

introjetamos regras que nos são postas para a vida em sociedade, porém, para o autor campo e *habitus* sempre serão definidos, delimitados pela classe social dominante.

Partindo dessas indicações, Bourdieu (2004) salienta que, no caso dos impressos, o que torna um dado texto ou periódico aceito socialmente, é sua anuência no campo das produções das relações objetivas. Essas relações objetivas estão presentes no cotidiano das pessoas e circulam entre agentes e instituições sociais. No entanto, o autor indica que há uma luta pela manutenção de um texto em circulação em um dado campo, que representa a luta pelo monopólio de ideologias. Os discursos reproduzidos em um campo provêm dos órgãos produtores dos textos, afinal, para o autor, quem define o que será veiculado em um texto não é somente o autor, mas sim o editor. Essa premissa, a nosso ver, parece bastante válida no caso de nosso estudo, uma vez que vemos que a edição da *Revista Alvorada* sempre possuiu em sua organização pessoas ligadas a Igreja Presbiteriana Independente, desde a edição, até a sua gestão. Portanto, assim como pressupunha Chartier (2002), Bourdieu (2004) destaca que os impressos estão estreitamente relacionados a um campo de saber, os quais provêm daqueles que são idealizadores da produção. O autor assim nos diz que todo editor endossa a produção, ou seja, a justifica, a sanciona. Dessa maneira, mesmo que na *Revista Alvorada* exista a menção ao fato de que o periódico não representa a opinião dos autores, não há como desvincular o seu texto das produções textuais nela contidas.

Portanto, o campo é um espaço de poder, de luta e de disputa no qual os bens simbólicos ocupam um lugar de grande destaque visando a consolidação de um *habitus*. Assim, Chartier (2002) nomeia práticas, Bourdieu (2001) indica o termo *habitus*, porém, ambos designam o mesmo processo que refere-se a transmissão de conceitos, podendo usar o impresso. Retomando Bourdieu (2001), vemos que assim como Chartier (2002), o autor compreende que o campo, os símbolos visam uma conduta, um comportamento. Por conseguinte, analisando a *Revista Alvorada* com o referencial do autor podemos reafirmar que o impresso possui uma finalidade, que no caso, é a de inculcar um *habitus* junto às mulheres.

No entanto, na análise de Bourdieu (2002), vemos que o autor indica que a religião constitui um campo de circulação de bens simbólicos. Para ele, a religião tem a função de estruturar as relações sociais e, se por um lado garante coesão social, por outro funciona como um meio para transmutar relações sociais em

relações de natureza sobrenatural, motivo pelo qual a religião seria uma forma de camuflar as divisões e desigualdades sociais, incluindo as desigualdades de classes sociais.

Haveria assim uma relação intrínseca entre a religião e as estruturas sociais, e ambas condicionariam as estruturas mentais. Portanto:

[...] a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos (BOURDIEU, 2002, p. 33-34).

Ou seja, a religião torna relações estruturais em relações sobrenaturais, e, portanto, inevitáveis. Consideramos assim que há correspondência com o pensamento do autor a nosso estudo sobre a *Revista Alvorada*. De certa maneira vemos que nas duas fases temos, por exemplo, a defesa das produções pelo casamento heterossexual. Isso acontece pelo fato de compreenderem que o casamento não é uma situação do cotidiano, da vivência, mas sim por o interpretarem como algo sobrenatural, posto por Deus. Além disso, o lugar social da mulher acaba sendo, nesse casamento heterossexual, a aceitação de seu destino.

Dentre os aspectos que observamos na revista, vimos que o mais latente, sobretudo na primeira fase, é a interpretação conferida a maternidade. Nesse sentido, emerge o entendimento da maternidade como missão, como destino, como algo que não poderia ser negligenciado pelas mulheres uma vez que é uma missão que lhe fora atribuída por Deus. Assim, relações sociais são transformadas em relações sobrenaturais e tidas como inerentes ao gênero humano, conferindo assim a mulher um *habitus* que é esperado dela.

Para a consolidação do campo religioso há bens simbólicos aos quais a religião recorre, os quais são chamados por Bourdieu (2002,p.51) como “bens de salvação”. Os bens de salvação são aqueles que viabilizam o contato entre homem e Deus e são meios de comunicação do campo religioso. Os meios de comunicação religiosos, os campos religiosos, legitimam o saber daquele que detém o conhecimento religioso. Portanto o conhecimento religioso só é aceito e incorporado quando difundido por àqueles que possuem essa chancela, essa autorização. No caso da revista vemos que quem possui essa chancela são os autores dos artigos

que, em sua maioria, advém do campo religioso. Os que os tornam aptos em difundir conhecimentos na revista é tão somente o fato de estarem ligados a essas denominações. Portanto, é lícito um pastor atribuir orientações sobre como educar um filho para uma mulher, simplesmente pelo fato de representar o campo do saber religioso.

Bourdieu (2002) nos coloca ainda que há instâncias que são responsabilizadas por divulgar e tornar acessíveis os bens religiosos e isso estimularia o autoconsumo religioso, ou seja, há muitos símbolos que transmitem os valores da fé, sendo a *Revista Alvorada* deles. Porém, cada um desses símbolos religiosos é monopolizado por especialistas, os detentores do saber religioso. Os grandes grupos religiosos possuem um saber acumulado e produzido por sua intelectualidade que busca, na atualidade, ampliar a divulgação e a comercialização dos bens simbólicos. Dessa forma, os bens simbólicos buscam garantir a hegemonia no campo religioso.

As mensagens difundidas por meio dos bens simbólicos religiosos agem em favor dos grupos que as produziram e também visam contemplar as necessidades dos grupos que as consomem. Portanto, as mensagens religiosas nunca são neutras. Se uma revista postula e defende que é esperado que a mulher exerça a caridade na igreja e não o presbitério, ou então indica que ela precisa saber limpar muito bem uma casa, é porque ela espera que essa mulher realmente possa agir dessa forma. Por outro lado, a adesão da mulher à tais valores advém da consolidação de uma representação mental que entende isso como correto. A religião justifica porque existimos em uma posição social. Assim, a religião sustenta as práticas sociais que são esperadas dos seres humanos pelo fato de os mesmo pertencerem a uma posição social ou a um sexo biológico de nascimento.

A legitimação das mensagens religiosas se dá por meio das sanções santificantes, formas de punição visando alcançar a graça que a religião usa para manipular os desejos futuros dos indivíduos, ajustando-os e almejando novas oportunidades. Portanto, cabe o perdão pelo erro desde que exista o objetivo de ser melhor no futuro. Para a legitimação das mensagens é preciso ainda que o ser humano inculque um rol amplo de práticas e representações sagradas. Assim, vincular-se à religião exige uma busca constante pela perfeição, por evitar o erro e demanda consequentemente a adoção de práticas tidas como religiosas.

Quando uma mensagem religiosa é aceita por um grupo social, como no caso da *Revista Alvorada*, temos uma justificação da estrutura social e também do grupo religioso que a proferiu. Por isso, uma revista feminina, mesmo em um grupo religioso que recorre ao impresso na prática proselitista, também deve ser interpretada como a forma com que essa denominação se apresenta na sociedade brasileira nos mais variados períodos. É uma forma da religião ser representada frente a sociedade.

Assim, Bourdieu (2002) compreende que cada vez mais a religião busca diversificar e ampliar seus bens simbólicos uma vez que é por meio deles que há possibilidades reais de transmissão de uma mensagem, consolidação de um campo e indução de um *habitus*. Ou como poderia indicar Chartier (2002), os impressos são meios que induzem a práticas sociais que estão ligadas a consolidação de representações. E a Igreja Presbiteriana Independente, por meio da *Revista Alvorada*, dá curso a essa diversificação dos bens de salvação, porém, com um objetivo definido: moldar o perfil da mulher. Como sabemos, o impresso não é neutro. Ele sempre tem uma finalidade para alcançar. Nesse caso, o impresso transmite um ideal, uma perspectiva de mulher que deve ser buscada pela mulher evangélica, sobretudo por aquela que está vinculada à Igreja Presbiteriana.

Não temos como mensurar a que ponto a leitura da *Revista Alvorada* se mostra suficiente para de fato moldar o comportamento dos leitores, uma vez que não realizamos entrevista ou qualquer outra aproximação daqueles que fazem uso dessa leitura. No entanto, o fato de estar há mais de 40 anos no mercado, nos indica que há receptividade de um grupo de leitores por parte do periódico. Além disso, a própria tiragem da revista também nos sinaliza isso. Portanto, busca-se atingir a mulher apresentando-lhe um padrão idealizado de comportamento, que, também é oferecido para todos os leitores, para toda a família. Se, na primeira fase a revista fala mais diretamente à mulher, já na segunda fase, tem o discurso orientado para outros públicos, também buscando influenciá-los. Apesar de na segunda fase a fala da revista não estar mais orientada especificamente para a mulher, ela oferece parâmetros de comportamento ao gênero feminino os quais podem ser apresentados como referência para outros leitores do impresso.

Para tanto, a possível flexibilização dos textos da segunda fase em que a mulher agora, pode trabalhar, estudar, mostrar-se ativa na igreja, incluindo sua ascensão a cargos mais elevados dentro dessa instituição, também deflagra uma

alteração no discurso da Igreja Presbiteriana Independente buscando atingir novos públicos. Por assim dizer, é latente o fato de que se a igreja mantivesse o seu discurso de que a mulher era devido somente o espaço doméstico, possivelmente, isso resultaria no afastamento de fiéis. O mesmo se aplica com relação a temas como o divórcio, por exemplo. Assim, o impresso fortalece alguns princípios como casamento heterossexual, necessidade de filhos em uma união e assim sucessivamente, no entanto, visando alcançar um público maior, vemos que há textos em que a contraposição ao divórcio é apresentada, porém em um discurso menos combativo.

De tal maneira, consideramos que algumas posições da revista, e, da Igreja Presbiteriana Independente reforçam o perfil da mulher subalterna, comum em outros extratos da sociedade brasileira e não apenas no meio religioso. Assim, ao apresentar que a mulher deve lutar com todas as forças pelo casamento, que deve ter filhos, que deve se unir ao homem, por exemplo, vemos um perfil de mulher e de sociedade tradicional e patriarcal sendo fortalecido. Porque as mulheres se vinculam a esse tipo de perspectiva, em que, são impedidas mesmo de escolher o gênero ou então se querem ou não se casar, ou então ter filhos?. Ou porque as pessoas se filiam a essas compreensões, o que as fazem estar vinculadas e tornarem-se leitoras desse tipo de impresso?. É mister salientar que a religião é antes de mais nada algo construído culturalmente. Berger (1998) nos coloca que nos apropriamos de regras e normas sociais de várias formas, incluindo por meio da religião. Sua análise, sociológica, indica que os indivíduos estabelecem contato com uma determinada realidade e se apropriam dela. A religião seria um desses dispositivos que viabilizam a apropriação de regras e normas sociais pelo indivíduo, e, garantem a convivência em sociedade. Assim, a adesão aos princípios religiosos provém, essencialmente, do processo de apropriação ao qual o indivíduo está em contato. O autor ainda nos coloca que partindo desse processo temos a consolidação de uma subjetividade, de um modo de compreender o mundo. Enfim, a adesão de mulheres e demais leitores dos postulados difundidos na revista provém da forma com que se apropriaram da realidade, e, por conseguinte da maneira como a sua subjetividade foi consolidada nesse processo.

Portanto, é o processo cultural que conduz o ser humano, por meio da apropriação, a pensar de uma determinada forma. Se, a religião estiver presente em sua realidade, integrar a sua cultura, sua forma de compreender o mundo será, por

ela influenciada. A vinculação aos postulados religiosos é algo construído social e culturalmente. Se para as mulheres leitoras da *Revista Alvorada* as colocações de tal publicação têm sentido é porque se apropriaram desses princípios. A revista é a nosso ver apenas mais um dispositivo, além de todos outros impressos usados na mídia religiosa, a fim de difundir um dado perfil de mulher. É também uma maneira de oferecer às mulheres uma revista alternativa para além daquelas que são oferecidas no mercado, funcionando como uma forma de fortalecer o pertencimento do leitor ao grupo evangélico. Por fim, constitui uma produção que visa uniformizar práticas sociais, especialmente, do grupo feminino.

## CONCLUSÃO

Compreender as múltiplas formas de difusão do discurso religioso por meio do impresso na realidade brasileira nos apresenta uma cultura de um grupo social específico e que cada vez mais tem ampliado-se em nosso país. Nesse sentido, analisar impressos produzidos por religiões neopentecostais nos apresenta suas concepções sobre os mais diversos assuntos e fenômenos sociais com os quais nos deparamos. Por conseguinte, a aproximação ao impresso religioso é também uma maneira de conhecer e melhor identificar sob quais parâmetros as instituições religiosas são consolidadas e nos dá indícios de como esses parâmetros são apropriados pelos seres humanos que estão a elas vinculadas. Nos apropriamos assim dos ideais e princípios que têm regido a vida de grande parcela da população brasileira, uma vez que como indicamos, esse grupo, o grupo dos evangélicos só tem se ampliado em nosso país aos longo dos anos.

Além disso, é possível observar ainda como o grupo evangélico têm usado de mais variadas mídias visando a uniformização de condutas, de práticas sociais. A revista, em especial a revista feminina é um dos meios usados visando a profusão da fé e a padronização de comportamentos. Nesse sentido, a Revista Alvorada apresenta-se como um resultado do processo de diversificação das mídias protestantes que foi iniciado no Brasil em meados do século XX. Porém, podemos compreendê-la ainda como uma intervenção voltada especificamente para o controle do comportamento da mulher, fortalecendo um perfil específico e peculiar de mulher sob os valores e princípios religiosos, bíblicos. Nesse sentido, a bíblia é a principal fonte de inspiração e fundamentação dos artigos apresentados na revista.

Destarte, a relevância dessa produção também deve-se ao fato de que por meio da análise dos textos da revista foi possível compreender qual é a perspectiva difundida sobre a mulher. O recorte que propusemos em relação a esse segmento deve-se ao fato de que no Brasil as mulheres têm sido vítimas das mais variadas formas de agressão, que vão além da agressão do homem mas que estão presentes nos mais variados espaços institucionais. Essa diferenciação com base no sexo de nascimento biológico tem conduzido a mulher brasileira as mais variadas situações de violência, presentes em seu cotidiano, e, por conseguinte estudos que tenham como objeto a mulher mostram-se extremamente necessários e importantes,

socialmente relevantes. Por conseguinte, tínhamos como objetivo identificar a perspectiva conferida pela revista acerca da mulher, e, consideramos que conseguimos contemplar tal proposta. Infelizmente nossa análise só foi possível por meio do acesso a uma média de 70,0% do material produzido pela revista e isso não nos dá uma visão plena da totalidade do impresso. As dificuldades de acessar a totalidade dessa produção proveio, em grande medida, da própria Igreja Presbiteriana Independente que apesar de possuir o periódico não desempenhou muitos esforços em disponibilizá-lo.

Por outro lado, consideramos ainda que pelo fato de não termos realizado uma pesquisa com as leitoras e leitores do impresso não conseguimos identificar em que medida esse impresso condiciona as práticas sociais das mulheres. No entanto, o objetivo inicial do texto era o de identificar a representação do feminino na revista, e, por conseguinte, a representação da mulher pela Igreja Presbiteriana Independente. Consideramos entretanto que poderíamos ter ampliado nosso entendimento sobre o quesito: apropriação e práticas sociais ao passo que tivéssemos contato com leitoras da revista. Apesar disso, a produção dessa dissertação é extremamente original, aliás, o primeiro texto que analisa a *Revista Alvorada* e que apresenta uma produção com base na leitura e catalogação de todos os artigos produzidos nas revistas estudadas. Consideramos que no âmbito da produção acadêmica, dada a originalidade do texto, temos um importante contributo ao conhecimento científico. Assim, nosso estudo não selecionou seções específicas, mas considerou todos os textos produzidos no universo conseguido para a amostra identificada. Além dos textos também observamos anúncios difundidos nas capas, os sumários e observamos as alterações que o periódico sofreu tornando-o cada vez mais semelhante às revistas não confessionais disponíveis no mercado, objetivando assim atrair cada vez mais um público leitor.

Devido ao tempo de sua produção, ou seja, considerando o seu surgimento e sua produção no período de 1970 à 2017 podemos observar as variações, as mudanças e alternâncias das representações do feminino nos mais variados momentos. Partindo dessa análise, como indicamos acima em vários trechos de nossa produção, que a revista pode ser dividida em duas fases. Na primeira fase e que se configura como aquela em que temos a produção dos anos 70 e 80 a fala da revista é especialmente orientada para a mulher. Na segunda fase, partindo dos anos 90 e que vai até final de 2017 a fala passa a ser direcionada para um público

maior, não especialmente para a mulher. Na segunda fase, no entanto, há muitos textos que trazem informações, normas de conduta para as mulheres.

A primeira fase apresenta grandes tiragens, porém, as revistas eram mais rudimentares, impressas em um papel mais simples, e com poucas imagens. Na segunda fase as tiragens diminuem, porém são mantidas na média de 4.500 exemplares por edição. As produções da segunda fase da revista provêm de um papel de melhor qualidade, com maior utilização de imagens de melhor resolução. Os textos, no entanto, de ambas fases trazem a colaboração de pessoas ligadas à religião, e, seu principal sustentáculo é a bíblia sagrada. Afinal, é dela que os autores retiram embasamento para as suas colocações e orientações. Na segunda fase, sobretudo na produção dos anos 2000 em diante vemos que há aporte a determinados autores, porém, os teóricos analisados são adaptados para atender valores e princípios extremamente religiosos.

A mulher retratada na primeira fase é aquela que nasce para o casamento heterossexual, para ter filhos e para exercer os cuidados com a casa e com sua família. Nesse momento o trabalho e o estudo não são incentivados, e as atribuições voltadas ao universo doméstico são valorizadas como atribuições, dons do universo feminino. A maternidade é apresentada como uma missão, um dom da mulher, algo pelo qual anseia e não deve ser evitado. A maternidade é ainda apresentada como algo que confere a mulher a responsabilidade de educar os filhos segundo a fé cristã. Apresenta-se ainda uma mulher atuante no voluntariado da igreja, sobretudo na prática das escolas dominicais e na evangelização por meio da visita aos pobres e demais fiéis. Já a mulher do pastor possui um lugar de destaque. É percebida como uma pessoa diferenciada, aquela que dá ao marido o suporte de que necessita para exercer a sua missão. As mulheres, tanto a mulher do pastor quanto as mulheres em geral não podiam sequer considerar a possibilidade de exercer cargos de maior destaque na igreja. Nessa primeira fase não há artigos ou textos que discutam a questão da sexualidade feminina, nem mesmo a sexualidade do casal, e, também não há textos que apresentem a questão do divórcio.

Já na segunda fase temos a predominância da representação do casamento heterossexual como inerente a figura feminina. Da mesma maneira prevalece o entendimento de que compete a mulher a maternidade, além dos cuidados da casa e do esposo. Porém, agora a questão do divórcio, do trabalho e do estudo emergem nas produções. O divórcio ainda é retratado como algo ruim e prejudicial para a

mulher e como responsável pelos problemas psicológicos e morais dos filhos. Há assim um rol de orientações e exemplos que buscam reforçar a necessidade de que o casal lute para a manutenção do casamento. Já o trabalho e o estudo aparecem como inerentes à realidade feminina, porém, há também um rol amplo de indicações de que a mulher só deve trabalhar se, de fato, precisar, muito do emprego. Se isso não for uma necessidade é melhor permanecer com os filhos. Para aquelas que trabalham fora de casa ainda lhes é imputada também a responsabilidade de cuidar dos filhos, da casa e do marido, fortalecendo a noção da necessidade da dupla jornada feminina. Já na igreja a mulher passa a ter a chancela para galgar cargos mais elevados. Outra questão que emerge na revista é a da sexualidade, no entanto, destaca-se, com veemência que a sexualidade aceita é aquela que acontece entre o casal e dentro de possíveis limites que evitem o que é chamado de pornografia. Também nas produções de 2017 vemos o reforço para que a família, visando a manutenção do casamento, tenha atividades e momentos de lazer e descontração.

Assim, temos algumas variações do que é compreendido como inerente a mulher se compararmos a produção da primeira e da segunda fase da revista. No entanto, mesmo com todas as alterações e mudanças ainda prevalece o perfil feminino: mulher que se casa com homem, sem opção de escolha de seu gênero, que deve, essencialmente ter filhos e se ocupar de seus cuidados garantindo a sobrevivência material dos mesmos e sua educação na fé. Ainda é mantida a perspectiva de entendimento de que a mulher tem, por excelência, como seu lugar social o espaço doméstico devendo exercer todas as atribuições para mantê-lo sob padrões mínimos. Consideramos dessa maneira que ainda temos o fortalecimento de um perfil que fortalece a submissão feminina, ao passo que não confere a mulher a possibilidade de escolha e a coloca em uma situação de aceitação tácita daquilo que lhe é apresentado como natural. Por outro lado, a mulher para ser aceita em um dado grupo social, o grupo religioso a que pertence deveria buscar atender aos parâmetros que lhes são indicados para ser inserida e aceita junto ao grupo religioso que difunde e defende tais ideias.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. A. de Mulheres e Imprensa: passado e presente. In: RIBEIRO, A. P.; HERSCHAMANN, M. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- BARBOSA, C. G. **A família e a morte: estudo fenomenológico com adolescentes, genitores e avós**. 2010. 246 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2010.
- BASSANEZI, C. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres: revistas femininas e relações homem e mulher 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BELLOTTI, K. K. Mídia, Religião e História Cultural. **Revista Estudos da Religião**. São Paulo, n. 04, p. 96-115, 2004.
- BELLOTTI, K. K. **A Mídia Presbiteriana no Brasil: Luz para o Caminho** e Editora Cultura Cristã. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BOURDIEU, P. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRAGA, E. S. **A representação da mulher entre Jesus de Nazaré e Paulo de Tarso no Cristianismo Primitivo**. 121 p. 2016. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho, Assis, 2017.
- BUITONI, D. S. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.
- CAMPOS, L. S. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil: Os desafios de um novo século. **O Estandarte: Ecos do Centenário**, São Paulo: Pendão Real, 2003. p. 07-23.
- CARVALHO, M. D. **A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Assis: suas origens históricas, o movimento divisionista (1962/1972) e a criação da Igreja Presbiteriana Renovada**. 1985. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 1985.
- CERTEAU, M. de **A Invenção do Cotidiano – As Artes do Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia: a História entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Apr. 1991. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 de març. de 2018.

CHARTIER, R. **Formas do Sentido - Cultura Escrita: Entre Distinção e Apropriação**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CORRÊA, T. S. A Era das Revistas de Consumo. In MARTINS, A.L.; LUCA, T.R. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, F. A. A. da. **A Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil – Uma questão doutrinária**. 2007. 219 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

COSTA, M.P. **Entre Sonho e Consumo: as representações femininas na Revista Claudia (1961-1985)**. 235 p. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009.

CRUZ, L. A. N. da. **Uso de álcool e julgamento sócio-moral do ensino médio**. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2006.

DINIZ, D. Três gerações de mulheres. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

GEORGE, T. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUTIERRES, E. A. **Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) e o Projeto Educacional Presbiteriano no Brasil**. 111p. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

HEITOR, T. F. da M. **Todo dia: narrativa transmídia de conteúdo evangélico**. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado em Televisão Digital: Informação e Conhecimento) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2013.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. **Lei Ordinária de Convivência Marital**. Avaré, 2001.

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL. **Pastoral sobre Igreja e Sexualidade**. Poços de Caldas, 2011.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde soc.**

São Paulo , v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902009000400016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400016&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 05 dez. 2018.

KLEIN, C. J. **História e Pensamento da Reforma**. Londrina: EDUEL, 2015.

LUCA, T.R. de Mulher em Revista. In PINSKY, C.B.; PEDRO, J. M. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

LIMA, A. G. O. **Lucien Febvre e a Europa: as fronteiras da história**. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2010.

LIMA, É. F. S. **Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)**. 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2008.

MARTINHO, L. R. **As representações sobre Meio Ambiente de alunos da 4ª Série do Ensino Fundamental**. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciência) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2004.

MATOS, A. S. de. A Pregação dos Pioneiros Presbiterianos no Brasil: uma análise preliminar. **Fides Reformata IX**, São Paulo, n. 02, p. 57-74, 2004.

MATOS, A. S. de. A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil. **Fides Reformata IX**, São Paulo, n. 02, p. 43-62, 2007.

MATOS, A. S. de. **Uma Igreja Peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

MENDONÇA, A. G. **O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, A.G.;PRÓCORO,V.F. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, J. de S. **O Gospel é pop: música e religião na cultura pós- moderna**. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2009.

MEYER, L. M. A. N. **Problemas de gênero: resistências e transgressões das Marias de Rachel de Queiroz**. 158 p. 2015.Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2015.

MIGUEL, I.F. **Gênero, pentecostalismo e formação de professores na construção da cidadania**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

MONTES, M.L. **As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MOURA, S. M. R. de. **Maternidade e práticas de saúde: o instituído e o possível.** 2003. 220 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2003.

NASCIMENTO, E. F. V.-B. C. do. A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, II. **Anais...** Natal, Rio Grande do Norte, 2012.

NICACIO, J. da C. **A presença feminina na ação educacional presbiteriana no Brasil do século XIX (1859-1899).** 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

OLIVEIRA, G. F. de. **Para a glória de Deus e para o progresso dos homens: pensamento missionário norte-americano e representações de Brasil a partir *The Evangelical Invasion* (1910), de Samuel R. Gammon.** 2014. 198 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014.

PEDRO, J. M. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016.

PEREIRA, E. C. **As Origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.** São Paulo: Pendão Real, 2011.

PINSKY, C. B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2016.

RICCI, M. **Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal.** 2006. 184 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

ROCHA, M. H. da S. **De 1969 a 2009: a evolução dos padrões corporais a partir das tendências de moda. Um estudo de *Claudia e Nova*.** 2011. 148 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Faculdade de Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ROSI, B. G. **Atuação dos Missionários das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos no Brasil entre 1859 e 1888 e seu papel nas relações entre os dois países.** 2009. 231 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

SEIXAS, M. H. S. **Igreja Presbiteriana no Brasil e na Bahia: Instituição, Imprensa e Cotidiano (1872-1900).** 2011. 195 p. (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, A.R. **As religiosas nas malhas do Santo Ofício**: a atuação da Inquisição de Lisboa. 2017. 176 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2017.

SILVA, I. A. **O consumo de bebidas alcoólicas por estudantes do ensino médio e características do grupo de pares**. 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2010.

SILVA, S. C. **Educação de papel**: impressos protestantes educando mulheres. 2009. 120 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, S. C.; STAMATO, M. I. S. Educação Impressa: Estratégia Presbiteriana de Educar por meio da Imprensa Protestante. **Exedra** - Temas e Reflexões de História da Educação: perspectivas portuguesas e brasileiras. Número Temático, p. 60-70, 2013.

SOIHET, R. A conquista do espaço público. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA, M.C. de. **Caracterização da percepção do homem como pai de criança portadora de deficiência mental**. 2003. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2013.

SOUZA, S. L. de. **O respeito à lei e à ordem**: presbiterianos e o governo militar 1964 – 1985. 2013. 290 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2013.

SPAZIANI, R.B. **Violência Sexual Infantil**: compreensão de professoras sobre concepção e prevenção. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2013.

TORRES, M. M. de M.S.L. **O Cristo no terceiro milênio**: a visão plástica da arte sacra atual de Cláudio Pasto. 2007. 288 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2007.

WATANABE, T. H. B. **Escritos nas fronteiras**: os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982). 2011. 274 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2011.

YOSHIOKA, S.L. de F. **Um olhar intertextual na relação Homem-Deus-Igreja nas obras**: O céu e o inferno, de Emanuel Swedenborg, O casamento do céu e do inferno, de William Blake, a Igreja do diabo, de Machado de Assis. 2001. 128 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2001.

## Fontes

## Revistas

ALBANO, J. S. Divórcio e Família. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 34-37, jan./mar. 2016.

ALVES, A. B. Esposa de Pastor. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 9], p. 11, out./dez. 1977.

ALVORADA. Editorial. **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 01 [Ano 30], p. 03, jan./mar.1998.

ALVORADA. Vidas que inspiram. **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 31], p. 15, abr./jun.1998.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. Gente da Bíblia – Débora. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, nº.01 [Ano 5], p. 25, jan./mar. 1972.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. A Notícia Veio de Cassilândia. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n. 01 [Ano 5], p. 22, jan./mar. 1972.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. De Tudo para Todos. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n. 01 [Ano 5], p. 30, jan./mar. 1972.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. De Tudo para Todos. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n. 02 [Ano 3], p. 26, abr./jun. 1970.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. Mês do Lar. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n. 02 [Ano 3], p. 31, abr./jun. 1970.

ALVORADA – A REVISTA DA MULHER PRESBITERIANA INDEPENDENTE. O Serviço de uma Mulher na Obra do Senhor. **Alvorada** – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente. São Paulo, n. 01 [Ano 7], p. 07, jan./mar. 1972.

ALVORADA FEMININA. A Vida de Sarah Kalley. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 12], p. 21, jan./mar. 1980.

ALVORADA FEMININA. Confederação Informando. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 09], p. 02, out./dez., 1977.

ALVORADA FEMININA. Da Confederação Nacional. **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 15], p. 02, abr./jun. 1983.

ALVORADA FEMININA. De Tudo Para Todos. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 36, abr./jun.1980.

ALVORADA FEMININA. De Tudo para Todos. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 12], p. 36, out./dez. 1980.

ALVORADA FEMININA. Dia da Mulher Presbiteriana Independente. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 01 [Ano 12], p. 27, jan./mar. 1980.

ALVORADA FEMININA. Galeria de Heroínas da Fé – D. Francisca Garcia Teixeira. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 09], p. 18, out./dez. 1977.

ALVORADA FEMININA. Galeria de Heroínas da Fé – D. Lydia Lopes Braun. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 09], p. 19, out./dez. 1977.

ALVORADA FEMININA. Galeria de Heroínas da Fé: Presto aqui minha homenagem à vovó Ana. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 29, abr./jun. 1980.

ALVORADA FEMININA. Há quem Honra, Honra. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 17], p. 29, abr./jun. 1984.

ALVORADA FEMININA. Maio. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 8, abr./jun. 1980.

ALVORADA FEMININA. O Filho Predileto. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 07, abr./jun. 1980.

ALVORADA FEMININA. O Homem e a Mulher. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 12], p. 29, jan./mar. 1980.

ALVORADA FEMININA. O que é ser... Mãe. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, n. 02 [Ano 11], p. 16, abr./jun. 1979.

ALVORADA FEMININA. O Trabalho da Mulher. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 01 [Ano 12], p. 28, jan./mar. 1980.

ALVORADA FEMININA. O Tempo de Deus e o Nosso Tempo. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 16], p. 26-29, out./dez. 1984.

ALVORADA FEMININA. Para Você Mamãe. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 26, abr./jun. 1980.

ALVORADA FEMININA. Vidas que Inspiram. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 17], p. 26, out./nov. 1986.

ARCHÊRO, Z.V. Dia das Mães. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente - Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 03], p. 13-14, abr./jun. 1979.

AYRES, C. Ano Novo: o que nunca deveria mudar. **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 88 [ano 48], p. 21-25, jan./mar. 2017a.

AYRES, C. O retorno da mãe ao lar. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 79 [Ano 47], p. 20-25, out./dez. 2014.

AYRES, C. Porque Onde Estiver o Teu Tesouro, ai também estará o seu coração. **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 88 [ano 48], p. 08-15, abr./jun. 2017b.

AYRES, C. Proporcione à sua Mãe um Dia das Mães de que ela se lembrará para sempre. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 81 [Ano 51], p. 344-37, abr./jun. 2015.

AYRES, C. Trabalho, sucesso e família. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 18-21, jan./mar. 2016.

BALDANI, P. Mulher Presbiteriana Independente. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente – Alvorada**. São Paulo, n. 01 [Ano 07], p. 04,,jan./marc.1974.

BALLARD, V. M. Quando os Filhos se tornam herdeiros do descaso. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 83 [Ano 51], p. 14-16, out./nov. 2015.

BARBOSA, N. M. A Mulher. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 17], p. 08, out./dez. 1986.

BROJATO, G.; BROJATO, W. R. L. C. Aconselhamento pré-nupcional: cuidado necessário. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 62-65, jul./set. 2013.

BROJATO, W. R. L. C. Convivendo com Enteados: e quando o filho não é meu? **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 87 [ano 47], p. 10-13, out./dez. 2016.

CALDEIRA, T. A força dos presentes de Deus: uma conversa sobre vida. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 77 [Ano 45], p. 10-12, abr./jun. 2014.

CAMARGO, E. de S. Onde está o Lar? **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, n. 02 [Ano 11], p. 22, abr./jun. 1979.

CAMARGO, S. do A. A Harmonia no Lar. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 02 [Ano 40], p. 32-33, jul./set 1998.

CESAR, W. de O. Em tom de Conversa. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [ano 11], p. 03, abr./jun. 1979.

CORREIA, M. A Missão da Mulher Presbiteriana. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. Retalhos de Londrina. São Paulo, n. 01 [Ano 5], p. 02, jan./mar. 1972.

DAMIÃO, M. C. Crônica do Dia-a-Dia – Precisa Declamar. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 11], p. 09, out./dez. 1977.

DAMIÃO, P. C. Mensagem às Mães. **Alvorada Feminina** – 21 de Abril – Dia da Faculdade Presbiteriana Independente de Teologia. São Paulo, n. 02 [Ano 11], p. 03, abr./jun. 1979.

DEMARQUE, D. D. A responsabilidade do marido no cuidado com a esposa. **Alvorada – A Revista da Família** São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 66-68, jul./set. 2013.

DEMARQUE, D. D. O que precisamos saber sobre o casamento antes do casamento. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 77 [Ano 45], p. 24-27, abr./jun. de 2014.

DUTRA, D. 10 Desafios para quem tem filhos pré-adolescentes. **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 88 [ano 48], p. 30-37, jan./mar. 2017.

FERNANDES, Y. N. Você tem tempo para seu filho? **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [ano 11], p. 12, abr./jun. 1979.

FRANCO, C. Conhecer para promover. In **Alvorada – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. São Paulo, nº 01 [Ano 5], jan./mar. 1972, p.21.

GALERIA DAS HEROÍNAS DA FÉ. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. Retalhos de Londrina. São Paulo, n. 01[Ano 5], p. 26, jan./mar. 1972.

GONCALVES, E. F. 25 Anos de Ministério como Esposa. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 5], p. 08, out./dez. 1977.

GRZYBOWSKI, C. T. O Perdão. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 83 [Ano 51], p. 40-41, out./nov. 2015.

GRZYBOWSKI, C. T. Os quatro cavaleiros do Apocalipse. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 27-30, jan./mar. 2016.

GUIDA, H. P. Louvor Perene pela Maternidade. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 12, abr./jun. 1980.

HUGO, V. O Pai e a Mãe – pegadas. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 03 [Ano 13], p. 13, jul./set. 1981.

ISHH, W. Sexo Seguro: Imoralidade Sexual. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 77 [Ano 45], p. 52-53, abr./jun. 2014.

IIZUKE, R. Ovelhas sem Pastor. **Alvorada – A Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. São Paulo, n. 02 [Ano 3], p. 12-13, abr./jun. 1970.

JESUS, M.G. No dia das Mães. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 08, abr./jun. 1980.

LOTUFO, I.A. C.. Ela soube ser mãe. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 16], p. 09-10, abr./jun. 1980.

LIMA, J. C. Mulher – Homem: virtudes e defeitos. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 17], p. 26, abr./jun. 1984.

MAGALHÃES, E. O limite entre a correção e o espancamento: como estabelecer os limites na correção dos filhos? **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 54 [Ano 39], p. 30-33, jul./set. 2008.

MARTIN, V. Solteiro ou Divorciado depois dos 40. **Alvorada – A Revista da Família** São Paulo, n. 81 [Ano 51], p. 42-43, abr./jun. 2015.

MARTINS, O. Valores da família de Hoje. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 54 [Ano 39], p. 36-39, jul./set. 2008.

MENDES, F. M. As Famílias Brasileiras e a Metáfora do Jogo de Louças. **Revista Vida e Caminho – A Revista da Família**. São Paulo, n. 88 [ano 48], p. 52-53, jan./mar. 2017.

NOGUEIRA, F. R. Problemas de Relacionamento entre Pais e Filhos. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 03 [Ano 22], p. 20-22, out./dez 1990.

NOGUEIRA, Y. P. do V. Do coração do VIII Congresso Nacional – Carta Aberta à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 16], p. 20-21, out./dez.1984.

NUNES, A. E. A. M. Sociedade Líquida. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 14-16, jan./mar. de 2016.

O ESTANDARTE. **Ecos do Centenário**. São Paulo: Pendão Real, 2002.

O ESTANDARTE. **Raízes da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil**. São Paulo: Pendão Real, 2003.

OLIVEIRA, A.T. Casamentos inter-religiosos, uma abordagem histórica e teológica. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 54 [Ano 39], p. 66-69, jul./set 2008.

O QUE É O ESPOSO É O PAI. **Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. São Paulo, n. 03 [Ano 11], p. 20, jul./set. 1979.

PEREIRA, A. A hora e a vez das forças leigas. **Alvorada**. São Paulo, n. 04 [Ano 29], p. 02, abr./jun. 1980.

ROSA, M. A. O Dia das Mães. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [ano 11], p. 10, out./dez. 1997.

SANTOLIN, E. S. Carta Aberta. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 16], p. 21, out./dez.1984.

SANTOS, A. M. dos. Lar: um lugar de União. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 11, abr./jun. 1980.

SANTOS, A. S. Somos mais do que homens! Somos maridos! **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 77 [Ano 45], p. 32-33, abr./jun. 2014.

SANTOS, A. S. Casais conscientes. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, nº 81 [Ano 51], p. 31, abr./jun. 2015.

SANTOS, A. S. dos. Vida e Caminho Responde. **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 88 [ano 48], p. 07, jan./mar. 2017a.

SANTOS, A. S. dos. Vida e Caminho Responde. **Revista Vida e Caminho** – A Revista da Família. São Paulo, n. 89 [ano 48], p. 07, abr./jun. 2017b.

SANTOS, A.M. A importância da Mulher nos planos de Deus. **Alvorada**. São Paulo, n. 01 [Ano 30], p. 18-19, jan./mar.1998.

SANTOS, D. E. dos. Vida. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 09], p. 25, out./dez. 1977.

SANTOS, E. dos Um Novo Tempo na Vida da Igreja pela Atuação das Mulheres. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 01, [Ano 5], p. 17, jan./mar. 1974.

SANTOS, L. F. dos Violência doméstica: o impacto no desenvolvimento da criança. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 76 [Ano 45], p. 22-26, jan./mar. 2014.

SANTOS, R. de C. Mãe: Mistério... Amor... Encanto... Mãe! **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 30], p. 21, abr./jun. 1997.

SANTOS, R. de C. O Nosso tempo é Agora. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 01 [Ano 5], p. 21, jan./mar. 1974.

SANTOS, R. de C. Oração dos Filhos. **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 15], p. 11, abr./jun. 1983.

SCHWAMBACH, C. Ideologia de gênero e suas influências sobre a educação de filhos. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 83 [Ano 51], p. 28-32, out./nov. 2015.

SOARES, M. S. L. O pai provedor. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 79 [Ano 47], p. 30-32, out./dez. 2014.

SOUZA, S. A. Editorial. **Alvorada** – A Revista da Família. São Paulo, n. 77 [Ano 45], s/p, abr./jun. 2014.

SOUZA, S.M.P. R. Como ajudar o filho a Vencer nos Estudos. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 04 [Ano 18], p. 25, out./dez. 1986.

SOUZA, M.P. Mulheres Inspiradoras da Bíblia. **Alvorada**. São Paulo, n. 04 [Ano 29], p. 25, out./dez. 1997.

SANTOS, A.M. A. Mulheres Inspiradoras da Bíblia. **Alvorada**. São Paulo, n. 01 [Ano 30], p. 32, jan./mar.1998.

SANTOS, R. C. Não é bom que o homem esteja só. **Revista Alvorada**. São Paulo, n. 02 [Ano 31], p. 19, abr./jun.1998.

STEFANO, M. Lugar de Mulher é no Púlpito. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 84 [Ano 52], p. 36-42, jul./set. 2013.

STEFANO, M. José Não, Maria! **Revista Vida e Caminho – A Revista da Família**. São Paulo, n. 90 [ano 48], p. 14-19, jul./set. 2017.

TANGANALI, C. Os efeitos da chegada de um novo membro à família. **Alvorada – A Revista da Família**. São Paulo, n. 77 [Ano 45], p. 08-09, abr./jun. 2014.

TEIXEIRA, A. B. Mês do Lar. **Alvorada – Revista da Mulher Presbiteriana Independente**. São Paulo, n. 03 [Ano 03], p. 31, abr./jun.1970.

VICENTINI, E. C. Vale a pena esperar um pouco. **Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 4 [Ano 09], p. 08, out./dez. 1977.

VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA. **Onde está a Grande Família?** São Paulo, nº 88 [ano 48], p. 38-43, jan./mar. 2017.

VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA. **Debate:** Empoderamento Feminino. São Paulo, n. 90 [ano 48], p. 30-35, jul./set. 2017.

VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA. **Debate:** Jugo Desigual: preconceito ou preocupação. São Paulo, n. 91 [ano 48], p. 28-35, out./dez. 2017.

VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA. **Debate:** Papel de Mãe. São Paulo, n. 89 [ano 48], p. 38-43, abr./jun. 2017.

VIDA E CAMINHO – A REVISTA DA FAMÍLIA. **Entrevista:** Mulher Cristã. São Paulo, n. 91 [ano 48], p. 16-18, out./dez. 2017.

WALLACE, T. Mãe. **Revista Alvorada Feminina**. São Paulo, n. 02 [Ano 12], p. 06, abr./jun. 1980.

## Sites

[https://www2.prpg.unicamp.br/prpg/?page\\_id=247](https://www2.prpg.unicamp.br/prpg/?page_id=247)

<http://acampamentocristoe.wixsite.com/cristoevida>

<https://drive.google.com/file/d/0B183DZdAn5nadWxVanIkanNUSkk/view>

<http://www.bethel.org.br/>

<http://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.iel.unicamp.br>

<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pesquisa/bases>

<http://www.ipib.org>

<http://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/priscila-dadona/>

[http://www.psicologoalexrocha.com.br/-](http://www.psicologoalexrocha.com.br/)

<https://repositorio.ufsc.br/>

<https://sabi.ufrgs.br/F?RN=839694616>

<http://www.sapientia.pucsp.br>

<http://www.sergioemagalileoto.com.br/>

<http://www.teses.usp.br/>

[http://www.uel.br/portal/frmOpcao.php?opcao=http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses\\_dissertacoes.php](http://www.uel.br/portal/frmOpcao.php?opcao=http://www.bibliotecadigital.uel.br/teses_dissertacoes.php)

<http://ufsc.br/>